CHUANG-TZU

Tradução: Amadeu Duarte

2017

ÍNDICE

CAPÍTULOS INTERIORES

CAPÍTULOS EXTERIORES

MISCELÂNEA DE CAPÍTULOS

TEMÁTICA DOS CAPÍTULOS

CAPÍTULOS INTERIORES

CAPÍTULO 1
LIVRE E FÁCIL VAGUEAR

As pessoas devem livrar-se da escravidão do mundo mundano e esforçar-se pela liberdade espiritual absoluta. Quando somos atraídos pelos desejos mundanos, o nosso espírito fica vinculado a eles.
Somente se o nosso espírito puder "vagar pelo espaço ilimitado," ficará livre.
O título do capítulo refere o lazer por ser natural e gratuito. É feliz porque Chuang Tzi era um crente na alegria celestial, que ele elaborou num capítulo posterior.

CAPÍTULO 2
TORNANDO TODAS AS COISAS IGUAIS
O capítulo mais importante que incorpora a filosofia de Chuang Tzu. O Tao é o mestre de todas as coisas do mundo. A ideia central deste capítulo reside na igualdade entre pessoas e todas as coisas do mundo. Uma obstrução à igualdade está no facto de usarmos o preconceito para julgar as pessoas e as coisas ao nosso redor. O nosso primeiro esforço deve ser de eliminar o preconceito por esquecer o "eu e o outro."

CAPÍTULO 3
CONDUTA PARA A VIDA
O essencial para manter uma boa saúde é seguir o curso natural dos acontecimentos e não se deixar perturbar por desejos materiais e emoções pessoais. Façamos as coisas à maneira da natureza e teremos um enorme sucesso isento de esforço. Sigamos os princípios do Tao e procederemos sem desvio.

CAPÍTULO 4
QUESTÕES DO HOMEM E DO MUNDO
A guerra e a tirania tornam o mundo impróprio ao viver. Os idealistas inocentes anseiam por experimentar as suas convicções para melhorarem as condições para as pessoas mas obtêm poucos resultados significativos. Como as relações públicas são complicadas, a melhor filosofia para lidar com o mundo está em possuirmos um espírito livre e vazio e seguir o curso natural dos acontecimentos.

CAPÍTULO 5
SINAIS DE PLENA VIRTUDE
Um ensaio sobre a moralidade. Se ao menos tiverem uma moral elevada e perseverarem no Tao, os homens tornar-se-ão modelos para outras pessoas, mesmo que sejam deformados. É o moralmente deformado que é verdadeiramente deficiente. A força interior de uma pessoa excede de longe em importância a deformidade externa.

CAPÍTULO 6
O VERDADEIRO MESTRE
Com o Tao como seu mestre, as pessoas podem alcançar o Caminho se se misturarem com a natureza, ignorarem a vida e a morte, lidarem com o mundo na quietude e esquecerem o mundo. O homem e a natureza não vencem um ao outro. Devemos honrar o grande Tao por ser nosso mestre e seguir os verdadeiros homens como um modelo no nosso cultivo pessoal.

CAPÍTULO 7
CURSO NATURAL DE REIS E GOVERNANTES
Um ensaio sobre política. Para governarem o mundo, imperadores e reis devem seguir o curso natural dos eventos e não exercer quaisquer atos, para que o país volte ao estado primitivo das coisas. O melhor governo é aquele que adoptar uma política de não-ação, isto é, ações tomadas com naturalidade sem recorrer à artificialidade, à astúcia ou ao egoísmo. Claro que é mais fácil dizer do que fazer. Veremos como Chuang Tzu descreve isso.

CAPÍTULOS EXTERIORES

CAPÍTULO 8
DEDOS INTERLIGADOS

Um ensaio sobre a natureza humana. Os comportamentos humanos devem corroborar a natureza, em vez de destruírem a natureza humana pela humanidade e pela equidade. Aquilo que fazemos naturalmente está principalmente de acordo com a natureza. Quando acrescentamos as nossas preocupações de benevolência e a justiça ao que fazemos, realmente estragamos tudo.

CAPÍTULO 9
CASCOS DOS CAVALOS

Um outro ensaio sobre a natureza humana. A humanidade, a justiça, os rituais e a música promovidos pelos sagazes têm prejudicado a natureza humana. A melhor maneira de preservar a natureza humana é deixá-la sozinha e não exercer qualquer ação. Chuang Tzu ataca os males dos dispositivos políticos capciosos que circunscrevem a liberdade das pessoas. Eles traem a verdadeira natureza dos homens. Somente desmantelando a servidão as pessoas poderão viver novamente em liberdade.

CAPÍTULO 10
COFRES PARA SAQUEAR

A política ideal é deixar as pessoas em paz e não tomar ações por os rituais e as leis estabelecidas pelos sagazes prejudicarem o mundo, uma vez que são explorados por usurpadores. Muitas vezes, as pessoas tomam precauções para evitar os acidentes. Ao agirem assim elas podem inadvertidamente permitir que as suas precauções se tornem num instrumento que propicie a ocorrência de acidentes. No final, quem tiver a habilidade na utilização dos instrumentos ganha.

CAPÍTULO 11
DO GOVERNO DO HOMEM E DO MUNDO

A política ideal consiste em deixar as pessoas em paz e mais se expõe sobre o não tomar medidas. Não devia haver interferência na vida das pessoas. Este capítulo elabora o tema de ser próprio da natureza humana ter amor pela Natureza. Sempre que antigos governantes favoreceram uma regra pela exactidão e pelo ritual, o mundo não conheceu a paz. Se pudermos prestar atenção ao nosso bem-estar mental e físico, podemos chegar a alcançar a verdadeira paz.

CAPÍTULO 12
DO CÉU E DA TERRA

Os governantes devem estar equipados com uma elevada moralidade. Eles devem exibir a essência do Tao: seguir o curso natural dos eventos e a não-ação. Este capítulo consiste em catorze secções, nenhuma das quais está relacionada com nenhuma das outras. Ele descreve como as pessoas geralmente apreendem a Verdade se não tiverem a intenção de a procurar. Várias histórias fictícias desafiam a chamada era pacífica da alta antiguidade.

CAPÍTULO 13
O TAO DO CÉU
À semelhança do capítulo anterior, este capítulo também consiste em várias secções sem relação entre si, embora principalmente tratem dos princípios da natureza.
A secção 1 elabora o vazio e a quietude. A secção 2 explica as alegrias celestiais e as mundanas. A secção 3 apresenta um diálogo sobre a governação perfeita.
A secção 4 contrasta os diferentes pontos de vista sobre benevolência e a equidade, defendidos por Lao Tzu e Confúcio. A secção 5 é um ensaio sobre um homem aturdido. A secção 6 discute as qualificações do homem superior. As secções 7 e 8 enfatizam a invisibilidade do Tao.

CAPÍTULO 14
SERÁ QUE O CÉU SE MOVE?
Tudo no mundo cresce de acordo com a lei natural. A obediência às leis naturais trás sucesso e a violação dessas leis trás a ruína. A primeira secção deste capítulo descreve os movimentos e as mudanças e as causas e efeitos que têm nos céus. Daí vem o título do capítulo, como muitas vezes acontece em muitos outros títulos. As secções restantes descrevem diálogos entre um Taoista ou uma pessoa inclinada para o Taoismo, e um Confucionista ou o próprio Confúcio em vários assuntos sem relação com o primeiro. Nenhuma dessas histórias tem carácter histórico.

CAPÍTULO 15
CONSTRANGIMENTO DE ESPÍRITO
A melhor maneira de se cultivar o espírito é manter uma mente tranquila e pura e seguir a natureza ao se executar qualquer ação. Este capítulo relativamente curto começa com a descrição de cinco tipos de pessoas. Ele questiona a inadequação das formas com que eles procuram os seus objetivos. Isto é seguido por uma exposição sobre a superioridade da abordagem Taoísta e as realizações do verdadeiro homem (benévolo e justo).

CAPÍTULO 16
RESTAURO DA NATUREZA INATA
Numa época em que a moralidade das pessoas está a deteriorar-se, a melhor maneira de cultivar o corpo e a mente é aprender com os antigos, que preservavam o seu espírito mantendo-se em silêncio. Uma clara distinção é estabelecida entre o que é interior, como a alegria, a felicidade, o Tao, e o que é exterior, como o alcance de uma elevada posição. Embora ambos possam satisfazer-nos, a primeira estará sempre connosco enquanto a última vem e vai livre da nossa capacidade de controlo. No entanto, a maioria de nós opta pela última e acaba virando de cabeça.

CAPÍTULO 17
ENCHENTES DE OUTONO
O tema deste ensaio centra-se na relatividade dos juízos de valor. A elaboração é baseada numa série de sete diálogos entre o Espírito do rio e um Espírito do mar.
O ensaio completo acha-se incluído na secção 1. Académicos chineses de há mais de mil anos acreditaram que apenas Chuang Tzu poderia ter escrito

este ensaio tanto pelo seu escopo como pela retórica em que assenta, porém, foi incluído na série exterior. As seis secções restantes deste capítulo contêm variados tópicos não relacionados com As Enchentes de Outono.

CAPÍTULO 18
A PERFEITA FELICIDADE
As várias secções deste capítulo tratam de dois tipos de felicidade do homem.
Uma é orgânica, e visa satisfazer os nossos sentidos; a outra é espiritual, que busca um maior e mais duradouro nível de satisfação. Cada secção conta uma história diferente, real ou fictícia, mas o tema é o mesmo.

CAPÍTULO 19
A COMPREENSÃO DO PROPÓSITO DA VIDA
A chave da preservação da vida está em se cultivar o espírito: ignorar a vida e a morte, livrar-se de pensamentos que distraem. Permanecer despreocupado e seguir a lei natural. Este capítulo contém doze secções relativamente curtos. Cada secção trata um requisito específico da vida. Os ensaios esboçam lições de pessoas de todas as áreas da vida, de homens superiores, artesãos e amadores, como o caçador de cigarras, o treinador de galos de luta e até do nadador, do barqueiro e do bêbado. Há um aspeto na vida a ser aprendido com cada um deles.

CAPÍTULO 20
A ÁRVORE DA MONTANHA
A melhor maneira de escapar do desastre numa sociedade desordenada é encontrar-se desprovido de quereres e seguir o curso natural dos acontecimentos. Muitas secções deste capítulo tratam de vários tópicos não relacionados entre si. Algumas ideias, como a utilidade do inútil, que o autor relativisa, a associação baseada em considerações naturais e artificiais, e o louva-a-deus e a pega, poderiam invocar interessante discussão sobre os seus méritos.

CAPÍTULO 21
TIEN TZU FANG
Este capítulo é composto por onze secções, cada um em formato de diálogo.
Os assuntos variam, pelo que o capítulo no seu todo não tem tema central.
Mas no geral a hipocrisia da escola confuciana é exposta enquanto a natureza pura e simples da escola Taoista é louvada.
A maioria dos personagens são históricos, inclusive Confúcio, mas Chuang Tzu leva-as a falar como Taoistas.

CAPÍTULO 22
O CONHECIMENTO VIAJOU PARA NORTE
Um ensaio sobre ontologia. Todas as onze secções deste último capítulo da Série Exterior se preocupam com um único tema que mais interessa ao Taoista, ou seja, o próprio Tao. O Tao é o criador e mestre de todas as coisas existentes. Como o Tao permanece vazio, a melhor forma de se incorporar o Tao é permanecer em silêncio e na passividade. Elas versam sobre aquilo que o Tao é e o que não é, o que Tao faria ou não faria, e

como se chega a apreender o Tao. É dada uma grande ênfase à transmissão sem palavras por meio de uma compreensão silenciosa.

MISCELÂNIA DE CAPÍTULOS

CAPÍTULO 23
KENG SENG CHU

Este capítulo começa com histórias de Lao Tzu e os seus alunos. O que se segue é uma série de ensaios curtos sobre diversos temas, como a importância da paz de espírito, o limite da busca pelo conhecimento, o poder da vontade de um homem e a incerteza quanto a estarmos certos e errados. Conclui com as qualificações de um Taoista, referindo que a chave para se tornar versado no Tao está em preservar o estado natural das coisas por o núcleo do Tao se encontrar no "vazio" que encerram.

CAPÍTULO 24
HSU WU KUEI

As três primeiras secções ridicularizam os governantes do presente e do passado (contemporâneos ao autor), que podiam mas que nada fizeram, como o marquês de Wei, ou quem procurava ansiosamente uma "panaceia" para a governação como o rei Huang. Duas secções sobre Hui Tzu dão-nos informações adicionais sobre o relacionamento pessoal existente entre ele e Chuang Tzu. A secção 11 dá-nos uma visão rara da fisionomia dos olhos de um Taoista. Somente ao resolverem os dilemas e quebra-cabeças, poderão as pessoas manter uma mente tranquila e não interferir, mas seguir o curso natural dos eventos.

CAPÍTULO 25
FEH YANG

A maioria das secções são relativamente pequenas e não apresentam relação entre si. As duas últimas seções estão num formato de diálogo entre dois homens. A primeira delas preocupa-se com a formação da opinião pública, um conceito bastante novo nesse tempo; A segunda aborda a forma como os Taoistas veem o surgimento das coisas. Podemos recordar que num capítulo anterior (18:6) se discute a transformação de germes em formas superiores de vida.

CAPÍTULO 26
AFECTAÇÃO DO EXTERIOR

Embora as várias secções não estejam relacionadas a um tema, cada uma parece apresentar uma lição que encerra um desafio. Por exemplo, a secção 1 mostra o abandono da lealdade, da confiança, da piedade e do amor com consequências trágicas. A secção 2 demonstra a essência do momento oportuno em relação a tudo. A secção 3 usa a história absurda de pesca de um príncipe como um lembrete para quem procura posições responsáveis, no sentido de não prestar atenção aos boatos, mas a ter um grande plano plausível de futuro. Por fim, a secção 13 conclui com um aforismo popular: captar a ideia e esquecer as palavras.

CAPÍTULO 27
ALEGORIAS
(CONHECIMENTO TRANSMITIDO)
A primeira secção deste capítulo é um resumo dos três estilos literários usados na redação deste livro. Isso dá-nos uma boa ideia de como foi escrito. O leitor irá ser surpreendido com o quanto isso tem de fatual e o quanto tem de alegórico. As restantes secções não têm relação com o título do capítulo per se.

CAPÍTULO 28
CAPITULAÇÃO
O pensamento central deste capítulo é o significado da vida. O que faz com que o título deste capítulo tenha que ver com a vida? Pois, quando alguém está disposto a ceder um trono, para já não se falar do resto, a favor da vida, isso constitui um grande empreendimento. Muitos estudiosos desde a dinastia Song (AD 960) expressaram dúvidas de que Chuang Tzu tenha tido mão na redação deste capítulo por causa do estilo retórico que encerra. (Claro que isso não impede a probabilidade de algumas das secções em anteriores capítulos serem igualmente suspeitas.) No entanto, a ideia de que a vida é preciosa é consistente com a filosofia de Chuang Tzu. Em cada uma das quinze secções deste capítulo, existem nomes próprios de pessoas e lugares. Cada secção conta uma história, que pode ser histórica ou fictícia ou ambas as coisas.

CAPÍTULO 29
O LADRÃO ZHI
Este capítulo tem três secções e apenas a secção 1 conta uma história sobre Chi, o Salteador. É também a secção mais longa deste livro. Trata-se de um suposto encontro entre Confúcio e Chi, o Salteador, que critica os códigos morais e o utilitarismo dos confucionistas. Embora seja apenas uma história, fez subir a pressão arterial de muitos estudiosos confucionistas famosos desde a dinastia Tang, por acusarem o escritor Taoista, seja quem for que possa ter sido, de difamar o sábio.

CAPÍTULO 30
PERSUASÃO PELO USO DA ESPADA
Este capítulo foi identificado por estudiosos famosos, do passado e do presente, como sendo não apenas uma falsificação total do trabalho de Chuang Tzu, como dando um passo adiante ao que nada tem que ver com a escola de pensamento Taoista. É uma pobre imitação espúria. Esses estudiosos incluem Han Yu (768-824) da Dinastia Tang, Su Dongpo (1036-1111), Lin Xiyi (1193-1270) da dinastia Song, e Chen Guying do presente, para mencionar apenas alguns.
Embora este capítulo consista em duas secções, elas são contínuas até agora no que toca à narrativa da história. O leitor pode ver por si mesmo como Chuang Tzu neste capítulo é retractado como uma personalidade diferente do Chuang Tzu de outros capítulos deste livro.

CAPÍTULO 31
O VELHO PESCADOR
Contém duas secções contínuas que consistem de um diálogo espúrio entre Confúcio e o pescador sobre que mais não é senão uma crítica à prática

confuciana dos rituais, da música e da ordenação. O pescador havia apreendido o Tao e Confúcio é retractado como candidato a seguidor dele.

CAPÍTULO 32
LIE TZU
Este capítulo comporta doze secções sem relação nenhuma entre si. Algumas secções são tão curtas que só apresentam duas ou três frases. Algumas secções contêm histórias sobre Chuang Tzu. Elas ajudam-nos a entender um pouco mais esse homem.

CAPÍTULO 33
GOVERNAR O MUNDO
Este último capítulo do trabalho é realmente a primeira história da literatura chinesa redigida. É um ensaio breve no que toca à história, sobre o desenvolvimento das várias escolas de pensamento. O trabalho de muitos proeminentes autores, como Hui Tzu, que teriam sido completamente perdidos sem este capítulo. Assim, as suas contribuições para o nosso conhecimento da literatura chinesa inicial são de um valor inestimável. A secção 1 é uma introdução. Cada uma das secções seguintes é dedicada a uma escola do pensamento filosófico e aos contribuintes notáveis dos tempos antigos ao longo do tempo em que este trabalho foi sendo redigido. Por isso, é referência indispensável sobre a história do pensamento filosófico chinês anterior.

INTRODUÇÃO

O *Chuang Tzu* é o produto do turbulento período que antecedeu a Dinastia Chin. Nasceu na cidade de Meng, no Estado de Song, parte da atual província de Henan, em 369ac. Certa vez ocupou uma função no Jardim de Laca da sua terra. Não sabemos que tipo de departamento seria esse, mas aparentemente não o manteve por muito tempo, por detestar os protocolos oficiais. Foi casado e teve filhos mas a mulher morreu antes dele, conforme se depreende dos seus escritos. A família fora pobre e por vezes sofrera escassez de arroz.

Da sua leitura atenta se depreende igualmente que teve discípulos, embora não se conheça nenhum deles pelo nome, com uma pequena excepção, que aparece no capítulo 20. De facto conhece-se muito pouco sobre o homem Chuang Tzu, embora isso não nos deva surpreender, já que se sabe menos de Lao Tzu.

Mas quem foi Chuang Tzu? Foi um Taoista, que enquanto tal acreditava que o universo se formara sem um objetivo ou propósito. Tao é a natureza, o Criador, e não possui consciência nem julga. Suporta incondicionalmente todas as coisas, tanto vivas quanto não vivas, e não aceita retribuição. Ele refere de modo sucinto que "O Céu e a Terra e eu vivemos juntos; a miríade de coisas e eu somos um só." Realça uma união com a natureza por um lado, e com todas as coisas por outro, o que constituía uma ideia nova à altura. Lao Tzu não chegara tão longe.

Muito embora cite Lao Tzu inúmeras vezes na sua obra, o Tao de Chuang Tzu é muito mais refinado do que o do seu antecessor, pelo que não se poderá referir que tenha desenvolvido as ideias de Lao Tzu, do mesmo modo que Mêncio não desenvolveu as ideias de Confúcio, mas ambos deram uma contribuição muito própria ao Taoismo. De facto, no notável papel que desempenhou deveria ser considerado co-fundador do Taoismo.

Sabe-se muito pouco da educação que teve. De acordo com Cheng Chuanying, o seu tutor fora o Príncipe Changsang, porém, desconhece-se quem esse tutor tenha sido. Decerto que terá tido conhecimento da obra de Lao Tzu, o Tao Te Ching, já que a cita muitas vezes ao longo do livro. Eles viveram separados no tempo por uns duzentos anos, porém, não existe registo algum da transmissão da doutrina de Lao Tzu a Chuang Tzu por meio de quaisquer intermediários.

O mestre Chuang foi contemporâneo de Mêncio, o grande elaborador do Confucionismo, contudo, jamais o menciona nos seus escritos, tal como Mêncio alguma vez menciona Chuang Tzu nos seus. Pode-se presumir que ambos esses dois homens brilhantes jamais se tenham encontrado. Mas a relação que Chuang Tzu teve com Lao Tzu foi diferente da que Mêncio teve com o Mestre Confúcio. Mêncio mostrou reverência pelo Mestre, enquanto Chuang Tzu jamais demonstrou qualquer sentimento formal de respeito por Lao Tzu. De facto, dirigia-se a ele pelo nome. Isso reflecte o carácter informal que marcava as relações pessoais.

Certo será que, se não começou por ser Confucionista, teve grande admiração por um dos discípulos do Mestre, e sabe-se isso por ele ter feito inúmeras referências a Yan Hui, a quem verdadeiramente admirou pelo estilo de vida simples que levou. Pode ter tido acesso aos rascunhos dos Analectos, por ser possível que tenha tido contato com a segunda e terceira geração de discípulos do Mestre na sua juventude. Mas é claro que deixamos isso a cargo da hermenêutica.

Chuang Tzu era um observador judicioso; utilizava temas não atraentes para a maioria das pessoas e transforma-os em puros ensaios filosóficos. Escreveu sobre a sombra e a penumbra e sobre sonhos, e pela primeira vez chegou à conclusão de que talvez a vida não passasse de um sonho. Mas acima de tudo Chuang Tzu foi um humanista, que prezava enormemente a força moral dos fisicamente deformados, não com comiseração pelos seus infortúnios mas pela admiração que sentia pelas suas conquistas que aqui expressa, e criticava quantos os olhavam com sobranceria ou desprezo. Aquilo que ele considerava verdadeira deformidade apontava-o nos que padeciam de uma moral distorcida.

Facilmente se constata que Chuang Tzu era contra o sistema e as instituições, e tinha desprezo por governantes e pelo governo. Isso tinha muito que ver com o amor que tinha pela liberdade. Conta que certa vez um príncipe do Estado de Chu o nomeara para um cargo, que declinou por preferir, conforme ele próprio narra "Ser como a tartaruga que preferiria estar a abanar a cauda na lama a estar morta no relicário." Noutra altura, enquanto foi de visita ao Estado de Wei, correram rumores que ele iria

competir com o amigo nomeado para lhe usurpar o cargo, o que deixou esse amigo profundamente preocupado. Ao constatar o sucedido ridicularizou o seu insensato amigo equiparando-o a uma coruja que tinha apanhado um rato morto e que receava que a fénix lho viesse tirar.

Chuang Tzu revela um certo cinismo conveniente, que reflecte na insatisfação que sente em relação ao sistema social e à ordem política do seu tempo, e critica o establishment pelas suas práticas hipócritas da benevolência e da justiça, e não se cansava de apontar a sagacidade como o cerne da corrupção e do engano. Esse é um ponto crucial da sua obra, porquanto põe o dedo na ferida do conhecimento do bem e do mal como verdadeiro nódulo do problema e depois ilustra a prática de tal hipocrisia (Veja-se 10:1) e faz da doutrina de Confúcio o centro dessa hipocrisia, seguramente por a sua doutrina já ter sido objeto de distorção que a tornara num sistema social corrupto.

"Adoptam pesos e medidas, contagens e selos para formalizar as credenciais, e são roubados à mesma. Promovem a benevolência e a justiça a fim de corrigir as irregularidades, e roubam igualmente. Aquele que furta uma fivela de cinto é executado, enquanto aquele que rouba todo um estado é nomeado Príncipe. Desse modo, benevolência e justiça só prevalecem para interesse dos príncipes. Assim, é por causa dos sagazes que não se livram dos bandidos."

Também foi crítico do código penal da época, e denunciava a desumanidade das medidas que imputavam penas como cangas e grilhões, antes que Moistas e Confucionistas se indignassem. Basicamente porém, referia que se a sagacidade e a astúcia não fossem abolidas do comportamento, o mundo não conheceria a paz.

Chuang Tzu foi tanto um filósofo como um gigante literário, senhor de uma belíssima prosa e de um vocabulário discreto que tinha um jeito próprio de expor as ideias de Lao Tzu. Enquanto aquele as enunciava de forma concisa, Chuang Tzu expandia-as com alegorias que lhes emprestava realismo e clareza de compreensão. Era comum usar personagens históricos fora de contexto para ilustrar o que queria transmitir, conferindo-lhes tanto mais peso quanto as despia do envoltório de eminência de que se rodeavam, pelo que não é estranho vermos Confúcio a falar como um propagandista Taoista. Também era perito no aforismo, que, juntamente o com as frases curtas que usava, acentuam autoridade e assertividade às máximas que proferia.

Por mais de 2000 anos o trabalho de Chuang Tzu tem sido valorizado pela originalidade de pensamento que apresenta, assim como pela singularidade de estilo literário. As análises críticas que faz do mundo real e a penetrante compreensão que tinha do mundo abstrato não encontram paralelo na literatura Chinesa. Mais, a sensibilidade que demonstra perante as desigualdades humanas e sofrimento, e a ridicularização que faz dos males do governo ainda brilham qual farol na atualidade.

Talvez devêssemos abordar o *Chuang Tzu* contextualizando-o, antes de mais, histórica e culturalmente, e preocupar-nos por traçar um paralelo da

importância que outras figuras chave da história do pensamento Chinês tiveram, bem como da influência que exerceram no texto.

Confúcio foi um homem de elevada estatura, tanto física como na reputação moral de que foi objeto. Foi um moralista profundamente conservador, cujas doutrinas ficaram registadas nos *Analectos*, que consistem essencialmente em diálogos mantidos entre si e os seus discípulos, onde Confúcio afirma que um governante deveria governar com base numa forma de persuasão virtuosa (exemplo) ao invés do poder absoluto. O ideal que defendia assentava no Homem Superior, alguém orientado para os mais elevados princípios de conduta.

Na sua doutrina preocupa-se bastante com questões de benefício e prejuízo, certo e errado, bom e mau, o que levou a que os confucionistas tenham vindo a tender a tornar-se absolutistas morais, com as noções de retidão e de justiça, humanidade e benevolência que defendiam. Ao mesmo tempo, orientavam-se bastante no sentido da posição, na abordagem que faziam da importância das relações sociais, e ao insistirem na existência de um padrão inalterável de domínio e de subserviência entre governante e súbdito, pais e filhos, marido e mulher, e irmãos mais velhos e irmãos mais novos.

Chuang Tzu achava-os demasiado rígidos e formalistas (para não dizer enfadonhos), demasiado estreitos e tendentes à defesa das hierarquias. Chuang Tzu deliciava-se a troçar de tais traços e movia-lhes tais acusações que, os sincretistas que decidiram cooptar por ele escrevendo várias secções do livro defendem a sua causa e ocultam isso no texto.

Os Moistas, que estiveram ativos durante o terceiro e quarto séculos, foram os primeiros a desafiar a herança de Confúcio. O seu fundador, Mo Tzu, viveu durante a segunda metade do século quinto, tendo nascido uns quantos anos após a morte de Confúcio. É curioso que o Mestre Mo tenha sido contemporâneo de Sócrates e que existam umas quantas analogias entre o sistema de pensamento por ele proposto e as várias escolas de filosofia Gregas d o mesmo período, mas especialmente a dos Estoicos.

A tradição sustenta que o Mestre Mo teria sido originalmente um seguidor de Confúcio, até ter chegado a perceber que os rituais eram sobrevalorizados às custas da ética, pelo que se terá separado e formado a sua própria escola. O Mestre Mo foi sobretudo um engenheiro militar sobredotado que devotou os seus talentos unicamente aos trabalhos de defesa. Nesse sentido, ele seria melhor caracterizado como um militante pacifista.

Dos títulos de alguns dos seus importantes trabalhos pode-se tirar a ideia dos temas que o absorviam e aos seus seguidores: No campo da religião - "A Vontade Céu" e "Elucidando os Espíritos." NO campo da filosofia - "Rejeitando o Destino" e "Amor Universal." Na área política - "Elevação dos Merecedores" "Conformidade com os Superiores," e "Rejeição e Agressão." No campo da moral - "Economia nos Funerais," "Economia nas Despesas," e "Rejeitando a Música."

O Mestre Mo associava-se a trabalhadores, a artesãos e a comerciantes, ao contrário de Confúcio e dos seus discípulos, que defendiam uma orientação aristocrática. Os Moistas eram ferozmente igualitários e testavam todos os dogmas pelos benefícios que demonstrassem ter sobre o povo. Para Mo tudo era medido em termos de utilidade social. Ele criticava os Confucionistas com base no ceticismo que mostravam em relação ao Céu e aos seres celestiais, assim como em relação ao fatalismo que defendiam. Daí que se tenha levantado um debate de proporções alarmantes entre ambas essas escolas. O estilo de argumentação dos Moistas era seco e grosseiro, razão porque as suas doutrinas desapareceram virtualmente após o terceiro século ac., e somente tenham sido trazidas à luz do dia neste século.

Devido à ostensiva similitude que patenteiam na sua doutrina, os cristãos têm mostrado um enorme interesse por essa corrente. Mas os Moistas eram propensos à ciência e os seus trabalhos incluem, entre outros, inestimáveis tratados sobre questões como a da ótica e outras questões técnicas. Tinham uma orientação de tal modo prática que chegaram a adoptar caracteres simplificados (sinogramas) numa tentativa de facilitar o peso de um sistema e escrita difícil. Subscreviam uma disciplina ascética e comportavam-se como fundamentalistas religiosos.

Enquanto homem, o Mestre Mo foi admirado por todos mas a sua doutrina foi considerada pela maioria dos Chineses como demasiado exigente. Em resumo, ele poderá ser descrito como um Espartano, um activista populista e teórico dotado de uma disposição rígida que advogava o amor universal, censurava o excesso e a luxúria, e que acreditava que a única guerra justificável era a de carácter defensivo - o que não é de censurar de todo, mas que não agradava a Chuang Tzu, que considerava os Moistas demasiado pregadores e pragmáticos, excessivamente mecanicistas e sentimentalista. Nestas páginas encontraremos muita ridicularização que ele lhes move.

Quem surgiu em finais do século quarto, mais ou menos, ao mesmo tempo que o Mestre Chuang Tzu, foram os Sofistas e os Defensores da Lógica. Talvez fosse melhor referi-los pela tradução literal de que foram alvo no Chinês, como Escola dos Nomes e Termos (Debates), por não terem desenvolvido qualquer raciocínio silogístico nem descoberto nenhuma lei do pensamento. Os Sofistas eram igualmente defensores do Amor Universal e opunham-se à guerra ofensiva, mas diferiam dos seus predecessores pela prática da disputa em seu próprio benefício.

Forma os Sofistas quem concebeu todo um conjunto de paradoxos célebres, muitos dos quais foram preservados na obra homónima do *Chuang Tzu*, a título de piada. Parece que o Mestre Chuang foi amigo íntimo de um dos fundadores da escola sofista, com quem maliciosamente debatia e de cujas evasivas zombava, devido ao pedantismo argumentativo que revelavam.

Outro personagem que surgiu em cena quase ao mesmo tempo que o Mestre Chuang foi Mêncio. Enquanto Chuang Tzu satirizava de Confúcio, de Mo Tzu e de Yang Chu, Mêncio defendia ardentemente Confúcio e criticava os outros dois. Na advocacia que fazia do colectivismo baseado no amor

universal Mêncio destacava Mo Tzu enquanto o rival mais proeminente (e perigoso) de Confúcio. Focava-se na natureza humana, um tema que na realidade tinha sido trazido à tona por Yang Chu. Mesmo assim, Mêncio criticava Yang Chu por causa da afirmação da primazia que o indivíduo deveria ter sobre a sociedade. Mêncio enfatizava que a natureza humana é essencialmente boa e que todos os homens podiam tornar-se sábios se satisfizessem o seu potencial inato.

Ele temperava o lado aristocrático do Confucionismo ao tornar-se no campeão da gente comum, e ao falar em defesa de um governo compassivo. De todos os pensadores Confucianos, Mêncio foi o que mais se preocupou com o desenvolvimento humano, porém, sempre no contexto da criação de uma sociedade sã.

Resumindo, os Confucianos interessavam-se primordialmente pelas relações familiares enquanto modelo de organização do bom governo. Os Moistas preocupavam-se com as obrigações sociais, os partidários de Yang Chu interessavam-se pela preservação e o aprimoramento do indivíduo, os Sofistas consumiam-se com as questões da lógica e os Legalistas focavam-se completamente no melhoramento do governo e do seu estado.

A quarta fonte de textos mais significativos da corrente iniciada por Lao Tzu foi da autoria do Mestre Huainan, que data de 130ac. e que se traduz por um trabalho altamente eclético que selecciona elementos de diversas fontes.

O *Chuang Tzu*, porém, encara a sociedade humana e a política como inevitavelmente corruptos e procura fundir-se com o Caminho e retornar à natureza como eremitas e quietistas contemplativos. Chuang Tzu preocupa-se essencialmente com as questões da transformação e a grandeza da alma, com a realização da verdadeira felicidade, que passa por uma elevada compreensão da natureza das coisas, com o desenvolvimento espiritual do indivíduo por intermédio da expressão da sua natureza inata (autenticidade). Em suma, interessava-se pela integridade de carácter e a manifestação do Caminho Universal por meio do indivíduo, o Tao imanente em todas as criaturas, e traçava a distinção entre intrínseco e extrínseco na determinação da igualdade e uniformidade (artificialidade).

Toca na questão do governo e declara o repúdio que movia contra os métodos mecanicistas de governo, diante dos quais preferia a total ausência de governo, sem, contudo, beirar a anarquia, mas antes defendendo um papel menos minimalista, por colocar a tónica no governo do indivíduo, que forma, aliás, o aspeto central de toda a obra, pois que, quanto mais intervencionista for o governo em todas as áreas do viver da população, menos eficaz tenderá a ser em termos de resultados e mais opressor das liberdades das populações.

O aspeto da liberdade é justamente pilar na sua obra, ao referir que tem início e que termina no indivíduo e que assenta na educação, ou formação do esclarecimento espiritual e na formação do carácter, contrariamente aos anarquistas, que defendem a ausência do estado, das hierarquias e das

instituições mas que sempre apelam para medidas representativas de massas.

Com as histórias dos artífices e artesãos humildes que, com engenho e arte dominavam a área da sua ação, ilustra o domínio da arte de viver. Não se revela anti racionalista nem defendia que fosse completamente fútil, porém, não defendia que a razão fosse eficaz na resolução dos problemas humanos. Para entendermos a ambivalência que Chuang Tzu sentia com respeito à razão precisaríamos explorar as fontes do descontentamento que sentia em relação a ela. A forte predileção que os Moistas tinham pela lógica deixou Chuang Tzu desencantado com essa forma entorpecida de racionalidade.

As doutrinas do Mestre Mo mostravam-se inéditas no contexto do pensamento Chinês, mas tinham que ser defendidas em debates abertos, em resultado do que ele e seus seguidores viam-se imiscuídos em disputas formais habituais. Aperfeiçoando a sua experiência na elocução desse modo, os Moistas foram quem mais perto chegou de, entre todas as escolas da China antiga, estabelecer um sistema coerente de lógica.

O sucesso inicial que tiveram com essa nova técnica de persuasão encorajou outras escolas a seguir o exemplo de desenvolvimento de técnicas de debate que eles introduziram, o que tornou a disputa filosófica endémica durante esse período. Mais do que nunca, os oradores tinham que prestar atenção à definição dos termos e à estrutura dos seus argumentos, além de visarem tirar proveito das falácias que os seus opositores apresentavam. Porém, com a escola dos Sofistas, a lógica tornou-se um objeto de busca em função de si própria.

A familiaridade que Chuang Tzu teria tido com o paradoxo e o sofisma (arte do silogismo, ou refutação capciosa) indicam que deva ter tido contato com as subtilezas da lógica quando fora novo, mas que terá suplantado, já que revela ter-se interessado por sondar os limites da razão, e a colocava (a razão) na adequada perspetiva.

Os Moistas do período de 300 ac., apresentaram os textos de lógica mais sofisticados do começo da China, em que se constata o recurso à razão na arbitrariedade dos pontos de vista conflituosos. Tal abordagem já se tornara marca d filosofia Grega e viria, subsequentemente a caracterizar toda a tradição filosófica ocidental, mas no final foi rejeitada pelos pensadores tardios Chineses, que preferiram apoiar-se mais na forma de persuasão moral e na intuição.

O Mestre Chuang desempenhou um papel vital na emergência do cepticismo com relação ao racionalismo, ao virá-lo do avesso e satiriza-lo de modo incisivo. No *Chuang Tzu* os argumentos que parecem adotar a aparência da razão são ironicamente designados para a desacreditar. Ele interessou-se igualmente bastante pela complexa relação existente entre a linguagem e o pensamento, o seu trabalho está repleto de conclusões que não decorrem da lógica do argumento ou de declarações anteriores por ele empregar esses meios na exploração das imperfeições e insuficiências da própria linguagem, numa abordagem similar à que mais tarde viria a ser adoptada

pelos Mestres Zen, com os seus Koans. Assim, uma vez mais vemos o Mestre a utilizar um meio que punha em dúvida a infalibilidade do próprio meio, o que prova que não abandonara nem a lógica nem a razão, mas que pretendia apontar a exagerada dependência que nelas poderia restringir a flexibilidade do pensamento.

Outro instrumento chave é o do relativismo. Se entendermos que os contrários não se contrapõem necessariamente, transcenderemos as distinções ordinárias das coisas, assim como "eu e o outro." A compreensão disso representa apedra basilar da unidade pela transcendência. Para tal fim enfatizava a espontaneidade e a liberdade do mundo e das suas convenções, porquanto sem a autenticidade de sermos o que somos, jamais conseguiremos colmatar o fosso criado pela dicotomia do pensamento.

A maioria dos filósofos da antiga China dirigiam as suas ideias a uma elite política ou intelectual, ao passo que o Mestre se focava naqueles que se esforçavam por uma realização espiritual. Em resumo, o Mestre não foi um pensador isolado, pois será de lembrar que o Taoismo ainda não existia como corrente plenamente consolidada; ao invés, constitui um produto impressionante de um longo processo de cruzamento fertilizante de diversas correntes nacionais e internacionais.

Foi um filósofo que se expressou por meio de fábulas e alegorias, estilo literário com que maior impato exerceu na cultura – provavelmente mais do que qualquer outro autor. Por isso, constitui um texto literário que não deve ser submetido a uma excessiva análise filosófica, conforme atualmente tende a ser, por isso lhe distorcer o verdadeiro valor. Mas, mais do que um texto, o *Chuang Tzu* é uma antologia de textos literários, o que o torna ainda menos susceptível a qualquer análise filosófica sistemática, mas devido ao corpo heterogéneo que apresenta, torna-se extremamente difícil senão impossível determinar um sistema de pensamento que o mestre tenha subscrito.

Fonte: Diversos autores

APRESENTAÇÃO

O Chuang Tzu, ou *Nan Hua Zhen Jing*, ou *O Verdadeiro Clássico do Sul da China*, como foi simultaneamente chamado, constitui uma súmula da sabedoria personificada na imagem do Homem Perfeito, que ilustra o Ideal, e de uma aprendizagem que não tem fim. Ele é o reflexo perfeito do acalento que o sábio tem pelo que se situa abaixo, e pelo apreço que sente pelo que se situa acima, sem menosprezo por um nem preferência pelo outro, numa atitude de perfeita compreensão do ser em toda a esfera da manifestação.

Recorre o seu autor ao paradoxo como expressão mais aproximada e fidedigna da realidade que as coisas e expressões no seu sentido mais profundo expressam ou encerram, e não revela pressa em fazer-se entender nem aponta a perfeição ao jeito dos néscios que prezam os alvos materialistas e a supremacia do ser.

Desencoraja o proselitismo ciente de desviar os espíritos menos bem preparados.

Troça do entendimento tacanho de quantos projetam o mérito na consecução da fama ou do acúmulo de bens, que com os fins que têm em vista justificam quaisquer meios, e aponta justamente nos meios e nas atitudes e crenças o destino da ação.

É célere a desmentir a ideia de que só sejamos dignos e sábios se seguirmos o exemplo, o cultivo do saber ou o renome, e aponta o logro que tais abordagens encerram, dando expressamente a entender que o verdadeiro Alcance do Mérito ou da Virtude assenta na autenticidade e no apreço efetivo ou honra pela autenticidade do ser.

Uma das pedras basilares do seu pensamento assenta no facto do homem "saber demais," ter cultivado um conhecimento do bem e do mal, do certo e do errado que é raiz da corrupção, por nos separar de nós próprios e do verdadeiro sentido da ação.

É um texto que alude ao transcendentalismo do auto imanente que nunca correu o risco de se tornar popular, por se revelar de difícil realização.

Aponta principalmente a hipocrisia que marcava o período, à semelhança dos dias atuais, pelo que mais se nos serve para desmascarar a benevolência e a justiça que se alicerçaram no "saber" dos sagazes.

Historicamente, é duvidoso que o livro que carrega o nome de Chuang Tzu tenha sido elaborado como o são os livros da atualidade. No passado os livros não sugeriam necessariamente um autor. Nos dias da antiguidade tais livros não tinham propriamente um só autor. Não é só que fossem anónimos, mas é que nesses dias a composição de um livro raramente ou nunca o era sob a forma original que a nós nos chega.

Eles não eram "feitos" mas iam ganhando corpo. Ditos, passagens, lendas, versos eram passados adiante, ou "herdados" numa escola, ou por entre os discípulos dessa escola, para acabarem por ser gradualmente reunidos, ou melhor, "misturados." Eram alvo de acrescentos, a ligação ou

sequência que tivessem era alterada, e por fim eram coligidos em diferentes alturas e por diversas mãos em compilações de diferentes tendências.

Exemplo disso é o Lieh Tzu, que revela as características de uma compilação elaborada por diferentes mãos. Apresenta passagens que foram quase copiadas, em alguns casos de transposição literal, noutros de modo menos exato, casos de passagens de clássicos anteriores Taoistas tidos como autênticos. Crê-se, com base nisso, que Lieh-Tzu nunca tenha existido, o que o coloca no plano da nossa Bíblia ocidental, cujo teor histórico à partida poderá ser considerado implausível, por apresentar um teor religioso muito tênue e assentar no fruto de múltiplas interpretações e interpolações e acréscimos.

Cheng Chuanying, da Dinastia Tang, explicava que esta obra se dividia em três séries, a primeira das quais consiste, em larga escala, de declaração generalizada das razões lógicas, a Série Interior, uma outra que compreendia narrativas de evidências de apoio, a chamada Série Exterior, e uma Série de Miscelâneas que traduz uma mistura de ambas. Supõe-se geralmente que a primeira reúne os escritos de Chuang Tzu, a segundo compreende os trabalhos inacabados, completados posteriormente pelos seus alunos, e que a terceira série encerra os trabalhos dos seus discípulos sobre as ideias principais do mestre. Tal suposição, porém, parece ser uma simplificação excessiva.

Amadeu António

CAPÍTULO 1
LIVRE E FÁCIL VAGUEAR

NAS PROFUNDEZAS DO NORTE há um peixe chamado Kun que é tão vasto que nem lhe conheço a medida. Transforma-se num pássaro chamado Peng, cuja medida do dorso desconheço, mas que quando levanta voo as suas asas se assemelham a nuvens que cobrem o céu. Quando o mar se agita para o acolher, este pássaro parte para as profundezas do sul, o Lago Celestial.

O livro da Harmonia Universal regista várias maravilhas, entre as quais figura a seguinte: "Quando Peng viaja para as profundezas do sul, por volta do sexto mês, as águas agitam-se por várias milhas e ele provoca um tumulto com o calor e, levantando poeira, eleva-se no céu azul.

Mas, será o céu verdadeiramente azul, ou dever-se-á ao facto de se estender ao infinito? Ao olhar para baixo, esse pássaro decerto também o perceberá como azul

Se a água não se acumular o suficiente, não terá força para sustentar grande coisa. Deseje-se uma taça de água num orifício do solo e ela conseguirá fazer flutuar qualquer bocado de cortiça. Mas pouse-se a taça sobre ela e a taça afundará com o peso, por a água ser demasiado rasa e a taça demasiado grande, e a água não possuir força para sustentar coisas de porte muito elevado.

Do mesmo modo, só a determinada altura poderá o pássaro encontrar sustento para as asas de elevada envergadura. Por isso, Peng eleva-se nas alturas, por aí dispor de corrente de ar suficiente por baixo das asas para o sustentar. Assim, nada o poderá impedir de lançar o olhar a sul.

FRACO PODER DE DISCERNIMENTO

A cigarra e a pomba zombam disso, dizendo: " Quando nos esforçamos por voar conseguimos atingir os ulmeiros, mas por vezes nem isso alcançamos e estatelámo-nos no chão. Como será possível alçar-se a tais alturas?!"

Se forem dar um passeio pelo campo, deverão levar comida para três refeições, e voltar de barriga cheia. Se viajarem ara mais longe que isso, precisarão moer grão na noite anterior, para passarem a noite. Mas se forem ainda mais longe, deverão prevenir-se com provisões para meses.

Que entendimento terão essas pobres criaturas? A falta de compreensão não se pode comparar a uma compreensão efectiva; uma vida curta não se pode comparar com uma vida longa.
Como saberei eu que é assim? O cogumelo da manhã nada sabe do crepúsculo nem da aurora; a cigarra do Verão nada conhece da Primavera nem do Outono. Eles possuem uma vida curta.

A sul de Chu há uma criatura vasta para quem uma Primavera dura quinhentos anos e um Outono outros tantos. Na antiguidade existiu uma roseira que contava uma Primavera de oito mil anos e um Outono de outros tantos anos. Esses viviam muito. Contudo, hoje Peng-chu é famoso pela vida longa que teve, e todos o procuram imitar. Isso não será triste?

Nos diálogos dos reis Tang e Chi encontramos a mesma coisa. Lá pelos baldios estéreis do norte existe uma área obscura, o Lago Celestial. Aí habita um peixe cujo comprimento ninguém conhece com precisão. Há igualmente um pássaro chamado Peng, que tem um dorso semelhante ao Monte Tai e asas da envergadura de nuvens que cobrem o céu. Ele bate as asas num turbilhão, alça-se no ar e sobe às alturas, e cortando por entre as nuvens abeira-se do céu azul e deita o olho ao sul, preparando-se para viajar para as profundezas do sul.

A pequena codorniz ri-se dele dizendo: "Onde pensa ele que vai? Eu bato as asas um pouco e alço-me no ar, mas nunca consigo ir além dos arbustos e das silvas. Mas, seja como for, esta é a melhor forma de voar. Onde pensa ele que vai?"
Esta é a diferença entre o pequeno e o grande.

Por conseguinte, aquele que possui sabedoria suficiente para satisfazer a posição de estado, boa conduta suficiente para impressionar a comunidade, virtude suficiente para agradar a governantes ou talento suficiente para ser contratado pelo estado, possuirá o mesmo tipo de orgulho dessas pequenas criaturas.

Sung Yung Tzu desataria por certo no riso, com tais homens. Toda a gente poderia prestar louvores a Sung Yun Tzu que ele não se sentiria comovido nem motivado; toda a gente poderia censurá-lo que ele não se sentiria desanimado nem desencorajado.
Estabeleceu ele uma linha inequívoca entre o interno e o externo, e reconheceu as diferenças existentes entre a verdadeira honra e a desgraça. Mas ficou-se por aí. Tinha pouca consideração pela opinião dos outros, mas havia coisas que ainda se via incapaz de superar.

Lieh Tzu conseguia cavalgar os ventos com destreza mas passados quinze dias tinha que regressar à terra. Com respeito à fortuna, não precisava ele preocupar-se nem esforçar-se. Apesar de nunca mais se ter que preocupar por andar, ele ainda dependia de alguma coisa

para se deslocar. Se ele apenas conseguiu alçar-se à verdade de céu e terra e dominar a transformação dos seis sopros internos para desse modo navegar pelo infinito, de que terá dependido?
Por isso afirmo o seguinte:

Aquele que é perfeito é desprovido de ego.
O homem espiritual não tem mérito.
O sábio não arrecada fama.

A FAMA NÃO PASSA DE ILUSÃO

Yao quis ceder o próprio império a Hsu Yu, dizendo: "Quando surgem sol e lua, não será um desperdício continuar a empunhar tochas, mestre? Quando achega a monção, não será um desperdício de água continuar a irrigar os campos? Se assumisses o trono, o mundo permaneceria em ordem. Eu continuo a ocupá-lo, porém, tudo quanto vejo são as minhas falhas. Imploro-te que tomes o mundo nas tuas mãos."

Hsu Yu respondeu: "Tu governas o mundo e ele é bem governado. Se eu aceitasse a tua posição, não o faria pela fama? Todavia, fama não é outra coisa senão uma ilusão. Mas não o faria eu pelo bom nome? Quando o rouxinol constrói o ninho no bosque cerrado, não usa mais que um galho. Quando a toupeira bebe à borda de água, não ingere mais água do que a sua barriga lho permite.
Ide em paz e esquecei o mestre, senhor. Nenhuma utilidade tenho a dar ao governo do império.
Se o cozinheiro não conseguir governar a cozinha adequadamente, durante o serviço fúnebre, nem o sacerdote nem as carpideiras irão deixar o vinho nem a carne para ir ocupar o seu lugar.

Chien Lu disse a Lien Shu: "Ouvi a Chieh Yu narrar continuamente histórias sem par, mas também sem substância e sem chegar a qualquer conclusão. Senti-me estupefacto com as palavras dele, que pareciam estender-se sem fim como a Via Láctea, exageros sem nexo algum com a realidade humana."

"Que palavras empregava ele?" Perguntou Lien Shu.

"Dizia que havia certo homem santo que viva afastado no Monte Kung-she, que tinha uma pele como gelo ou neve e que era tão gentil e tímido quanto raparigas novas. Não comia nenhum dos cinco grãos mas sorvia a aragem e sugava o orvalho, trepava as nuvens e o nevoeiro e cavalgava um dragão voador pelos quatro mares.
Concentrando o seu espírito conseguia proteger as pessoas da doença e das pragas e levá-las a obter colheitas férteis.

Lien Shu respondeu-lhe: "Claro que sim! Não se pode esperar que um cego aprecie belos motivos, nem que o surdo ouça o bater dos tambores ou dos sinos. E a cegueira e a surdez não são coisas que se cinjam ao corpo unicamente, mas à compreensão também, conforme as tuas palavras agora mesmo o comprovaram. Esse homem santo, com todas as suas virtudes, está prestes a abarcar a multiplicidade das coisas como uma só. Embora os tempos atuais necessitem de reformas, porque haveria ele de se desgastar com os assuntos do mundo? Nada o poderá atingir. Mesmo que uma grande cheia se amontoasse, ele não se afogaria. Ainda que grande seca pudesse crestar colinas, ele não se queimaria. Do seu pó e restos mortais somente se poderia criar um Yao ou um Shun! Por que razão consentiria ele em preocupar-se com meras coisas?

Um homem do estado de Sung que vendia chapéus de cerimónia fez uma viagem a Yueh, mas o povo dessa região rapava o cabelo e cobria o corpo com tatuagens e não tinha uso a dar a essas coisas. Yao trouxe ordem à vida das pessoas e dirigiu o governo até às fronteiras com o mar. Mas quando estava de volta do rio Feng foi ao distante monte de Ku-she de visita aos quatro sábios perdeu o interesse pelo império.

Hui Tzu disse a Chuang Tzu: "O rei de Wei deu-me umas sementes de uma espécie de abóbora gigante. Eu plantei-as e quando cresceram o fruto era tão grande que dava para armazenar cinco alqueires. Tentei usá-la como depósito de água, mas tornou-se tão pesado que não a conseguia levantar. Cortei-a em dois para fazer delas conchas, mas eram ainda tão grandes que não as podia mergulhar fosse no que fosse. Não é que as abóboras não fossem desmesuradamente grandes mas é que decidi que não se prestavam para coisa nenhuma, pelo que decidi quebrá-la em pedaços."

Chuang Tzu respondeu: "Naquilo que diz respeito ao uso das coisas grandes tu não és lá muito inteligente. Havia em Sung um homem que era perito em fabricar um excelente bálsamo para as retas das mãos, e geração após geração, a sua família subsistiu às custas da operação de branquear seda.

Certo viajante ouviu falar do bálsamo e ofereceu-se para lhe comprar a receita por cem moedas de ouro. O homem reuniu a família em conselho, e disse: Vimos a lavar seda há gerações e nunca ganhamos mais do que dez moedas de ouro. Agora, se vendermos o nosso segredo poderemos ganhar cem moedas numa só manhã. Vamos vendê-lo.

O viajante conseguiu a pomada e apresentou-a ao rei de Wu, que se encontrava em apuros com o estado de Yueh. O rei pôs o homem a comandar as suas tropas e nesse Inverno travaram uma batalha

naval com os homens de Yueh e derrotaram-nos. O rei doou uma porção de terra ao homem, como um feudo.

O unguento tinha o poder de prevenir as gretas nas mãos, em qualquer dos casos; só que um usou-o para obter um feudo, enquanto o outro nunca foi além da lavagem de seda – por o usar de modo diferente.

Agora, tu tens uma abóbora suficientemente grande para armazenar cinco alqueires. Porque não pensaste em fazer dela uma barrica para poderes flutuar pelos rios e pelos lagos, em vez de te preocupares com o tamanho e peso de comportar coisas? É óbvio que ainda tens muito a aprender."

O BOM USO DAS COISAS

Hui Tzu disse a Chang Tze: "Eu tenho uma árvore grande que as pessoas dizem ser inútil. O tronco acha-se deformado e esburacado demais para lhe poder encostar uma fita métrica. Tem os ramos tão deformados e retorcidos que não se lhe pode encostar compasso nem esquadro. Podíamos deixá-la à beira da estrada que nenhum carpinteiro lhe lançaria o olhar duas vezes.
Também as tuas palavras têm tanto de grandioso quanto de inútil quanto ela, e qualquer um as desprezará."

Chuang Tzu disse-lhe: "Talvez nunca tenhas visto um gato selvagem nem uma doninha quando se agacham e escondem, à espreita do que possa surgir. Dão saltos e correm de um lado para o outro, e não hesitam em andar para cima e para baixo até que a pressa caia na armadilha e a apanhem. Mas há igualmente o iaque, tão grande quanto uma nuvem. Decerto que ele sabe ser grande, contudo, saberá ele caçar ratos?
Agora tens uma árvore gigante e sentes-te arreliado pela falta de uso a dar-lhe. Porque não a plantas em terra onde nada cresça ou numa área deserta e ampla onde possas vadiar sem fazer nada, ou deitar-te a dormir um bom sono sob os seus galhos? Os bois não lhe encurtarão a vida, nem criatura alguma a poderá prejudicar. Se não tiver qualquer uso, como poderá ser objeto de ansiedade ou de sofrimento?"

CAPÍTULO 2
TORNANDO TODAS AS COISAS IGUAIS

NAN KUO TSE CHI, achava-se debruçado sobre uma mesa baixa, a fitar os céus e a suspirar como que abstraído.

Yen Cheng Tse Yu, que estava de pé perto dele, exclamou: "Em que estás a pensar para que o teu corpo tenha ficado como um cepo morto e o teu espírito se pareça com cinzas de fogo extinto? Certamente o homem que agora mesmo estava reclinado sobre a mesa não é o mesmo que aqui se encontra - "Meu amigo", respondeu Tse Chi, "a tua pergunta vem a calhar. Hoje perdi a noção de mim próprio... Compreendes? Talvez conheças apenas a música dos homens e não a da Terra. Ou mesmo tenhas escutado a música da Terra e talvez não tenhas ouvido a do Céu.

"Explica-te, por favor", pediu Tse Yu.

"O sopro do universo", continuou Tse chi, chama-se vento. Às vezes encontra-se inativo. Porém, quando ativo, todas as fendas assobiam pela ação da sua fúria. Por acaso jamais ouviste esse tumulto ensurdecedor?

"As cavernas e os fossos das colinas e das florestas, as cavidades em enormes árvores de muitos palmos de circunferência - algumas semelhantes a narinas e outras a bocas, outras ainda a orelhas... E o vento por elas entra com violência, como torrentes em redemoinho ou setas sibilantes, a bramir, com fúria, a gorgolejar, a gemer, a clamar, a sussurrar, a assobiar por um lado e a ecoar pelo outro, ora suave com o ar fresco, para de seguida se apresentar violento com o redemoinho do vento, até que a tempestade passe e reine supremo o silêncio. Por acaso nunca reparaste como as árvores e os objetos são sacudidos e tremem, e os galhos ficam emaranhados e se contorcem todos?"

"Bem, então", indagou Tse Yu, "já que a música da Terra é feita de cavidades e aberturas, e a do homem de flautas e gaitas, de que é feita a música do Céu?"

"O efeito produzido pelo vento nas várias fendas", replicou Tse Chi, "não é uniforme, porém, os sons produzidos variam de acordo com sua capacidade individual. Quem é que lhes agita o sopro?".

O MUNDO DA MUDANÇA

"O vasto conhecimento, a profunda compreensão, abrange tudo; a sabedoria mesquinha, a compreensão superficial, é vaga e passível

de disputa. Os discursos eloquentes e as palavras de sabedoria, são inspiradoras e claras, os discursos desapaixonados, desagradáveis. No sono entramos em contato com a nossa alma; quando acordados, empenhamo-nos nos sentidos, e nas coisas que nos cercam e deixamo-nos envolver pelo tormento e pela hesitação. Os receios provocam ansiedade e o terror provoca pânico. Alguns são fáceis de resolver e são comodamente acalmados, outros são profundos e dissimulados, e outros misteriosos.

O espírito voa célere, como flecha desferida pelo arco, e arbitramos como se soubéssemos o que é correto e o que é errado. Ou então afincamo-nos ao nosso ponto de vista, como se tivéssemos prestado um juramento, como se tudo dependesse dele, mas as nossas opiniões possuem tanta permanência quanta a geada do outono, que gradualmente passa. E imersos na corrente das coisas continuamos a seguir o curso sem podermos voltar atrás. Finalmente esgotados e aprisionados, aproximamo-nos da morte e não encontramos maneira de recuperar a clareza.

"Alegria e cólera, tristeza e felicidade, esperança e arrependimento, indecisão e poder, humildade e força de vontade, entusiasmo e indolência acometem-nos por turnos, apresentando-se de maneira sempre diferente, tal como a música que sai de uma cana oca ou cogumelos que brotam na humidade. Dia e noite alteram-se em nós, mas não sabemos de onde veem. Deixa que te acometam! Poderemos compreender tudo de uma só vez? Sem eles não teremos existência; sem nós, não terão qualquer propósito. Isso aproxima-se do sentido, mas não podemos saber o que leva as coisas as ser como são. É como se tivessem uma Orientação Suprema, mas temos maneira de a descobrir. Certamente que atua, quanto a isso não resta a menor dúvida, mas não consigo descobrir-lhe a forma; possui vontades mas não forma."

O SOBERANO INTERIOR

"As cem articulações mais os nove orifícios compõem a nossa forma, o nosso corpo, mas alguma será superior às demais? Qual preferirás? Não serão todas elas nobres? Deverei eu tratar alguma melhor que as outras? Não nos servirão todas por igual? Se todas se revelam prestáveis também poderão conservar a ordem que reina entre si de uma forma espontânea. Pode ser que existe um senhor supremo sobre todas elas, mas duvido que lhe consigas apontar a verdadeira forma. Mas quer o consigas ou não, isso nada terá que ver com a sua natureza verdadeira."

"Quando a alguém é dada uma forma, ele não viverá nela até morrer? Quer seja fácil ou difícil, quer em conflito ou em harmonia

com os demais, atravessamos a vida como um cavalo veloz sem que nada o detenha, incapaz de labutar duro até morrer e incapaz de apreciar qualquer conquista, e incapaz de descansar, desgastado. Uma vida assim não terá qualidade. Não será isso triste? Poderá dizer que não existe morte, mas quando o corpo entra em decadência a mente acompanha-o. Que conforto trará isso? Não representará isso um verdadeiro contrassenso? Ou serei eu o único a perceber a incongruência?

Se alguém seguir a sua natureza e fizer disso o seu guia, como poderá dizer que não tem mestre? Porque será que somente aquele que compreende a mudança e molda pensamento e sentimento nisso pode ter um mestre? Até os idiotas têm os seus mestres. Mas se ignorares a tua mente e insistires no conhecimento do certo e do errado, isso equivale a dizer que tenhas saído de Yueh hoje e lá tenha chegado ontem, ou dizer que o que não tem existência exista. Mas se afirmares que aquilo que não tem existência existe, então até mesmo o santo Yu não te conseguirá entender, quanto mais eu!

As palavras que empregamos não coisa vazia mas possuem sentido. Porém, se o que tiverem a dizer não for definido, se não se conseguir definir o sentido de uma palavra, então nada quererá dizer. As palavras parecem diferenciar-se do chilrear dos pássaros, mas existirá mesmo alguma diferença, ou não? Como poderá dar-se o caso do Tao parecer de tal forma obscuro para que possa existir verdadeiro e falso? Em que se basearão as palavras para termos certo e errado? Como poderá o Tao deixar de existir? De que modo poderão as palavras existir e não ser aceites ou compreendidas?

Quando o Tao assenta no discurso eloquente, o significado da palavra é ocultado pelos floreados da retórica, e isso acaba por gerar discussão entre Confucionistas e Moistas. O que uns dizem estar certo, os outros afirmam estar errado; o que uns dizem estar errado, os outros asseveram como certo. Se pretendermos confundir o "errado" deles e confirmar o "certo", então o melhor a fazer é usar de clareza e olhar além de certo e de errado.

Todas as coisas são relativas e podem tanto ser uma coisa como outra. A forma como os outros as veem pode não ser a perspetiva que temos delas, de modo que só as poderemos ver pela compreensão pessoal. Por isso, "isto" procede "daquilo", e "aquilo" depende "disto", o que quererá dizer que dão origem um ao outro. A vida depende da morte e a morte sucede à vida; onde existir uma precisará existir a outra. Onde reinar aceitação deverá existir falta de aceitação; se existir, também não existirá, e por não existir, também existirá.

Assim, o sábio não se incomoda com tais distinções, mas verte sobre a questão a luz da clareza. Também ele distingue "isto" e "aquilo", só que numa qualidade que compreende igualmente o contrário. E as suas perspetivas também comportam um "certo" e um "errado". Assim, ainda as distinguirá, ou não? O estado em que subjetivo e objetivo deixam de comportar o oposto (pela separação) representa a quietude do Tao. O eixo garante o centro do círculo que não tem fim, por poder reagir tanto ao que "é" como ao que "não é". É por isso que o melhor será fazer uso da clareza de compreensão.

O emprego de atributos para demonstrar que os atributos não são atributos não-atributos a fim de ilustrar que os atributos não são atributos efetivos. Recorrer ao uso de determinada coisa (minha) para ilustrar que a coisa (do outro) não é tal coisa, não se compara à demonstração do contrário segundo a perspetiva do que é reconhecido como sendo determinada coisa. O Céu e a Terra podem ser tratados como qualquer coisa objetiva – que é una.

O que é, e o que não é não é. O Caminho é feito percorrendo-o. As coisas são o que são pela sua constante nomeação. Como assim? É assim por ser assim. E quando não é assim, não é assim. Todas as coisas possuem um carácter inato e uma função própria, sem excepção. Assim sendo, quer indiques um pequeno caule ou um grande pilar, o repugnante ou o belo, a obscuridade ou a destreza, o engenho ou o grotesco, todas essas coisas à luz do Tao poderão igualar-se.

Na diferença que as caracteriza se acha a sua perfeição. Na sua perfeição reside aquilo que as diferencia. Nada é perfeito nem imperfeito mas tudo poderá ser percebido como uno se transcendermos perfeição e imperfeição.

Só o homem que possua uma visão com um alcance assim conseguirá torná-las numa só coisa. Uma pessoa assim não faz uso das distinções e vive na constância (no que é permanente). Acolhe as perspetivas comuns e desse modo evita a dissensão. As perspetivas comuns são alicerçadas no terreno da utilidade; a utilização de algo que defina o uso que possa ter. Tal uso indiciará flexibilidade e aceitação

A abrangência de juízo que disso resulta conduz ao êxito na busca. Assim que a busca da compreensão for alcançada, perto estaremos do fim que a terá motivado, do seu alvo, e aí é que chegamos a deter toda a coisa - quando atingimos o ponto em que todas as coisas são realizadas. Nisso confiamos unicamente, sem que saibamos como o teremos atingido.

Ao tormento por tentarmos unificar todas as coisas sem percebermos que são todas uma mesma coisa chama-se “Três pela Manhã”. Que quero dizer com “Três pela Manhã”? Determinado zelador de macacos distribuía-lhes bolotas quando disse: “Vou-vos dar três pela manhã e quatro à noite.” Os macacos ficaram furiosos com aquilo e o tratador então replicou: “Tudo bem, vou passar a dar-lhes quatro pela manhã e três à noite.” Isso deixou-os contentes. Ambas as formas de tratamento não eram substancialmente diferentes, mas os macacos reagiam-lhes de modo diferente. E o zelador conseguiu aquilo que queria com tal astúcia.

Assim, o sábio é equânime na aceitação que faz do “certo” e do “errado”, e repousa no equilíbrio do Céu. Isso representa a consideração de ambos os aspetos da questão.

O BERÇO DO CONHECIMENTO

O conhecimento que os antigos possuíam era vasto. Quão vasto era ele? O suficiente para os levar a ver que nada existia, o que representa um conhecimento virtualmente perfeito, por nada mais precisarem acrescentar. Posteriormente alcançaram a noção da existência de alguma coisa, porém, não lhe atribuíam nomes nem qualidades. Mas foi quando começaram a formular juízo moral que a unidade do Tao se perdeu – juízos de “certo” e de “errado”, de “bom” e de “mau”. Com o declínio da Unidade do Tao, surgiram o desejo e a parcialidade da preferência. Mas existirá mesmo realização e perda?

Mas tal declínio ter-se-á seguido à formação do desejo, ou terá precedido ao surgimento das preferências? Se o declínio se tiver seguido à formação parcial do desejo e das preferências, a maneira que Chao Weng tinha de tocar alaúde era natural. Se o dano tiver ocorrido antes do surgimento da parcialidade do desejo, Chao Weng não teria razão para tocar o seu alaúde.

Chao Weng tocava o alaúde
Shih Chuang conduzia com a sua batuta
Hui Tzu discorria sobre a filosofia.

O conhecimento que esses três mestres possuíam abeirava a perfeição, e prosseguiram assim até ao fim. Por serem excecionais distinguiam-se dos demais. Os seus nomes foram legados à posteridade. Por serem excecionais pretendiam iluminar toda a gente por meio da sua arte. Recorrendo à simplificação tentaram ensinar o que desse modo redundaria no fracasso, por resultar em debates obscuros sobre a natureza do “árduo” e do “alvo”, por tal conhecimento não poder ser transmitido por vias externas. Também os seus filhos lhes seguiram os passos, mas não lograram alcançar a perfeição.

Poder-se-á dizer que esses homens tenham atingido alguma perfeição? Se assim for, também nós a teremos atingido. Poderão não ter atingido a realização? Nesse caso, nem eu nem nenhum de vós alguma vez a teremos alcançado. Assim, é pela luz cintilante que surge da dúvida e da confusão que o sábio se guia. Desse modo, não faz uso da distinção, mas tudo relega à constância, ao imutável; a isso se chama clarividência.

Todavia, tenho algo a dizer. Não sei se isso se enquadrará na categoria do que os outros afirmam ou não; mas, quer seja ou não relevante, não difere das afirmações que proferem. Seja como for, deixa que tente expor aquilo que te tenho a dizer.

Existiu um começo; contudo, tal começo ainda não teve início, e existiu mesmo um começo antes desse. E esse início deu-se mesmo antes desse começo. A existência é um facto mas existe igualmente a não-existência. Não é fácil dizer se o que não tem existência não existe, ou se o que tem existência existe. Eu fiz uma afirmação, contudo, não sei se o que acabei de dizer será efetivo em meio ao que afirmei ou deixei de afirmar.

Nada há no mundo maior do que a ponta de um fio de cabelo. Ninguém conseguiu viver mais tempo do que um nado-morto. Nem mesmo o monte Tai ultrapassa isso, nem Peng Tzu, que morreu jovem.

O Céu e a Terra surgiram ao mesmo tempo que eu, e as dez mil coisas uma só perfazem juntamente comigo. Ao afirmar a unidade de todas as coisas eu apontei uma grandeza, não? A Unidade e o atributo perfazem duas coisas. Se lhe juntarmos o Original isso totaliza três – o que prosseguiria para além da compreensão até mesmo de uma hábil contabilista ou matemático, quanto mais da pessoa comum. Se pela não-existência chegarmos a deduzir a existência, alcançamos três coisas; pensem só no quanto nos desviaremos caso fôssemos de uma dada coisa para uma outra qualquer. Detenhamo-nos, pois, por aqui!

UMA DECISÃO NÃO EQUIVALE A UM ARGUMENTO

No princípio o Tao não tinha qualquer nome. As palavras não são eternas, mas por causa da palavra surgem a distinção e os limites. Deixa que te fale sobre tais distinções. Existe esquerda e direita; debate e divisão, discriminação, concorrência e contenção. A tais coisas se chama qualidades. Quanto ao que vai além disso, o sábio admite a sua existência, mas não a discute. Quando ao que tem assento no domínio dessas qualidades, ele discute, mas não se pronuncia a favor nem contra. Quanto ao registo das ações passadas

dos reis que constam dos Anais da Primavera e do Outono, ele pronuncia-se, mas não julga.

Quando se divide, não se distingue; aqueles que distinguem, não conseguem discriminar. Que quererá isso dizer, perguntarás tu? O sábio abraça todas as coisas, ao passo que a gente comum as discute. É por isso que digo que aqueles que distinguem não conseguem ver de uma forma discriminada.

O Caminho encontra-se além de toda a descrição. O melhor argumento não requer palavras. A mais elevada benevolência não é cortês. A modéstia em demasia não é humildade. A mais elevada coragem não é agressiva nem representa bravura.
O Tao que se manifesta não é o Tao. As palavras argumentativas não alcançam a questão. A amabilidade permanente não alcança o objetivo. O desinteresse que alardeia a pureza não é credível. A coragem obstinada é ineficaz.

Estas cinco qualidades parecem íntegras (completas), mas tendem a tornar-se angulosas e inflexíveis. É por isso que aquele que conhece o suficiente para se deter diante do que não sabe, é o que age melhor.

Quem conhecerá a argumentação que não requer palavras (contenda) e o Tao que não pode ser indiferenciado? Aquele que conhecer tal coisa possuirá o Tesouro do Céu. Se tentar enchê-lo, ele jamais se mostrará cheio; se procurar esvaziá-lo, ele nunca chegará a ficar vazio. Entretanto, ele desconhece a procedência dessa provisão. Chama-se a isso prover-se de luz.

Há muito tempo atrás o imperador Yao disse a Shun:
"Gostaria de invadir os estados de Tsung, Kuai, e Hsu Ao. Desde que me tornei imperador que isso não me sai da cabeça. Porquê?"
Shun respondeu-lhe:
"Nesses três estados levam uma vida por entre canaviais e mato. Por que incomodar-se com eles? Tempo houve em que existiam dez sóis ao mesmo tempo a iluminar todas as coisas. Quanto mais não deverá a vossa virtude iluminar mesmo esses sois!"

ALGUMAS FALÁCIAS SOBRE O HOMEM PERFEITO E OS PRINCÍPIOS APROPRIADOS

Yeh Chueh perguntou certa vez a Wang Ni:
"Mestre, conheces aquilo que é comum a todas as coisas?"
"Como poderia eu sabê-lo," replicou-lhe o mestre.
"Conheceis, mestre, aquilo que não conheceis? Perguntou-lhe novamente o discípulo.
"Como poderia eu conhecê-lo?" respondeu-lhe o mestre.

Mas o outro interrogou-o uma terceira vez: "Nesse caso, serão todas as coisas incognoscíveis?"

"Como poderia eu saber isso? Não obstante, vou procurar explicar-te o que quero dizer. Como poderás tu saber se o que eu digo que sei não seja a revelação do não-saber, e que quando digo não saber esteja verdadeiramente a revelar que sei?

Deixa que te coloque a seguinte pergunta: Se um homem dormir numa entulheira abafada e húmida ficará com dores nas costas e o corpo meio paralisado. Mas acontecerá o mesmo a uma enguia? Se alguém viver no alto de uma árvore ficará trémulo de medo, mas acontecerá o mesmo aos macacos?

De entre estes três que enunciei, qual saberá ser o local acertado para viver? Os homens comem carne, os veados alimentam-se de erva, as centopeias deliciam-se com os vermes, e as corujas e os corvos apreciam ratos.
De todos esses quatro, qual saberá qual é o melhor paladar?

Os macacos encontram par por entre outros macacos. Os veados e os alces coabitam e as enguias apreciam andar por entre os peixes.

"Mao Chiang e LI-Chi eram consideradas pelos homens como beldades, mas assim que os peixes as viam a aproximar-se, mergulhavam para o fundo do tanque; se os veados as vissem fugiriam a correr, e se chegassem muito perto dos pássaros, estes voariam para longe. Desses quatro seres, qual reconhecerá o que seja a verdadeira beleza?

"Tal como vejo as coisas, as regras da benevolência e da retidão (do bom e do sábio) e as sendas da aprovação e da reprovação (certo e errado) acham-se inextricavelmente entrelaçadas e misturadas. Como poderia distinguir qual é qual? Como poderia discriminar por entre elas?"

Yeh Chueh voltou a perguntar: "Se o mestre não consegue distinguir o bem do mal, e o vantajoso do que é prejudicial, poderá o homem perfeito distingui-los?

Wang replicou: "O homem perfeito é espiritual. Um grande lago poderia entrar em efervescência que o calor não o afetaria. Um grande rio poderia congelar que ele não lhe sentiria o frio. Os trovões poderiam levar montanhas a desabar e as tempestades abalar o oceano, que ele não haveria de sentir medo. Um homem assim poderá alcançar as nuvens e a bruma, ou o sol e a lua, ou navegar para lá dos quatro mares que nem a vida nem a morte o afetarão nem se preocupará com o bem nem com o mal.

NÃO SERÁ O AMOR PELA VIDA UMA ILUSÃO PARTILHADA?

Chu Chiao-tze perguntou a Wu tze:

"Ouvi contar que Confúcio não se perturba com as coisas mundanas; que não persegue o que seja rentável nem tenta evitar aquilo que se revele pernicioso; que não busca o prazer em nada nem em ninguém, e que não se apega à senda. Que fala mas sem pronunciar uma palavra, e que quando fala, nada diz. Assim busca ele a satisfação além da poeira e da imundície do mundo.

O Mestre (Confúcio) via isso como um rosário de palavras destituídas de sentido, mas eu creio que essa seja a via do insondável Tao. Que pensas tu, mestre?"

Chang Wu tze respondeu-lhe: "Essas palavras teriam deixado até mesmo o Imperador Amarelo confuso, de modo que como poderia Confúcio compreendê-las? Além, disso tiras conclusões muito precipitadas ao contares com a galinha antes do ovo e com o pato assado antes de o caçares. Vou tentar explicar-te a coisa, mas por alto. Não tomes o que te vou dizer à letra.

"Como poderia alguém igualar-se ao sol e à lua e de abraçar o universo e tornar-se um com todas as coisas, abster-se de interferir na diferença e na confusão e ignorar a ordem e o poder?

"Tal discurso quer apenas dizer que o sábio mantém a boca fechada e que coloca de parte as questões da incerteza e da obscuridade, tornando assim as suas capacidades inferiores unas consigo mesmo ao honrar a vida. Os homens no geral, labutam duramente e vivem numa azáfama. O sábio parece estúpido e ignorante. Vive dez mil anos no agora. A miríade de coisas prossegue espontaneamente no seu curso que ele considera-as a todas num todo.

"Como poderei eu saber se o apego à vida não passa de uma ilusão? Como poderei eu dizer se o temor pela morte não se assemelhará a um jovem que esqueceu o caminho de casa e não sabe como regressar?

"A jovem Li Chi era filha de um guara da fronteira de Ai. Quando o Duque de Chiu a tornou cativa, ela chorou tanto que deixou a frente do vestido encharcado de lágrimas. Mas quando foi levada para o palácio do Duque, compartilhou do seu leito e se deliciou com a sua comida, arrependeu-se de ter chorado. Como poderei eu saber se os mortos não se arrependerão do anterior apego que terão sentido pela vida?

O GRANDE DESPERTAR

“Os que sonham com os prazeres da bebida, poderão pela manhã cair num pranto e na lamúria. Os que sonham com pranto e lamúria, poderão no dia seguinte sair a caçar. Enquanto sonham não sabem que se trata de um sonho, e enquanto sonham, podem mesmo chegar a interpretar os seus sonhos. Mas quando despertam sabem que se tratava de um sonho.

“Dar-se-á um grande despertar, após o que passaremos a conhecer que esta vida não terá passado de um sonho. Entretanto, os tolos pensam estar despertos, e ao empregarem a discriminação, insistem em que possuem conhecimento, ora desempenhando o papel de governantes, ora de governados. Quão tolos são!

“Tanto o Mestre (Confúcio) quanto tu estão a sonhar. Quando o afirmo, eu próprio sonho. Estas palavras poderão parecer capciosas, mas se após dez mil gerações chegarmos a encontrar um grande sábio que nos explique isso, será como se o tivéssemos encontrado numa só manhã ou tarde.

AS OPERAÇÕES DO CÉU DÃO-SE IGUALMENTE EM SEGREDO

“Já que me levaste a entrar neste debate contigo, se me levares a melhor, em vez de ser eu a levar-te a melhor, quererá isso dizer que estejas automaticamente certo e que eu esteja errado? Mas se for eu quem te leva a melhor na disputa, estarei eu porventura certo e tu errado? Estará um de nós certo enquanto o outro está errado, ou estaremos ambos certos e errados?

“Já que nós não conseguimos chegar a um entendimento comum, os homens deverão certamente continuar nas trevas da ignorância. Quem deverei chamar para que seja juiz? Se chamar alguém que concorde contigo, como poderá ele fazê-lo corretamente? O mesmo poderá ser dito caso escolha alguém que concorde comigo. Chamarei alguém que concorde com ambos? Mas, se o fizer, como poderá ser um juiz imparcial?

“Portanto, se nem tu nem eu nem mais ninguém conseguir decidir, esperaremos que mais alguém ainda decida por nós? Esperar por outros para se ficar a saber como opiniões conflituosas podem chegar a ser mundanas assemelha-se a não esperar coisa nenhuma. Se encararmos todas as coisas à luz da harmonia e não nos aferrarmos a opiniões, poderemos viver o nosso tempo de vida até ao fim.

“O que quero dizer com a instauração da harmonia entre as opiniões conflituosas? Toma a afirmação e a sua negação congénere (certo e errado). Toma a asserção de uma opinião e a sua rejeição (ser e

não-ser). Não ser é ser, e ser é não ser. Se a afirmação estiver de acordo com o ato, com a realidade do facto, decerto que diferirá da sua negação; não poderá tornar-se objeto de debate. Se a asserção de uma opinião estiver certa, decerto que será diferença da sua rejeição. Tampouco isso se tornará alvo de disputa. Esqueçamos o lapso do tempo e o conflito de opiniões. Façamos um apelo ao Infinito e assumamos a nossa posição com base nele."

A BORBOLETA VISTA COMO UMA OUTRA COISA

A Penumbra perguntou à Sombra:

"Há pouco movias-te, mas agora permaneces parada. Antes permanecias sentada, mas agora estás de pé. A que se deverá tal instabilidade?"

A Sombra respondeu-lhe: "Para fazer aquilo que faço tenho que aguardar o movimento de uma outra coisa qualquer, e aquilo por que espero, espera por sua vez que outra coisa o faça. A minha dependência não será como a das escamas em relação à cobra ou das asas em relação à cigarra? Como haveria de saber por que faço uma coisa ou se deixo de afazer?"

Certa vez, eu, Chuang Tzu, sonhei que era uma borboleta que esvoaçava alegremente por aqui e por acolá, e que gozava a vida sem saber quem era. Mas subitamente eis que acordo e voltei a ser Chuang Tzu. Agora, não sei se terá sido Chuang Tzu que sonhou ser uma borboleta ou se não será uma borboleta que sonha ser Chuang Tzu. Mas entre Chuang Tzu e a borboleta deve existir uma diferença. A isso se chama transformação das Coisas.

CAPÍTULO 3
CONDUTA PARA A VIDA

EMBORA A VIDA TENHA UM LIMITE, o conhecimento é ilimitado. Se fizermos uso do que é limitado na perseguição do ilimitado, isso perigoso será. Se o entendermos e ainda assim nos esforçarmos pelo conhecimento, certo será que reservará ainda mais perigo. Se praticardes o bem, afastai-vos da fama. Se cometerdes maldades, afastai-vos do castigo. Procurai o caminho do meio; guiai-vos pelo que é constante e conseguireis permanecer íntegros e vivos, cuidar dos vossos pais, e viver o tempo que vos resta.

O cozinheiro Ting estava a cortar um boi para o Lorde Wen-hui. A cada golpe de mão, a cada jeito de ombros, a cada movimento de

pés, a cada golpe de faca a carne era cortada em postas num ritmo perfeito como se estivesse a executar a dança da chuva ou a manter o passo de uma música.

Lorde Wen-hui reparou: “Que maravilha. Como alcançaste tamanha perícia?”

O cozinheiro pousou a faca e disse-lhe: “Aquilo que me interessa é o Caminho, que suplanta a perícia. Quando comecei a cortar bois, só conseguia enxergar o boi. Após três noas não mais distinguia o boi. Agora aplico-me por inspiração e não me guio pelo olhar. A percepção e a compreensão detiveram-se e o meu espírito move-se por onde quer. Sigo o corpo na sua composição natural, começo por cortar nos pontos mais fracos e pelas aberturas, e sigo as coisas como elas são. Nunca toco nos ligamentos nem nos tendões, e muito menos nas principais articulações.

Um bom cozinheiro troca de faca uma vez por ano, por cortar. Um cozinheiro medíocre troca de faca uma vez por mês, por retalhar. Já tenho esta minha faca há dezanove anos e já cortei milhares de peças com ela, contudo, o gume encontra-se em tão bom estado como se tivesse vindo da pedra de amolar.

Há espaços por entre as juntas em que a lâmina não tem espessura que a impeça de modo que se a inserirmos em tais cavidades, então disporemos de imenso espaço – mais do que o suficiente para a faca poder cortar. É por isso que após dezanove anos a lâmina da minha faca está como nova.”

“No entanto, quando me deparo com uma peça complicada, avalio o grau de dificuldade que apresenta, mantenho a atenção e o cuidado, fixo os olhos naquilo que estou a fazer, movo-me muito devagar e aplico a faca com subtileza até abrir o boi em dois e ele cair por terra. Fico parado com a faca na mão a olhar em redor, completamente satisfeito e relutante em avançar, para a seguir limpar a faca e a guardar.”

“Excelente,” disse o Lorde Wen hui. Dei ouvidos ao meu cozinheiro e colhi a perfeita conduta para a vida!”

PECULIARIDADES DE SÁBIO

Quando Kung Wen Hsuan viu o comandante das tropas ficou espantado e exclamou: “Que tipo de homem é este? Porque terá sido punido com a perda de um pé? Terá sido punido pelo céu ou pelo homem?”

“Não foi pelo homem,” disse o comandante, “mas obra do céu. Quando o céu me deu vida, determinou que viria a ter unicamente um pé. A aparência do homem constitui uma dádiva, por isso sei que foi obra do céu e não do homem. O faisão dos pântanos precisa dar dez passos para dar uma bicada e cem passos para conseguir um gole de água., mas não tem a menor vontade de se ver atrás de uma gaiola. Embora o tratemos como a um rei, ele sabe que não será feliz.”

CONDOLÊNCIAS ARDILOSAS

Quando Lao Tzu morreu, Chin Shi foi lamentá-lo mas após ter dado três berros, deixou os aposentos cerimoniais. Os discípulos de Lao Tzu perguntaram-lhe se não tinha sido amigo do mestre, ao que ele respondeu pela afirmativa. Os outros perguntaram-lhe se pensaria ser correto pranteá-lo daquele modo.

“É, disse, Chin Shi. A princípio tomava-o como a um homem real, mas agora sei que não era. Há pouco, quando entrei para o prantear, dei com velhos a pranteá-lo como se tivessem perdido um filho, e jovens que choravam a sua morte coo se tivessem perdido a mãe. Para ter reunido um grupo desses, ele deverá ter feito algo que os tenha levado a falar dele, embora não lhes tenha pedido para falar nem querido que o chorassem, apesar de os ter levado a fazê-lo. Isso assemelha-se a negligenciar a natureza., voltar costas ao verdadeiro estado de coisas e esquecer aquilo com que nasceram.
Nos dias de Outono, chamava-se a isso crime por negligência da Natureza.

O vosso mestre veio por ter chegado o tempo, e partiu por seguir a ordem natural das coisas. Se vos satisfizerdes com o tempo apropriado e desejardes seguir a ordem natural das coisas, então nem a tristeza nem a alegria deverão comovê-los. A isso se chamava, nos velhos tempos, liberdade dos grilhões. Mas embora o azeite se consuma no archote o fogo alastra sem que se saiba onde poderá terminar.”

CAPÍTULO 4
QUESTÕES DO HOMEM E DO MUNDO

O ESPÍRITO DA LEI E A INTERPRETAÇÃO LITERAL

YEN HUI FOI DESPEDIR-SE DE CONFÚCIO mas este perguntou-lhe:
"Aonde vais?"
"Vou a Wei", respondeu aquele.
"Que vais lá fazer?" perguntou-lhe Confúcio.

"Ouvi dizer que o Príncipe de Wei é jovem e arbitrário nas suas decisões, e não se preocupa muito com o seu país nem possui consciência dos seus erros, pois não faz nada pelo povo, que se encontra num estado lastimável. Ora, ouvi-lhe dizer, mestre, que devemos deixar o país quando estiver bem governado para irmos àquele que se achar num caos. À porta de um médico há muitos doentes. Eu gostaria de usar o seu ensinamento para remediar a situação por lá.
Confúcio respondeu-lhe:

"Se lá fores, só encontrarás dificuldades. A aplicação do Princípio tem de ser pura. Quando alguma coisa lhe é adicionada, haverá perturbação, e onde houver perturbação acabará por resultar ansiedade; pela ansiedade não se obterá esperança.

Os sábios do passado desenvolveram o princípio (Tao) neles próprios antes de o oferecerem aos outros. Se não estiveres certo de o teres em ti mesmo, como poderás mudar a ação de um tirano? Além disso, tens conhecimento de que a virtude é corrompida pela fama (consciência de si). O ensino nasce do desinteresse. A fama leva os homens a lutarem entre si e o ensino é a arma para essa luta. Ambos podem ser instrumentos do mal, mas seguramente não são o meio para atingir a perfeição.

Embora tu sejas altamente virtuoso e digno de confiança, se não entenderes o espírito dos homens, ainda que possas atingir fama sem competir, se não compreenderes a mente dos homens mas, ao contrário, fores junto de um tirano e lhe ensinares a benevolência e o comportamento ético, regras e normas de conduta, estarás apenas a usar as falhas alheias a fim de demonstrar a tua própria superioridade e isso é ferir deliberadamente. E aquele que fere os outros, será por sua vez ferido, e assim acabarás provavelmente com sérios problemas.

Se, na verdade o Príncipe gostar dos homens bons e odiar os maus, por que precisarás tu de mudá-lo? Se assim procederes, ele porá a nu os teus fracos argumentos e vencerá a discussão, e tu ficarás

confuso e envergonhado, tratarás de encontrar uma e outra desculpa e mais parecerá que cedes. A tua mente será moldada pela sua maneira de pensar, e a isso se chama deitar achas na fogueira.
Se começares a fazer concessões, não haverá limite para tal ato. Outros foram já tomados de assalto pelo infortúnio, em resultado de procurarem desse modo a fama para a sua virtude.

Há muitos anos, Yao atacou os estados de Tsung Shi e Hsu Ao. Essas nações foram devastadas e destruídas e os seus chefes mortos, porque todos eles estavam constantemente em guerra, numa tentativa para ganhar fama e riqueza. Nunca ouviste falar deles? Até nem mesmo os sábios podem lidar com a fama e a riqueza, quanto mais tu! Contudo, deves ter mais alguma coisa em mente; diz-me o que é."

Disse-lhe Yen Hui: "Se eu for desligado e auto confiante, perseverante e determinado, isso não funcionará?"

"O quê? Como poderá isso funcionar? Tu podes encenar um espetáculo corajoso, mas a tua incerteza estampar-se-á na tua cara, como aconteceria a qualquer outro. Esse Príncipe tira prazer em explorar os sentimentos alheios, e nem sequer consegue praticar as virtudes mais comuns; como podes esperar que seja capaz de apreciar as virtudes mais raras? Ele pode ser obstinado e inflexível e poderá aparentar que acredita, mas o seu coração não sofrerá mudança. Como poderás ter êxito nessas condições?"

"Então está bem. Serei firme por dentro e complacente por fora. Armar-me-ei com os exemplos da antiguidade; sendo firme por dentro serei um seguidor do Céu. Sendo um seguidor do Céu, saberei que o Príncipe é um filho, como eu, do Céu. Por isso, por que razão deverei preocupar-me se as pessoas aprovarão ou não as minhas palavras? A isso se chamaria ser infantil; eu chamo ser um seguidor do Céu.

Sendo complacente por fora, serei um seguidor dos homens. Levantar o retábulo, ajoelhar-se, curvar-se, arquear-se, esse é o comportamento de um ministro. Todos os homens fazem isso. Porque não eu também? Se fizer como os outros fazem, não terei problemas! É a isto que chamo ser seguidor dos homens.

Cumprindo os preceitos estarei a seguir a antiga tradição. Apesar das minhas palavras poderem ser de censura e crítica, não serão minhas mas dos sábios. Por isso não terei nenhum receio de falar. É a isto que chamo seguir a tradição. Não resultará?"

Confúcio respondeu-lhe: "Como poderá resultar? Tens demasiados planos, mas além de serem subtis são inadequados. Essas ideias pré

concebidas talvez não te tragam problemas, mas não irão mais longe por isso. Como poderás influenciá-lo, de algum modo? Ainda estás a ser muito rígido naquilo que pensas fazer."

UMA UNIDADE PERFEITA DIFICILMENTE SE COADUNA COM A HIPOCRISIA

Yen Hui perguntou novamente: "Isso foi tudo o que me ocorreu. Posso, então, perguntar-lhe o que se deve fazer?"

Confúcio disse-lhe: "Deves praticar o jejum, e digo-te porquê. Poderá ser fácil agir com base em ideias pré concebidas? O Céu desconfia daqueles que assim pensam."

Ao que Yen Hui replicou: "A minha família é pobre, e eu não bebo vinho nem como carne faz muito tempo; não será isso jejuar?"

"Não", disse Confúcio. "Isso é o jejum que se pratica nos rituais e não o jejum do pensamento. A tua vontade tem de ser una; não escutes com o ouvido mas com a mente. O ouvido só poderá escutar. A mente só poderá pensar, mas a energia vital estará vazia e recetiva a todas as coisas. O Tao habita no vazio e esse vazio é o jejum da mente."

Yen Hui respondeu: "Antes de ter ouvido tudo o que dissestes eu imaginava ser Hui. Agora que o ouvi, já não sou mais Hui. Será isto o vazio?

"Exactamente" disse Confúcio. "Deixa-me agora explicar-te. Tu podes entrar ao serviço desse homem mas não te lances em frente. Se ele escutar fala. Se não, fica em silêncio. Não cries lacunas (n.t. posicionamentos precários) e não serás atingido. Fica atento e aceita o que acontecer. Desse modo estarás perto do sucesso. Se não te moveres fácil te será passares sem seres notado. Mas é difícil andar sem pisar o chão. É mais fácil ser hipócrita nos acordos com os homens, mas é difícil ser hipócrita nos acordos com o Céu.

Tu podes compreender como se poderá voar tendo asas, mas não percebes como se poderá voar sem as ter. Compreendes como agir a partir do conhecimento, mas ainda não percebes como se atua a partir da completa ignorância. Olha o espaço vazio. É no vazio que a luz se gera. Há felicidade na imobilidade, e à ausência de imobilidade se chama passear sentado. Se te abrires a tudo o que vires e ouvires, e permitires que isso actue através de ti, até os deuses e espíritos virão ao teu encontro, para não falar dos homens. Isto representa a transformação de todas as coisas, o segredo dos sábios e a sua prática constante. Muito mais útil será isso para o homem comum."

PRINCÍPIOS UNIVERSAIS

Tendo, o duque de She, Tsu kao, sido incumbido de se deslocar ao estado de Chi, na qualidade de embaixador, e porque se sentisse apreensivo, foi consultar Confúcio, a fim de receber concelho: "O rei confiou-me uma missão da máxima importância. É provável que o Príncipe de Chi me receba com todas as honrarias, mas não revele interesse imediato ao que lhe vou propor. Até mesmo os homens comuns evitam apressar-se a tomar decisões, quanto mais um senhor feudal. Mas tal facto torna-me apreensivo.

Vós, mestre, sempre disseste que, em todas as questões, sejam grandes ou pequenas, poucos serão aqueles que obterão êxito, se falharem em seguir o Tao. Mas, se falhar em obter sucesso na minha missão, tornar-me-ei alvo da crítica. Por outro lado, se obtiver êxito, serei perturbado pelas flutuações da ânsia e da confusão, porquanto, só aquele que for sábio atuará livre dos resultados, e estará, pois, ao abrigo de toda a afetação resultante do que suceder.

Geralmente, alimento-me com comida sem condimentos, pelo que não careço de bebidas refrescantes. No entanto, fui nomeado para esta missão pela manhã, e à noite já estava sedento de água fresca. Estarei com febre? Antes, mesmo, de ter uma noção objetiva da situação, já me encontro vítima da ansiedade e da confusão. Se não conseguir obter êxito serei, certamente, condenado à crítica. Acho-me duplamente atado, pois esta tarefa excede as minhas capacidades de ministro. Não poderá, mestre, dizer-me de que modo deverei proceder?"

Confúcio respondeu-lhe: "As questões do mundo são regidas por dois princípios universais, os quais se impõe que respeitemos: um, é a ordem natural; o outro, é o dever. Segundo a ordem natural um filho não pode furtar-se a amar e a respeitar os seus pais; tal não pode, simplesmente, deixar de se fazer premente no seu afeto. Por outro lado, é dever de todo súbdito servir o seu soberano. Aonde quer que vá, deverá respeitar tal dever. É por isso que lhes chamo *princípios universais*. A suprema piedade filial consiste em honrar os próprios pais, onde quer que se esteja, e em todas as circunstâncias.

A mais elevada forma de lealdade para com o soberano consiste em cumprir as suas funções com espírito de boa vontade. Servir os próprios desígnios, livres de toda a emoção por parte da tristeza ou alegria, aceitando o que quer que suceda, imbuído da compreensão de nada haver a fazer contra o facto, é a mais elevada virtude. Seja na qualidade de súbdito ou de filho, sempre pode ocorrer algo de inevitável que se seja obrigado a aceitar. Faz o que tiver de ser feito e não te preocupes contigo próprio; desse modo não terás porque te preocupar, nem em preferires uma coisa em detrimento de outra.

Cumpre a tua missão desse modo, e tudo acabará por resultar pelo melhor.

DEIXAR QUE A MENTE ENCONTRA PRAZERES SADIOS E ADEQUADOS

Vou dizer-te mais uma coisa. Se dois indivíduos ou Estados mantiverem entre si elos de firmeza, a confiança recíproca demonstrar-se-á na realização. Caso se encontrem apartados pela distância, a sua boa-fé terá de ser renovada por intermédio de um terceiro, que se encarregará de transmitir mensagens de confiança. Encarregar-se dessa missão, porém, é das coisas mais difíceis, sejam mensagens de regozijo ou de ira.

Quando ambas as partes pretendem agradar, gera-se a tendência para o exagero nos elogios. Se ambas sustentarem sentimentos de ira e queixume, haverá tendência para exagerarem na crítica. O exagero, porém, trais sempre a justiça; e sem justiça ou verdade é improvável que resulte confiança. É por isso que se diz que é preferível falar a verdade sem exageros, de modo a não se ser prejudicado.

O combate entre dois lutadores é geralmente iniciado num estado de abertura de espírito amigável e desprendido mas, na maior parte das vezes, termina no ressentimento e na amargura. É comum no calor da disputa trocarem-se certas imprecações que se tornam conducentes ao dano e à zanga. Quando, nas cerimónias, os homens começam a beber, iniciam com toda a polidez, todavia, é comum terminarem na descompostura. O que se inicia assim, num espírito de diversão acaba, a maior parte das vezes, na insensatez e no exagero; Assim é com tudo, que a princípio parecia destituído de importância, termina adquirindo proporções monstruosas.

As palavras e os atos são como os ventos e as ondas do mar, que facilmente podem ser postos em movimento. Os interesses em jogo facilmente produzem situações de perigo real. A ira decorre da esperteza e das meias verdades empregues. Quando os animais se confrontam com a eminência da morte, tornam-se apoderados por uma ferocidade que os faz rosnar e grunhir ou até atacar sem receio. Do mesmo modo, quando um indivíduo se vê forçado para lá da medida, pode ser impelido a tornar-se agressivo, sem saber porquê. E se nem ele próprio conhece as razões desse seu comportamento, quem saberá saber onde tudo isso irá parar, ou terminar?

É por isso que se diz: “Não te desvies das tuas instruções nem te apresses a terminar a tua tarefa.” Não forces as coisas. É perigoso ultrapassar os limites naturais, pois podes comprometer-te e tornar irreversível o processo das negociações. Uma vez empreendida alguma atitude errada, poderá tornar-se demasiado tarde para a

corrigir. Mas todo bom desenlace leva o seu tempo a desenvolver. Deste modo, deixa-te seguir na corrente das coisas e conserva a mente livre. Permanece intimamente ordenado e cuida da tua força interior, de modo a aceitar o inevitável. Esse é o melhor método de procedimento. De que outra forma poderás agir, de modo a levar a cabo a tua tarefa? É preferível deixar que tudo se desenrole com naturalidade, muito embora tal, seja, de facto, pouco fácil de conseguir.

SER SUFICIENTEMENTE CUIDADOSO PARA MANTER O CORRETO E A NATUREZA INATA

Yen Ho estava prestes a tornar-se tutor do príncipe da Coroa, filho do duque Ling, do estado de Wei. Foi consultar Chu Po Yu dizendo: "Eis aí alguém que é naturalmente violento. Se eu deixar que permaneça indisciplinado, o Estado correrá perigo. Se o procurar corrigir, incorrerei eu próprio em risco. Ele conhece o suficiente para reconhecer as faltas nos outros, mas não o suficiente para reconhecer as próprias. Nesta circunstância, que poderei fazer?"

Chu Po Yu respondeu: "Eis uma excelente questão! Fica em guarda, sê prudente e assegura-te de que atuas apropriadamente. Aparenta ser flexível mas preserva a harmonia interior. Todavia, conseguir essas duas coisas envolve perigo; conquanto flexível assegura-te de continuares centrado. Mantém a total harmonia mas não a reveles abertamente. Se fores demasiado flexível e perderes o teu centro então serás vencido e destruído, e desmoronar-te-ás.

Se tentares demonstrar a tua compostura, serás criticado e dilapidado, levado na conta de filho da mãe e de inimigo. Se ele quiser ser infantil, sê infantil juntamente com ele. Se quiser agir de uma forma estranha, age como ele. Se ele quiser ser descuidado, sê descuidado com ele. Assim poderás tê-lo ao alcance e trazê-lo de volta ao equilíbrio."

"Conheces a história do monge que orava? Ergueu um braço para fazer com que a carruagem que se aproximava parasse, sem perceber que tal estava além do seu poder, tal era a elevada opinião que tinha de si mesmo. Vigia e sê cuidadoso. Se ofenderes o Príncipe ao ostentares os teus próprios talentos, estarás a cortejar o desastre."

"Sabes o que faz o domador de tigres? Não se arrisca a alimentar os tigres com animais vivos, com receio de lhes despertar a ferocidade, quando eles os matam. Não se arrisca a nutri-los com carcaças inteiras, com medo de lhes despertar a raiva, quando as despedaçam. Ele sabe quando os tigres se encontram famintos e

saciados; por isso, acha-se em contato com a sua natureza feroz. A dos tigres é uma espécie diferente da dos homens, no entanto, se observarmos o seu comportamento, poderemos treiná-los na docilidade. Eles só matarão uma vez excitados."

"Um homem apaixonado por cavalos recolhe o estrume num cesto e a urina num balde. Se um mosquito ou uma mosca pousam num cavalo ele os enxotar de forma demasiado rápida, o cavalo poderá perder o freio, magoar o homem, e partir-lhe as costelas. Uma pessoa assim será dotada de boas intenções, mas levá-las-á longe demais. Podes permitir-te ser descuidado?"

ALGUNS PARECEM INÚTEIS AOS OLHOS DOS DEMAIS, E POR ESSE MEIO PERMANECEM NOS PRÓPRIOS TERMOS INATOS

Shih, o carpinteiro encontrava-se a caminho do Estado de Chi. Quando chegou a Chu Yuan, avistou um carvalho peto do santuário da aldeia. A árvore era suficientemente grande para dar sombra a muitos bois e tinha centenas de braços de copa. Assemelhava-se a uma torre sobre a crista dos montes, com os ramos mais baixos a oitenta pés do chão.

Vários deles eram tão grandes que poderiam ser transformados em barcos. Encontrava-se ali uma multidão de pessoas, como se fosse um mercado. O mestre carpinteiro nem sequer voltou a cabeça e prosseguiu viagem sem se deter. O seu aprendiz lançou um olhar demorado, e de pois correu atrás de Shih, o carpinteiro, e disse: "Desde a hora em que peguei no meu machado e te segui, mestre, nunca vira madeira tão bela como esta. Mas tu nem sequer te deste ao trabalho de a contemplar e prosseguiste sem parar. Porquê?"

Shih, o carpinteiro, respondeu: "Pára! Não digas mais nada! Aquela árvore é inútil. Um barco feito dela afundar-se-ia, um caixão rapidamente apodreceria, uma ferramenta racharia, uma porta empenaria e uma viga ganharia caruncho. É madeira inútil aquela, e sem préstimo. É por isso que alcançou idade tão avançada."

Após o regresso de Shih a casa, a árvore sagrada apareceu-lhe num sonho, dizendo: "Com que é que estás tu a comparar-me? Estás a comparar-me com árvores inúteis? Há cerejeiras, macieiras, pereiras, laranjeiras, limoeiros e outras árvores de fruto. Assim que os frutos amadurecem, as árvores são despidas e abusam delas. Os ramos maiores são cortados e os menores esgaçados, e elas têm uma vida amarga por causa da sua utilidade. É por isso que não vivem uma vida natural, e são cortadas na sua juventude. Elas atraem a atenção das pessoas vulgares. O mesmo se passa com todas as coisas. Quanto a mim, tenho vindo faz tempo a tentar ser inútil. Algumas

vezes quase fui destruída, mas finalmente sou inútil, e isso tem-me sido bastante útil. Se eu tivesse sido útil teria crescido tanto?"

"Além disso, tu e eu somos ambos coisas. Como poderá uma coisa julgar uma outra coisa? Que poderá um homem inútil e moribundo quanto tu saber de uma árvore inútil?"

Shih, o carpinteiro, acordou e procurou compreender o sonho que tivera. O aprendiz disse: "Se ela tinha assim tanto desejo de ser inútil, como é que serve de santuário?"

Shih, o carpinteiro, disse: "Calma! Deixa de falar! Ela está apenas a fingir ser alguém que não possa ser ferido pelos que não sabem que ela é inútil Se não se tivesse tornado uma árvore sagrada, provavelmente teria sido cortada. Ela protege-se a si própria de maneira diferente da utilizada pelas coisas comuns. Nós não a compreenderemos de uma forma comum."

DUAS FORMAS AFORTUNADAS DE PRESERVAR ALGO VALIOSO: MANTER-SE AFASTADO OU MOSTRAR DESAPREÇO

Nan-po, mestre Ki, andava a vaguear pelos montes Chang quando se deparou com uma extraordinária árvore enorme capaz de dar abrigo a várias carruagens. Tze Chi disse:

"Que tipo de árvore será este? Deve dar uma madeira muito especial. Todavia, ao olhar para cima viu os ramos enrugados e retorcidos que não poderiam ser usados para barrotes nem para vigas. Olhou para baixo e viu que o tronco estava cheio de nós, e que não poderia ser usado para fazer caixões. Saboreou uma das suas folhas e ficou com a boca a arder e a língua retalhada. O odor que exalava deixou-o intoxicado e inebriado durante três dias.

Tze Chi disse: "Na verdade, esta árvore não serve para coisa nenhuma. Não é de admirar que tenha atingido tal tamanho. É assim mesmo! Esse é o tipo de inutilidade que os sábios privilegiam.

Ching Shih, na província de Sung, é um local excelente para o cultivo da catalpa, do cipreste e da amoreira. As que atingem sete ou oito palmos são cortadas para fazer pranchas laterais para os caixões das famílias aristocratas e dos mercadores ricos.

As que atingem os três ou quatro palmos são cortadas pelos que precisam de vigas para as suas casas sumptuosas e afamadas. As que não atingem mais do que um palmo são cortadas para fazer postes para quem quer amarrar o macaco. Assim, as árvores nunca chegam a atingir a sua estatura completa e têm um fim prematuro a meio do seu crescimento. Esse é o risco implícito à utilidade.

Da mesma maneira, as escrituras especificam que os bois de testa alva, os porcos de focinho arrebitado e os homens que padecem de hemorroidas não podem ser sacrificados ao deus do rio. Os feiticeiros identificam-nos por essas especificidades e consideram que trazem má sorte. Contudo, os sábios, acreditam que eles sejam afortunados.

DEFORMADO, CONTUDO CAPAZ DE SE SUSTENTAR

Existiu outrora um corcunda chamado Shu. O queixo dele parecia repousar sobre o umbigo, os ombros erguiam-se-lhe acima da cabeça e a espinha apontava para o alto. As suas vísceras encontravam-se comprimidas na região superior do corpo e as ancas mais pareciam costelas. Afinando agulhas e lavando roupas lá conseguia ganhar o sustento. Joeirando e peneirando arroz, ele conseguia sustentar dez pessoas.

Quando as autoridades recrutavam soldados, esse pobre Shu podia mostrar-se por entre as gentes; sempre que havia alguma grande empreitada em curso, nenhum trabalho lhe era atribuído devido à invalidez em que se encontrava. Quando o governo distribuía trigo aos doentes, ele recebia três medidas e dez feixes de lenha para queimar. Se tal homem tão deformado de corpo era capaz de se sustentar e de viver até ao fim dos seus dias, quanto mais não o conseguirá os que apresentam deformação nas faculdades!

O PERIGO DA PUBLICIDADE EM DEMASIA E A VANTAGEM DA INUTILIDADE

Quando Confúcio foi ao estado de Chu, o louco de Chu – Chieh You – encontrava-se ao portão quando o mestre passou e disse:

"Oh fénix, oh fénix, como a tua virtude se degenerou! Não se pode ficar á espera do futuro; não adianta correr atrás do passado. Quando todo o mundo atinge o Tao (ordem natural), o sábio alcança a perfeição. Quando a desordem prevalece, ele poderá preservar a sua vida, mas desperdiçará o seu tempo. Em tempos assim, o melhor que há a fazer é manter-se à distância das complicações. A felicidade é mais leve do que uma pena, mas ninguém consegue suportá-la.

A calamidade pesa mais do que a terra, mas ainda assim ninguém sabe como evitá-la. Desisti! Desisti de abordar os homens com as vossas lições de virtude! Coreis perigo! Tomai cuidado para não demorardes onde tiverdes marcado o terreno contra o vosso avanço!

Eu evito a publicidade para que a minha senda não se veja prejudicada. Prossigo no meu curso, ora dando um passo atrás, ora de uma forma deformada, evitando os meus pés.

As montanhas veem-se enfraquecidas por causa das árvores. A gordura que é adicionada ao fogo consome-se a ela própria. A árvore da laca é útil por causa da resina que dá; razão por que lhe fazem cortes. Todos sabem da vantagem de ser útil, mas ninguém conhece a vantagem de ser inútil.

CAPÍTULO 5
SINAIS DE PLENA VIRTUDE

SER DIFERENTE CONSTITUI UM TESOURO

HAVIA UM CERTO WANG-TAI EM LU que tinha perdido ambos os pés; os discípulos que o seguiam e andavam com ele por toda a parte eram tão numerosos quanto os de Confúcio. Khang Ki perguntou a Confúcio por ele, dizendo:

"Embora Wan Tai seja um aleijado, tem tantos seguidores no estado de Lu quanto tu, mestre. Quando se ergue não lhes dá qualquer ensinamento; quando se senta, não faz o menor discurso. Mas eles vão a ele de mãos vazias e veem dele com elas cheias. Existirá efetivamente coisa tal como instrução sem palavras? E enquanto o corpo pode permanecer imperfeito, poderá a mente ser completa? Que tipo de homem será ele?"

Confúcio respondeu: "Esse mestre é um sábio. Eu cheguei a ele demasiado tarde, mas farei dele meu mestre; quanto mais não o deverão fazer aqueles que não se me assemelham! Por que deverei ficar-me pelo estado de Lu? Conduzirei tudo quanto existe sob o céu a fazê-lo comigo."

Khang Ki replicou: "Ele é um homem que perdeu os pés, no entanto é conhecido como venerável Wang; ele deve ser bastante diferente do homem comum. De que forma peculiar empregará ele a sua mente?"

A resposta que recebeu foi a seguinte: "Vida e morte são considerações de elevada importância, mas não conseguem operar o menor efeito nele. Ainda que o céu e a terra estivessem para desmoronar, não lhe ocasionariam a menor perturbação. O seu juízo fixa-se naquilo que não comporta o menor elemento de falsidade; e, conquanto as demais coisas mudem, ele não sofre qualquer mudança. As transformações das coisas para ele representam o desenvolvimento prescritos para elas, ele agarra-se tenazmente ao imutável."

Khang Ki disse: "Que é que queres dizer? Quando contemplamos as coisas," disse Confúcio, "à medida que apresentam diferenças, percebemo-las como diferentes, (como por exemplo) o fígado e o fel,

ou os estados de Ku e Yueh; quando olhamos para elas, se concordarem, percebemo-las a todas como a mesma coisa. O mesmo sucede com este Wang-Tai. Ele não se deixa guiar pelos ouvidos nem pelos olhos, mas a sua mente delicia-se na harmonia de todas as excelentes qualidades. Ele contempla a unidade inerente às coisas e não percebe em que é que elas possam sofrer qualquer perda Considera a perda dos pés como a perda de coisa insignificante."

Khang Ki disse: "Ele acha-se completamente imerso em si mesmo. Através do conhecimento que tem descobriu a natureza da sua mente e a isso se atém como aquilo que é imutável; Mas por que será que o têm em tal elevado conceito?"

A resposta que recebeu foi a seguinte: "Os homens não contemplam a água corrente como um espelho, mas a água imóvel; somente a imobilidade pode mante-los imóveis na contemplação do seu verdadeiro Eu. Quanto às coisas que são como são por influência da terra, somente o pinheiro e o cipreste constituem os melhores exemplos; que tanto no inverno como no verão brilham verdejantes. Quanto às coisas que são como são por influência do céu, os exemplos mais acertados seriam os de Yao e Shun; afortunados em viver corretamente, e em dar o exemplo de correcção aos outros."

"Ater-se às forças originais é o fundamento do destemor - como o espírito heroico de um único soldado bravo que é capaz de vencer nove exércitos. Se um homem que busque somente fama dessa forma a fim de a segurar é capaz de produzir um tal efeito, quanto mais não aquele que domina céu e terra, e que abraça a multiplicidade de coisas como o seu tesouro e que tem como morada temporária o corpo e cujos olhos e ouvidos servem para transmitir imagens efémeras de coisas, que compreende todo o conhecimento que possui numa unidade, e cuja mente jamais perece! Se um homem assim fosse escolher um dia para ascender ao alto, os homens procurariam segui-lo aí. Mas de que modo optaria ele por se preocupar com os outros?"

SE ESTIVEREM A ESFORÇAR-SE POR UMA BOA APARÊNCIA EXAMINEM-SE

Shan-thu Ki era outro homem que tinha perdido os pés. Juntamente com Dze-Khan de Kang ele estudou com o mestre Po-hwan Wu-zan. Tzu-khan disse-lhe certo dia: "Se eu sair primeiro, tu permaneces atrás; Se tu saíres primeiro, eu permanecerei atrás."

No dia seguinte encontravam-se de novo sentados juntos na mesma esteira na sala quando Tzu-khan proferiu as mesmas palavras acrescentando:

"Neste instante vou sair; ficas para trás ou não? Além disso, quando vires alguém de posição como eu, não procurarás sair do seu caminho? Considerar-te-ás igual a alguém de posição importante?"

Shän-thu Ki respondeu: "Na escola do nosso mestre existirá coisa alguma como reconhecimento requerido a uma posição importante? Vós sois alguém, Senhor, que tem prazer na posição de importância que assume, e em conformidade deve tomar precedência diante dos outros. Ouvi dizer que, quando um espelho reluz, não tem pó depositado; quando o pó se deposita, o espelho não reluz. Quando se passa muito tempo junto a um homem de competência e virtude, chegamos a tornar-nos irrepreensíveis. Aí temos o mestre que elegemos para nos tornar maiores do que somos; mas quando ainda falamos assim, não estaremos no erro?"

Tzu-khân replicou: "Tu, que és insignificante, e ainda te esforças por te fazer tão bom quanto Yao! Se examinares as tuas virtudes, poderás encontrar matéria de reflexão."

O outro respondeu: "A maioria dos criminosos, ao descreverem as ofensas cometidas, procurariam justificar-se para evitar a punição; poucos os descreveriam de forma que parecesse que se recusassem a ser poupados. Somente os virtuosos sabem que uma calamidade tal seria inevitável, e em consequência se resignariam ao inevitável, aceitando-o como a vontade do destino. Quando os homens se vêm na frente de um arqueiro como eu, com o seu arco armado, se se encontrarem no meio do campo de tiro, serão atingidos; E se não fossem atingidos, isso também seria o destino. Há muito quem tenha os pés e se ria de mim devido a que eu os tenha perdido, o que me deixa vexado e irritado.

Mas quando vou até o nosso mestre, ponho tal sentimento de lado, e retomo um humor melhor; ele purificou-me esse outro sem que eu tivesse conhecimento disso, com as suas instruções e a sua bondade. Há já dezanove anos que estudo com ele, e não sabia que me faltavam os pés. Agora, vós, Senhor, e eu temos por objeto do nosso estudo a virtude eterna e não um acessório do corpo, no entanto está continuamente a dirigir a sua atenção para o meu corpo externo; não estará errado isso?"

Tzu-Khan sentiu-se apreensivo, alterou os modos e os olhares, e disse: "Não precisa acrescentar mais nada, Senhor, em relação a isso."

CONSIDERANDO QUE POR UMA MULTIDÃO DE DISCÍPULOSSE É SIMPLESMENTE PUNIDO

Em Lu havia um aleijado chamado Shu-shan, o Sem Dedos, que veio sobre os calcanhares ver Confúcio. Confúcio disse-lhe: "Por causa da carência de circunspeção de que padeceste no passado, Senhor, incorrestes nesta calamidade; de que servirá vir a mim agora?"

O Sem Dedos respondeu: "Devido à ignorância do que me competia e ter tido tão pouco cuidado do meu corpo, cheguei a perder os dedos. Mas venho agora a vós ainda na posse do que é mais honroso do que os meus dedos, o que consequentemente anseio por preservar intato. Não há nada que o céu não cubra e nada que a terra não sustente; vós, Mestre, pensei que éreis como céu e terra; como poderia eu saber que me receberias deste modo?"

Confúcio replicou: "Fui incoerente. Mas porquê, mestre meu, não entras para te poder dizer aquilo que aprendi?"

Contudo, o Sem Dedos foi-se embora, e Confúcio disse: "Sejam estimulados ao esforço, discípulos meus. Este aleijado sem dedos ainda anseia aprender para compensar pelo mal da conduta anterior que teve; Quanto mais não deveriam ansiar aqueles cujas condutas não foram contestadas!"

Contudo o Sr. Sem Dedos disse a Lao Tze: "Confúcio, segundo percebi, ainda não conseguiu tornar-se num homem Perfeito. Que terá ele que ver com a reunião de uma multidão ao seu redor? Ele busca reputação de homem extraordinário e maravilhoso, e não sabe que o Homem Perfeito considera isso algemas e grilhões."

Lao Tzu disse: "Porque não o levaste simplesmente a ver a unidade de vida e morte, e que o admissível e o inadmissível pertencem à mesma categoria, de modo a libertá-los dos seus grilhões? Teria isso sido possível?"

O Sem Dedos disse: "É a punição que lhe foi infligida pelo Céu, Como poderá ele libertar-se dela?"

FEALDADE APROPRIADA

O Duque Ai de Lu abordou Confúcio, dizendo: "Havia um homem de aspeto feio em Wei, chamado Ai-thai-Tho. O seu padrasto, que viva com ele, tinha-o em tal consideração que não se conseguia afastar dele. As jovens, quando o viam (feio como era) corriam para casa dos pais dizendo: "Eu preferia ser sua concubina do que mulher de qualquer outro homem."

Nunca se ouviu que ele liderasse uma discussão, e sempre parecia cordato em relação à opinião alheia. Não tinha a posição de regente, de modo a poder salvar os homens da morte. Não tinha qualquer rendimento, para pode satisfazer a ansia de comida da parte dos outros. Por outro lado, era suficientemente feio, para deixar todo mundo apavorado. Concordava com os outros em vez de procurar persuadi-los quanto às suas perspetivas. Os conhecimentos que tinha não iam além da vizinhança. Contudo, o seu padrasto e a sua mulher eram da mesma opinião com respeito a ele, na sua presença; ele deve ter sido diferente dos outros homens. Eu chamei-o, e vi-o. Decerto que era suficientemente feio para assustar o mundo inteiro. Todavia, não tinha vivido comigo.

Durante muitos meses, quando me senti atraído para o homem, e antes de passar um ano inteiro comigo, eu tinha confiança nele. Por o estado não ter um ministro, eu era de opinião de lhe entregar o governo a ele. Ele respondeu à proposta que lhe fiz com tristeza, e pareceu evasivo como se de bom grado a tivesse declinado. Senti vergonha de mim próprio, como se fosse inferior a ele, m as por fim entreguei o governo nas suas mãos. Contudo, em pouco tempo ele deixou-me e partiu. Eu fiquei triste e senti que tinha sofrido uma perda, coo se não houvesse mais quem partilhasse os prazeres do reino comigo. Que tipo de homem seria ele?

Confúcio disse: "Certa vez em que fui enviado numa missão a Ku, vi alguns porcos a mamar na sua mãe morta. Passado uns instantes deitaram um olhar rápido, e todos a abandonaram, fugindo. Sentiram não a ter visto, e que ela não mais se parecia com eles. Aquilo que tinham apreciado na sua mãe não era a sua figura corporal, mas aquilo que lhe tinha animado essa figura. Quando um homem morre na batalha, eles não usam as suas vestes costumeiras de penas no enterro. Quando a fornecer calçado para alguém que perdeu os pés, não sobra a menor razão para se preocuparem com isso. Em qualquer dos casos não subsiste razão apropriada para o seu uso.

Os membros de um harém real não aparam as unhas nem furam as orelhas; quando um homem é recém-casado, durante um tempo permanece ausente dos seus deveres oficiais e não se ocupa deles. Tal era a importância de manter o corpo num todo; quanto maior resultados não deverão esperar aqueles cujos dons mentais são dotados de perfeição!

Esse Ai-Thai-Tho tinha a confiança dos homens, embora não pronunciassem uma palavra, e era amado por eles, embora não lhes rendesse qualquer serviço especial. Ele levou os homens a nomeá-lo chefe do estado deles, receosos somente que ele não aceitasse tal cargo. Ele deve ter alcançado a perfeita harmonia, embora a percepção que tivesse deles não se manifestasse na sua pessoa.

O Duque Ai disse: "Que queres dizer com ter alcançado a perfeita harmonia?"

Confúcio respondeu: "Vida e morte, preservação e ruína, sucesso e fracasso, pobreza e riqueza, superioridade e inferioridade, elogio e culpa, fome e sede, frio e quente; isso são mudanças de circunstância, o funcionamento do nosso fado. Dia e noite sucedem-se diante de nós, mas não há quem na sua sabedoria consiga descobrir a sua origem, pelo que não se revelam suficientes para perturbar a harmonia (da natureza) nem têm permissão para penetrar no domínio da inteligência.

Levar a que esta harmonia e satisfação sempre se difunda, sem perder de vista a sensação de prazer; não permitir que se interrompam neste estado dia e noite, de modo que sempre seja Primavera na relação que tem com as coisas exteriores; em todas as experiências perceber o que seja indicado para cada estação do ano; essas são as características daquele que alcançou a perfeita harmonia.

"E que queres dizer com perceção dessa harmonia não manifesta na pessoa," prosseguiu o Duque.
E a resposta que recebeu foi:

Não há nada que atinja o equilíbrio como a superfície de um lago de águas tranquilas. Isso pode servir de exemplo para aquilo que quero dizer. Tudo quanto se situe no seu íntimo será preservado em paz, e nenhuma agitação oriunda do exterior o atingirá. A eficácia da virtude está no cultivo perfeito da harmonia da natureza. Embora o percebimento disso não se manifeste na pessoa, as coisas não se podem furtar à sua influência.

Alguns dias mais tarde, o Duque Ai contou a conversa que tinha tido ao Mestre Min, dizendo: "Ao voltar a olhar ara si, parecia-me que seria obrigação do soberano nomeado para o governo voltar a face para sul, para governar o reino, e guiar as pessoas e cuidar das suas vidas, para que não terminem na miséria; isso considerava eu ser o máximo do dever que lhe cabia. Agora que ouvi uma descrição destas acerca do Homem Perfeito, receio que a ideia que tinha não fosse correta, ao empregar-me tão levianamente que podia conduzir o meu estado à ruína. Confúcio e eu não nos relacionamos mais como governante e súbdito, mas como virtuosos amigos."

ENCONTREM DISTRAÇÕES E GOSTOS QUE OS CULTIVEM, E LHES PROLONGUEM A VIDA

Uma pessoa sem lábios, e cujas pernas deformadas a ponto de só poder caminhar nas pontas dos pés, ou que apresentasse outra

deformação, dava concelhos ao Duque Ling de Wei, que se sentia de tal modo satisfeito com ele que, quando via pessoas de fisionomia normal as achava comparativamente magras e descarnadas. Outra com um enorme bócio como uma jarra de barro, dava seus concelhos ao Duque de Khi, que se sentia de tal modo agradado com ele que o achava homem perfeito e dotado de pescoço magro em comparação com ele. Assim é que, quando a virtude que se possui é extraordinária, qualquer deformidade física pode ser esquecida.

Quando os homens não esquecem o que é facilmente deveriam esquecer, e esquecem o que não é fácil esquecer, temos um verdadeiro caso de esquecimento grave! Por isso, o sábio contrai aquilo em que a sua mente encontra prazer, e encara a sabedoria como brotos de um velho cepo; acordos e convenções, para ele, assemelham-se a cola; a amabilidade não passa de artifício próprio das relações sexuais e as aptidões assemelha-se a mercadoria de mercador.

O sábio não estabelece planos. De que lhe serviria a sabedoria? Ele nada tem a aperfeiçoar. De que lhe serviria a cola? Ele não sente falta de nada. De que lhe serviriam os artifícios próprios das relações sexuais? Ele não tem bens de que possa dispor: que necessidade terá ele de passar por mercador? A falta dessas quatro coisas constitui uma graça dos céus. Dado que ele acolhe essa graça dos céus, que necessidade terá ele qualquer coisa que proceda da conceção dos homens?

Ele possui forma humana, mas não a paixão nem os desejos dos outros. Ele possui forma humana, pelo que homem será. Mas não possuindo as paixões nem os desejos dos semelhantes, não é senhor de aprovação nem de desaprovação. Quão pequeno e insignificante é o corpo pelo qual faz parte da humanidade! Quão grandiosa é a perfeição única que é própria da sua natureza celeste!

O mestre Hui disse ao Mestre Chuang: "Poderá efetivamente um homem ser desprovido de desejos e paixões?"

E a resposta que recebeu foi: "Pode, sim."

Mas, com base em que é que lhe chamareis homem, quem será que não tem desejos ou paixões?'
O Mestre Chuang disse: "O Tao dá-lhe a aparência e os poderes pessoais; O Céu dá-lhe a forma corporal; porque não deveríamos chamar-lhe homem?"

O Mestre Hui retorquiu: "Já que lhe chamas homem, como poderá ser desprovido de paixões e de desejos?"

E a resposta que recebeu foi: "Estás a interpretar mal o que refiro por paixões e desejos. O que quero dizer quando afirmo que não tem nada disso é que, esse homem não provoca qualquer agravo à sua condição corporal com base nos gostos e aversões; sempre segue o seu curso sem esforço, e não procura prolongar a sua vida."

O Mestre Hui retorquiu: "Se não tiver esse crescente prolongamento de vida, como conseguirá ter corpo?"

O Mestre Chuang disse: "O Tao concede-lhe o aspeto e poderes pessoais; O Céu concede-lhe a forma física; ele não provoca qualquer dano corporal por intermédio dos gostos e aversões. Mas vós, Senhor, lidais com o vosso espírito como se ele fosse algo externo a vós, e sujeitais a vossa força vital à labuta. Vós cantais as vossas cantigas encostado a uma árvore; Dorme agarrado a um tronco de árvore apodrecida. O Céu concedeu-lhe a forma corporal de homem, e você não para de balbuciar acerca da dureza e da brancura."

CAPÍTULO 6
O VERDADEIRO MESTRE

PERFEIÇÃO NATURAL – NÃO SERÁ ISSO HUMANO?

AQUELE QUE DISTINGUE A PARTE que nele opera proveniente do céu, e que distingue a parte que nele opera proveniente da terra, esse atingiu a perfeição do conhecimento. Aquele que conhece a parte que o divino desempenha sabe que nasce naturalmente consigo; aquele que conhece a parte que o humano deve desempenhar dá prosseguimento ao conhecimento que possui no suprir daquilo que ainda não conhece, para que desse modo complete o seu tempo de vida e não veja a perfeição do conhecimento comprometida por uma morte antecipada.

Apesar de ser assim, ainda subsiste um problema. Um tal conhecimento ainda dependerá de uma confirmação, por ainda não se achar determinado. Como haveremos de saber se aquilo que chamamos de Céu em nós não será humano e o que chamamos de Humano em nós não será divino?

Primeiro precisará existir o Homem Verdadeiro e só depois poderá existir o Verdadeiro Conhecimento.

TENTATIVAS SUPERFICIAIS DE DISTINÇÃO

Mas, que será isso de "Homem Verdadeiro"?

O Homem Verdadeiro do passado não rejeitava o frugal; não procurava realizar os seus fins por uma questão de orgulho, nem traçava planos para alcançar esses fins. Assim sendo, embora pudesse cometer erros, não era acometido pelo arrependimento; embora pudesse obter êxito não era complacente consigo próprio. Desse modo, era capaz de ascender aos lugares mais elevados sem medo, podia atravessar a água sem ficar molhado, atravessar o fogo sem se queimar; assim era que pelo conhecimento que alcançava ascendia e atingia o Tao.

O Homem Verdadeiro do passado não sonhava quando dormia, nem sentia ansiedade quando permanecia acordado, e tão pouco se preocupava por que a comida fosse boa. Cultivava uma respiração profunda e silenciosa. A respiração do Homem Verdadeiro procede até mesmo dos calcanhares, enquanto a dos homens comuns geralmente procede unicamente das suas gargantas. Quando os homens são derrotados na discussão, as palavras procedem das goelas como vómitos. Quando desejos e cobiça se acham enraizados, o que brota do Céu neles permanecem supérfluo.

O Homem Verdadeiro do passado nada sabia do apego pela vida nem do horror pela morte. A vinda à vida não era causa de exaltação; o abandono da vida não lhe desencadeava a menor resistência. Serenamente ia e vinha. Não esquecia as origens nem procurava aferir o seu fim. Aceitava a sua vida e alegrava-se com isso; esquecia todo o temor da morte e retornava ao estado original. Tinha o que é chamado de "falta de querer" para resistir ao Tao e de "tentativas humanas" para ajudar ao divino. Assim era o Homem Verdadeiro.

O SÁBIO SABE TIRAR PROVEITO ATÉ MESMO DO PREJUÍZO

Assim sendo, gozava de liberdade em relação a todo o pensamento; tinha uma conduta calma e imperturbável e irradiava alegria e simplicidade. Qualquer indiferença que demonstrasse assemelhar-se-ia à calidez da Primavera. A alegria e a ira que o inundava fluíam como as estações. Fazia o que era conveniente em todas as coisas, e ninguém conseguia medir o alcance das suas ações. Por isso, conquanto o sábio possa embrenhar-se na guerra, é capaz de destruir um estado sem comprometer o coração dos homens.

Os benefícios e favores que proporciona, entendem-se a incontáveis gerações posteriores sem que apego pelos homens. Por isso, aquele que se esforce por levar alegria e sucesso aos demais, não sente júbilo nem é bem-sucedido; aquele que pretende demonstrar afeto não é benevolente; o que observa os costumes da época para regular a sua conduta, não é possuidor de virtude; aquele para quem o proveito e o dano não sejam o mesmo, não é um homem verdadeiramente digno; aquele que age em prole do reconhecimento

e o faz sem noção da adequação, não revela compreensão; aquele que se desvia do caminho e não é verdadeiro consigo próprio não poderá comandar os outros. Homens como Hu Pu-Chieh, Wu Chuang, Po I, Chou Chi, o conde de Chi, Hsu Yu, Chi Tah e Chang Tu Ti, todos prestaram serviços à humanidade e trataram de lhe suprir as necessidades, sem terem encontrado alegria nisso.

A GENEROSIDADE APROPRIADA APOIA OS ESFORÇOS EMPENHADOS

O Homem Verdadeiro do passado era altivo no julgar os demais corretamente, mas sem ser partidário; procurava apurar as próprias insuficiências, mas não aceitava adulação nem servilismo. As peculiaridades que o caracterizava eram-lhe naturais, mas não se apegava a elas de forma obstinada; tinha uma aparência humilde, mas desprovida de ostentação.

A placidez e satisfação que demonstrava tomavam um aspeto de felicidade; tudo quanto evidenciava parecia constituir uma necessidade para ele. A radiância que emitia atraia os olhares dos homens; a insipidez que demonstrava fixava o apego dos homens na sua virtude. Parecia acomodar-se aos moldes da época, mas sem perder o discernimento; a indiferença altiva que demonstrava era espontânea. Infatigáveis pareciam ser os esforços que envidava para manter a boca fechada; quando se compenetrava, ficava abstrato, como se não fosse consciente do que queria dizer.

Considerava a punição como matéria do governo e não incorriam nela; achava que as cerimónias eram o seu suporte, e sempre as observava; tinha o conhecimento (razão) na conta de uma necessidade na orientação da ação, e do oportuno; a virtude, via-a como o acordo constante com os outros, e mostrava acordo em tudo. Ao considerar a punição como matéria dos governos, demonstrava rigor no julgar. Ao considerar as cerimónias como o suporte dos governos, colocava o homem em primeiro lugar.

Por considerar a razão um guia na definição do momento oportuno da ação, tinha necessidade de a empregar. Ao considerar que a virtude residia no perfeito acordo de si, procurava aspirar a ela junto de quantos demonstrassem o mesmo. Assim era, mas ainda assim os homens pensavam que agia assim com base num empenho esforçado.

MELHOR SERÁ QUE ESQUEÇAM AS DICOTOMIAS

Desse modo era uno e o autêntico nas preferências e nas aversões que nutria. Naquilo de que gostava cooperara com o divino em si; naquilo por que sentiam aversão estava em conformidade com a sua natureza humana. Nenhum desses elementos superava o outro na

sua natureza. Assim era aquele que é chamado de Homem Verdadeiro.

Vida e morte fazem parte da ordem das coisas, tal como a sucessão constante do dia e da noite; ambos os casos excedem a interferência do homem. Tal é a natureza das coisas. Há quem considere o Céu como seu Pai e o ame à distância. Quanto mais não deveriam amar AQUILO que se destaca como superior e único! Alguns sentem em especial que os seus governantes lhes sejam superiores, e entregam-se de bom grado à morte por eles; quanto mais não o deveriam fazer por AQUILO que os rege verdadeiramente a eles próprios! Quando as fontes secam, os peixes ficam encalhados e tentam untar-se no lodo e humedecer-se uns aos outros, mas seria melhor que pudessem esquecer-se dos outros nos rios e nos mares. Mas quando os homens louvam Yao e condenam Chie, seria melhor que esquecessem ambos, e procurassem transformar-se no Tao.

O MUNDO REPOUSA NA REALIDADE MAIOR

A Natureza impõe-nos a labuta dura da terra, mas na velhice nela encontramos descanso e na morte nela encontramos repouso. O que faz com que a minha vida seja boa também faz com que a minha morte seja boa. Se escondermos um barco na falésia e uma rede de pesca num lago, diremos que o barco e a rede estejam seguros; mas à noite sucederá que venha um homem forte e os carregue consigo sem que tenhamos como dar por isso. Os néscios acham acertado ocultar as coisas pequenas nas grandes mas ainda assim elas desaparecem. Mas se puderem ocultá-las às vistas de todos não haverá de onde possam ser tiradas. Essa é a grandiosidade das coisas.

Possuir um corpo humano é motivo de júbilo, porém esse corpo passa por uma miríade de transformações que não têm fim; isso não será causa de incalculável alegria? Por conseguinte, o homem sensato desfruta daquilo que não tem possibilidade de sofrer separação e por intermédio do que todas as coisas são preservadas. Considera a morte prematura e a idade avançada, o começo e o fim, tudo positivamente. Se ele servir de exemplo para os homens, quanto mais o não será AQUILO de que todas essas coisas dependem e de que toda a transformação brota!

ABSTER-SE DE SER CONSIDERADO PROFUNDO

O Tao comporta emoção e sinceridade, mas não move nada diretamente nem possui forma. Pode ser transmitido pelo mestre, mas não pode ser adotado. Pode ser apreendido pelo intelecto, mas não visto. Possui as suas raízes e fundações na SUA própria natureza. Existiu antes que existisse Céu e Terra por toda a eternidade. D'Ele

provieram os espíritos e os deuses. Ele produziu a Terra e existia antes do éter, mas ainda assim não pode ser considerado elevado. Encontra-se por base de todo espaço e ainda assim não pode ser considerado profundo. Foi criado antes de Céu e Terra, no entanto não se pode dizer que exista há muito tempo. Acha-se em existência como a coisa mais antiga mas ainda assim não pode ser considerado velho.

Chi Wei alcançou-o, e com isso harmonizou Céu e Terra. Fu Si realizou-o e por ele penetrou no mistério da fonte da matéria primordial. A Ursa Maior alcançou-o e desde toda a antiguidade não se afastou do seu curso. O sol e a lua atingiram-no, e por toda a antiguidade não deixaram de resplandecer. Kan Pi alcançou-o, e com isso se tornou senhor de Kun Lu. Feng I realizou-o e com isso deleitou-se pelas margens do grande rio. Kien Wu alcançou-o, e com isso foi viver para o Grande Monte Tai. O Imperador Amarelo alcançou-o e assim ascendeu acima das nuvens até aos céus.

Kuan Su, a Rainha Mãe do Ocidente, alcançou-o e por isso habitou no Palácio Negro. Yu Chiang alcançou-o e por isso foi viver para o polo norte. Hsi Wang Mu alcançou-o e obteve uma posição no palácio de Shao Kuan. Ninguém sabe onde começa nem onde acaba. O Mestre Peng alcançou-o e viveu do tempo de Senhor de Yu até ao tempo dos Cinco Príncipes. Fu Yueh realizou-o e tornou-se primeiro ministro de Wu-Ting, e assim num instante se tornou mestre do reino. Após a sua morte Fu Yueh alçou-se até à porção ocidental da Via Látea onde, cavalgando Sagitário e Escorpião, tomou o seu lugar por entre as estrelas.

O SÁBIO PODERÁ COMUNICAR O CAMINHO A QUEM MANIFESTAR RECEPTIVIDADE, MAS FÁ-LO-Á?

Nan Po Tzu Chuei interrogou Nu Yi dizendo: "Vós sois velha, mestre, mas apresentais a compleição de uma criança; como será isso possível?"
E recebeu a seguinte resposta: "Familiarizei-me com o Tao."
O outro retorquiu: "Poderei cultivar com o Tao?"

Nan Po Tzu Chuei respondeu: "Não. Como o poderias? Não és homem para tanto, amigo. Havia Pu Liang I, que possuía a destreza de um sábio, mas não a sabedoria do Tao. Ao passo que eu tenho a sabedoria do Tao, mas não o talento. Contudo, desejaria ensiná-lo, se porventura, ele pudesse tornar-se efectivamente num sábio, pensando que deva ser fácil alguém que já possua a destreza de um sábio apossar-se da sabedoria do Tao.

Em concordância com isso, prossegui com a tarefa de forma deliberada, e após três dias ele baniu da mente todos os assuntos

mundanos. Conseguido isso, dei continuidade a essa ação do mesmo modo; em sete dias ele foi capaz de banir da mente toda ideia relativa ao homem e às coisas. Tendo-o conseguido, e tendo dado continuidade à instrução que lhe transmiti, volvidos nove dias, foi capaz de considerar a própria vida como coisa não essencial. Tendo conseguido isso, a mente dele atingiu uma claridade como a da aurora, após o que também conseguiu realizar a própria individualidade. Uma vez percebida essa individualidade; foi capaz de banir toda a ideia de passado e de presente.

Livre disso, foi capaz de penetrar a verdade da inexistência de diferença entre vida e morte; por a destruição da vida não representar "morte" alguma, nem a vinda a esta vida constituir a criação da vida. O Tao constitui uma coisa que acompanha todas as outras coisas e que vai ao encontro delas, e acha-se presente quando são destruídas ou concluídas. A isso se chama Tranquilidade em Meio à Perturbação, o que quer dizer que essa perturbação conduz à Sua Perfeição.

"E como foi que tu, sozinho, sem qualquer mestre, aprendes tudo isso?"

"Aprendi-o," foi a resposta, "do filho de Fu Mo; ele aprendeu-o do neto de Lo Sung, o qual colheu-o de Shan Ming, que por sua vez o obteve de Nie Hsu, e esse de Hsu Yi, que também por sua vez o absorveu de Wu Ao, que o adquiriu de Hsu An Ming e este de Zhan Liao, que o conseguiu junto de I Shi."

TENTEM ELEVAR-SE ACIMA DAS CONDIÇÕES PREMENTES, SE PUDEREM

Tsu Szu, Tzu Yu, Tzu Li e Tzu Lai, todos esses quatro homens conversavam entre si, quando alguém disse: "Aquele que puder crer que a cabeça seja o Vazio, a espinha seja a Vida e o traseiro a Morte? Quem souber se a morte e o nascimento, a vida e o desaparecimento não serão todos uma mesma coisa, desse gostaria de ser amigo."

Os quatro homens entreolharam-se e riram, mas ninguém deu importância ao rumo que a conversa tomava.

Passado não muito tempo após Tzu Yu ter adoecido, Tzu Szu foi consultá-lo: "Quão grandioso é o Criador! Por me ter criado como a criatura deformada que sou!" Ele tinha uma corcunda, e os intestinos retorcidos na parte superior do abdómen; O queixo inclinava para o umbigo; os ombros arqueados e a cabeça não passava de uma úlcera retorcida; a respiração ofegante; no entanto era mentalmente articulado, e não fazia alvoroço em relação à condição em que se encontrava. Coxeou até um poço, olhou para o seu reflexo na água, e disse:

"Ai de mim, por o Criador me ter tornado no objeto deformado que sou!" Disse Tzu.

"A tua condição incomoda-te?"

Ele respondeu: "Não, porque haveria de me incomodar? Se me transformasse o braço num galo, poderia usá-lo para cantar as horas; se me transformasse o braço direito num arco, poderia apontá-lo a um pássaro e abatê-lo e comê-lo; Se me transformasse as ancas numa roda e o meu espírito num cavalo, então poderia montá-las, e não o trocaria por uma carruagem. Além disso, quando tivermos feito o que temos que fazer, tê-lo-emos feito no seu devido tempo. Quando o perdemos por ação da morte, é de submissão que precisamos.

Quando repousamos no tempo devido e manifestamos essa submissão, nem a alegria nem a tristeza nos poderão comover. Isso é o que os antigos chamavam de libertar-se das amarras. Mas há quem não possa libertar-se, por se achar preso às obrigações. O facto de as criaturas não poderem suplantar o Céu (o inevitável) é facto há muito reconhecido; porque haveria eu me ressentir com a condição em que me encontro?"

ENFRENTAR A MORTE MUITO ANTES DE PARTIRMOS – UM SEGREDO DA VIA ESPIRITUAL

Algum tempo após Tzu Lai cair doente, e de se encontrar à beira da morte, enquanto mulher e filhos pranteavam junto dele, Tzu Li foi visitá-lo e disse: “Ora, não o perturbem enquanto passa pela transformação que tem que passar.”

A seguir, encostando se à porta disse ao moribundo: “Grandioso na verdade é o Criador! Em que irá ele agora tornar-te? Onde te conduzirá? Tornar-te-á no fígado de um rato ou no braço de num insecto?”

Tzu Lai replicou: “Quando um pai diz ao filho para partir, ele simplesmente tem que obedecer aos seus ditames. O Yin e o Yang representam mais para um homem do que os seus pais. Se eles aceleram a minha morte, e eu serenamente não me submeter à sua ação, serei obstinado e rebelde. Encontro sustento para o meu corpo na natureza, sobrecarrega-me a vida de trabalho; na idade avançada proporciona-me descanso, e por fim na morte encontro garante-me repouso. Assim, o que torna a minha vida numa coisa boa também faz da minha morte coisa boa.”

“Se um mestre ferreiro estiver a moldar o metal, e ele pular de um salto e disser: Tenho que ser moldado numa espada, como Mo Ye, o

mestre ferreiro verá a situação como uma coisa inquietante. Assim também, se uma forma humana que está a ser moldada no ventre disser: Preciso tornar-me num homem, não posso tornar-me noutra coisa senão num homem, o Criador irá considerar isso uma coisa inquietante. Quando chegamos a compreender que céu e terra não passam de um cadinho, e o Criador, um mestre ferreiro, para onde poderemos ser enviados que não nos leve a sentir-nos bem? Nascemos como que de um sono sossegado, e morremos como que num sereno despertar."

O QUE NÃO COMPREENDEMOS INTEIRAMENTE NEM PARECE OBEDECER ÀS REGRAS, PODE SEGUIR O CONVÉNIO DO CÉU.

Tzu Sang Hu, Mang Tzu Fan, e Tzu Ching Kang, todos os três homens eram companheiros. Um deles disse: "Quem será capaz de se associar sem condescender e de cooperar sem concordar? Quem conseguirá alçar-se ao céu e divertir-se por entre as névoas e errar para além dos limites e esquecer tudo como se isso é que fosse viver, sem encontrar fim?"

Os três homens olharam uns para os outros e deram uma risada, sem darem muita importância à questão; e continuaram a conviver como amigos.

De súbito, passado um tempo, Tzu Sang Hu faleceu. Antes do enterro, Confúcio soube do sucedido e enviou Tzu Kung a ver se poderia prestar alguma assistência. Um dos sobreviventes tinha composto uma cantilena, e o outro a tocava alaúde e assim cantavam os dois em uníssono: "Ai, Sang Hu! Sang Hu! Resgataste de novo o teu ser verdadeiro, enquanto nós, homens, ainda aqui nos encontramos, quão grandioso!"

Tzu Kug adiantou-se na direcção deles, e disse: "Aventuro-me a perguntar-lhes se acham que faça parte da regra cantar assim na presença do cadáver."

Os dois homens entreolharam-se e desataram a rir, dizendo: "Que saberá este homem acerca da ideia que se acha subjacente às nossas regras?"

Tzu Kung regressou a Confúcio, e contou-lhe o sucedido, dizendo: "Que tipo de gente será essa? Não aprontaram nenhum dos preparativos da praxe e desprezaram a aparência pessoal. Cantavam na presença do cadáver, sem qualquer evidência de expressão na face. Nem sei como descrevê-los: que tipo de gente será aquela?"

Confúcio retorquiu: "Essa gente ocupa-se e diverte-se pelo que é exterior aos caminhos comuns do mundo, enquanto eu me ocupo e

satisfaço a seguir o que faz parte desses caminhos. Caminhos tão divergentes quanto os nossos nunca apresentam nada em comum; foi tolice minha enviar-te a prestar condolências. Além disso, eles fazem do homem companheiro do Criador e buscam a diversão na condição destituída de forma, do céu e da terra. Consideram a vida como um apêndice, uma excrescência, e consideram a morte como uma separação desse apêndice, a drenagem dessa excrescência. Com tais noções, como poderão saber que lugar ocupará a morte e a vida, ou o que virá primeiro e o que virá por último? Encaram o corpo como um arranjo de uma variedade de partes.

Ignoram a ideia dos constituintes internos como fígado e vesícula e desprezam os seus constituintes exteriores, como olhos e ouvidos. Entram em decadência na ignorância do que seja começo ou decadência, sem ter ideia dos princípios primordiais. Ocupam-se inconscientemente com o que dizem residir além do mundano e vagueiam pelo mundo do não fazer nada. Como haverão de se preocupar com a conduta apropriada só para agradarem às gentes comuns?"

Tzu Kung disse: "Sim, mas nesse caso, mestre, porque é que vós vos conformais às convenções do mundo?"

E recebeu a seguinte resposta: "Encontro-me sujeito a fazê-lo por jugo imposto pelo Céu. No entanto, vou partilhar contigo aquilo o que alcancei."

Tzu Kung rejubilou: "Aventurar-me-ia a interrogá-lo quanto ao método que terá seguido."

Confúcio respondeu: "Os peixes medram-se na água; o homem desenvolve-se no Tao. Ao florescerem na água, os peixes clivam as águas e encontram o alimento. Ao se desenvolverem no Tao, os homens não fazem nada, e o desfrute das suas vidas estará assegurado. Daí que se diga que os peixes esquecem-se uns aos outros nos rios e nos lagos. Os homens esquecem-se uns dos outros nas artes do Tao."

Tzu Kung disse: "Aventurar-me-ia a perguntar com respeito ao homem que permanece indiferente aos outros."

E recebeu a seguinte resposta: "O homem singular permanece indiferente aos olhos dos outros, mas acha-se em concordância com o Céu! Daí que se diga que o mais insignificante do Céu seja um fidalgo entre os homens; e que o homem superior entre os homens é o mais insignificante no Céu!"

TODOS TEMOS A NOSSA INDIVIDUALIDADE

Yen Hui interrogou Kun Ni, dizendo: "Quando a mãe de Meng Sun morreu, em todo o lamento que ele fez por ela não verteu uma lágrima; não se deixou afectar pela emoção no seu íntimo; durante todos os ritos de luto, ele não exibiu qualquer aparência de tristeza. Sem essas três coisas, ele foi considerado como o que melhor expressou o luto. Como será possível que no estado de Lu alguém que não expresse realismo possa merecer tal reputação? Isso espanta-me."

Kung Ni disse: "Esse Meng Sun fez tudo quanto era de fazer ao máximo. Ele era avançado em conhecimento; mas neste caso, optou por não parecer negligente na observação das cerimónias, e conseguiu ser autêntico para si próprio. Meng Sun nem sequer sabe que propósito a vida ou a morte servem; não tem ideia de qual deva ser buscada em primeiro lugar, ou em último.

Se tiver que ser transformado numa outra coisa, aguardará simplesmente essa transformação que ainda desconhece. Isso é tudo quanto ele faz. Além disso, quando se está prestes a sofrer a mudança que ele sofreu, como se saberá se ela terá ocorrido? Considera o nosso caso: não nos encontraremos os dois num sonho de que nem sequer teremos começado a despertar?"

"Ademais, Meng Sun mostrou a agitação que o corpo manifestou, mas mentalmente não tinha consciência de qualquer perda. A morte era para ele como o decreto de mudarmos casa pela madrugada, e nenhuma outra realidade terrível. Ele achava-se mais desperto que todos os outros. Quando pranteavam, ele também pranteava, eis a razão por que age assim. Todos nós possuímos a nossa individualidade que faz de nós aquilo que somos e que nos compara uns aos outros. Mas conseguiremos em qualquer caso determinar corretamente essa individualidade?

Tu podes sonhar que és um pássaro que voa nas alturas, ou que és um peixe que percorre as profundezas. Mas não sabes se nós que estamos a conversar estamos despertos ou estamos num sonho. Nem só do agradável brota o sorriso. E nem todo o sorriso esporadicamente manifestado responde pelo acordo de si. Quando sossegamos na disposição natural e deixamos de lado toda a ideia de transformação, ficamos em harmonia com os mistérios do Céu."

QUE COISA SERÁ PIOR QUE PROFESSAR A DOUTRINA?

Yi Er Tzu foi fazer uma visita a Hsu Yu, e este último disse-lhe: "Que benefícios te trouxe Yao?"

Ele respondeu-lhe: Yao disse-me: “Deves-te esforçar por praticar a benevolência e a integridade, e por seres capaz de distinguir com clareza o que seja correto e incorreto.”

Hsu Yu replicou: “Então, por que me vieste visitar? Já que Yao te transmitiu a qualidade da sua benevolência e retidão, e te colmatou a noção crítica do certo e do errado, como irás ser capaz de percorrer o caminho do gozo descuidado, da contemplação sem regulamentos, e das formas em constante mudança da disputa?”

Yi Er Tzu disse: “Até poderá ser que sim, mas eu gosto de ir além dos limites.”

“Mas,” disse o outro, “não pode ser. Se não tiver olhos, o homem nada saberá da beleza dos contornos e de outros traços, nem distinguem a cor das vestes cerimoniais.”

Yi Er Tzu retorquiu: “No entanto, quando Wu Kwang perdeu a sua beleza, Ku Liang a sua destreza, e Hwang Ti (Imperador Amarelo) a sua sabedoria, todos eles recuperaram isso por meio do esforço. Como saberás se o Criador não me revogará a sabedoria e não me possibilitará a dissolução de modo que, uma vez mais na perfeição da forma, te passe a seguir como discípulo?”

Hsu Yu disse: “Ah, isso ainda nunca poderá ser conhecido. Vou-te dar umas noções. Óh, mestre meu! Óh, mestre meu! Ele trás a qualidade da combinação a todas as coisas sem considerar que isso seja um bem. A sua generosidade estende-se a todas as gerações, sem que a considere uma generosidade; Ele é mais antigo que a mais velha antiguidade, sem se considerar velho; Ele expande-se pelos céus e sustenta a Terra; concebe e molda todas as formas sem se considerar um perito. Assim, é n’Ele que encontro o meu prazer.”

NÃO SUGUIR TAMBÉM REPRESENTA UMA FORMA DE LIBERDADE

Yen Hui disse: “Estou a fazer progressos.”
Kung Ni (Confúcio) perguntou: “Que queres dizer?”
“Deixei de pensar na benevolência e na virtude,” respondeu-lhe o outro.
“Muito bem, mas ainda não chegaste lá.”

Numa altura subsequente Hui encontrou-se de novo por Kung Ni e disse: “Estou a fazer progressos.”
“Que queres dizer?”
“Perdi toda a noção de cerimónia e de música.”
“Muito bem, mas isso não é suficiente.”

Por uma terceira vez, encontrou-se Hui de novo com o mestre e disse: “Estou a fazer progressos.”
“Que queres dizer?”
“Deixo-me ficar pelo esquecimento de todas as coisas.”
“Kung Ni franziu o semblante e disse: “Que é que queres dizer com isso de esquecer todas as coisas?”

Yen Hui respondeu: “Deixei que a identidade resultante do corpo se dissolvesse e deixei de fazer uso da percepção dos sentidos. Assim desprendido da identidade resultante da forma e do conhecimento, torno-me Um com o Infinito. A isto chamo de deixar-me ficar pelo esquecimento de todas as coisas.”

Kung Ni disse: “Uno com o infinito, permaneces livre de toda a escolha; assim transformado, tornas-te impermanente. Na realidade tornaste-te num homem digno! Por isso preciso pedir-te permissão para me deixares seguir os teus passos.”

O CAMINHO DO MEIO NÃO ENCORAJA A POBREZA

Tzu Yu e Tzu Sang eram amigos. Certa vez choveu sem parar durante dez dias, o que levou Tzu Yu a dizer: “Receio que Tzu Sang possa estar aflito.”

Assim, embrulhou algum arroz e foi-lho levar para que tivesse de comer. Ao chegar à porta de Tzu Sang, ouviu algo parecido com um canto ou um choro, acompanhado por um alaúde com as seguintes palavras:

'Ó Pai! Ó Mãe! Ó Céu! Ó Homem!'

A voz parecia mais um lamurio, pronunciada de forma entremeada. Tzu Yu entrou e disse: “Porque estais vós a entoar, senhor, tal poesia?”

Ao que o outro replicou: “Estava a tentar perceber, porém em vão, como será que eu tenha atingido uma tal situação extrema. Teriam os meus pais desejado que eu fosse tão pobre? O céu tudo cobre sem parcialidade e a Terra tudo sustenta sem parcialidade; Ter-me-ão o Céu e a Terra designado para ser tão pobre por crueldade? Tentava perceber o que o terá causado, e não consegui, e aqui estou prostrado na ruína! Dever ter sido o meu destino!

CAPÍTULO 7
O CURSO NATURAL DE REIS E GOVERNANTES

A BENEVOLÊNCIA PODE LEVAR A MELHOR SOBRE O HOMEM, MAS...

NIEH CHUE COLOCOU QUATRO PERGUNTAS A WANG YI, nenhuma das quais ele sabia como responder. Isso deixou Nieh Chue exultante que, deliciado se afastou para ir informar o mestre Phi Yi, que lhe disse: "Só agora o sabes? O da linhagem de Yu não pode equiparar-se ao da linhagem de Tai. O da linhagem de Yu ainda mantem a ideia da benevolência para angariar a submissão dos homens.

Ele conseguiu-o, mas nunca foi capaz de ver o que não é próprio do homem. O da linhagem de Tai tem um sono tranquilo e tem uma conduta reservada e simples. Por vezes vê-se como um cavalo e outras vezes como um touro. Possui um conhecimento desafectado e não era perturbado pela dúvida; era possuidor de nobre virtude: mas ainda não tinha percebido o que não é próprio do homem."

DAR ORDENS IMPLICA QUE SE USE DE MEIOS APROPRIADOS E EQUILIBRADOS

Chien Wu foi ver o recluso excêntrico Chie Yu, que lhe disse: "Que foi que Chakun Shi te contou?"

E recebeu a seguinte resposta: "Ele disse-me que quando os governantes emitem as leis de acordo com o próprio exemplo que dão de regra e de justiça, ninguém se aventurará a deixar de lhes obedecer, e todos sairiam transformados."

Chie Yu disse: "Isso não passa da virtude da hipocrisia. Impor a ordem sobre o mundo desse jeito seria como tentar andar a passo largo contra a corrente ou cavar uma vala no rio, ou carregar o peso de uma enorme responsabilidade às costas." Quando um sábio governa, ele preocupar-se-á em controlar as ações exteriores dos homens? Deixa que os homens se orientem com naturalidade e assim eles refletem controlo.

Essa é a maneira mais certa para ele assegurar o sucesso da sua empresa. Senão pensa na ave que voa lá por cima a fim de evitar ser atingida pela flecha do caçador, e no pequeno rato que faz o buraco bem fundo para evitar ser apanhado com fumo. Os governantes não terão maior compreensão que essas criaturas?

DEIXA QUE A TUA MENTE DESFRUTE DA PURA SIMPLICIDADE

Tien Chan viajava pelo sul do monte Yin quando chegou aos arredores do rio Liao. Aconteceu encontrar-se com um homem de

quem não se sabe o nome, e perguntou-lhe: "Peço-te que me digas o que devemos fazer para governar o mundo."

O homem sem nome lá lhe disse: "Vai-te embora, que não passas de um rude pretensioso. Por que me fazes uma pergunta para a qual não te achas preparado? Eu vagueio pelas bandas do criador de todas as coisas. Monto o ar leve e vazio e alço-me até aos seis pontos cardeais e vagueio pelos domínios de parte nenhuma e recolho-me na região do vazio. Porque me incomodas com a questão do governo do mundo, e me deixas assim a mente agitada?"

Tien Chan, contudo, colocou de novo a pergunta, e o sem nome disse-lhe: "Deixa que a tua mente encontre gozo na pura simplicidade. Deixa-te envolver pela fonte original além da definição; deixa que todas as coisas sigam o seu curso natural e não adotes a personalização: faz isso e o mundo será governado."

OS QUE AFADIGAM O CORPO E AFLIGEM A MENTE NÃO SÃO VERDADEIRAMENTE ESPERTOS

O mestre Yan Tzu, ao ter uma entrevista com Lao Tan (Lao Tzu) disse-lhe: "Aqui está um homem atento e vigoroso na resposta que dá a todas as coisas, dotado de visão e amplamente inteligente e um infatigável estudante do Tao; poderá ser comparado a um dos reis de sabedoria?"

Ele respondeu-lhe: "Um homem desses está para um dos reis de sabedoria como um subalterno que moureja até deixar o corpo e a mente em estresse, por causa das múltiplas obrigações. Além disso, é a beleza da pele do tigre e do leopardo que os leva a ser cobiçados pelo homem; é a agilidade do macaco e a sagacidade que o cão revela na condução dos bois que leva a que os homens os atem a correntes. Mas poderá um homem assim dotado ser comparado aos reis de sabedoria?"

Yang Tze Chu ficou como que desconcertado e disse: "Aventurar-me-ia, pois, a perguntar-te como será o governo de um rei de sabedoria."

Lao Tan respondeu: "A ação do governo dos reis de sabedoria espalha-se por tudo o que se acha sob o céu, mas eles não parecem considerar-se autores disso. A sua influência transformadora atinge todas as coisas, mas os homens não esperam nada da sua parte. Ninguém nota a sua ação, mas eles contribuem para que os homens se tornem felizes por si mesmos. Não se consegue sondar o seu paradeiro, por eles encontrarem fruição na terra de ninguém."

REVERTAMOS PARA A SIMPLICIDADE

Em Cheng havia um mago misterioso chamado Chi Hsien que conseguia apurar tudo acerca do nascimento e da morte dos homens, ganho e ruína, infortúnio e felicidade, e se gozariam de vida longa ou curta, chegando a predizer o ano, o mês e o dia em que isso sucederia, como um espírito. Quando o povo de Cheng o via, fugia do seu caminho. Mas o mestre Lie foi fazer-lhe uma visita e ficou fascinado com ele. Ao regressar, narrou ao seu mestre Hu a entrevista que ele lhe deu, dizendo: "Considero que a tua doutrina, mestre, é perfeita, mas encontrei outra que lhe é superior."

Mas o mestre Hu respondeu: "Só te transmiti a letra da minha doutrina, não te transmiti o espírito, e tu ainda achas que estás na posse dele? Por mais galinhas que haja, se não tiverem um galo entre elas, como haverão de pôr ovos de verdade? Quando confrontas o mundo com a tua doutrina, asseguras-te de ostentar na tua expressão tudo quanto carregas na mente, de forma que a energia que expressas habilita esse homem a conseguir interpretações da tua vida. Tenta trazê-lo até mim, de modo que me possa fazer uma interpretação.

No dia seguinte o mestre Lie levou-lhe o homem a visitar o mestre dele. Ao sair, o mago disse-lhe: "Ai de mim! O teu mestre é um homem morto. Ele não viverá nem sequer mais dez dias! Vi algo de estranho nele, vi toda a sua vida apagada como cinzas com água!"

Quando o mestre Lie voltou a entrar, tinha as vestes ensopadas em lágrimas e contou ao mestre Hu o que o mago tinha contado. O mestre Hu disse: "Eu mostrei-me a ele sob a forma da vegetação dotada de rebentos com efeito, mas destituída de toda a aparência de crescimento ou de periodicidade: ele parece ter visto as fontes da minha força vital cerradas. Tenta trazê-lo à minha presença de novo."

No dia seguinte, o mestre Lie agiu de acordo com o combinado e lá levou o homem uma vez mais a visitá-lo. Ao sair, o homem disse: "Foi afortunado para este teu mestre, que se tenha encontrado comigo. Ele vai melhorar, por apresentar todos os sinais de vitalidade e de equilíbrio dos fluxos de energia que tinham estancado, a seu favor."

O mestre Lie entrou, e narrou o sucedido ao seu mestre, que lhe disse: "Revelei-me a ele sob o aspeto da terra sob o céu. Nem semblante nem realidade tiveram lugar no que exibi, mas as nascentes da vida que propagava a partir dos meus calcanhares. Ele deve-me ter visto com os centros da força vital em pleno vigor e potencial. Tenta cá trazê-lo de novo."

No dia seguinte o mestre Lie lá trouxe o homem de novo, para visitar uma vez mais o mestre Hu. Ao saírem, o homem disse: "O teu mestre nunca é o mesmo; não consigo entender a fisionomia dele. Espera até que estabilize, que irei vê-lo de novo."

O mestre Lie entrou e reportou o sucedido ao seu mestre, que disse: "Desta vez mostrei-me a ele de acordo com o padrão da Grande Harmonia, uma das duas forças elementares, cujo equilíbrio não inclina a favor de nenhuma. Ele deve-me ter visto com os vórtices do poder vital em equilíbrio. Quando isso sucede pela detenção do seu curso, gera-se um abismo. E existem nove abismos desses, de que só lhe exibi um. Tenta fazer com que cá volte uma vez mais."

No dia seguinte lá vieram, e voltaram a ver o mestre Hu. Mas antes mesmo de se instalar na sua posição, o mago perdeu a compostura e correu a fugir. "Vai atrás dele" disse o mestre Hu, e o mestre Lie fez isso, mas não conseguiu trazê-lo de volta.

Quando regressou disse ao mestre Hu: "Ele desapareceu; perdi-o e não fui capaz de o encontrar."

O mestre Hu replicou: "Revelei-me a ele de acordo com o padrão do que existia antes de vir da Origem. Confrontei-o com a pura vacância e a indiferença. Ele ficou sem saber o que lhe apresentava. Ora pensava que fosse a exaustão do vigor ora um fluxo ativo, e foi por isso que ele se deitou a fugir."

Após o ocorrido, Lie considerou que nem tinha sequer iniciado a aprendizagem da doutrina do seu mestre. Voltou a casa, e em três anos não saiu à rua, tendo ficado a cozinhar para a mulher e a alimentar os porcos como se os estivesse a alimentar gente. Deixou de tomar parte nos acontecimentos e de se interessar pelos assuntos do mundo, e retornou à simplicidade pura. Como um torrão de terra ali se deixou ficar em estado de presença, silencioso e reservado entre todas as distrações., e assim continuou até ao fim da sua vida.

O HOMEM PERFEITO NÃO ANTECIPA NADA DESAJEITADAMENTE

A não-ação faz do seu autor senhor sobre a fama; a não-ação ajusta-se-lhe como o tesouro de todos os planos; a não-ação enquadra-se-lhe como senhora de todos os cargos, e faz dele senhor sobre a sabedoria. O alcance da ação de tal homem é inesgotável, mas não existe qualquer vestígio da sua presença em lugar nenhum. Cumpre com tudo quanto tenha recebido do Céu, mas não se tem na conta de recetor de coisa nenhuma. A pura vacância de todo o propósito é o que o caracteriza. Quando o homem perfeito emprega a sua mente, torna-se num espelho. Não comanda nada nem antecipa coisa nenhuma; responde ao que existia antes dele, mas não o retém.

Desse modo, é capaz de lidar com êxito com todas as coisas, e não prejudica nenhuma.

O CASO PODE ATINGIR O TÉRMINO

O governante do mar do sul era Shu, o governante do marte do norte era Hu e o governante do centro era Caos. Shu e Hu encontravam-se continuamente na terra de Caos, que os tratava muito bem. Eles consultavam-se mutuamente quanto ao modo de pagar a cortesia, e disse: "Todos os homens têm sete orifícios com os quais veem, ouvem, comem e respiram, enquanto só este pobre governante (Caos) não tem nem um. Tentemos arranjar-lhe um."

Conformemente fizeram-lhe um orifício por dia; ao fim de sete dias Caos morreu.

CAPÍTULO 8
DEDOS INTERLIGADOS
(DO SEMELHANTE E DO DIVERGENTE)

CONHECIMENTO DA JUSTA MEDIDA

DEDOS INTERLIGADOS OU UM DEDO EXTRA BIFURCADO pode ser coisa natural, porém, não é coisa que seja útil. Excrescências e tumores podem surgir no corpo mas não brotam da virtude do que quer que seja. Há diversos tipos de benevolência e de retidão, e comummente associam-nos aos diversos órgãos vitais do corpo. Mas tal não é a via correta da Virtude.

De facto, dedos interligados não passam de membranas adicionais inúteis e qualquer dedo extra será inútil. Desse modo associar isso aos órgãos vitais equivale a confundir a benevolência e a retidão, conferir demasiada ênfase à audição e à visão.

UM DOM EXACERBADO PODERÁ CONDUZIR A UM USO EXCESSIVO

Uma perceção assim exacerbada confundirá a distinção das cinco cores (multiplicidade) e levar-nos-á ao fascínio pelo ornamento e à confusão do resplandor do verde e do amarelo. Consequentemente, não pararemos até nos tornarmos num Li Chu. Uma apurada perceção auditiva conduzir-nos-á à produção profusa das cinco notas com as cordas e as flautas transversais, e não nos deteremos até que nos tornemos num Shi Kwang (Mestre de música).

Assim, o bem em excesso erradica a virtude e restringe a natureza original, ainda que em função da busca de fama ou de riqueza, e fomentará o ideal inalcançável pelo rufar de tambores e pelo toque de

flautas. Uma pessoa assim não se deterá até que se torne num Tseng ou Shi.

A faculdade exacerbada no debate conduzirá ao acúmulo de argumentos e o planejo de ardis, tal como o construtor com os seus blocos de construção ou o tecelão com os fios na construção de redes. Leva a deliciar-nos com a retórica e o debate mesquinho e sem sentido com respeito à semelhança e à divergência até perdermos o fôlego. Tal resulta num Yang (Mestre de Hedonismo) e Mo (Mestre que ensinava o amor por todas as coisas). Consequentemente toda essa gente complicada percorre uma via fastidiosa e pouco uso terão a dar à verdadeira retidão do mundo.

Aquele que se encontra verdadeiramente no Caminho não abre mão da sua Natureza Inata ou Singularidade. Para um homem assim, aquilo que se acha unido não representa problema, e nem o acordo constitui qualquer redundância, nem a divergência representa coisa supérflua. O longo jamais será demasiado longo nem o curto será demasiado curto.

As patas do pato, por exemplo, são curtas, e se procurássemos esticá-las causar-lhe-íamos sofrimento. As patas do ganso são alongadas, mas cortá-las levá-lo-ia a sentir pesar. O que a natureza cria longo não precisa ser esticado; assim, tão pouco deveríamos tentar encurtar o que a natureza produziu de comprido. Tal não seria maneira de se livrar da preocupação.

BENEVOLÊNCIA E RETIDÃO DISCRIMINATÓRIAS

A presunção é, pois, e que a benevolência e a retidão não sejam inerentes à natureza humana. Quanta ansiedade não envolve o exercício da benevolência e da retidão!

A quem tivesse dois dedos unidos se haveria de causar imenso sofrimento se tentássemos separá-los. Do mesmo modo, se tentássemos cortar-lhe um dedo extra, isso irá causar-lhe dor. De ambas as situações se poderá dizer que uma goze de mais enquanto a outra goze de menos, mas que procurar homogeneizá-las nos levaria a causar idêntico sofrimento.

Os benévolos dos tempos modernos encaram os males da sociedade com mácula, ao considerarem os males com a visão toldada de que padecem, e enchem-se de pesar, enquanto aqueles que carecem por completo de benevolência nivelam a natureza original das coisas em função da ganância de fama ou fortuna. Daí que me interrogue se a benevolência e a retidão farão parte da verdadeira natureza humana. Desde o começo das dinastias até aos dias atuais, quanta confusão e incómodo a questão não terá trazido ao mundo.

Quando se utiliza fio-de-prumo, esquadro ou compasso (bitolas) a fim de se conseguir linhas perfeitas isso implica o corte de partes naturalmente existentes. Quando se recorre ao uso de cordas e nós, cola ou verniz, para unir ou ligar as coisas, isso implica no comprometimento da virtude original. Do mesmo modo, as flexões e as pausas empregues nos rituais e nas músicas, os sorrisos e as aparências radiantes da benevolência e da retidão destinam-se a animar toda a gente, mas ignoram os princípios inerentes à natureza humana. E tudo possui a sua natureza inata.

Posto isso, o que é curvo não o é pelo uso do compasso, nem o que é direito ou quadrado o é pelo uso do fio-de-prumo ou do esquadro. Não adere pelo uso de cola nem de verniz, nem é seguro por ação de cordas nem de nós. Todas as coisas no mundo são simples e condescendentes conforme a sua natureza, sem razão e sem saber como. Sempre foi assim, hoje como no passado, e isso não deveria causar a menor diferença.

A indulgência e a retidão não fazem, pois, qualquer sentido. Enredar e adestrar a fim de conduzir ao caminho da virtude, nada mais faz que confundir. Contudo, se a confusão e o equívoco forem de menor monta, alterarão o sentido e o propósito. Mas uma confusão e um equívoco significativos alterarão a própria natureza das coisas. Como saberei se é assim?

Desde os tempos do governante Yu, que começou a pregar a benevolência e a retidão, que as coisas começaram a ficar distorcidas e todo o mundo começou a sentir-se enfadado, e as pessoas jamais deixaram de se inquietar e precipitar numa corrida para viverem de acordo com tais princípios. Não se deverá tal coisa ao facto de benevolência e retidão nos terem alterado a natureza básica?

EM FUNÇÃO DE DIFERENTES CAUSAS

Procurarei, pois, explicar o que quero dizer com isto. Desde o começo das dinastias até aos dias atuais, tudo no mundo viu a sua natureza original afetada por uma coisa qualquer externa. O indivíduo de má índole ou mesquinho terá visto a sua natureza original ou o próprio corpo em risco em função do proveito. O alto funcionário arrisca a sua vida pela família. O sábio arrisca o próprio ser em função de todas as coisas. Todos o fazem de modo diverso, e por diferentes razões, mas todos arriscam a vida do mesmo modo.

Por exemplo, o escravo ou a escrava que andavam a pastar as ovelhas deixaram ambos que elas fugissem. Se perguntarmos ao rapaz como isso terá sucedido, ele dir-nos-á que estava a juntar as suas canas de bambu e a ler; e se perguntarmos à rapariga ela dir-nos-á que estava a divertir-se com uma brincadeira qualquer. Ambos

estavam a ocupados de diferentes modos mas ambos deixaram que o gado se extraviasse do mesmo modo.

Po Yi morreu no fundo da ravina do monte Shou Yang em função para manter o renome. O ladrão Chi morreu lá para os píncaros do oriente em função do proveito. Ambos morreram de modo diferente mas o facto é que ambos encurtaram a vida e arruinaram a sua natureza inata. Contudo, é suposto que encorajemos Po Yi e desaprovemos o ladrão Chi. Estranho, não?

Se as pessoas pelo mundo todo se sacrificarem em situações dessas por razões de benevolência ou de retidão, as pessoas tratá-las-ão com nobreza e deferência; se alguém fizer tais sacrifícios em função da riqueza ou da fama, as pessoas chamam-lhe avaro e mesquinho. O sacrifício é o mesmo, no entanto tratam um como um homem honrado e o outro como um homem pérfido. Mas em termos de sacrificarem a sua vida e de prejudicarem a sua verdadeira natureza, tanto o ladrão Chi como Po Yi fizeram o mesmo. Assim, porque diferenciá-los em termos de nobreza e de perfídia?

A CORRECTA PERSPICÁCIA

Aqueles que se dedicam à benevolência e à retidão podem percorrer o mesmo caminho que Chang e Shi, mas eu não os teria na conta de sábios. Aqueles que se dedicam aos cinco sabores poderão percorrer a mesma via que o chefe Shu Erh, mas eu não os chamaria sábios. Aqueles que se aplicam às cinco cores, podem percorrer a mesma via que Li Chu, que eu não os consideraria espertos.

A descrição que faço da sabedoria nada tem que ver com a benevolência ou a retidão mas prende-se, ao invés, com a sensatez para com a nossa natureza original e nada mais. Quando falo do correto ouvir não refiro o escutar somente mas dar atenção a nós próprios. Quando falo da perspicácia da visão não refiro a observação dos outros mas a de nós próprios.

O facto está em que aqueles que não têm uma perspetiva de si próprios e não se observam na participação que têm, e observam e entendem os outros ao invés, não se entendem a si mesmos. Podem ser bem-sucedidos no reconhecimento do que diga respeito aos demais, mas quanto ao reconhecimento deles próprios falham. Sentem-se atraídos por aquilo de que os outros desfrutam e apreciam mas não conseguem encontrar fruição em si mesmos. Em casos que tais, quer se trate de um ladrão ou de um nobre, tal pessoa achar-se-á de igual modo iludida e enganada

Aquilo de que me envergonho é de fracassar no Caminho e na Virtude, pelo que não me preocupo em distinguir por atos de

benevolência e de retidão, nem por chafurdar em práticas idiotas e inúteis.

CAPÍTULO 9
CASCOS DE CAVALOS

LIDAR COM AS COISAS COMO PUDERMOS

CAVALOS COM CASCOS conseguem percorrer o gelo e a neve, e com pelo conseguem suportar o vento frio. Comem erva e bebem água e fazem cabriolas e pinotes bruscos. Essa é a verdadeira natureza dos cavalos. Ainda que lhes providenciássemos magníficos estábulos e currais, isso para eles seria de muito pouco valor.

Mas quando surgiu Po Lo, ele disse que sabia domar cavalos, e os homens começaram a cingi-los e a colocar-lhes ganchos no pelo, a aparar os cascos, a marcá-los e a colocar-lhes bridas. Começaram a conduzi-los com rédeas e a pôr-lhes grilhões e a prendê-los em estábulos, e em cada dez começaram a morrer dois.

Fizeram-nos passar fome e sede, fizeram-nos correr e a mostrá-los em paradas de forma ordeira e em filas regulares, mantendo diante deles o cabresto e as cintas de couro e o medo do chicote e do adestramento por trás deles, e mais de metade deles morreram.

O primeiro oleiro que apareceu disse: "Eu sou perito no trabalho do barro. Moldo peças redondas tão perfeitas como se fossem traçadas a compasso, e quadradas como se fossem feitas com o esquadro."

O primeiro carpinteiro que surgiu disse: "Eu sou perito no trabalho da madeira. Faço peças curvas como se por ação de escantilhões e direitas como se com a ajuda da régua."

Contudo, estará na natureza do barro e da madeira ser moldado com compasso e com escantilhão? No entanto, geração após geração os homens disseram que Po Lo era bom no adestramento de cavalos e que o oleiro e o carpinteiro eram boons no trabalho do barro e da madeira. Mas esse é o erro que cometem todos quantos governam todas as coisas no mundo.

ADERIR A UMA BENEVOLÊNCIA PRÁTICA

Suspeito que quem soubesse governar o mundo e todas as coisas não o faria assim. As pessoas possuem a sua natureza constante e regular e tecem vestes para vestir e lavram a terra para comer. A isso se chama Integridade Comum. São todas idênticas nisso e não

se separam em fações antagónicas, mas permanecem corretas e verdadeiras. A isso se pode chamar Liberdade Espontânea.

Assim, no tempo da perfeita virtude os homens caminhavam com uma integridade e solenidade destituídas de artifício e encaravam o porvir com confiança e ideias assentes. Por essa altura não existiam passagens nem túneis nos montes, nem pontes ou barcos para cruzarem os pântanos. Todas as criaturas viviam em grupos e tinham acampamentos contíguos.

As aves e as bestas multiplicavam-se e formavam bandos e grupos, e as pastagens e as árvores cresciam luxuriantes. É verdade que nesses tempos as aves e os quadrúpedes podiam ser domesticados, mas ainda podiam vaguear sem constrangimentos. As pessoas podiam trepar até aos ninhos das pegas e espreitar sem causar perturbação. Num mundo desses os homens podiam viver lado a lado com os pássaros e os quadrúpedes e viver em comum partilha. Ninguém conhecia distinções de superioridade ou subjugação.

Assim também sucedia que, sem conhecimento de tais distinções não se desviavam da virtude. Livres do desejo, podiam seguir a verdadeira natureza da simplicidade a que chamavam "tosca."

Depois surgiram os sagazes a esforçar-se na sua humanidade, vagarosos no exercício da retidão e da benevolência e todos no mundo começaram a duvidar. A música proliferou e os ritos multiplicaram-se e tudo começou a ser objeto de divisão. Se o simples e o tosco tivessem permanecido intatos, quem se daria ao trabalho de esculpir um vaso sacrificial?

Se o jade tivesse permanecido no seu estado bruto, como poderiam fazer dele cetros e símbolos da etiqueta? Se o Tao e a virtude não tivessem sido ignorados quem quereria optar pela benevolência e pela retidão? Se a natureza inata não tivesse sido descartada, que utilidade teriam a música cerimonial e os rituais? Se as cinco cores e os cinco tons não tivessem sido confundidos, como poderiam ter surgido padrões e porque haveria necessidade de os suplementar com convênios?

A talha do tosco e do rude em instrumentos constitui o erro do artesão. O enfraquecimento do caminho e da virtude com a benevolência e a retidão foi o erro do sábio.

COMO CAVALOS EM ESPAÇO ABERTO

Voltando ao tema dos cavalos, se lhes for permitido viver no meio selvagem, eles poderão alimentar-se de erva e beber água. Quando se acham satisfeitos, esfregam o pescoço uns nos outros. Quando se sentem perturbados voltam os costados uns para os outros e

escoiceiam. Isso é tudo quanto conhecem. Se lhes colocarem arreios e os alinharem à força com traves e correias, tudo quanto saberão fazer será tentar quebrar tais traves e romper o jugo e esmagar o caro e expulsar o freio e morder as rédeas. Por conseguinte, levar o cavalo naquilo que sabe fazer a portar-se como não deve, tal foi o crime de Po Lo.

No tempo do Membro do Clã Ho Hsu, as pessoas permaneciam nas suas funções e postos sem saberem que mais fazer. E quando saiam não sabiam para onde se dirigiam. Saciavam-se e contentavam-se por perambular de barriga cheia. Isso era tudo quanto conheciam. Mas depois surgiram os sagazes com o servilismo, a adulação, a bajulação, os rituais e a música cerimonial e infetaram tudo com o conhecimento da natureza. Puseram a nu a humanidade que os caracterizava e propuseram a benevolência e a retidão com base na premissa de lhes saciar a predileção pelo saber. Em resultado acabaram na contenda em função do ganho e não mais puderam ser detidos na busca da vantagem. Esse foi igualmente o erro dos sagazes.

CAPÍTULO 10
COFRES PARA SAQUEAR

REGULAMENTOS DE SÁBIOS

PARA SE RESGUARDAREM DOS LADRÕES que assaltavam os valores as pessoas asseguravam-se de os preservar com cadeados e ferrolhos. Isso é o que o senso comum chama de sensato. Porém, se forem assaltados por um perito na matéria, ele levará simplesmente consigo caixas e sacos aos ombros temendo unicamente que fechos e ferrolhos não os mantenham fechados.

Assim sendo, não estará aquele a quem referi como "sensato! meramente a juntar coisa para o ladrão levar?

Procurarei explicar o que quero dizer. Não estará aquele que o mundo em geral preza como um "sábio" simplesmente a guardar coisas para o ladrão? Como haveremos de saber se assim não será?

Há muito tempo atrás no estado de Chi nas aldeias vizinhas as pessoas podiam ver-se umas às outras e os galos e cães ser escutados nos seus chamados. Lançavam as redes sobre as águas e lavravam a terra por milhas de extensão. Construíam templos nos seus limites e erigiam altares em homenagem às colheitas e à terra e governavam as aldeias e a elas próprias segundo orientações dos sábios.

Mas um dia o visconde Tien Cheng assassinou o governante de Chi e usurpou o estado. Mas terá sido somente o estado que ele usurpou? Não. Também usurpou as leis instauradas pelos sábios. Assim, conquanto tenha ganho, o visconde Tien Cheng arcou com o título de ladrão e de gatuno. Soube manter-se com a firmeza de um Yao ou um Shun. Os estados menores não se atreveram a apontar-lhe defeitos e os Estados Maiores não se atreveram a puni-lo.

Assim, durante doze gerações a sua família governou o estado de Chi. Consequentemente, não só ele usurpou o estado como usou as leis erigidas pelos sábios para se resguardar no seu ato, embora fosse um ladrão e um gatuno.

RESTRINGIR O SABER

Vejamos e o consigo explicar. Aquilo que o mundo em geral chama de sensato, em última análise não será o acúmulo de coisas para os gatunos usurparem? Não será o chamado sagaz responsável pelo maior roubo? Como haveremos de saber se assim não é?

DA CONTENSÃO DO ROUBO

Há muito tempo atrás Lung Feng foi executado e Chan Hung foi dilacerado e o corpo de Tzu Shu deixado ao tempo a apodrecer. *(Conselheiros que procuraram reformar os governantes e que foram executados pelo sofrimento resultante)* Homens de boa índole como o foram, não conseguiram escapar a mortes tão horríveis.

Mas um membro do gangue do Ladrão Chi interrogou o líder quanto à existência de uma via de virtude para a profissão de ladrão, ao que Chi lhe respondeu dizendo que tudo tinha a sua virtude, e que o ladrão exercita o mérito que alcança através do roubo e da sagacidade que demonstra na conjetura e da coragem que emprega no facto de entrar em primeiro lugar e que demonstra em sair por último e na decisão que toma com base na possibilidade, e na benevolência que comprova com a distribuição equitativa dos bens furtados. Sem atributos desses ninguém chegaria a ser cognominado de "grande ladrão."

Considerando tudo isso, torna-se claro que, se os homens bons não seguirem a via dos sábios, não se conseguirão estabelecer enquanto tal. E o Ladrão chi não poderia ser bem-sucedido caso não o fizesse. Mas neste mundo os homens bons são poucos enquanto os medíocres abundam. Assim, os benefícios do sábio são poucos mas os danos que infligem ao mundo são muitos.

"Quando os lábios faltam os dentes regelam." *(Provérbio Chinês que alude à interdependência natural das partes. Quando uma sofre a outra torna-se periclitante)*

A zurrapa (vinho adulterado) de Lu conduziu à guerra de Han Tan. Quando surge o sagaz surgem os grandes ladrões. Destronem a sagacidade e deixem que os ladrões e os larápios sejam desencorajados, e então o mundo ficará em ordem e poderá ser governado.

Quando os rios secam o vale torna-se árido. Quando se nivelam e arrasam as colinas as lagoas são cheias. Mas se a sagacidade desaparecer, então não surgirão ladrões, e o mundo ver-se-á livre da agitação. Se a sagacidade não desaparecer, então grandes ladrões continuarão a aparecer. Quanto mais a sagacidade for encorajada no governo do mundo, mais isso contribuirá para a ajuda de gente como o Ladrão Chi.

Se estabelecerem pesos e medidas na aferição, então ele roubará com peso e medida. Se estabelecerem contratos e acordos legais a fim de inspirar a confiança, as pessoas roubarão por contrato e por acordo legal. Se instaurarem a benevolência e a retidão a fim de assegurarem a honestidade, mesmo assim a benevolência e a retidão os ensinará a roubar.

Como haveremos de saber se é assim?

Este rouba uma fivela e é executado; aquele rouba o estado e é eleito regente. Contudo, é no âmbito dos regentes que mais se professa a benevolência e a retidão. Não será isso atentar contra a humanidade, a justiça e a sabedoria? Assim, aqueles que seguem o exemplo dos grandes ladrões e exaltam os nobres e atentam contra a humanidade e a justiça juntos com todos os ganhos decorrentes da contabilidade de ábacos e balanças não se deixarão dissuadir nem mesmo com a recompensa de carruagens e de coroas nem com o machado do carrasco os constrange, mas aumentam em número. O impossibilitar o aumento do proveito do Ladrão Chi constitui o erro do sagaz.

COMPETÊNCIA, VISÃO E CONHECIMENTO

Tal como se diz que "Não se tira os peixes das águas profundas," também os assuntos de estado não devem ser do conhecimento comum. A sabedoria do sábio constitui o meio de controlo de todas as coisas, pelo que não devem ser revelados a qualquer um. Por conseguinte, tratem de abolir a sagacidade e de abandonar o saber e os ladrões deixarão de surgir. Descartem o jade e as pérolas enquanto objetos de valor, e os larápios não se dedicarão au roubo.

(NT: De notar de a distinção que respeito entre "ladrões" e "larápios" não é fortuita, mas prenhe de significado)

Queimem os instrumentos de contagem e rasguem os convénios e as pessoas retornarão à simplicidade. Esmaguem os pesos e as medidas

e as pessoas abandonarão a contenda e anulem as leis que os regentes impuseram e as pessoas deixarão de argumentar.

Confundam os seis tons, destruam as flautas e o s alaúdes, tapem os ouvidos do Mestre Chuang (*músico)* e então toda a gente será capaz de ouvir corretamente como que pela primeira vez. Se abolirem os adornos junto com as cinco cores e cerrarem os olhos de Li Chu, então toda a gente será capaz de ver com clareza como que pela primeira vez. Destruam bisel e régua, abandonem esquadro e quebrem os dedos ao artesão Chui e pela primeira vez o mundo disporá e fará uso de competências reais.

Há um ditado que diz: "A arte mais grandiosa assemelha-se a um disparate."

Descartem as condutas como a de Tseng Shi, fechem a boca a Yang e a Mo, expurguem a benevolência e a retidão e ninguém se deixará distrair mas começará, em vez disso, a revelar a sua misteriosa excelência.

Quando as pessoas alcançarem a verdadeira visão, ninguém se deixará lograr. Se recobrarem a virtude ninguém se deixará aviltar.

ACENTUADA CONFUSÃO

Homens como Tseng Shi,Yang, Mo, o músico, Kuan, o artífice, Chui ou Tseng, Chu, revelam a sua virtude no exterior. Eles conduziram o mundo ao fulgor da admiração. Um procedimento assim não faz sentido.

Sereis vós o único que nada sabe da era da perfeita virtude? Em épocas passadas, no tempo de Yung Cheng, Ta Ting, Po Huang, Chu Yang, Li Lu, Li Hsu, Hsien Yuan, Ho Hsu, Tsu Lu, Chu Jung, Fa Hsi, e Shen Nung, *(Governantes mitológicos ou sábios da antiguidade)* as pessoas seguiam as suas naturezas. Contavam por nós que faziam em cordas e davam uso às redes. Apreciavam a comida simples e achavam-na saborosa. Contentavam-se com os estilos de vida que tinham e encontravam alívio nas suas habitações simples.

Podiam ver os estados vizinhos e escutar os seus galos e cães nos seus chamados e latidos, mas as pessoas jamais transpunham as suas fronteiras. Nessa altura a perfeita harmonia imperava enquanto norma. Atualmente as pessoas vivem na agitação e procuram apurar o que acontece e dizem: "Em tal parte existe um homem de virtude," de modo que para lá se dirigem *de armas e bagagens,* abandonando pais e lares e deixando de satisfazer os deveres que têm para com os governantes. Deixam pegadas que se tornam visíveis de um estado até ao outro, e pistas de rodados de carruagens que se estendem por

vastas milhas. Isso representa uma falha da parte daqueles que detêm autoridade, no zelo excessivo que nutrem pelo conhecimento.

Quando os superiores anseiam de verdade por conhecimento mas carecem de virtude, tudo será deixado numa enorme confusão. Como saberemos se isso será assim?

Quanto mais conhecimento tiverem da construção de arcos e de bestas e de flechas e de armadilhas, redes de pesca e armadilhas, iscos e anzóis, mais as aves que voam pelos céus serão deixadas na agitação e os peixes a dispersar-se nas águas. Quanto mais conhecimento tiverem para montar paliçadas e armar ciladas, mais os animais dos pântanos serão lançados na confusão.

Quanto maiores forem a astúcia e o engano, a perfídia e a retórica, a prevaricação e os argumentos de igualdade e de diferença, maior será a tendência para estabelecerem o acordo aparente entre o idêntico e o divergente, mas o resultado será que as pessoas cairão na confusão e na disputa. Assim, quando todo mundo cai na confusão, a culpa assenta na predileção pelo saber.

Todos sabem como perseguir o conhecimento que não possuem, mas desconhecem como descobrir o conhecimento que já possuem. Qualquer um é capaz de condenar aquilo de que não gosta e que considera mau, mas ninguém sabe condenar o que considera bom, e isso é causa de grande confusão.

É como se o brilho de sol e lua, por cima, se tivesse obscurecido; como se por abaixo, o vigor produtivo de vales e rios tivesse esmorecido; e é como se, pelo meio, o fluxo natural das quatro estações tivesse sido interrompido, caso em que não restaria nenhum insecto ou planta que cresça que não perdesse a sua própria natureza. Isso resulta da busca do saber, e grande é a desordem que produz. Desde o começo das dinastias que isso é assim.

As pessoas são negligenciadas na mentalidade singela que têm e as representações plausíveis do espírito da inquietação são acolhidas com prazer, enquanto aduladores sem espinha se veem encorajados. Os métodos calmos e plácidos de não interferência são desprezados e obtêm prazer pelas expressões do que deixa o mundo na desordem.

CAPÍTULO 11
DO GOVERNO DO HOMEM E DO MUNDO
(ACEITAÇÃO E TOLERÂNCIA)

SOBRE O CONTENTAMENTO E A INSATISFAÇÃO DOS HOMENS

OUÇO FALAR EM DEIXAR O MUNDO EM LIBERDADE, em exercitar a paciência, e em não interferir, mas jamais ouvi falar de governar ou controlar o mundo. Preservámo-lo em paz com receio de que os homens interfiram nele e aceitámo-lo com receio de que os homens sejam afetados de forma adversa na virtude. Se a natureza de todas as coisas não for corrompida e se a sua integridade não for espoliada, então que necessidade haverá de governar o mundo?

Há muito tempo atrás o sábio Yao governava todas as coisas, todo mundo vivia contente com a sua natureza. Em parte nenhuma existia carência. Mas quando o tirano Chieh governava tudo sob o céu, deixava todo o mundo aflito e exausto, todos achavam a vida um ardo e a natureza implacável e não reinava contentamento em parte alguma. A falta de repouso e de contentamento atentam à integridade e não há quem resista muito tempo à negação da sua integridade.

Andarão os homens excessivamente animados? Caso assim seja, padecerão de excesso do elemento Yang (da expansão). Andarão excessivamente irritados? Nesse caso, o elemento contrário neles, o Yin, achar-se-á excessivamente desenvolvido. Se o equilíbrio de Yin e Yang for perturbado, as quatro estações não seguirão o seu curso (naturalmente) e a harmonia de frio e quente não será mantida, e isso acabará por resultar em prejuízo para o corpo.

Se as pessoas perderem a perspetiva equilibrada do contentamento e da irritação, andarão inquietas e perderão a constância e a satisfação, e deixarão por completar aquilo que tiverem começado. Num estado de coisas assim o mundo começará a elaborar objetivos elevados e terá lugar a ambição e o ódio, o que constitui o terreno fértil para ladrões como Chih, Tseng e Shih.

Então, recompensar-se-á o bem e punir-se-á o mal; recompensar-se-á o bem, só que jamais haverá recompensa em demasia; punir-se-á o mal, mas nunca castigarão o suficiente. Por isso, tudo o que existe, conquanto grandioso, não se presta nem se adequa a induzir nem a dissuadir (recompensa e castigo) e tudo, desde as três dinastias para cá, nada mais foi que azáfama e excitação, preocupação com

recompensas e castigos, pelo que os homens não encontram repouso nas qualidades essenciais da sua natureza inata nem nos atributos do destino.

AQUELE QUE É SUPERIOR PERMANECE INATIVO

Além disso:
O cultivo prazeroso da visão conduz ao excesso e à corrupção (da estética);
O cultivo agradável do ouvido tende a corromper a pureza do som;
O cultivo deleitoso da justiça instaura no homem leva-o a voltar costas à razão e à correção, e confundir a virtude (princípios);
A prática gratificante das cerimónias presta-se ao cultivo da artificialidade;
O cultivo encantador da música contribui para a sedução (dissolução) e a dissonância;
O deleite pela sagacidade presta-se à capacidade inventiva e à esperteza;
O cultivo do conhecimento contribui para a repressão e a censura.

Se os homens se firmarem nas qualidades da sua natureza inata e nos atributos do seu destino, essas oito formas de cultivo não farão a menor diferença. Se os homens não se centrassem na verdadeira forma da sua natureza e destino, então essas oito formas de gozo causarão desinquietação e distorção e o mundo cairá no desequilíbrio e na desordem. Quando os homens começam a tê-las em reputação e a ansiar por elas, grande é a deceção que causam ao mundo. Não é coisa de pouca monta, por as pessoas se excederem em jejuns e orações e apregoarem tais coisas como tesouros, e tocarem tambores e lhe prestarem culto. Mas aí, que se poderá fazer para se remediar o mal?

Por isso, quando nada resta fazer ao homem superior senão orientar todas as coisas existentes sob o céu, nisso não há melhor política que a da não interferência (inação). Dessa forma poderá repousar (centrar-se) na real substância da sua natureza e destino.

Se ele valorizar o próprio mundo como valoriza o corpo, então o mundo poderá ser-lhe entregue ao cuidado. Àquele que ama o mundo como ama o seu corpo, pode-se-lhe confiar o mundo.

INTROMETER-SE COM O PENSAMENTO

Portanto, se o homem superior não dissipar os seus órgãos vitais e não lhes causar dano, nem cultivar faculdades exacerbadas da visão e do ouvido, conquanto permaneça inativo como um cadáver, denotará poder de presença, preservará o silêncio e o espírito ativo, e o céu acompanhá-lo-á; mantém a postura na inação enquanto a

miríade de coisas existentes se assemelha a grãos de poeira a flutuar no ar. Então que bem se colherá do governo de todas as coisas existentes sob o céu?

Tsui Chu interpelou Lao Tzu dizendo: "Se o mundo não for governado, como se poderá aperfeiçoar a mente (índole) dos homens?"

Lao Tzu disse-lhe: "Toma cuidado com a forma como lidas com a bondade natural do homem. Quando constrangido o coração do homem pode cair na depressão, quando encorajada, pode cair na exaltação. E os homens podem ser aprisionados ou incorrer no dano tanto pela depressão como pela exaltação.

É tão delicado que pode sofrer desgaste em face da instigação e da subjugação; no entanto, os seus ângulos são suficientemente afiados para cinzelar e esculpir. A sua mente assemelha-se a um fogo abrasador e a um frio como o do gelo. A sua mente pode ficar tão agitada que se pode dispersar num ápice, em meio à distração. Uma vez em repouso, é tão profundo quanto um abismo. Ativo, revela-se remoto como o céu. Foge de tudo quanto tender a atá-lo. Tal é o coração da humanidade.

Há muito, muito tempo atrás, o Imperador Amarelo foi o primeiro a perturbar a mente dos homens com todo o jargão (hipocrisia) sobre a benevolência e a justiça. Em resultado, Yao e Shun mataram-se a trabalhar para alimentar os seus súbditos e esforçaram-se por estabelecer códigos de leis e por praticar a benevolência e a justiça, que esgotaram as pessoas para as sujeitar à benevolência e o dever; mas não conseguiram obter sucesso.

Nesse sentido, Yao teve que enviar Huang Tou ao Monte Chung a fim de banir as três tribos Miao e o ministro do trabalho para a Cidade Negra (Yutu). Tal foi a extensão do insucesso que tiveram no governo do mundo. O que nos conduz às Três Dinastias, quando o mundo se encontrava no caos e na desordem e reinava a consternação.

Entre os mais baixos tipos de carácter contava-se com o ditador Chieh e o ladrão Chih. Nos mais elevados tipo de carácter encontrava-se Tseng Chen e Shih Chin. Por fim surgiram os Confucianos e os Moistas, em resultado do que os contentes e os furiosos se passaram a encarar com suspeição mútua, os complacentes e a sagazes passaram a ditar regras uns aos outros; os fanfarrões e os homens honestos trocaram recriminações, e o mundo caiu na decadência.

As perspetivas sobre a grande Virtude não mais coincidiam e a natureza interior com os seus dons e o destino foram calcados aos

pés. Todos cobiçavam o conhecimento mas as pessoas andavam aturdidas e exauridas com a busca do bem.
Recorreram a machados e a serras e sentenciaram com base na culpa e condenaram por decreto, e instauraram a pena de morte. O martelo e a bitola foram usados na condenação, e o mundo caiu na desordem. O crime teve origem na intromissão no íntimo dos homens. Em resultado disso, os dignos de mérito tiveram que se esconder entre as montanhas e os príncipes dos exércitos refugiaram-se com medo e alarme nos santuários dos seus antepassados.

Na atual geração, os corpos daqueles que foram executados jazem uns por sobre os outros, numa pilha; os que são obrigados a carregar grilhões e cangas atropelam-se uns aos outros; os que foram sentenciados a punições acham-se presentes em todas as praças. E agora surgem os Confucianos e os Moistas com a sua presunção e arrogância por entre as massas de pessoas constrangidas. É uma desgraça que vão tão longe na audácia e descaramento que demonstram, uma total falta de vergonha.

Porque não terão ainda percebido que a sagacidade dos eruditos pode muito bem representar os grilhões e as cangas, e que a benevolência e a justiça podem muito bem ser os cravos e os grilhões? Como saberemos se Tseng e Shih não serão os arautos do surgimento de ladrões como Chieh e Shih? É por isso que digo para abolirem a sagacidade e para abandonarem o conhecimento, e tudo sob o céu terá governo.

DA COMPREENSÃO DO CAMINHO

O Imperador Amarelo foi senhor do mundo durante dezanove anos: todo o mundo seguia os seus éditos, quando ele ouviu falar do Mestre Kuang Chen que habitava no topo do monte Kung Tung, e foi visitá-lo, dizendo: "Ouvi dizer, senhor, que é proficiente no Caminho (Tao). Poderei aventurar-me a perguntar-lhe qual é a essência do Caminho Perfeito? Gostaria de captar a essência do Céu e da Terra, e de as usar para ajudar no cultivo dos cinco grãos e para alimentar as pessoas. Também gostaria de controlar o Yin e o Yang, para poder assegurar o crescimento de todas as coisas vivas. Com poderá isso ser conseguido?"

O Mestre Kuang Cheng respondeu: "Aquilo que dizes querer é a verdadeira substância (superficial) de todas as coisas; aquilo que queres controlar acha-se cindido. Desde que começaste a governar todas as coisas sob o céu a chuva caiu antes mesmo que chegassem a formar-se nuvens; as árvores e os arbustos deixam cair as folhas sem que elas sequer amadureçam; a luz do sol e da lua estão cada

vez mais a empalidecer. Tens um espírito frívolo e uma mente tagarela – que bem poderia advir de te revelar o Caminho Perfeito?”

O Imperador Amarelo retirou-se e deixou de governar o mundo; construiu uma cabana rústica onde estendeu um estrado feito de juncos e aí permaneceu imperturbável por três meses. Depois foi de novo apresentar o pedido.

O Metre Kuang Cheng encontrava-se deitado voltado para sul. O Imperador Amarelo com um ar de deferência, adiantou-se e ajoelhou. Fez duas vénias e disse: “Ouvi dizer, Mestre, que sois um mestre do Tao Perfeito. Gostaria de perguntar como deverei governar o meu corpo para poder ter uma vida longa.”

Mestre Kuang Cheng de súbito sentou-se e disse: “Excelente pergunta! Esplêndido! Vou-te ensinar o Tao perfeito. A sua essência acha-se envolta no mistério, perdida no silêncio. Nada há a ouvir; nada há a ver; quando se envolve o espírito na quietude e na pureza e não se sujeita o corpo à fadiga nem se agita a essência (força vital). Tudo isto resultará numa vida longa. Os olhos nada veem, os ouvidos nada escutam, a mente nada conhece. Assim, o teu espírito preservar-te-á o corpo e ele viverá por muito tempo.

Tem cuidado com o que carregas no íntimo, bloqueia o que provenha do exterior, por o conhecimento em demasia ser perigoso. Conduzir-te-ei rumo à grande luz, e atingiremos a origem do perfeito Yang. Guiar-te-ei pelos portões do Obscuro Mistério, até à origem do perfeito Yin. Céu e Terra têm quem os governe, o Yin e o Yang têm os seus recessos. Cuida e zela do teu corpo que o resto tomará conta de si próprio. Eu sustento a unidade e resido na harmonia; foi assim que cuidei de viver até aos mil e duzentos anos sem envelhecer.”

O Imperador Amarelo curvou-se duas vezes e disse: “Mestre Kuang Cheng, para mim vós sois o próprio Céu.”

O Mestre Kuang Cheng retrocou: “Esplêndido! Vou-te instruir. Aquilo que buscas é inesgotável, mas ainda assim as pessoas acham que tenha um fim; é insondável, mas ainda assim as pessoas acham que o conseguem abranger. Aquele que atinge o Tao, será sublime do alto, e um rei na terra. Aquele que falha na realização do Tao, pode ver o brilho acima, mas permanecerá submisso, na terra.

Todas as criaturas que nascem provêm do pó e ao pó regressam. Por isso vou-te agora levar a penetrar as gargantas do inexaurível e vaguear pelos campos do ilimitado para aí nos misturarmos com o sol e a lua e tornar-nos eternos com o céu e a terra. Não considerarei o que esteja porvir e ignorarei o que quer que tenha passado. Todos poderão morrer, que só eu sobreviverei!”

O ERRO DE GOVERNAR OS OUTROS

Yun Chiang viajava para leste transportado nas asas de um furação, e de súbito encontrou Hung Mung, que andava aos saltos e a bater nas coxas, a pular como um pássaro. Yun Chiang vindo aquilo deteve-se e com reverência disse: "Quem és tu, velho? Que andas a fazer?"

Hung Mung continuou a bater nas coxas e a pular com um pássaro, e logo respondeu: "Estou a divertir-me."

Yun Chiang olhou para Yun Chiang e disse: "Isso é de lamentar!"

Yun Chiang disse: "A própria essência do Céu não mais se encontra em harmonia; os espíritos da terra não se misturam (Yin e Yang, vento e chuva, luz e trevas), as quatro estações não seguem a sua ordem natural. Mas agora quero combinar os seis espíritos para trazer vida a todas as coisas. Como conseguirei isso?"

Hung Mung sacudiu a cabeça, bateu nas coxas, deu um salto e respondeu: "Eu não sei; não sei!"

Yiun Chiang não conseguiu prosseguir com as perguntas. Mas três anos mais tarde, ao viajar para leste, passou a região deserta de Sung e topou de novo com Hung Mung. Yun Chiang, muito satisfeito, acorreu junto dele e disse-lhe: "Céu, esqueceste-te de mim? Céu, esqueceste-te de mim?"

Curvando a cabeça duas vezes desejoso de receber instrução da parte dele. Hung Mung disse: "Vagueando sem rumo, não sei o que procurar, levado por um impulso desenfreado sem saber para onde. Vagueando num estado de perplexidade desses vejo que nada é sem razão. Que mais poderei saber?"

Yun Chien respondeu: "Também sou impulsivo, mas as pessoas seguem tudo quanto faço. Não consigo evitar que o façam. Agora, por não conseguir evitar que me imitem, gostaria que me desses um conselho."

"A interferência nos caminhos do Céu aflige a verdadeira natureza das coisas e detém o cumprimento dos Mistérios do Céu," disse Hung Mung.

"Isso leva a que os animais se dispersem; os pássaros cantem pela noite; o infortúnio atinja as colheitas e os arvoredos; a calamidade atinja répteis e insectos. Esse é o erro decorrente de governar os homens."

"Então, que deverei fazer?" disse Yun Chiang.

"Ah, quanta perversão! Vou-te deixar e vou dançar, e recobrar a transcendência."

Yun Chiang retrocou: "Tem-me sido difícil encontrar-te, Céu, pelo que te peço uma palavra."

"Ah," disse Hung Mung. "Fortalece a tua mente. Só precisas assumir a inação (não interferência) e as coisas transformar-se-ão por si só. Livra o corpo e rejeita o poder da visão e da audição (sagacidade); esquece todas as relações e coisas e torna-te um com o Vasto e o Vazio. Liberta a mente e o espírito; Imerge na passividade, e todas as coisas ao teu redor retornarão à sua origem, sem saberem porquê. Num estado constante de caos, nunca o chegam a abandonar ao longo da vida. Se procurarem entender como regressar à origem (ordem) afastar-se-ão dela. Não perguntem da sua razão nem procurem apurar do seu propósito, e as coisas seguramente chegarão a existir por si sós."

Yun Chiang disse: "Céu honrou-me com esta virtude e ensinou-me o seu mistério. Toda a minha vida o busquei e agora encontrei-o."

Fez duas vénias e levantou-se e despediu-se e foi embora.

AQUELE QUE NÃO TEM COMPANHEIROS PODE SER O MAIS NOBRE DE TODOS

O homem comum sente-se satisfeito quando os outros se parecem com ele e concordam com ele, e sente-se desagradado quando tal não acontece; aqueles que demonstram afinidade pelos seus gostos e não mostram afinidade pelas suas aversões fazem-no sob influência da diferenciação dos outros, uma ânsia profundamente arraigada. Porém, se eles determinam que são diferentes dos outros, de que forma isso os diferenciará do resto?

É melhor ir com todos e ficar em paz do que esforçar-se, independentemente do quão espertos sejam, por os outros todos juntos apresentarem mais competências. Contudo, quando querem administrar os outros estados, fazem-no com o fito apenas no proveito e em função do governante, e sem atender às suas preocupações, conforme os métodos de governo que as Três Dinastias achavam vantajosos; mas não perspetivam os perigos que isso envolve.

Isso equivale a deixar um estado entregue à sua sorte. Mas, quantas vezes se poderá fazer isso sem se deixar o estado na ruína? Talvez um só em cada dez mil possa salvar o estado (nação) disso, ao passo que as hipóteses de sair mais arruinado são de dez mil para um. É angustiante ver que os governantes não têm consciência do perigo disso!

Aquele que possui um grande estado possui o maior dos bens. Sendo senhor de uma grande coisa, ele deveria ser tratado como qualquer um e não se deixar influenciar pelos bens. Possuindo-se todas as coisas como coisas sem se deixar influenciar pelas coisas, é-se capaz de tratar as coisas com equidistância. Aquele que acalenta a perceção de tratar as coisas como coisas, em si mesmo não se compara a nenhuma. Consequentemente, não só governará os cem clãs (povo) e tudo quanto existe sob o céu, como transitará entre as seis direções (norte, sul, este, oeste, para cima e para baixo) e as nove regiões, solitário nas idas e solitário nas vindas. Será o único senhor, e enquanto senhor único ele é o mais perfeito de todos.

Os ensinamentos dos grandes homens assemelham-se à sombra que o nosso corpo lança e ao eco que acompanha o som. Quando questionado, ele responde desdobrando-se em compreensão e levando o inquiridor a confrontar a sua própria mente. Permanece no silêncio e exerce ação no ilimitado; orienta os transviados e rem-rumo para o seu próprio objetivo; adota e abandona o desapego no seu curso e não deixa rasto, semelhante como é ao sol, sem começo nem fim.

Na descrição deles, diz-se que fazem parte da unidade com o Todo. O Todo não tem personalidade. Não tendo personalidade, como poderão ter posses? Aquele que detém posses é mais nobre enquanto aquele que nada tem é companheiro de Céu e Terra.

O CÉU ASSEMELHA-SE AO ESPÍRITO

As coisas são inferiores, no entanto são úteis.
As pessoas são humildes, porém, depende-se delas.
Os negócios (tarefas) são fastidiosos, mas precisam ser feitos.
As leis são agentes de coerção e imprecisas, no entanto precisam ser estabelecidas.
A integridade (justiça) parece distante mas necessitamos dela dentro de nós.
A benevolência é coisa íntima, porém, precisa ser universal.
As cerimónias são restritas, porém, precisam ser multiplicadas.
A Virtude acha-se alojada no âmago, porém, precisa ser exaltada.
O Tao é Um, no entanto precisa ser modificado.
O Céu é espiritual mas precisa ser praticado (exercitado).

Por conseguinte, os sábios contemplam o Céu, mas não lhe prestam assistência. Encontram o seu aperfeiçoamento na virtude mas não deixam que ela os sobrecarregue.
Demonstram de acordo com o Tao, mas não fazem planos.
Recorrem à benevolência naquilo que empreendem, mas não dependem dela.
Perseguem extensivamente a justiça mas não procuram acumulá-la.

Cumprem com as cerimónias mas não evitam a opinião quanto às suas dificuldades.
Tratam dos negócios e não se esquivam às suas responsabilidades.
Procuram aplicar as leis que estabelecem, mas não creem na sua eficácia.
Valorizam as pessoas e não as desconsideram.
Fazem uso das coisas e não as desconsideram.
É verdade que as coisas são íntimas, mas precisam ser usadas.
Aquele que não percebe o Céu com clareza, não terá a pureza da virtude.
Aqueles que não seguem o Tao não conseguem seguir nenhuma outra senda de forma bem-sucedida.
É pena que não consigam compreender o Tao!

Que é isso que chamamos de Tao? Há o Tao do Céu e o Tao da humanidade. Nada fazer atrai a honra: esse é o Tao do Céu. A ação representa o Tao da humanidade. O Tao do Céu é regente. O Tao da humanidade é servo. Ambos, acham-se afastados. Isso é algo que merece ser criticamente examinado.

CAPÍTULO 12
DO CÉU E DA TERRA

DO GOVERNO DE SI

CÉU E TERRA SÃO VASTOS, porém, são iguais nas transformações que impõem. As dez mil coisas são numerosas, mas são uma só na ordem que lhes trás estabilidade. Embora os seres humanos sejam muitos, são todos governados pelo soberano. O soberano encontra a sua origem na Virtude, e a sua perfeição no Céu. Por isso se diz que o soberano da antiguidade insondável governava o mundo por intermedio da não ação, por meio da Virtude do Céu e nada mais.

Contemplem as palavras à luz do Caminho – então o soberano do mundo será elevado. Observem as distinções à luz do Caminho – então os deveres do soberano e do súbdito tornar-se-ão relevantes e claros. Examinem as competências à luz do Caminho – e então os funcionários do mundo estarão no lugar indicado e governarão bem. Observem tudo à luz do Caminho – e então a resposta e a aplicação às dez mil coisas será cabal.

O Caminho está em nos imbuirmos de Céu e Terra. Mover-se por entre as dez mil coisas com acordo - nisso reside a Virtude. Assuntos superiores que governam o povo – isso é expressão da hierarquia. Destreza que alcança expressão de preparo - a isso se chama perícia. A perícia é necessária à hierarquia e a hierarquia ao dever; o dever advém da Virtude e a Virtude advém do Caminho, e o Caminho

advém do Céu. Por isso se diz: Aqueles que conduziam o mundo na antiguidade não acalentavam tal desejo, e o mundo saia satisfeito; eram desprovidos de ação, e as dez mil coisas saiam transformadas; eram introvertidos e silenciosos como as águas das profundezas, mas o povo permanecia estável. Os Registos narram o seguinte: "Comunguem com o Um, e as dez mil tarefas serão satisfeitas; não acalentem a ideia da realização, e os deuses e espíritos submeter-se-ão."

A VIRTUDE ESTÁ NA UNIDADE

O mestre disse: O Caminho abrange e suporta as dez mil coisas - ampla, vasta é a sua grandeza! O homem superior deve erradicar a ideia da realização do seu íntimo!

À atuação por meio da não ação se chama Céu. Ao discurso por meio da não ação se chama Virtude. Do amor pelos homens e do benefício das coisas se diz que é benevolência. Ao que torna o diferente igual se chama grandeza. Ir além de barreiras e limites é chamado magnanimidade. Ser senhor de uma miríade de atributos diferentes é chamado riqueza. Gozar de Virtude e ater-se a ela é chamado orientação. A maturidade da virtude é chamada estabilidade e firmeza. Alinhar pelo acordo do Caminho é chamado realização. Ver que as coisas externas não embotem nem distraiam a vontade é chamado aperfeiçoamento.

Quando o homem superior claramente compreende estas dez qualidades, quão benéfica não será a magnanimidade e a harmonia com que empreende as dez mil coisas!

Um homem assim é o que acumula tesouros no céu e o que deposita o valor no sentido, ao deixar o seu "ouro" enterrado nas "montanhas," as "pérolas" ocultas nas profundezas. Não verá o verdadeiro proveito no dinheiro nem nos bens, não se deixará seduzir pela fama nem pela fortuna, não terá prazer em gozar uma vida longa, nem sentirá pesar com a morte prematura, não verá qualquer valor na afluência, nem se envergonhará com a pobreza. Ele não arrebatará os lucros de toda uma geração para deles fazer seu tesouro privado; não desejará ser senhor do mundo nem pensará que nisso esteja a honra. Para ele a honra encontra-a na compreensão clara, por ter consciência de que as dez mil coisas pertencem a um mesmo tesouro, e que a vida e a morte são o mesmo.

ATRIBUTOS RÉGIOS

O Mestre disse: O Caminho – quão profundo é o seu repouso, quão límpida a sua clareza! Sem ele nem os sinos tocariam nem as pedras de toque ressoariam. Os sinos e as pedras possuem sons, mas a

menos que sejam golpeados, não os emitirão. As dez mil coisas – quem as poderá determinar?
O homem de régia virtude move-se na simplicidade, e envergonha-se de se imiscuir na condução dos assuntos. Ele estabelece o seu conhecimento na fonte original do natural, e a sua compreensão estende-a até ao sobrenatural.

Por isso, a sua virtude é abrangente e a sua mente estende-se às coisas que a estimulam. Sem o Caminho o corpo não pode sustentar a vida, e sem os atributos da Virtude, a vida não se pode manifestar. Preservar o corpo e desenvolver a vida em pleno; estabelecer os atributos da Virtude e exibi-los com clareza – não será isso possuir régia Virtude? Quão aberto e sem premeditação é o seu espontâneo avanço, e prontas e inesperadas as respostas que dá, enquanto as dez mil coisas o seguem – isso é o que significa um homem cujas qualidades o levam a ajustar-se ao governo!

Ele percebe na ausência de expressão, ouve onde tudo permanece inexpressivo. Em meio à obscuridade só ele distingue um vislumbre; em meio ao silêncio, só ele escuta a harmonia. Por conseguinte, ao atingir as profundezas uma e outra vez ele consegue chegar a obter um vislumbre; ao perseguir o repetidamente o carácter subtil da essência, longe de ter alguma coisa, ele consegue dá-lhes cobertura por meio da sua diligência; conquanto esteja sempre apressado, sempre regressa ao seu lugar de repouso; me meio ao grande, ao pequeno, ao extenso, ao curto, ao próximo e ao distante.

A PROCURA DA JÓIA SEM FORMA

O Imperador Amarelo foi passear pelo Norte da Água Vermelha, subiu às encostas de Kun Lun, e observou o sul. Ao chegar a casa, descobriu que perdera a sua Pérola Negra. Enviou o Conhecimento à sua procura, mas o conhecimento não a conseguiu encontrar. Enviou o perspicaz Li Zhu à sua procura, mas Li Zhu não a conseguiu descobrir. Enviou a Disputa Acalorada à sua procura, mas a disputa Acalorada também não a encontrou. Por fim procurou usar o Sem Objetivo, e o Sem Objetivo encontrou-a. O Imperador Amarelo disse: "Que estranho! – como foi que o Sem Objetivo foi capaz de a encontrar?"

QUALIDADES QUE SE EQUIPARAM AO CÉU

O Mestre de Yao foi Xu You; o Mestre de Xu You foi Nie Que; o mestre de Nie Que foi Wang Ni; e o Mestre de Wang Ni foi Piyi. Yao perguntou a Xu You: "Poderia Nie Que ser igualado ao Céu? Eu podia pedir a Wang Ni que lhe pedisse para me suceder no trono."
Xu You disse-lhe: "Cuidado! Com isso colocará tudo em risco! Nie Que é um homem de inteligência aguda e de soberba compreensão,

ágil e inteligente. É, por natureza, superior aos outros, e ele sabe como explorar o que o Céu lhe der.

"Ele faria o melhor que pudesse para impedir as falhas e os erros, mas não compreende de onde os erros e as falhas procedem. Igualá-lo ao Céu? Veja – ele começaria a confiar nos outros e a esquecer o Céu. Colocar-se-á à frente e relegaria os demais para segundo lugar. Servir-se-ia do artificial e negligenciaria o natural mais rápido que o vento. Tornar-se-ia escravo das suas próprias ideias, ficaria à mercê das exigências, procuraria por todas as direções a ver como as coisas estariam a sair e tentaria atender a todas as carências, mudara sempre junto com as coisas, e deixaria de apresentar quaisquer vestígios de firmeza própria. Como poderia ele ser igualado ao Céu? No entanto, existem clãs menores. Ele poderá servir de chefe de um desses clãs, embora jamais servisse de chefe dos chefes da vasta tribo. Um governo da sua parte seria precursor da desordem, tanto para os ministros voltados a norte, como para os soberanos voltados a sul!"

FAVORECER O QUE ESTIMULA A VIRTUDE

Yao andava a ver as vistas por Hua quando o guarda de fronteira de Hua disse: "Ah, eis um sábio! Peço que me permita rogar-lhe bênçãos. Possa o sábio gozar de uma vida longa!"
Yao disse: "Não, obrigado."
"Possa o sábio obter riquezas!"
Yao disse: "Não, obrigado."
"Possa o sábio ter muitos filhos!"
Yao disse: "Não, obrigado."
"Vida longa, riquezas, muitos filhos – isso é o que todos os homens almejam!" disse o guarda de fronteira. "Como é que só vocês não as deseje?"
Yao disse: "Muitos filhos implica muita ansiedade. Riquezas implicam muitos apuros. Uma vida longa trás opróbrio e humilhações. Tais bênçãos são inúteis no cultivo da Virtude – razão porque declino."

O guarda de fronteira disse: "Inicialmente achei que fosse um sábio. Mas agora vejo que não passa de um mero nobre. Quando o Céu dá lugar às dez mil pessoas, é certo que tem um emprego a dar-lhes; que haverá a temer nisso? Se partilhar as suas riquezas com os outros, que apuros terá? Se tiver muitos filhos, atribuir-lhes-á um cargo, por isso, que terá a temer?"

"O verdadeiro sábio é como a codorniz no repouso, ou como o passarinho nas suas refeições, e como as aves em voo, não deixa vestígios. Quando o Caminho prevalece no mundo, ele goza de prosperidade junto com todas as coisas. Quando o Caminho está ausente do mundo, ele favorece a Virtude e retira-se do

envolvimento. Após mil anos, deva ele sentir-se cansado do mundo, ele deixá-lo-á para ascender para junto dos imortais, e cavalgará aquelas nuvens brancas até subir até à residência do Supremo.

“As três formas de preocupação que citou não lhe afetam o corpo. Como poderá ele sofrer qualquer vergonha?”

O guarda de fronteira voltou-se e afastou-se. Yao seguiu-o, dizendo: "Faça favor, gostaria só de lhe perguntar..." "Vá-se lá embora," disse-lhe o guarda de fronteira.

A VIRTUDE DA RENÚNCIA

Quando Yao governava o mundo, Bosheng Zigao obteve propriedade plena como nobre. Mas quando Yao passou o trono a Shun, e Shun o passou a Yu, Bocheng Zigao renunciou ao seu título e assumiu funções de lavoura. Yu foi vê-lo e encontrou-o a lavrar os campos. Yu acorreu à frente dele e em deferência fez-lhe uma vénia, e ateve-se para a seguir dizer: "Quando Yao governava o mundo, o senhor servia-o como governador. Mas quando Yao passou o trono a Shun, e Shun o passou a si, a seguir ao que o senhor mo passou a mim, o senhor renunciou ao seu título e assumiu a lavoura. Poderei atrever-me a perguntar-lhe porquê?"

Zigao disse: "Quando Yao governava o mundo, ele não atribuía recompensas, e no entanto as pessoas trabalhavam duro; não decretava castigos, e no entanto as pessoas veneravam-no. Agora você recompensa e pune, e ainda assim as pessoas não conseguem fazer o bem. A partir de agora, a Virtude entrará em decadência e as penalidades prevalecerão. A desordem das gerações futuras têm o seu começo precisamente aqui! Senhor, porque não vai embora? Não me interrompa o trabalho!" E atarefado lá continuou com as tarefas da lavoura, sem se voltar para olhar para trás.

NO COMEÇO

No Grande Começo, não existia nada; não existia ser nem nome. Daí surgiu o Um; existia o Um, porém, não tinha forma. Quando as coisas conseguiram aquilo por que chegaram a existir receberam o que veio a ser chamado Virtude. Antes que as coisas adquirissem forma, elas foram divididas, só que não separadas umas das outras. Por meio do equilíbrio e do movimento surgiram as coisas, e à medida que se desenvolveram, adquiriram formas distintas; a isso se chamou *forma*.

Quando as formas e corpos encerraram os espíritos, cada um dos quais dotados das suas características e limitações, e a isso se chamou *natureza inata*. Se a natureza inata for treinada, podereis retornar à Virtude, Virtude essa que se for aperfeiçoada nos

tornaremos como no Começo. Ao ser idênticos, ver-nos-emos despojados; estando despojados, seremos grandiosos. Poderemos juntar-nos aos chilreios e às brincadeiras dos pássaros, e quando nos tivermos reunido aos chilreios e às brincadeiras dos pássaros poderemos juntar-nos ao Céu e à Terra. Essa reunião é feroz e confusa, como se fossemos estúpidos, como se fossemos dementes. A isso se chama Virtude Misteriosa. Rudes e sem consciência, tomamos parte na Grande Submissão.

DO QUE NÃO SE OUVE NEM SE FALA

Confúcio disse a Lao-tzu: "Alguns esforçam-se por dominar o Caminho como se tentassem derrotar um oponente no debate, ao tornar o inaceitável aceitável, e ao tentarem tornar o impossível possível. Conforme os oradores que com a sua retórica dizem, "conseguem separar o "contraste" do "nítido" com tanta clareza como se pendessem dos beirais. Poderá um homem destes ser chamado de sábio?"

Lao tzu disse: "Um homem assim assemelha-se a um burro de carga, a um artesão preso à sua vocação, que desgasta o corpo, e aflige a mente. Por o cão ter mestria a apanhar ratos, ele acaba preso a uma trela. Por apresentar agilidade, o macaco é arrebatado da floresta na montanha. Shiu, vou-te contar uma coisa - algo que jamais pensarias ouvir, algo que jamais conseguirias dizer. Aqueles que têm cabeça e pés mas não têm coração nem ouvidos - desses há muitos.

Quem seja dotado de corpo e consiga preservar aquilo que não tem corpo nem forma - disso nunca se ouviu falar! Não é no começo ou fim de um homem, na vida nem na morte, na ascensão nem no declínio que isso se encontra. O domínio disso não está ao alcance do homem! Já o cultivo de si mesmo está nas suas mãos. Permanecer inconsciente das existências objetivas é esquecer-se da própria personalidade. Daquele que se esquecer de si se poderá dizer que terá combinado em si mesmo o humano e o divino.

INSTRUÇÃO INEPTA

Chiang Lu Mien foi ver o mestre Chi Che e disse: "O governante de Lu implorou-me que o instruísse. Eu declinei, porém, como ele não me deixava, não tive escolha senão dizer-lhe alguma coisa. Não sei se aquilo que disse foi ou não acertado, mas gostaria de vos repetir o que eu disse ao governante de Lu: "Precisa ser cortês e moderado! Seleccione e promova aqueles que forem leais e tiverem um espírito público em vez dos subservientes e dos egoístas; não admita louvor nem favoritismo, e então quem do seu povo se aventurará a ser indisciplinado?"

Chi Che desatou a rir. "No que toca à Virtude de reis e de imperadores," disse ele, "o concelho que lhe deu assemelha-se ao louva-a-deus que se pôs a acenar agitadamente com os membros em frente da carruagem que se aproximava - simplesmente não está à altura do pretendido. Caso o governante de Lu procedesse desse modo, ele simplesmente construiria torres mais altas e ajuntaria um crescente número de bens, e as pessoas esqueceriam os bons modos e tornar-se-iam como ele!"

Chian Lu Mien ficou de olhos esbugalhados tal a admiração com que ficou. "Estou estupefacto com as suas palavras," disse. "No entanto, gostaria de ouvir o que o Mestre tem a dizer acerca disso."

Chi Che disse: "Se um sábio governasse o mundo, ele deixaria a mente dos seus súbditos livre e a erraria por longe. Com base nisso ele influenciaria a formação das pessoas e reformaria os seus costumes, aniquilando toda a cobiça da mente e encorajá-las-ia a trabalhar pelo bem comum. Tudo é feito de acordo com a disposição inata, sem que soubesse o que as tivesse levado a isso. Quem age assim, que necessidade terá de se espantar com as doutrinas que Yao e Shun pregaram à sua gente? O único desejo que acalentaria seria o de levar a que estivessem de acordo com a Virtude e a Paz de Espírito."

IMPLEMENTOS E ARTIFÍCIOS

Tzu Kung viajou para sul para Chu, e no regresso por Chin, ao passar pela margem sul do rio Han viu um velho a preparar os campos para o plantio. Ele tinha deixado uma abertura por onde passava a água que tirava de um poço para as valas, para regar os campos, e tirava-a com um jarro. A soprar e a bufar, ele emprega uma enorme quantidade de energia mas conseguia muito pouco resultado.

"Existe uma máquina para regar," disse-lhe Tzu Kung. "Num só dia é capaz de regar cem campos, e exige muito pouco esforço além de produzir excelentes resultados. Não gostaria de ter uma?"
O jardineiro ergueu a cabeça e olhou para Tzu Kung.

"Como é que funciona?"

"É uma engenhoca construída em pau. A parte de trás é pesada e a da frente é leve e eleva a água e despeja-a, tão rápido quanto água a ferver! Chama-se engenho."

O jardineiro ficou ruborizado de raiva e de seguida disse por entre uma risada: "Ouvi o meu mestre dizer que, onde entrarem as engenhocas, certo é que venham a surgir problemas engenhosos; e onde imperarem os problemas engenhosos, certo é que venhamos a

ficar assoberbados de problemas e acabemos prejudicados. Assoberbados de corpo e mente, deterioraremos o puro e o simples, e não conheceremos repouso. E quando não conhecemos repouso, o Caminho deixará de nos animar. Não é que não saiba nada sobre as máquinas - só que me envergonharia por a usar!"

Tzu Kung corou de confusão, olhou para baixo, e não deu qualquer resposta. Passado um bocado, o jardineiro disse: "De qualquer modo, quem é o senhor?"

"Um discípulo de Confúcio."

"Ah, bom - nesse caso você deve ser um daqueles que confia no vasto conhecimento que tem de modo a imitar o sábio, e que impressiona as multidões com a superioridade e disparates sem sentido, e toca os acordes que mais ninguém sabe na esperança de obter fama? Melhor seria que esquecesse o seu espírito e o fôlego e desconsiderasse o corpo - porque então seria capaz de chegar a algum lado. Assim, nem sequer sabe cuidar de si próprio - como disporá de algum tempo para pensar em cuidar do mundo?! Vá lá senhor, e não interfira no meu trabalho!"

Tzu Kung assumiu um ar de gravidade e ficou branco como a cal. Atordoado e atrapalhado, não parecia conseguir recompor-se, e só depois de ter percorrido uma boa distância é que começou a recobrar. Um dos seus discípulos perguntou: "Quem era aquele homem ainda há pouco? Por que mudou a sua expressão e perdeu assim de cor, Mestre, e levou todo o dia a recobrar?"

"Eu costumava pensar que só existia um tipo de homem iluminado no mundo," disse Tzu Kung. "Não sabia que também existia este. Ouvi o Mestre dizer que nos negócios se deve visar o sucesso, e que nos empreendimentos se deve visar a conclusão, a fim de despendermos o menor esforço e conseguirmos o máximo de resultado; e que o teste das teorias está na sua praticabilidade. Mas agora parece que não é assim.

“Aqueles que se atêm com firmeza ao Caminho aperfeiçoam-se na Virtude; ao serem perfeitos na Virtude, tornam-se íntegros no corpo; sendo íntegros de corpo, poderão ter integridade de espírito; ser íntegro de espírito é o jeito do sábio. Ele confia a sua vida às pessoas, a faz a jornada a seu lado, sem jamais saber para onde se encaminha. Parecendo simplório, permanece intato na sua pureza. Realização, proveito, engenhos, proficiência - isso não tem lugar nos afetos de tal homem! Um homem assim não irá onde não tem vontade de ir, nem fará o que não tem em mente fazer. Embora o mundo o possa elogiar e aclamar, ele parecerá completamente desatento e jamais volta a cabeça; embora o mundo o possa e

rejeitar o que diz e dizer que tenha perdido o juízo, parecerá sereno e ausente. O elogio e a censura do mundo não representarão benefício nem prejuízo para ele. Ele poderá ser apelidado de homem de Perfeita Virtude. Ao contrário, eu pareço não passar de um homem lançado ao vento e às ondas."

Quando Tzu Kung voltou a Lu, ele reportou o incidente a Confúcio. Confúcio disse: "Ele é um daqueles praticantes falsos das artes do Ante Mundano. Compreende a primeira coisa, mas não compreende a segunda. Cuida do que se acha dentro mas não trata do que está por fora. Um homem que goze do verdadeiro esplendor da clareza e da pureza que seja capaz de adoptar a simplicidade e que consiga regressar ao primitivo pela não ação, dar corpo à sua natureza inata e abranger o seu espírito, e desse modo consiga perambular pelo mundo do dia-a-dia - se tivesses conhecido um desses, terias tido verdadeira causa de admiração.
Quanto às artes do homem do Ante Mundano, não vale a pena preocupar-nos com ele."

A DOUTRINA DE CHUN MANG

Chun Mang seguia o seu caminho em direcção ao leste, ao Grande Desfiladeiro do mar quando aconteceu encontrar Yuan Fung junto à costa do oceano oriental. Yuan Fung disse: "Mestre, onde vai?"
"Vou ao Grande Desfiladeiro."
"Que fará uma vez lá chegado?"
"O Grande Desfiladeiro é aquele tipo de coisa que nunca virá a encher pelas águas que entram, nem esvaziar pelas águas que saem. Vou passear por lá."
Yan Fung disse: "Não se interessa pelo que acontece ao homem comum? Não me dirá tudo sobre o governo do sábio?"
"O governo do sábio?" disse Chun Mang. "Atribui pastas sem negligenciar as competências; promove os homens segundo o mérito; examina as circunstâncias e os assuntos dos homens antes de agir para se inteirar dos verdadeiros factos. Revela coerência entre o que diz e o que faz e tudo no mundo sai transformado. Assim, um aceno de mão ou a um sinal com o olhar toda a gente das quatro direções virá a vós. A isso se chama governo do sábio."

"Poderei interrogá-lo sobre o homem de virtude?"

"O homem de virtude permanece na serenidade do não pensamento, na ação não emprega a ansiedade. Não reconhece certo nem errado, belo nem repulsivo. Preza o proveito e o benefício de todas as coisas nos quatro mares; isso constitui a sua felicidade; zelar pelas suas necessidades constituía sua paz. De aspeto pesaroso, ele assemelha-se a uma criança que perdeu a mãe. Aturdido, assemelha-se ao viajante que se esqueceu do caminho. Embora disponha de mais do

que riqueza e bens, mas não sabe de onde vêm. Consegue mais do que o suficiente para beber e comer, porém, não sabe como o obtém. A isso se chama o Tao do homem de Virtude."

"Poderei perguntar-lhe acerca do homem espiritual?"

"Ele deixa o espírito ascender à mais elevada luz; e a forma corporal deixa de se discernir. A isso se chama absorção na luz. O homem espiritual cumpre o seu destino, e age de acordo com a sua natureza. Habita na alegria do Céu e da terra enquanto as dez mil inquietações deixam de existir. Assim, todas as coisas retornam ao seu estado original. A isso se chama desenvolvimento na obscuridade."

PROFILAXIA

Meng Wu Kuei e Chih Chang Man Chi observavam as tropas do Rei Wu. Chih Chang Man Chi disse: "Ele não tem a estatura do Nobre do clã de Yu. É por isso que arranjou todos estes sarilhos!"

Meng Wu Kuei disse: "Estaria o mundo já em ordem quando o Nobre do clã de Yu assumiu o governo? Ou ele precisou conter a desordem?"

Chih Chang Man Chi disse: "Toda a gente quer ver o mundo em ordem. Se já se encontrasse em ordem, de que adiantaria dizer alguma coisa acerca das boas regras de Yu? O nobre do clã de Yu representou um remédio para as chagas, mas esperar que fiques careca para depois comprar uma peruca, ou esperar que adoeças para chamar o doutor, assemelha-se ao filho com sentido de dever filial que preparou o remédio de ervas e o foi apresentar ao pai com um olhar sombrio e inquieto - disso o verdadeiro sábio se envergonharia.

"Numa era de Perfeita Virtude, não se exalta os dignos de mérito nem se valoriza a sabedoria, e evita-se dar emprego aos talentosos.

"Os superiores são como ramos altos de uma árvore – um símbolo – ao passo que as pessoas, são como veados nas florestas. Desejam aquilo que é certo, mas não sabem que isso seja retidão. Amam-se umas às outras, mas não têm ideia de que isso seja benevolência.

"São justos sem se considerarem corretos. São autênticos, porém, mas desconhecem a boa-fé. Agem com espontaneidade, e desempenham serviços uns aos outros, mas não têm ideia de estar a ser amáveis. Por isso, movem-se sem deixar rasto, e os feitos atos não deixam lembrança."

A OBSTINAÇÃO E A FALTA DE FIRMEZA CONDUZEM À ESTUPIDEZ E AO TORPOR

O filho obediente que não é indulgente com os pais, e o ministro leal que não adula o seu senhor, constituem o melhor exemplo de um filho e de um ministro. O filho que concorda com tudo que os pais dizem e aprova tudo quanto fazem é tido na opinião pública como um filho desprezível; o ministro que concorda com tudo que o seu senhor diz e aprova tudo quanto o seu senhor faz, é tido na opinião pública como um ministro indigno. Porém, as pessoas não percebem que o mesmo princípio se aplica pelo inverso: Se um homem concordar com tudo que a opinião pública assevera e considerar como bom tudo o que a opinião pública aclamar como bom, nesse caso ele não é, conforme deverão esperar, apelidado de bajulador nem de adulador. Deveremos, pois, presumir que a opinião popular detém uma maior autoridade do que a de um pai, ou que deva ser mais honrada do que a de um ministro?

Chamem a uma pessoa bajuladora por anuir a tudo quanto lhe dizem, e ela enfurecer-se-á; chamem-lhe aduladora e ela mostrar-se-á ruborizada. Contudo, do princípio ao fim ela continua a bajular e a adular com as justificações que apresenta e a articulação da retórica que faz para mostrar concordância com a multidão. Do princípio ao fim os fundamentos e ramificações do argumento que apresenta não mais apresentam coerência e consistência. Vejam-na a exibir as vestes, a ostentar as suas cores vistosas, e a simular uma cara de solenidade na esperança de obter o favor dos pares - ela ainda assim não reconhece ser bajuladora e aduladora! Vejam-na a anuir com as opiniões dos superiores sobre certo e o errado - mesmo assim ela não se reconhece como mais uma da multidão. É assim que se chega ao cúmulo da estupidez e da insensatez!

Porém, aquele que conhece a estupidez que o domina, não é tão estúpido quanto isso; aquele que sabe que se encontra confuso, não se encontra na maior das confusões. Porém, aquele que se ilude e não se reconhece pelo que é, terminará a sua vida sem nem sequer a ter alguma vez chegado a endireitar; o que é monumentalmente estúpido terminará a sua vida sem alguma vez ter chegado a brilhar. Se três homens forem em viagem e um se mostrar confuso, eles ainda poderão chegar onde queriam chegar - por a confusão estar em minoria. Porém, se dois deles estiverem confusos, então poderão andar até se sentirem fatigados que nunca chegarão a parte alguma - por a confusão estar em maioria. Com toda a confusão que reina no mundo por estes dias, posso tentar esforçar-me quanto quiser por apontar o caminho, que de nada adiantará. É triste, não é?

Música solene não chega ao ouvido do povo, mas toquem-lhe cantigas de escárnio e de zombaria e ele rirá e dará atenção. Do mesmo modo, palavras sábias não impressionam a mente do povo.

Palavras sublimes não lhe conquistam o coração, por as palavras vulgares se encontrarem em maioria. É como o caso dos dois viajantes que passeavam em estado de confusão sem nunca chegarem onde queriam.

Com toda a confusão que reina por estes dias no mundo, mesmo que eu queira apontar o caminho, de que me adiantará isso? Mas, seu souber que de nada adianta, e ainda assim me forçar a persuadir o povo, também isto representará um tipo de confusão. Assim, o melhor é deixar as coisas entregues a si mesmas e não as forçar. Se eu não forçar as coisas, pelo menos não causarei preocupação a ninguém. Quando uma leprosa dá à luz uma criança a meio da noite, ela corre à procura de um lâmpada para a poder examinar, e estremece de terror só de pensar que possa ser como ela.

O QUE É PREJUDICIAL À NATUREZA INATA

A árvore de cem anos é retalhada para fazer vasilhas para o vinho sacrificial, que são adornadas a azul e a amarelo mais os padrões e o resto é lançado à valeta. Comparem as vasilhas cerimoniais com os o que é jogado à valeta e notarão distinções de beleza e fealdade; contudo serão semelhantes pelo facto de terem perdido a sua natureza inata.

O ladrão Chi, Tseng e Shi encontram-se muito distanciados entre si em termos de feitos e de justiça; contudo, são idênticos no facto de terem perdido a sua natureza inata.

Há cinco condições sob as quais a natureza inata se perde. A primeira: quando as cinco cores confundem a visão e a levam a ficar desfocada. A segunda: quando as cinco notas confundem a audição e nos levam a perder a agudeza. A terceira: quando os cinco odores nos estimulam o nariz e produzem estresse e congestão mental. A quarta: quando os cinco sabores entorpecem a mente e debilitam o sentido do paladar e o levam a perder a faculdade do sabor. A quinta: quando semelhante e dissemelhante alteram a mente e levam a que a natureza inata se torne instável e volúvel.

Estas cinco são todas um veneno para a vida. No entanto, os seguidores de Yangzi e de Mozi andam todos por aí a pensar que realmente compreendem alguma coisa. Mas isso não é o que eu chamo entender alguma coisa.

Se o que tiverem entendido os tiver metido em sarilhos, então poder-se-á realmente dizer de vós que tenhais entendido alguma coisa? Se assim for, então os pombos e as pombas na sua jaula também deverão ter entendido alguma coisa. Com gostos e aversões, sons e cores, vocês mutilam o interior; com capuzes de pele e chapéus de

penas, bastões presos em cintos e faixas a arrastar, vocês restringem o exterior.

Interiormente cercados por preferências e aversões e exteriormente atados pela contenda e pela inquietação, e ainda afirmam ter entendido alguma coisa! Se assim é, então o condenado com os pulsos algemados e os dedos amarrados, o tigre e o leopardo nos seus redis e prisões, também terão entendido alguma coisa!

CAPÍTULO 13
O TAO DO CÉU
(O CURSO NATURAL DOS ACONTECIMENTOS)

QUIETUDE E PLENITUDE INTERIOR

O TAO DO CÉU ESTÁ EM MANTER-SE EM CONSTANTE MOVIMENTO e não permitir o acúmulo - daí que todas as formas de vida sejam conduzidas à perfeição. O Caminho do Imperador está em manter-se em movimento e não permitir acúmulos - por isso todos no mundo inteiro se lhe submetem. O Caminho do sábio está em manter-se em movimento e não permitir que nenhum acúmulo - daí que todos nos mares se inclinem para ele. Abrangendo o Céu, familiarizado com o sábio, habituado às seis avenidas e às quatro fronteiras da Virtude dos Imperadores e dos Reis - as ações de um homem assim vêm espontaneamente; como que por sonhos, e nunca lhe falta o silêncio.

O sábio alcança a tranquilidade não porque tome a tranquilidade como boa. As coisas não são suficientes para lhe distrair a mente - essa é a razão pela qual ele permanece tranquilo. A água que permanece imóvel reflete uma imagem clara da barba e das sobrancelhas; Perfeitamente nivelada, oferece uma medida para o mestre carpinteiro. E se a água imóvel possui tal clareza, quanto mais não deverá o espírito puro possuir. A mente do sábio imóvel é espelho do céu e da terra, a taça das dez mil coisas.

Vazio, quietude, limpidez, silêncio, não ação - estes são os níveis do Céu e da Terra, a substância do Caminho e as características da Virtude. Por isso, o Imperador, o Rei, o sábio apoiam-se nisso. Apoiando-se nisso, poderão permanecer vazios; desse vazio, obtêm a plenitude; a plenitude traz a clareza da distinção. Vazios, poderão permanecer imóveis; imóveis, eles poderão atingir a ação sem ação; dessa não-ação, poderão obter o êxito.

Nada fazendo, eles podem apoiar-se na não ação; eles podem exigir o sucesso daqueles que estiverem atividades a seu cargo. Descansando na não ação, podem chegar a sentir-se satisfeitos; sentindo-se satisfeitos, poderão ver-se livres do cuidado e da

ansiedade, e poderão viver por muitos anos.

O vazio, a quietude, a limpidez, o silêncio, a inação são a raiz das dez mil coisas. Compreendê-las e é tornar-se um governante como Yao ou como Shun foram. Possuir isso em posições elevadas é atributo de Imperadores e Reis; manter isso em posições baixas é o caminho do sábio obscuro, do rei não coroado. Retirem-se com elas para uma vida de vadiagem errante e irão encontrar em primeiro lugar os eremitas dos rios e mares, das colinas e das florestas. Avancem com isso em socorro desta geração e o vosso sucesso será grande, o vosso nome ficará conhecido e o mundo ficará unido. Na quietude vocês serão sábios, na ação reis. Na imobilidade, serão honrados; de simplicidade bruta, a vossa beleza será tal que ninguém no mundo poderá competir convosco.

SIMPLES E REJUBILANTE

Aquele que possui uma clara compreensão da Virtude do Céu e da Terra pode ser chamado de Grande Origem, o Grande Ancestral. Ele está em harmonia com o Céu; e ao fazê-lo, ele leva um acordo equitativo ao mundo e também cria harmonia com os homens. Criar harmoniza com os homens é chamado de alegria humana; criar harmonizar com o céu é chamado de alegria celestial. Chuang Tzu disse: "Este meu mestre, oh, este meu mestre! - ele julga as dez mil coisas, mas ele não se considera severo, a sua benevolência estende-se às dez mil gerações, mas ele não se considera benevolente. É mais antigo do que a peça de antiguidade mais rara, mas ele não se pensa ter vivido há tanto tempo assim; ele cobre o céu, carrega a terra, esculpe e modela inúmeras formas, mas ele não se julga qualificado." Isto é o que se chama alegria celestial.

Assim, é dito que para aquele que entende a alegria celestial, a vida representa coisa do céu; a morte é a transformação das coisas. Na quietude, ele e o yin compartilham uma única Virtude; em movimento, ele e o yang compartilham um único fluxo. Assim, aquele que entende a alegria celestial não incorre em nenhuma ira do céu, nenhuma oposição do homem, nenhum emaranhamento com as coisas, não recebe qualquer culpa da parte dos espíritos.

Por isso se diz que o seu movimento procede do céu, a sua quietude procede da terra. Com a sua mente sem igual no repouso, ele é o rei do mundo; os espíritos não o afligem; a sua alma não conhece cansaço. A sua mente sem igual repousa, as dez mil coisas submetem-se - o que significa que o seu vazio e o seu silêncio alcançam o céu e a terra e penetram as dez mil coisas. Isto é o que se chama alegria espiritual. A alegria espiritual é a mente do sábio, por meio da qual ele conduz o mundo.

SUPERIORES E INFERIORES

A Virtude de Imperadores e Reis tem o Céu e a Terra como seu antepassado, o Caminho e a Virtude como mestre, a não ação como regra constante. Com a não ação, vocês podem fazer com que o mundo trabalhe a vosso favor e poupar lazer; com a ação, vocês trabalham para o mundo sem que nunca achem suficiente. Portanto, os homens da antiguidade prezavam a não ação.

Quando tanto superiores como inferiores adotarem a não ação, então inferiores e superiores partilharão a mesma virtude, e se inferiores e superiores partilharem a mesma virtude, não haverá ninguém para agir como ministro. Se os inferiores adotarem a ação e os superiores adotarem igualmente ação, então superior e inferior partilharão o mesmo caminho, e se superiores e inferiores partilhem o mesmo caminho, não haverá ninguém para servir de senhor. Os superiores devem adotar a não ação para levar o mundo trabalhar a seu favor; os inferiores devem adotar ação e trabalhar para o mundo. Essa é uma verdade que não muda.

Por isso, embora o conhecimento dos Reis do mundo nos tempos antigos abrangesse todo o Céu e a Terra, eles não faziam planos; embora tivessem um poder de discriminação que abrangia as dez mil coisas, por si sós eles não expunham teorias; embora suas capacidades ultrapassassem tudo pelos quatro mares, eles não agiam por mote próprio. O céu não produz nada, contudo, as dez mil coisas saem transformadas; a Terra não sustenta, contudo as dez mil coisas são nutridas.

O Imperador e o Rei não agem com base na ação, mas o mundo sai beneficiado. Por isso se diz que nada tão espiritual como o Céu, nem nada tão rico como a Terra; nada é tão grande quanto o Imperador e o Rei. Por isso se diz que a Virtude do Imperador e do Rei é o equivalente do Céu e da Terra. Este é o caminho para montar sobre o céu e a terra, fazer com as dez mil coisas andam para a frente, para empregar as massas de homens.

O TRIVIAL E O ESSENCIAL DE INSTRUTORES E GOVERNANTES

A fonte reside nos superiores, o trivial nos inferiores; o essencial encontra-se com o governante, os detalhes com os seus ministros. A lisonja dos três exércitos e dos cinco tipos de armas - isso é o trivial, os aspetos irrelevantes da Virtude. A atribuição de recompensas e punições, benefícios e perdas, os cinco tipos de penalidade - isso é os aspetos irrelevantes da instrução pública.

Ritos e leis, pesos, medidas, a comparação cuidadosa de formas e nomes - isso são os aspetos irrelevantes dos governantes. Os tons

de sino e de tambor, os maneirismos de penas e franjas - isso são os aspetos triviais da música. O luto e as roupas grosseiras, os períodos de luto de diferente extensão - isso são os aspetos irrelevantes do pesar. Estas cinco formas de trivialidade e de irrelevância devem aguardar o movimento do espírito puro, em prol da vitalidade da arte da mente antes que possam exigir respeito. O estudo de tais trivialidades era conhecido na antiguidade, mas os homens da antiguidade não lhes davam precedência.

O governante precede, o ministro segue;
O pai precede, o filho segue;
O irmão mais velho precede, o irmão mais novo segue;
O maior precede, o menor segue;
O homem precede, a mulher acompanha;
O marido precede, a esposa acompanha.
Honra e humildade, precedência e acompanhamento são parte do modo do céu e da terra, e deles o sábio retira o seu modelo.

O céu é grandioso, a terra humilde - isso reflete a iluminação espiritual. Primavera e verão precedem, outono e inverno seguem - tal é a sequência das quatro estações. As dez mil coisas mudam e crescem, as suas raízes e brotos, cada uma com a sua forma distinta, gradualmente a maturação e a decadência, um fluxo constante de mudança e de transformação.

Se o céu e a terra, o mais elevado da espiritualidade, ainda encontram a sua sequência na honra e humildade de precedente e seguidor, quanto mais não deve isso acontecer com o homem! Na antiguidade, a honra era determinada pelo grau de parentesco; na corte, pelo grau de nobreza; na aldeia, era determinada pelo grau de antiguidade; na administração dos assuntos, pelo mérito. Essa é a sequência do Grande Caminho (Tao).

OS PASSOS DO CAMINHO

Se falarmos do Caminho e não dos seus padrões de sequência, então não é o Caminho; mas se falarmos de um caminho que não é o Caminho, então, como alguém poderá conseguir um caminho que o oriente? Por isso, os homens dos tempos antigos que entendiam claramente o grande Caminho primeiro buscavam o sentido do Céu e depois buscavam o sentido do Caminho e da Virtude. Quando compreenderam o Caminho e a Virtude, eles compreenderam a benevolência e a justiça.

Tendo entendido a benevolência e a justiça, eles descobriam como observar dos deveres. Quando captavam o entendimento da observância dos deveres, eles compreendiam a forma e os nomes.

Quando compreenderam a forma e os nomes, eles estavam preparados para atribuir as funções de modo adequado. Quando atingiam a competência na atribuição das funções, eles davam atenção ao escrutínio e ao desempenho. Quando davam atenção ao escrutínio e ao desempenho, eles seguiam para o julgamento do certo e do errado. Tendo tornado claro o julgamento do certo e do errado, eles passavam para as recompensas e as punições. Tendo definido com clareza as recompensas e as punições, podiam ter certeza de que os tolos e os sábios ocupariam o seu devido lugar; que eminente e indigente eram corretamente classificados; que os homens bons e dignos, bem como os indignos, mostravam a sua verdadeira textura; que todos tinham deveres adequados às suas habilidades, que todos agiriam de acordo com os seus respetivos títulos.

Era assim que os superiores eram atendidos, e que os inferiores eram encorajados, era assim que as coisas externas eram ordenadas, e que o homem interno era desenvolvido. Não recorriam à sagacidade nem à intriga, e ainda assim tudo encontrava apoio no Céu. Isso chegou a ser chamado de Grande Paz, a mais elevada forma de governo. Daí que o Livro diga: "Há formas e há títulos." As formas e os nomes eram do conhecimento da antiguidade, mas os homens de outrora não lhes davam importância."

Aqueles que falavam do Grande Tao na antiguidade, falavam dos cinco passos sequenciais que lhes traziam "a forma e o nome", ou percorriam os nove passos e debatiam "recompensas e punições." Mas se falassem diretamente de "formas e nomes" isso denotaria falta de compreensão dos passos iniciais que levam a isso; se começassem diretamente a falar de "recompensas e punições" isso denotaria falta de uma compreensão da sua génese. E aqueles cujas palavras representavam o inverso do curso apropriado, ou se revelassem em oposição, poderiam ser conduzidos à ordem pelos outros, mas como poderiam eles ser capazes de conduzir os outros à ordem?

Esses têm compreensão dos métodos indispensáveis à ordem, mas não entendem o modo de produzir essa ordem. Adequam-se para o trabalho em prole do mundo, mas eles não são dignos de fazer com que o mundo trabalhe para eles. Não passavam de sofistas que recorriam à retórica, homens que alcançavam um pequeno entendimento. Ritos e leis, pesos e medidas, a comparação cuidadosa de formas e nomes - os homens de antigamente tinham tudo isso. Eles são o meio pelo qual aqueles abaixo servem os que se encontram acima, e não o meio pelo qual aqueles acima orientam aqueles abaixo.

PROFUNDA IMOBILIDADE

Há muito tempo atrás, Shun perguntou a Yao: "Enquanto rei designado pelo céu, em que situa os seus cuidados?"

Yao respondeu: "Eu nunca abuso dos desvalidos, nem desamparo os pobres. Sofro pelos mortos, conforto o órfão, compadeço-me da viúva - eu emprego o meu pensamento nessas coisas apenas."

Shun disse: "Admirável, no que diz respeito ao que é admirável, porém, ainda não é ótimo".

Yao disse: "Então, o que devo fazer?"

Shun disse: "O céu ergue-se no alto, a terra repousa na paz, o sol e a lua a brilhar, as quatro a suceder-se - se puder seja como a constante sucessão do dia e da noite, das nuvens que se movem, das chuvas que caem!"

"E pensar que tenho passado por toda esta agitação e incomodo!" Disse Yao. "Você deseja alcançar a harmonia com o Céu, eu desejo alcançar a harmonia com o homem".

O céu e a terra que têm sido chamados grandes desde os tempos antigos, foram louvados em coro pelo Imperador Amarelo, Yao e Shun. Os reis do mundo nos tempos antigos - que necessidade tinham eles de ação? O céu e a terra eram suficientes para eles.

NATUREZA INATA E IDEAL

Confúcio foi para o oeste para depositar as suas obras na casa real de Chou. Tzu-lu aconselhou-o, dizendo: "Ouvi dizer que o Guardião dos Arquivos Reais é um tal Lao Tzu, agora aposentado. Se desejar depositar as suas obras, pode tentar visitá-lo com respeito a isso."

"Excelente!" Disse Confúcio e foi visitar Lao Tzu, mas Lao Tzu não lhe concedeu permissão. Então, Confúcio pegou nos seus Doze Clássicos e começou a expor sobre eles. A meio da exposição, Lao Tzu disse: "Isso levará uma eternidade! Deixe-me ouvir apenas a essência da questão."

"A essência dela," disse Confúcio, "é benevolência e equidade."

"Posso perguntar se a benevolência e a equidade pertencem à natureza inata do homem?" Disse Lao Tzu.

"Claro," disse Confúcio. "Se o homem de princípios carecer de benevolência, ele não chegará a realizar o seu carácter, se ele não

tiver equidade, ele não poderá manter-se vivo. A benevolência e a equidade são verdadeiramente a natureza inata do homem. O que mais poderiam ser?"

Lao Tzu disse: "Posso pedir que defina benevolência e equidade?"

Confúcio disse: "Um coração reto, um amor universal e isento de parcialidade - essa é a verdadeira forma de benevolência e de equidade."

Lao Tzu disse: "Hmm - anda lá por perto - exceto na parte final. "Amor Universal" - esse é um ideal muito vago, não será? E não se ser partidário já representa um tipo de partidarismo, não será? Você quer fazer com que o mundo perca a simplicidade?

O céu e a terra obedecem aos seus caminhos constantes, o sol e a lua têm o seu curso no seu brilho, as estrelas e os planetas obedecem às suas posições, os pássaros e as bestas encontram-se confinados aos seus rebanhos, as árvores e os arbustos aos lugares em que medram. Você só tem que continuar a usar de Virtude nas suas ações, a seguir o Caminho na sua jornada, e você já situar-se-á nela. Qual a razão desses emblemas de benevolência e de justiça tão bravamente empunhadas, como se estivesse a bater num tambor e andasse à procura de um filho que se perdeu? Ah, você irá suscitar confusão na natureza do homem!"

CONHECIMENTO DE CUNHO ESPIRITUAL

Shih Cheng-chi foi ver Lao Tzu. "Ouvi dizer que você é um sábio," ele disse, "pelo que, sem me importar com a extensão do percurso, vim implorar-lhe uma entrevista. Cem jornadas ao longo do caminho, pés cobertos de calos, e ainda não me atrevi a desistir. Contudo, agora que o vejo, acho que não é sábio. Deparo-me com buracos de ratos cheios de sobras e, no entanto, você deixa a os ignorantes sem instrução, o que é um ato de indelicadeza! Mais comida crua e cozida à sua frente do que alguma vez conseguirá comer, e, no entanto, você continua a acumular bens!" Lao Tzu ficou pálido e não respondeu.

No dia seguinte, Shih Cheng-chi veio vê-lo novamente e disse: "Ontem eu fui muito mordaz consigo, mas agora não tenho coração para esse tipo de coisa. Interrogo a que se deverá esta súbita mudança."

Lao Tzu disse: "Eu pensava ter-me desprendido da sagacidade e de categorias desse tipo! Se me chamasse de boi, eu teria dito que era um boi, se me chamasse cavalo, eu teria dito que era um cavalo. Se a realidade estiver nisso e você se recusar a aceitar o nome que os

homens lhe derem, você apenas se exporá a um duplo assédio. A minha submissão é uma submissão conformada, eu não me submeto por achar que deva submeter-me."

Shih Cheng-chi recuou respeitosamente para não pisar na sombra de Lao Tzu, e então avançou mais uma vez de modo humilde e perguntou como deveria cultivar a sua pessoa.

Lao Tzu disse: "De modos repelentes, rosto altivo, porte imponente, uma testa larga, uma boca expressiva, como um cavalo preso por uma amarra, sempre à procura de uma hipótese de se esgueirar, sempre a examinar de forma prudente, astuto na sagacidade, a alardear-se na sua arrogância, e ainda pretende dar a entender que se sente à vontade - tudo isso não parece genuíno e verdadeiro. Para alguém desconfiado, um homem assim seria tomado por um ladrão!"

A DESCRIÇÃO DO HOMEM PERFEITO

O Mestre disse: O Caminho não se perde com o imenso, nem se ausenta do pequeno; daí que as dez mil coisas se encontrem completas nele. Vasto e amplo, não há nada que não nele não tenha cabimento. Profundo e secreto, como poderá ser esclarecido? Punição e favor, benevolência e equidade - são triviais para o espírito e, no entanto, quem, senão o Homem Perfeito, poderá determiná-los?

Quando o Homem Perfeito governa o mundo, ele detém uma coisa grandiosa, não deterá? - no entanto, não é suficiente apanhá-lo no emaranhado. Ele trabalha os manípulos que controlam o mundo, mas não toma partido no funcionamento. Ele vê claramente em meio ao que não apresenta falsidade e não se deixa governar por pensamentos de ganho. Ele investiga a verdade das coisas e sabe como apegar-se à fonte. Daí que, consiga situar o céu e a terra fora de si mesmo, esquecer as dez mil coisas, e o seu espírito não tem motivo para se esgotar. Ele descarta a benevolência e a equidade, rejeita ritos e música, pois a mente do Homem Perfeito sabe onde encontrar repouso.

REALIDADE E APARÊNCIA

Os homens do mundo que valorizam o Caminho voltam-se para os livros. Mas os livros não valem mais do que palavras que contêm. As palavras são o que neles tem valor; Mas o que tem valor nas palavras é o sentido. O sentido refere algo mais, mas aquilo que refere não pode ser traduzido nem transmitido por palavras. O mundo valoriza palavras e multiplica os livros, mas, embora o mundo valorize isso, não acho que valha a pena valorizar. O que o mundo assume como um valor não é um valor real.

Assim é que, tudo o que conseguimos ver e observar são as formas externas e as cores; aquilo que conseguimos escutar são nomes e sons. Que pena! - que o homem do mundo suponha que a forma, a cor, o nome e o som sejam suficientes para transmitir a realidade de uma coisa. É porque no final, não são suficientes para transmitir a verdade. Assim é que "aqueles que conhecem não falam, e aqueles que falam não conhecem." Mas como poderá o mundo entender isso!

O Duque Huan estava no seu salão do piso superior do seu palácio a ler um livro. O fabricante de rodas Pien, que estava no piso de baixo a construir uma roda, pousou o martelo e o cinzel, foi pelo corredor e disse ao Duque Huan: "Posso ousar perguntar-lhe de que trata esse livro que Sua Majestade está a ler?"

"As palavras dos sábios," disse o duque.

"Os sábios ainda estarão vivos?"

"Estão mortos há muito tempo," disse o duque.

"Nesse caso, o que Sua Majestade está a ler não passa da palha e da escória dos homens de outrora!"

"Desde quando um fabricante de rodas tem permissão para comentar os livros que eu leio?" disse o Duque Huan. "Se tens alguma explicação, muito bem. Se não, pagarás com a vida!"

O construtor de rodas Pien disse: "Eu vejo isso do ponto de vista da experiência que tenho. Quando talho uma roda, se os golpes do malho forem demasiado gentis, o formão desliza e não corta. Mas se forem muito fortes, o formão prende-se e não corre. Nem muito suaves, nem muito fortes - podemos consegui-lo com a mão e senti-lo na mente.

Não o podemos traduzir por palavras e, no entanto, isso tem um truque. De alguma forma, não posso ensiná-lo ao meu filho, e ele não pode aprender isso comigo. Assim tenho andado há setenta anos e na minha idade ainda tenho que entalhar rodas. Também os homens de outrora morreram e levaram consigo a sua arte que não puderam transmitir. Por isso, aquilo que está a ler não deve ter nada mais que os resíduos dos homens de outrora."

CAPÍTULO 14
SERÁ QUE O CÉU SE MOVE?

INDAGANDO DA RAZÃO DE SER

ENCONTRAR-SE-Á A TERRA PARADA? Competirão o sol e a lua por um lugar para resplandecer? Quem criou tudo isso? Quem o controlará? Quem, repousando inativo, faz com que tudo isso passe a ser assim? Pergunto-me se existirá algum mecanismo que o faça funcionar quer o desejem ou não? Pergunto-me se isso simplesmente volve e revolve e se não conseguirá parar? As nuvens virão antes da chuva, ou a chuva dá lugar às nuvens? Quem as sopra, quem as derrama assim? Quem, descansando inativo, desperta toda essa alegria licenciosa? Os ventos elevam-se ora do norte, e sopram ora do oeste, ora de leste, girando até sabe deus onde. A quem pertence o seu alento? Quem, repousando inativo, impele tudo isso?

O xamã Hsien acenou e disse: "Vem, eu vou-te contar. O céu tem as seis direções (espaço) e os cinco elementos. Quando os imperadores e os reis os seguem, reina a ordem; quando eles se movem contrariamente a isso, dá-se o desastre. Com as instruções do Nine Lo, a ordem pode ser instaurada e a virtude completa. O governante brilhará como o espelho sobre a terra abaixo, e o mundo o suportará. Ele pode ser chamado de Governante Augusto."

OBEDIÊNCIA E VIRTUDE

Tang, o primeiro-ministro de Shang, inquiriu a Chuang Tzu sobre a virtude da benevolência.

Chuang Tzu disse: "Tigres e lobos - eles são bondosos."

"Como pode dizer isso?"

Chuang Tzu disse: "Os progenitores e os filhotes têm afeto e carinho uns pelos outros - por que você diz que eles não são bondosos?"

"O que quero ouvir é sobre a benevolência suprema."

"A benevolência suprema nada tem que ver com o afeto," disse Chuang Tzu.

O primeiro-ministro disse: "Ouvi dizer que onde faltar o afeto, não haverá amor, e se não houver amor, não haverá piedade filial. Quer mesmo dizer que a perfeita benevolência nada tenha de piedade filial?"

"Decerto que não", disse Chuang Tzu. "A benevolência suprema é da mais elevada ordem, e palavras como "piedade filial" nunca

bastariam para a descrever. E o que estou a dizer não é algo que a piedade filial seja suplantada, mas que nada sequer chega a comparar-se-lhe. Se um viajante que vá para sul e ao chegar à cidade de Ying se voltar para norte, ele não verá mais as montanhas Ming. Porquê? Por se encontrar muito afastado. Por isso se diz, ter afeto filial por uma questão de respeito pode ser fácil; ter afeto filial por uma questão de amor já é mais difícil. Se a piedade filial por amor é fácil, esquecer-se dos pais já é difícil.

Esquecer-nos dos pais é fácil porém, levar os pais a esquecer-nos já é mais difícil. Levar a que os pais se esqueçam de nós será fácil, porém, esquecer o mundo inteiro é difícil. Esquecer o mundo inteiro pode ser fácil, fazer com que o mundo inteiro nos esqueça é difícil. A virtude genuína está em esquecer Yao e Shun e repousar na inatividade sem querermos ser como eles. Os benefícios disso alcançam as dez mil gerações sem que ninguém o entenda.

Para quê todos os profundos suspiros e toda essa conversa acerca da benevolência e da piedade filial? Piedade filial, fraternidade, benevolência, equanimidade, lealdade, confiança, honra, integridade - para tudo isso, precisaremos orientar-nos e esforçar-nos pela virtude. Isso por si só não é digno de apreço. Por isso se diz que a perfeita nobreza despreza os títulos do estado; a maior riqueza rejeita os tesouros do estado; a mais elevada realização ignora a fama e a reputação. Somente o Caminho nunca varia."

A ARTE DE ESCUTAR

Ch'eng dos Portões do Norte perguntou ao Imperador Amarelo: "Quando Sua Majestade interpretou a música Hsien-ch'ih nas imediações do Lago Tung-t'ing, ao escutá-la, inicialmente senti apreensão. Mas á medida que a ia escutando mais senti fadiga, mas pelo final senti-me aturdido. Perturbado e sem palavras, perdi a confiança em mim próprio."

"Não é surpresa que se tenha sentido assim", disse o imperador. "Eu realizei-a com base no sentimento humano, em sintonia com o Céu, de acordo com o espírito dos rituais e enraizado na Suprema Pureza. A música perfeita deve primeiro fazer eco às coisas do homem, e obedecer às leis do Céu, acompanhar as Cinco Virtudes e responder à espontaneidade, e só então poderá trazer ordem às quatro estações e conceder harmonia final às dez mil coisas.

Então, isso refletir-se-á na ordem das quatro estações, que se sucederão, e as dez mil coisas tomarão a sua vez na vida. Ora florescentes, ora decadentes, constrangidas pelas limitações civis e militares. Ora claras, ora sombrias, o yin e o yang misturam tudo na harmonia, os sons fluirão como luz. Como insetos hibernantes que começam de novo a mexer, como o estrondo do trovão. Sem começo nem final, ao mesmo tempo morta e viva, ora esborrachada no chão, ora de pé, a sua constância é interminável. Contudo, não resta

padrão fiável algum. Por isso se sentiu alarmado.

"De seguida, toquei-a com a harmonia yin e yang, iluminei-a com o brilho do sol e da lua; as notas mudavam de longas para curtas, fracas para fortes, moduladas numa única harmonia, porém, sem obedecer a nenhuma regra ou constância. As notas encheram os vales, preencheram os desfiladeiros, de nada lhe adiantava bloqueá-las, ou proteger o seu espírito. As suas notas eram claras e radiantes, e moviam-se por onde queriam. Os fantasmas e os espíritos mantiveram-se na obscuridade e o sol, a lua, as estrelas e as constelações marcharam nas suas órbitas.

Eu fi-las fluir por onde não há paragem e parar onde há um fim para as coisas. Tentou compreendê-lo, mas não o pôde entender, tentou vislumbrá-lo, mas não o conseguiu ver, tentou captá-lo, mas não o pôde alcançar. Ficou atordoado diante do vazio das quatro direções do Caminho, e inclinou-se na velha árvore e gemeu. Os seus olhos fracassaram antes que o conseguisse vislumbrar, as suas forças esgotaram-se. Eu não podia fazer nada. Dissolveu-se diante do vazio, e isso o fez perder o controlo. Foi isso que o levou a sentir-se cansado.

"Depois toquei-a com notas constantes e afinei-as pelo ritmo da espontaneidade. Por isso, parecia reinar o caos que leva a que elas se sucedessem numa confusão, uma maturação em que nada chega a tomar forma, uma colheita universal onde nada é colhido, uma obscuridade sombria onde não há som. Não se movia em nenhuma direção, repousava na sombra misteriosa. Alguns chamam a isso morte, outros chamam-lhe vida; uns chamam-lhe maturação, outros ainda chamam-lhe floração. As notas fluíam e disseminavam-se e não seguiam nenhum padrão constante.

O mundo, perplexo com isso, acorreu ao sábio para instrução, por o sábio ser bom entendedor da forma verdadeira e do verdadeiro destino. Quando o mecanismo celestial não é posto em ação e, no entanto, os cinco órgãos vitais estão completos, isso pode ser chamado de Música das Alturas, que sem palavras, delicia a mente. Portanto, o senhor de Yen louvou isso assim: "Querendo escutá-lo vocês não lhe ouvem o som; procurando-o, vocês não lhe veem a forma. Ela preenche todo o céu e a terra, envolve todas as seis direções. Vocês desejam ouvi-la, mas não têm como o conseguir. Foi isso que o deixou confuso.

"A música começa com o medo, e por causa desse medo resulta pavor, como uma maldição. Então adicionei-lhe o cansaço, e por causa do cansaço há complacência. Eu termino tudo na confusão, e por causa da confusão há estupidez e, por causa da estupidez, existe o Caminho, o Caminho que pode ser elevado e levado para onde quer que vocês vão."

INSTRUÇÃO PELO AJUSTAMENTO A PRINCÍPIOS

Quando Confúcio estava ausente no oeste de visita ao estado de Wei, Yen Yuan disse ao Mestre de Música Chin: "O que acha da viagem do meu amo?"

O Mestre de Música, Chin disse: "Uma lástima! - o seu mestre provavelmente irá terminar em apuros".

"Como assim?" Perguntou Yen Yuan.

O Mestre de Música Chin disse: "Antes que os sacrifícios sejam representados, os adornos cerimoniais eles são armazenados em caixas de bambu e cobertos com bordados padronizados, enquanto o imitador dos mortos e o sacerdote jejuam e praticam austeridades em preparação para os apresentar. Mas assim que eles tiverem sido apresentados, então tudo o que lhes resta é ser pisoteados pelos transeuntes, varridos e incinerados pelos cantoneiros. Isso é tudo para que servem. E se alguém vier e os colocar de volta nas caixas de bambu, os cobrir com os bordados padronizados, e se demorar ou se deitar a dormir no passado, ele não terá sonhos adequados; antes pelo contrário, ele certamente será apoquentado repetidas vezes por pesadelos.

"Agora, o seu mestre pegou alguns velhos adornos que haviam sido apresentados pelos reis do passado e apela aos seus discípulos para vagaram e permanecerem e dormirem debaixo deles. Por causa disso, a árvore sob a qual elaboravam as cerimónias em Sung foi abatida, e foi obrigado a abandonar Wei, e reduzido ao extremo em Shang e Chou - tais eram os sonhos que ele tinha. Eles o sitiaram entre Ch'en e Ts'ai, e durante sete dias ele não comeu alimento cozinhado, até ele entre a vida e a morte - tais coisas não se assemelharão a pesadelos?

"Nada é tão bom quanto um barco para atravessar a água, nada tão bom como uma carruagem para cruzar a terra. Mas, embora o barco o leve com facilidade sobre a água, se tentar empurrá-lo em terra, bem que poderá empurrá-lo até ao fim dos seus dias que dificilmente o moverá. E o passado e o presente não serão como a água e a terra, e os estados de Chou e Lu não serão como um barco e uma carruagem?

"Esperar praticar os caminhos de Chou no estado de Lu é como tentar empurrar um barco em terra - uma tarefa e tanto, nenhum êxito e um certo perigo para a pessoa que tenta. O homem que tenta fazê-lo não conseguiu entender que para não se ver na escassez, tem que saber acomodar-se e responder às coisas sem se envolver numa direção.

"Nunca viu um engenho? Quando o forçamos ele desce, e quando o soltamos e lá sobe. Ele se deixa puxar pelos homens, não tenta puxá-los. Assim, ele pode subir e descer e nunca cometer ofensa a ninguém.

"Assim é que os rituais e os regulamentos dos Três Augustos e dos Cinco Imperadores são prezados, não porque fossem uniformes, mas por serem capazes de produzir ordem. Os rituais e regulamentos dos Três Augustos e dos Cinco Imperadores podem ser comparados ao espinheiro, à pera, à laranja e à lima. Os seus sabores diferem bastante, mas todos são agradáveis ao paladar.

Rituais e regulamentos são algo que muda em resposta aos tempos. Se pegarem num macaco e o vestirem com as vestes do duque de Chou, ele mordê-las-á e rasgá-las-á insatisfeito até que se tenha despojado delas. E um olhar de relance mostrará que o passado e o presente não podiam ser mais parecidos do que um macaco e o Duque De Chou!

"Quando a bela Hsi-shih, incomodada com algo, franzia a testa aos vizinhos, uma mulher feia do bairro, vendo que Hsi-shih era bela, foi para casa e também batia no peito e franzia a testa para os vizinhos. Mas ao vê-la os homens ricos do bairro fechavam as portas e não se atreviam a sair, enquanto os pobres agarravam nas mulheres e nos filhos pela mão e abalavam. A mulher entendeu que alguém que franzisse a testa poderia ser linda, mas não entendeu de onde a beleza do franzir vinha. Na verdade é uma pena! O seu mestre vai acabar por arranjar problemas!"

O INSTRUTOR E O CAMINHO

Confúcio tinha andado até atingir os cinquenta e um anos e ainda não tinha ouvido o Caminho. Finalmente, ele dirigiu-se para sul, para Pei para visitar a Lao Tzu. "Ah, você veio," disse Lao Tzu. "Ouvi dizer que é um homem sábio da região do norte. Encontrou o Caminho?"

"Ainda não," disse Confúcio.

"Onde o andou a procurar?" Perguntou a Lao Tzu.

"Eu procurei-o nas regras e nos regulamentos, mas passaram cinco anos e ainda não o descobri."

"Onde mais p procurou?" Perguntou a Lao Tzu.

"Procurei no yin e no yang, (contrários) mas passaram doze anos e ainda não a descobri."

"Parece razoável!" Disse Lao Tzu. "Se o Caminho pudesse ser apresentado, não haveria homem que não o apresentasse ao seu governante. Se o Caminho pudesse ser oferecido, não haveria homem que não o oferecesse aos seus pais. Se o Caminho pudesse ser relatado, não existe quem não o denunciasse aos seus irmãos. Se o Caminho pudesse ser transmitido, não haveria quem não o deixasse aos seus herdeiros. Mas não pode - e por nenhuma outra razão que não a seguinte:

Se não houver nenhum princípio interior para o dirigir, ele não irá lá permanecer; se não houver correta obediência exterior para o guiar, não virá a ser transmitido. Se o que é transmitido fora, da mente, não for recebido pela mente exterior, então o sábio não o conduzirá adiante. Se o que é aceite do exterior não for recebido por um poder que o acolha, o sábio não o confiará."

"A fama é um instrumento público em que não se deve permanecer em demasia. Benevolência e equidade são as pousadas dos antigos reis e soberanos, onde não podem parar por muito tempo, mas apenas por uma noite. Uma estadia prolongada nelas equivaleria a convidar recriminações. Os homens perfeitos dos tempos antigos usavam a benevolência e a justiça como albergue, para vaguearem pelo vazio livre e sem cuidados, nutriam-se nos campos da sobriedade e passeavam pelos jardins sem obrigação.

"Livres e sem cuidados," significava repousar na não ação; "abundância" implicava sustento - não era difícil para eles viver; "Sem cuidados" significava ausência de despesas. Os homens do passado chamavam a isso de vagabundear em busca da Verdade.

"Aquele que considere a riqueza como uma coisa boa nunca poderá abrir mão das suas rendas; o que considera a distinção como um bem não poderá tolerar a renúncia à sua fama. Quem tem gosto pelo poder nunca chega a suportar delegá-lo a outros. Mantendo-se agarrados a essas coisas, tais homens tremem de medo. Quando as deixam, caem no desalento. Nunca param por um instante para refletir, nunca deixam a ganância - são homens que incorrem no castigo do Céu.

Ressentimento e bondade, receber e dar, repreensão e instrução, vida e morte - essas oito coisas são os instrumentos de disciplina. Mas somente aquele que cumpre a Grande Mudança sem se permitir ser obstinado no seu cumprimento poderá fazer uso delas. Por isso é dito: O que corrige precisa ter correção. Se a mente não puder aceitar esse facto, as portas do céu nunca se lhe abrirão!"

GENUINA SIMPLICIDADE

Confúcio chamou Lao Tzu e falou com ele sobre a benevolência e a equidade. Lao Tzu disse: "O farelo da peneira pode cegar de tal modo o olho que o céu, a terra e as quatro direções parecem mudar de lugar. Um mosquito ou uma mosca que o ferre pode mantê-lo acordado a noite inteira. E quando a benevolência e a equidade, com todo o temor que geram, lhe confunde a mente, a confusão torna-se inimaginável. Se quer evitar que o mundo perca a simplicidade, precisa mover-se com a liberdade do vento, permanecer na perfeição da virtude.

Por que todo esse esforço, como se estivesse a carregar um grande tambor ou à procura de uma criança perdida? O ganso da neve não precisa de nenhum banho diário para ficar branco, e o corvo não precisa de tinta diariamente para ficar preto. Preto e branco na sua simplicidade não deixam lugar a argumento; a fama e a reputação no seu clamor não garantem motivo para inveja. Quando as fontes secam e os peixes ficam encalhados no fundo, eles cospem uns nos outros a humidade para se molharem - mas era muito melhor quando eles conseguiam esquecer uns aos outros nos rios e lagos!"

Quando Confúcio voltou de visita que fez a Lao Tzu, não falou durante três dias. Os seus discípulos disseram: "Mestre, você viu Lao Tzu - que avaliação faria dele?"

Confúcio disse: "Por fim, posso dizer que vi um dragão - um dragão que se enrola para mostrar o corpo no seu melhor, e que se estende para exibir os seus padrões no seu melhor, que anda pelas nuvens, se alimenta do Yin e Yang. Minha boca abriu-se e não a consegui fechar, a minha língua prendeu-se e nem consegui balbuciar. Como eu poderia fazer qualquer avaliação de Lao Tzu!?"

DISTINGUINDO O GOVERNO PELA CONDUTA

Tzu-kung disse: "Então é verdade que o Homem Perfeito pode controlar a quietude do cadáver e a visão do dragão, a voz do trovão e o silêncio dos lagos profundos; que se precipita no movimento como o Céu e a Terra? Se também eu conseguisse vê-lo!"

No final, ele foi conseguiu uma recomendação de Confúcio e apelou a Lao Tzu. Lao Tzu estava prestes a sentar-se no corredor e a esticar as pernas. Em voz baixa, lá disse: "Eu vivi para ver passar um grande número de anos. Que conselho é que você tem para mim?"

Tzu-kung disse: "Os Três Augustos e os Cinco Imperadores governaram o mundo de maneiras que não as mesmas, embora fossem iguais nos elogios e aclamassem o que ganharam. Disseram-

me, senhor, que só o senhor não os considera sábios. Posso perguntar por quê?"

Lao Tzu disse: "Jovem, chegue-se um pouco mais perto! Por que diz que eles governaram de maneiras que não as mesmas?"

"Yao cedeu o trono a Shun, e Shun cedeu a Yu. Yu ocupou-se dele, e T'ang chegou até a recorrer à guerra. O rei Wen obedeceu a Chou e não se atreveu a opor-se, mas o seu filho, o rei Wu, voltou-se contra Chou e recusou-se a permanecer fiel. Por isso, digo que não foram parecidos nos seus atos."

Lao Tzu disse: "Jovem, aproxime-se um pouco mais e eu dir-lhe-ei como os Três Augustos e os Cinco Imperadores governaram o mundo. Nos tempos antigos, o Imperador Amarelo governava o mundo tornando os corações das pessoas num só. Por conseguinte, se houvesse entre as pessoas quem não lamentasse a morte dos pais, as pessoas não veriam nada de errado nisso.

Yao governou o mundo, tornando os corações das pessoas afeiçoados. Por conseguinte, se houvesse entre as pessoas que decidisse fazer um luto mais ou menos prolongados de acordo com o grau de parentesco que tivessem com o falecido, as pessoas não veriam nada errado nisso.

Shun governou o mundo levando as pessoas a afeiçoar-se pela rivalidade e a tornar-se competitivas. Por conseguinte, as mulheres do povo ainda engravidavam e davam à luz ao fim do nono mês como no passado, mas os seus filhos aprendiam a falar ainda não tinham cinco meses, e aprendiam a distinguir quem era quem antes atingirem a infância. Foi assim que surgiu a morte prematura.

Yu governou o mundo ao introduzir enormes mudanças no coração das pessoas. As pessoas começaram a ter desejos próprios, e a não obedecer senão pelo recurso às armas. Matar um ladrão não constituía um mal. Em resultado disso surgiram as classes e gerou-se uma enorme consternação no mundo, e os Confucianos e os Moistas surgiram, a pregar pela primeira vez a moralidade e as regras do comportamento ético. Mas que diriam eles daqueles homens que hoje em dia tomam as suas filhas por esposas?

"Eu dir-lhe-ei como os Três Augustos e os Cinco Imperadores governaram o mundo! Eles chamaram a isso "poder de decisão," mas na verdade encontravam-se mergulhados na pior das confusões. A "sabedoria" dos Três Augustos foi tal como o brilho apagado do sol e da lua acima, minou o vigor de colinas e riachos abaixo e cortou o ciclo das quatro estações para metade. A sua sagacidade era mais temida do que a cauda do escorpião; até a mais pequena das bestas,

nem uma só coisa viva tinha permissão para repousar na verdadeira forma da sua natureza e destino. E no entanto, tinham-se eles na conta de sábios! Não era vergonhosa - a sua falta de vergonha?!"

Tzu-kung, atordoado e sem palavras, ficou sem saber para onde se virar.

OCUPAR-NOS DE NÓS PRÓPRIOS PRIMEIRO

Confúcio disse a Lao Tzu: "Estive a estudar os Seis Clássicos - as Odes, os Documentos, o Ritual, a Música, as Mudanças e a Primavera e o Outono, pelo que diria ser muito tempo, e conheço o seu conteúdo de ponta a ponta. Mas eu já consultei cerca de setenta e dois governantes diferentes com eles, expus as maneiras dos antigos reis e esclareci o caminho trilhado pelos duques de Chou e de Shao e no entanto, nenhum governante encontrou nada que lhe excitasse o interesse. Quão difícil é persuadir os outros; quão difícil é esclarecer o Caminho!"

Lao Tzu disse: "É uma sorte que não tenha encontrado um governante que tentasse governar o mundo como você diz. Os Seis Clássicos são os antigos caminhos desgastados dos antigos reis - não são o que percorreu o caminho. O que você está a expor são simplesmente esses caminhos. Os caminhos são feitos pelos sapatos que os percorrem, e não são os próprios sapatos!

"O falcão de peixe branco só tem que encarar sem pestanejar a sua companheira para que a fertilização se dê. Com os insetos, o macho chora ao vento acima, a fêmea chora ao vento abaixo e dá-se a fertilização. A criatura chamada lei é do sexo masculino e feminino e assim pode tornar-se fértil.

A natureza inata não pode ser alterada, o destino não pode ser mudado, o tempo não pode ser interrompido, o Caminho não pode ser obstruído. Apegue-se ao Caminho e não haverá nada que não possa ser feito; perca-o e não haverá nada que possa ser feito."

Confúcio ficou em casa por três meses e depois voltou a ver Lao Tzu. "Já entendi," disse ele. "A pega incuba as crias, o peixe cospe o seu esperma, a vespa de cintura fino tem os seus estágios de transformação, e quando o bebé nasce, o irmão mais velho uiva. Há muito tempo que não tenho vindo a tomar o meu lugar como um homem junto dos processos da mudança. E se eu não tomar o meu próprio lugar como um homem junto dos processos da mudança, como poderei mudar os outros?"

Lao Tzu disse: "Óptimo, Ch'iu - agora você entendeu!"

CAPÍTULO 15
CONSTRANGIMEN TO DE ESPÍRITO
(VELHOS DITADOS)

ARROGÂNCIA E CULTIVO PESSOAL

RESTRINGIR A VONTADE, MOSTRAR-SE RÍGIDO, afastar-se do mundo, apartar-se dos seus costumes, usar de discurso altivo, desprezar criticar os outros, isso é sintomático da vida que o sábio privilegia no seu retiro de montanha, do que se distancia do mundo e vive qual árvore desgastada e que se lança nas profundezas.

Pregar a benevolência, a equidade, discursar sobre a lealdade e a boa-fé, ser cortês, comedido, modesto e atencioso, ter o cultivo moral por objetivo - tal é a vida que o humanista que procura conduzir o mundo à ordem favorece, do homem que tem por objetivo ensinar e instruir, que querem aprender em casa e no exterior.

Falar de grandes méritos, conseguir fama, obedecer ao protocolo do governante e do súbdito, distinguir a posição dos superiores e dos inferiores, ter a ordenação do estado por único objetivo - tal é a vida que o dignitário na corte e no conselho favorece, o homem que honra o soberano e o país, e se devota a anexar outros estados.

Retirar-se pata as matas e os lagos, viver ociosamente no isolamento, pescar em lugares solitários, isso é o que fazem os que têm a não ação por único objetivo - tal é a vida que o sábio do retiro para rios e mares favorece, o homem que deixa a sua geração em paz, o ocioso que não tem pressa.

Ofegar, bufar, expelir o velho alento e inspirar o novo, praticar exercício físico e preservar o espírito, é ter a longevidade por única preocupação - tal é a vida que o sábio que canaliza o sopro vital favorece; o homem que nutre o corpo, e que espera viver por muito tempo.

Mas alcançar a eminência sem restringir a vontade nem abrigar preconceito; alcançar a perfeição pessoal sem fomentar a benevolência e a retidão, governar sem mérito nem fama; procurar o lazer sem andar por rios nem mares; procurar ter uma vida longa sem canalizar o sopro vital e sem exercício - esse pode perder tudo e ainda assim ter tudo; perambular à vontade pelo ilimitado, onde

todas as coisas boas lhes vêm prestar tributo - esse é o Caminho do Céu e da Terra, a integridade do sábio.

A DISTINÇÃO DO SÁBIO

Por isso se diz: A limpidez, o silêncio, o vazio, a não ação – isso é o que mantém os níveis do Céu e da Terra; a substância do Caminho e da Virtude.

Por isso se diz: O sábio busca a calma; com a calma vem o desapego e a paz; com o desapego vem a moderação, e onde reina o desapego e a moderação, a inquietação e a preocupação não o podem atingir, nada de perturbador o pode afetar. Por conseguinte, a sua Virtude é perfeita e o seu espírito não é agitado.

Por isso se diz: A vida do sábio é resultado de uma conduta espiritual; a sua morte representa a transformação das coisas. Quando se encontra imóvel, a sua virtude assemelha-se ao Yin; quando está em movimento, a sua abrangência assemelha-se ao Yang. Ele não produz nem a boa sorte nem o azar. Ele atua e move-se em resposta aos estímulos externos; quando descobre algo eleva-se. Descarta o conhecimento e o objetivo e obedece à razoabilidade do Céu.

Por conseguinte, ele não incorre em nenhum desastre do Céu, em nenhum emaranhado motivado pelas coisas, em nenhuma oposição ou acusação, em nenhuma recriminação por parte dos espíritos dos mortos. A sua vida é um circular; a sua morte um descanso. Ele não mede nem projeta nem conspira, não traça para o futuro. É um homem de luz, que não resplandece; dotado de boa-fé, ele não faz promessas. Dorme sem sonhar, acorda sem se preocupar. O seu espírito é puro e limpo; a sua alma nunca se cansa. Vazio, desafeiçoado e com clareza, ele se junta em harmonia à Virtude do Céu.

Por isso se diz: o pesar e a sorte são perversões da integridade; a ventura e a raiva são transgressões do Caminho; a bondade e o ódio constituem ofensas à Virtude. Quando o coração repousa sem cuidado ou ventura, isso é o auge da Virtude. Quando se encontra unificada e imutável, isso é o auge da quietude. Quando não se rala com nada, isso é o auge da equanimidade. Quando não se sente dissidência pelas coisas, isso é o auge da pureza.

GANHO OU PERDA

Por isso se diz: Se o corpo for excessivamente submetido ao trabalho e não descansar, ele se desgastará; se sobrecarregarem sem cessar o espírito, isso levará a um esgotamento, e o esgotamento levará à

exaustão. É próprio da água, se não for contaminada por outras coisas, permanecer clara, e se nada a agitar, dar o nível perfeito. Mas se for represada e não puder correr, então, também deixará de apresentar clareza. Como tal, é um símbolo da virtude celestial.

Por isso se diz: Ser puro, claro e livrar-se da contaminação; permanecer tranquilo, equilibrado e imutável; límpido e agir sem se intrometer; mover-se com os trabalhos do Céu – essa é a maneira de cuidar do espírito.

Ter uma espada como a de Kan ou de Yueh implica que a tenhamos que preservar numa caixa, não nos atrevermos a usá-la, por ser o maior dos tesouros. O espírito puro alcança as quatro direções, e corre ora de uma maneira, ora de outra - não há lugar a que não se estenda. Eleva-se ao Céu, penetra na Terra e abraça-a. Transforma e nutre as dez mil coisas, mas ninguém consegue determinar-lhe a forma. O seu nome é Harmonia com o Supremo.

Só o caminho para a pureza e a simplicidade resguarda o espírito; se o preservarem e nunca o perderem, tornar-se-ão um com o espírito, um com a sua essência pura, que se comunica e se mistura com a Ordem Celestial.

O ditado do homem rústico reza assim: "O homem comum preza o ganho acima de tudo, o académico preza a fama. O sagaz preza a ambição, o sábio valoriza a essência espiritual." Simplicidade significa ausência de contaminação; a pureza significa que o espírito permanece intato. Aquele que consegue encarnar a pureza e a clareza pode ser chamado de Homem Verdadeiro.

CAPÍTULO 16
RESTAURO DA NATUREZA INATA

VULGARIDADE E PERDA

EIS OS QUE NÃO PASSAM DE CEGOS E IGNORANTES: Aqueles que decidirem restaurar a natureza inata por meio de um aprendizado vulgar, esperando assim retornar mais uma vez à Origem; aqueles que decidem controlar os desejos pelos meios do pensar vulgares, na esperança de alcançar a iluminação.

Os homens dos tempos antigos que praticavam o Caminho empregavam a calma para cultivar o conhecimento. O conhecimento representava a sua vida, mas eles não faziam nada com base no conhecimento. Assim, poder-se-á dizer que empregavam o conhecimento para cultivar a tranquilidade. O conhecimento e a

tranquilidade cultivavam-se um ao outro, e a harmonia e a ordem emergiam da natureza inata.

A virtude é harmonia, o Caminho é ordem. Quando a Virtude abraça todas as coisas, temos a benevolência. Quando o Caminho está, em todos os aspetos, em ordem, temos justiça. Quando a equidade é claramente compreendida e todas as coisas aderem a ela, temos lealdade. Quando existe pureza no íntimo, e retorno à forma verdadeira, temos a música. Quando a sinceridade é expressada em articulação com o corpo, e em conformidade com a elegância, temos os rituais.

Porém, se toda a ênfase for colocada na condução dos rituais e da música, então o mundo cairá na desordem e na confusão. Quando se empreende esforços por corrigir os outros, obscurece-se a própria virtude, e a própria virtude não mais se estenderá a todas as coisas. E caso se procure forçá-la a estender-se, então as coisas perderiam invariavelmente a sua natureza inata.

CULTURA E DECLÍNIO

Mesmo no caos, os homens da antiguidade permaneciam centrados, calmos e em silêncio com o resto do mundo. Nesse tempo, o yin e o yang estavam em harmonia, fantasmas e espíritos não operavam qualquer dano, as quatro estações mantinham a sua ordem natural, as dez mil coisas não conheciam dano e as criaturas vivas estavam livres da morte prematura. Embora os homens fossem dotados de conhecimento, eles não faziam uso dele. Isso foi chamado de Unidade Perfeita. Nesses tempos, ninguém planeava nada, pois reinava uma espontaneidade constante.

Contudo, chegou uma altura, em que a Virtude começou a diminuir e a entrar em declínio, e então vieram Sui Jen e Fu Hsi ocupar-se do governo do mundo. Em resultado, reinou a obediência, mas não mais a unidade.

A virtude continuou a decair e a diminuir, e em resultado disso Shen Nung e o Imperador Amarelo tomaram o governo a seu cargo. Em resultado, reinou a segurança, mas já não a obediência. A virtude continuou a desaparecer e a declinar, e em resultado Yao e Shun avançaram a tomar posse do mundo. Propuseram-se transformar o mundo por decretos e grandiosos planos e assim conspurcaram a pureza e comprometeram a simplicidade. O Caminho foi posto de parte e o Bem substituído; a virtude foi posta em perigo por causa do oportunismo.

Depois disso, a natureza inata foi abandonada e as pessoas viram-se livres de seguir o seu próprio caminho; reinou o conhecimento, mas

ele não pode trazer paz ao mundo. Mais tarde acrescentaram a esse conhecimento a "cultura" e a "pompa." A "cultura" destruiu a simplicidade, a "pompa" assolou o coração, e depois disso as pessoas começaram a ficar confusas e desobedientes. Não tinham como voltar à sua natureza inata nem forma de retornar uma vez mais à sua Origem.

A DECADÊNCIA DA VIRTUDE

Disto, podemos ver que o mundo perdeu o Caminho e que o Caminho perdeu o mundo; o mundo e o Como poderá o Caminho conduzir o mundo? Que meios terá um homem do Caminho para avançar pelo mundo? De que meios terá o mundo para apreciar o Caminho? O Caminho não pode dirigir o mundo, nem o mundo pode dirigir o Caminho. Assim, embora o sábio não se retire para as florestas da montanha, a sua Virtude ainda se encontra oculta, quer ele goste disso quer não. Já se encontra oculta pelo que ele não precisa retirar-se a ele próprio.

Os chamados sábios recatados (eremitas) do passado não deixavam de revelar a sua pessoa (exemplo) mas recusavam-se a expor as suas ideias; não deixavam de emitir as suas ideias ao se recusarem a falar; não ocultavam os seus conhecimentos mas recusavam-se a expô-los por a condição que lhes era imposta pelos tempos ser muito má. Se a condição lhes tivesse permitido agir, eles teriam podido instaurar a Unidade sem dar sinais de o fazer. Mas a condição dos tempos não era favorável e trouxe-lhes apenas grandes dificuldades no mundo, e, assim, eles aplicaram-se às suas raízes, aprimoraram-se na imobilidade e aguardaram. Dessa maneira conseguiram preservar o seu ser e o Caminho.

Aqueles que, na antiguidade desejavam manter-se vivos não usavam a eloquência para expor os seus conhecimentos. Não usavam os seus conhecimentos para provocar perturbação no mundo; não usavam os seus conhecimentos de modo a comprometer a Virtude. Com entusiasmo eles mantinham-se onde estavam e restauravam a sua natureza inata. O que mais poderiam fazer? O Caminho não serve para a condução mesquinha; a Virtude tão pouco se presta à compreensão mesquinha. A compreensão mesquinha avilta a virtude; a conduta mesquinha avilta o Caminho. Daí que se diga: Retifiquem-se e acabem com isso! Quando a alegria é perfeita, chama-se a isso o Tempo Certo da Intenção.

ALCANCE DA PLENA SATISFAÇÃO

Quando os homens da antiguidade falavam do Tempo Certo da Intenção, não se referiam a carruagens nem a chapéus finos. Queriam simplesmente dizer que a alegria era tão perfeita que não

poderia ser maior. Contudo, hoje em dia, quando se fala do Tempo Certo da Intenção, refere-se cargos e distinções. Mas cargos e distinções dizem somente respeito ao corpo, e não abrangem a natureza nem o destino inatos. De tempos a tempos, tais benefícios podem vir ao vosso encontro. Quando isso acontecer, não conseguirão impedi-lo do mesmo modo que não poderão evitar que os abandonem de novo.

Portanto, cargos e distinções não são desculpas para a inflação do orgulho e da arrogância, nem as dificuldades e a pobreza são desculpa para bajularem o ordinário e se tornarem vulgares. Vocês deviam encontrar a mesma alegria tanto numa condição como na outra e, portanto, viver sem cuidados. Mas se a perda da felicidade lhes causar aflição, vocês poderão compreender que tal felicidade era sem valor. Por isso é que se diz: Aqueles que se perdem no desejo por coisas também perdem a sua natureza inata por se tornarem vulgares. Eles poderão ser chamados de pessoas que entendem tudo ao contrário.

CAPÍTULO 17
ENCHENTES DE OUTONO

JUSTA PROPORÇÃO DAS COISAS E DO CONHECIMENTO

A ÉPOCA DAS ENCHENTES DE OUTONO chegou e os cem riachos correram a afluir para o Rio Amarelo. A sua corrente rápida ganhou proporções tais que, olhando do canal, de margem a margem, era impossível distinguir um cavalo de uma vaca. Então o Espírito do Rio ficou fora de si de alegria, ao acreditar que toda a beleza do mundo lhe pertencia em exclusivo. Seguindo a corrente, viajou para o leste até chegar ao Mar do Norte. Olhando a toda a extensão, ele não conseguiu divisar o começo das águas.

O Espírito do Rio começou a sentir-se envergonhado do contentamento que sentira. Olhando à distância na direção de Jo, o Espírito do Mar do Norte, ele suspirou e disse: "O ditado comum diz: "Ele ouviu falar do Caminho uma mera centena de vezes, e já acha que não há quem o supere." Isso aplica-se a mim. No passado, ouvi os homens menosprezar a instrução de Confúcio e depreciar a retidão de Po Yi, e, embora eu não tenha acreditado neles, porém, agora divisei a tua imensidão incomensurável, impossível de abarcar, acredito. Se não tivesse chegado até aos teus portões eu incorreria no perigo de me ver inúmeras vezes ridicularizado pelos mestres do Grande Método!"

O Espírito do Mar do Norte respondeu: "Não se pode discutir a natureza do oceano com a rã - ela acha-se condicionada ao espaço

em que está confinada. Não se pode discutir a natureza do gelo com um insecto de verão - por ele se achar restringido a uma única temporada. Não se pode discutir o Caminho com um académico restringido à sua área - por ele estar agrilhoado às suas doutrinas. Agora foste além das tuas margens e limites e viste o grande mar - de modo que percebes a tua própria mesquinhez. A partir de agora, será possível conversar contigo sobre o Grande Princípio.

"De todas as águas do mundo, nenhuma é tão vasta quanto a do mar. Dez mil ribeiros fluem para ele - nunca ouvi dizer de que tenham deixado de correr - no entanto, ele nunca está cheio. A água entranha-se perto de Wei-lu; nunca ouvi dizer que tenha deixado de o fazer, no entanto, o mar nunca esvazia. Seja primavera ou outono, ele nunca se altera. Inundação ou seca, nem toma conhecimento. É tanto maior do que as correntes do Yangtze ou o Rio Amarelo que é impossível medir a diferença. Mas nunca me regozijei por isso. Tomo o meu lugar junto do Céu e da Terra e obtenho alento do yin e do yang. Situo-me aqui entre o Céu e a Terra como uma pequena pedra ou uma pequena árvore numa montanha enorme. Dado que consigo objetivar a minha própria pequenez, que razão tenho eu para me regozijar?

"Compare-se a área incluída pelos quatro mares com tudo o que existe entre o Céu e a Terra - não se assemelhará a um pequeno formigueiro num vasto pântano? Compare-se o Reino Médio (China) com a área incluída nos quatro mares - não se assemelhará a um pequeno grão de arroz num grande armazém? Quando nos referimos aos objetos da criação, falamos delas como " as dez mil," entre as quais o homem não passa de uma delas. Falamos das Nove Províncias, onde os homens são mais numerosos e, no entanto, de toda a área onde o arroz e os alimentos são cultivados, e onde os barcos e as carruagens passam de um lado para o outro, o homem ocupa apenas uma fração.

Em comparação com as dez mil coisas, não se assemelhará ele à ponta de um pelo do corpo do cavalo? Aquilo que os cinco imperadores planearam, porque os três reis de digladiaram, e os homens benevolentes se afligiam, e os homens responsáveis trabalham - tudo termina aqui! Po Yi elaborou o conhecimento em prol da fama, Confúcio falou dele em prol do saber. Mas ao se regozijarem desse modo, não seriam eles como tu há pouco, quando te regozijavas com as tuas águas de enchente?"

"Bom, nesse caso," disse o Espírito do Rio, "poderei eu julgar a grandeza pelo Céu e pela Terra e a pequenez pela ponta de um cabelo?"

"Nao!" disse o Espírito do Mar do Norte. "Não existe fim para as

possibilidades das coisas, por as suas dimensões serem indefinidas; nem há forma de lhes determinarmos a duração, nem temos como aferir a constância na determinação dos destinos, nem existe uma regra fixa para começo e fim. Por isso, a grande sabedoria contempla tanto o distante como o próximo, e por isso reconhece o pequeno sem o considerar insignificante, e o grande sem o considerar significativo, por saber que as suas dimensões são indefinidas.

Possui uma clara compreensão do passado e do presente, e por isso encara o duradouro sem o achar entediante, e o efémero sem se sentir defraudado nem desiludido, por saber que o tempo não para. Percebe a natureza da plenitude e do vazio, e por isso não e deleita ao adquirir algo, nem se preocupe se o perder, pois sabe que não existem absolutos na determinação dos destinos. Compreende o Caminho do Meio, e por isso não se alegra com a vida nem encara a morte como uma calamidade, pois sabe que nenhuma regra fixa de anterioridade ou de posterioridade pode ser atribuída ao começo e ao fim.

"Calcule-se o conhecimento de um homem e não se poderá compará-lo àquilo que ele desconhece. Calcule-se o tempo em que permanece vivo e não se poderá compará-lo ao tempo decorrido antes de ele nascer. No entanto, o homem pega em algo tão pequeno assim e tenta por seu intermédio aferir o grande! Por isso, ele fica baralhado e confuso e jamais consegue chegar a parte alguma. Encarando-o desse modo, como saberemos se a ponta de um cabelo pode ser apontada como a medida da menor coisa possível? E como haveremos de chegar a saber se o Céu e a Terra conseguem abranger por completo as dimensões da maior coisa imaginável?"

O Espírito do Rio disse: "Os homens que debatem tais assuntos hoje em dia afirmam que a mais minúscula das coisas não tem forma e que a maior das coisas não pode ser circunscrita. Corresponderá isso à realidade?"

O Espírito do Mar do Norte disse: "Se considerarmos o grande do ponto de vista do pequeno, não poderemos vê-lo na sua totalidade. Se considerarmos o diminuto do ponto de vista do grande, não podemos distingui-lo com clareza. O subtil é o menor dos mais pequenos; o descomunal é o mais vasto dos grandes, pelo que é conveniente distinguir as suas aptidões. Mas isso é mera questão de circunstância.

Contudo, antes que possamos falar de descomunal ou do subtil, é preciso que tenham uma forma. Se uma coisa não tiver forma, as suas dimensões não poderão ser quantificadas e, se não puder ser abrangida, então o seu tamanho não poderá ser quantificado. Pelo uso das palavras poderemos abordar o descomunal das coisas e pelo

uso da mente poderemos visualizar a subtileza das coisas. Mas o que as palavras não conseguem descrever e o que o entendimento não chega a compreender - isso nada tem que ver com o descomunal nem o subtil.

"Portanto, o Grande Homem nas suas ações não prejudica os demais, mas não faz demonstração de benevolência nem de caridade. Ele não age em função do benefício nem do lucro, mas não menospreza o subordinado. Ele não entra em disputas por bens ou riqueza, mas não faz demonstração de recusa nem de renúncia. Ele não se candidata a ajudar os outros no seu trabalho, mas não faz demonstração de se sustentar a si próprio, nem despreza o ganancioso nem o vil.

Nas suas ações difere das da multidão, mas não faz demonstração de singularidade nem de excentricidade. Contenta-se em ficar para trás da multidão, mas não despreza aqueles que correm para a frente em busca da lisonja e da adulação. Todos os títulos e gastos da época não são suficientes para o levar a mexer-se e a esforçar-se; todas as penalidades e censuras não bastam para o levar a sentir vergonha. Ele sabe que nenhuma linha de distinção pode ser traçada entre o certo e o errado, nenhuma linha de demarcação pode ser fixada entre o grande e o pequeno. Ouvi dizer: "O Homem do Caminho não ganha fama; a maior das virtudes nada tem a ganhar; o Grande Homem não tem personalidade. Contenta-se com o que lhe é atribuído ao grau da perfeição."

O Espírito do Rio disse: "Quer sejam exteriores ou implícitas às coisas, não entendo como chegamos a estabelecer tais distinções de nobre e humilde, grandes e pequenas."

O Espírito do Mar do Norte disse: "Do ponto de vista do Caminho, as coisas não encerram nobreza nem humildade. Do ponto de vista das coisas em si mesmas, cada uma considera-se como nobre e às demais como insignificantes. Do ponto de vista da opinião pública, nobreza e humildade não são inerentes às próprias coisas, mas residem no apreço que se tem por elas.

"Do ponto de vista das diferenças, se considerarmos uma coisa grande por apresentar uma certa importância, então, entre todas as dez mil coisas, não haverá nenhuma que não seja grande. Se considerarmos uma coisa rizível por evidenciar uma certa pequenez, então, entre as dez mil coisas, não haverá nenhuma que não seja pequena. Daí se poderá deduzir que o céu e a terra não são maiores que minúsculos grãos de arroz e que a ponta de um cabelo é tão grande quanto uma cadeia de montanhas. Assim se poderá determinar o grau da diferença.

"Do ponto de vista da função, se considerarmos uma coisa tão útil quanto a utilidade que demonstrar ter, então, entre todas as dez mil coisas, não haverá nenhuma que não seja útil. Do mesmo modo, se considerarmos algo do ponto de vista negativo por apresentar uma certa carência, então, entre as dez mil coisas não haverá nenhuma que não seja negativa. Tal como o leste e o oeste que se opõem um ao outro, mas em que um não pode existir sem o outro; assim poderemos estimar o grau da função e da dependência mútua que têm.

"Do ponto de vista da preferência ou interesse, se considerarmos uma coisa favoravelmente correta por apresentar uma certa correção, então, entre as dez mil coisas não haverá nenhuma que não seja correta. Se encararmos as coisas do ponto de vista desfavorável como más por apresentarem um certo mal, então, não haverá entre as dez mil coisas nada que não seja um mal. Daí se poderá entender como Yao e Chieh se consideravam a si mesmos bons e condenavam o outro como mau. Isso que determina o critério do interesse e da estima.

"Nos tempos antigos, Yao abdicou em favor de Shun e Shun governou como imperador; Kuai abdicou em favor do seu ministro Chih e foi destruído por este último. Tang e Wu tornaram-se reis deitando mão à contenda; por seu turno o Duque Po revoltou-se e foi exterminado. Encarando desse ponto de vista, veremos que a revolta ou a cedência, a nobreza ou a ruindade de um Yao ou de um Chieh, dependem das circunstâncias e não podem ser tornadas regra; por poderem ser num momento nobres e no momento seguinte desprezíveis.

"Uma trave pode ser usada como aríete para derrubar uma muralha da cidade, mas não serve para tapar nem sequer um pequeno orifício dessa mesma muralha - isso refere a diferença da função. Cavalos puros-sangues como Chi-chi e Hua-liu podiam galopar seiscentos quilómetros num só dia, mas no quer tocava a caçar ratos, eles não se equiparavam ao gato selvagem nem à doninha - o que refere faculdades distintas. A coruja caça pulgas na obscuridade da noite e pode detetar a ponta de um cabelo, mas quando surge a luz do dia, mesmo que mantenha os olhos bem abertos, não consegue ver nem uma montanha - o que refere uma faculdade natural diferente.

Agora, as pessoas dizem: "Porque não adotar o certo e acabar com o errado? Porque não adotar a paz e pôr termo ao transtorno?" Se o fizerem, então não entendem o princípio do Céu e da Terra nem a natureza das dez mil coisas. Isso é como dizer que se vai deixar-se conduzir somente pelo Céu e abandonar a Terra, ou guiar-se pelo

elemento Yin e esquecer o Yang. Obviamente que isso é impossível. E se os homens insistirem em falar desse modo, devem ser tolos ou enganadores!

"Os imperadores e os reis sempre tiveram diferentes maneiras de se fazer suceder, já desde as Três Dinastias, diferentes causas de sucessão. Aqueles que atuaram de forma extemporânea e desobedeceram aos hábitos das respetivas épocas foram chamados usurpadores; aqueles que acompanharam os tempos e seguiram oportunamente os costumes foram chamados de justos. Acalma-te e fica calado, ó Ancião do rio! Como poderias entender alguma coisa sobre o nobre e o vil, ou o grande e o pequeno?"

"Bom; nesse caso", disse o Espírito do Rio, "o que deverei fazer e o que deverei deixar de fazer? No final, como saber o que aceitar e o que rejeitar, ao que obedecer e o que descartar?"

O Espírito do Mar do Norte disse: "Do ponto de vista do Caminho, o nobre ou o mal confundem-se, já que um é o oposto do outro. Não passa do que é chamado a Interminável Mudança. Não claudiques na tua vontade, ou irás afastar-te do Caminho! O que será pouco e o que será muito? Isso é meramente o que é chamado as Infindáveis Voltas da Alternância. Não te esforces por ser uniforme nas tuas ações, ou estarás em divergência com o Caminho!

Sê isento de preconceito como o governante de um estado - que declina todo favoritismo. Destaca-te e sê imparcial, como o mestre de cerimónias numa oferenda sacrificial - que não pede por quaisquer bênçãos particulares. Sê amplo e infinito como as quatro direções - elas não têm nada que as limite ou cerceie. Abraça as dez mil coisas numa atitude universal - como poderia haver alguém a quem deveria conceder um apoio especial? Isso é chamado de liberdade do desvio. Quando as dez mil coisas são unificadas e iguais, então, o que será curto e o que será comprido?

"O Caminho não tem começo nem fim, já as coisas têm a sua vida e morte - não se pode confiar no seu desempenho. Num momento vazias, no momento seguinte repletas - não podes depender da sua condição. A passagem dos anos não podem ser impedida, o tempo não pode ser detido. O declínio, o crescimento, a plenitude e o vazio terminam e depois começam de novo. É assim que devemos descrever o plano do Grande Significado e discutir os princípios das dez mil coisas.

A vida das coisas é um galope, uma corrida precipitada - com cada movimento que elas se alteram, a cada passo elas mudam. O que deverias fazer e o que não deverias fazer? Não há movimento que

não traga mudança - isso é certo. As próprias coisas desenvolver-se-ão e mudarão por si próprias!"

"Se assim é," disse o Espírito do Rio, "então, o que terá de estimável o Caminho?"

O Espírito do Mar do Norte disse: "Aquele que entende o Caminho é certo que entende os princípios básicos. Aquele que entende os princípios básicos é certo que sabe como lidar com as vicissitudes. E, aquele que sabe como lidar com as vicissitudes não permitirá que as coisas exteriores o prejudiquem.

Quando um homem goza de perfeita virtude, o fogo não consegue queimá-lo, a água não consegue afogá-lo, o frio e o calor não conseguem afligi-lo, os pássaros e os animais não podem prejudicá-lo. Eu não digo que ele menospreze essas coisas, quero unicamente dizer que ele distingue as situações de segurança e de perigo, e contenta-se com fortuna ou com o infortúnio, e é cauteloso no afastamento e na aproximação. Portanto, nada pode prejudicá-lo.

"Daí que se diga: os compromissos do espiritual dão-se dentro, os assuntos humanos têm lugar fora. O supremo cultivo do indivíduo é conseguido em conformidade com o espiritual. Compreende e distingue bem as ações do espiritual e do homem, põe o teu fundamento no espiritual, toma posição na virtude, e então, embora avances ou retrocedas, te retraias ou expandas, podes voltar ao essencial e falar do irrevogável."

"O que quer dizer o espiritual e o humano?" perguntou o Espírito do Rio.

O Espírito do Mar do Norte respondeu: "Os cavalos e os bois têm quatro patas – o que perfaz uma condição inata - é isso que quero dizer com o espiritual. Colocar uma corda na cabeça do cavalo, perfurar o nariz do boi – o acessório - isso é o que quero dizer com o humano. Por isso digo: Não deixes o que é humano desvirtuar o que é espiritual, nem permitas que o artifício arruíne a vida, não permitas que a ganância te prejudiquem o bom nome. Tem cuidado, preserva a condição inata e não a percas - Isto é o que eu quero dizer ao retornar à simplicidade pura."

A SUPERAÇÃO DA FRAQUEZA

O dragão Kuei tem inveja da centopeia, a centopeia tem inveja da cobra, a serpente tem inveja do vento, o vento tem inveja do olho e o olho tem inveja da mente.

O K'uei disse à centopeia: "Tenho essa perna com que vou andando aos saltos, embora eu consiga muito pouco progresso. Agora, como é

que consegues fazer funcionar todas essas cem pernas?"

A centopeia disse: "Você não entende. Nunca viu um homem cuspir? Ele puxa simplesmente uma cuspidela e aí vem ela, algumas gotas tão grandes como pérolas, outras tão finas quanto a névoa, chovendo na desordem de um infinito número de partículas. Agora, tudo o que faço é pôr em marcha o mecanismo celestial em mim - não tenho consciência de como a coisa funciona."

A centopeia disse à cobra: "Tenho todas essas pernas com que me movo, mas não consigo acompanhar-te a ti que não tens pernas. Como acontece isso?"

A serpente disse: "É apenas o mecanismo celestial que me move, como poderei mudar o jeito que tenho de ser? O que faria eu com as pernas se as tivesse?"

A serpente disse ao vento: "Eu movo a minha espinha dorsal e as costelas e consigo dar-me bem, embora ainda tenha algum tipo de corpo. Agora você vem girando do Mar do Norte e segue girando para o Mar do Sul, e não parece ter nenhum corpo. Como acontece isso?"

O vento disse: "É verdade que eu me levanto do Mar do Norte e sigo para o Mar do Sul. Mas se segurares um dedo contra mim, derrotar-me-ás e, se me pisoteares, também me derrotarás. Por outro lado, mais ninguém como eu consegue derrubar grandes árvores e varrer grandes casas - é um talento de que só eu gozo. Assim, o facto de não conseguir vencer coisas pequenas leva-me a superar as coisas grandes. Só o sábio é capaz de superar grandes coisas!"

DA CORAGEM DO SÁBIO

Quando Confúcio ia a passar por Kuang, os homens de Sung o cercaram com vários cordões de homens, mas ele passou a tocar o seu alaúde e a cantar sem parar. "Tzu Lu entrou a vê-lo e perguntou-lhe: "Mestre, como pode estar tão despreocupado?"

Confúcio disse: "Vem, vou-te explicar. Durante um longo período de tempo eu tentei evitar as dificuldades inerentes à minha doutrina; que não tenha conseguido escapar-lhes deve-se ao destino. Durante muito tempo tentei alcançar o sucesso na sua disseminação; que eu não o tenha conseguido deveu-se às circunstâncias. Se acontecesse ser na era de um Yao ou de um Shun, então não haveria obstrução - mas não por as pessoas gozarem de elevada inteligência. Se acontecesse ser na era de um tirano como Chieh ou Chou, não se verificaria uma disseminação - mas não por falta de inteligência. É o tempo e as circunstâncias quem determina o resultado.

"Navegar pelo mar sem temer o dragão - isso revela a coragem do pescador. Viajar por terra sem fugir do rinoceronte ou do tigre - isso revela a coragem do caçador. Ver as lâminas das espadas a chocar diante de si e encarar a morte como se fosse vida - isso revela a coragem do patriota. Entender que as vicissitudes são coisa do destino e que o sucesso na disseminação da doutrina é fruto das circunstâncias e enfrentar grandes dificuldades sem medo - isso revela a coragem do sábio. Contenta-te com isso, Tzu Lu. O meu destino já me colocou sob tensões."

Pouco depois, um líder dos homens apresentou-se e pediu desculpas. "Pensamos que você fosse Yang Huo, foi por isso que o cercamos. Agora que vemos que você não é, vamo-nos retirar."

QUERER DAR UM PAÇO MAIOR DO QUE AS PERNAS

Kung Sun Lung disse ao príncipe Mou de Wei: "Quando eu era jovem, estudei as doutrinas dos reis anteriores e, quando envelheci, aprendi a praticar a conduta da benevolência e da equidade. Reconciliei a diferença e a semelhança, distingui dureza e brancura, mudei a afirmativa na negativa ou vice-versa, e o permissível no proibitivo. Abarquei o conhecimento de múltiplas escolas e derrotei os argumentos de muitos palestrantes.

Eu acreditava que tinha alcançado o maior grau de realização. Mas agora escutei as palavras de Chuang Tzu e fiquei surpreendido pelo fascínio que demonstram. Não sei se será a minha eloquência que não se comprara com a dele, ou se não consigo equiparar-me a ele na compreensão. Agora não me atrevo a abrir a boca. Posso pedir-lhe conselho?"

O Príncipe Mou inclinou-se sobre o sofá e deu um grande suspiro, e depois olhou para o céu e riu, disse: "Você nunca ouviu falar do sapo do poço? Ele disse à tartaruga do Mar do Leste: "Como me divirto tanto! Eu ando aos saltos e vou até ao redor da beirada do poço, ou descanso nos buracos deixados pela falta de um tijolo. Na água, uso as patas dianteiras para me manter à tona e a boca de fora, e na lama, enterro os meus pés nela e deixo que me cubra até aos tornozelos. Observo à minha volta as larvas de mosquitos e os caranguejos e os girinos e vejo que nenhum deles consegue equipar-se a mim no desfrute da vida. Monopolizar por completo a água do poço, isso é do melhor que há! Por que não vens um dia destes e vês por ti própria?"

"Mas mesmo antes da grande tartaruga do Mar do Leste conseguir pôr o pé esquerdo no poço, ficou rapidamente encravada. Ela precisou recuar e retirou-se por um bocado, e então começou a descrever o mar: "Uma distância de seiscentos quilómetros não pode dar uma ideia da sua grandeza, uma profundidade de mil medidas

não pode expressar a profundidade que tem. No tempo do imperador Yu, verificaram-se inundações em nove de dez anos, e ainda assim as águas do mar não sofreram qualquer aumento. Na época de Tang verificaram-se secas em sete de oito anos, e ainda assim o nível das águas jamais recuou. O que o tempo, seja um instante ou uma eternidade, em nada consegue alterar ou mudar, nem a abundância ou a escassez possam fazer avançar ou recuar - essa é a grande delícia de viver no Mar Oriental!"

"Quando o sapo do poço raso ouviu aquilo, ficou surpreendido e cabisbaixo.

"Agora o teu conhecimento nem sequer chega a distinguir os limites do certo do errado, e ainda assim tentas usar disso para comentares as palavras de Chuang Tzu - isso é como tentar fazer um mosquito carregar uma montanha às costas ou um inseto querer correr mais do que o rio Amarelo. Nunca estarás à altura da tarefa!

"Aquele, cuja compreensão não consegue entender essas palavras subtis e obscuras, mas se encontra unicamente pronto a conseguir um ganho temporário - não será ele como o sapo do poço? Neste exato momento Chuang Tzu – com os pés assentes no mais profundo da terra atinge as alturas do vasto azul. Para ele, não há norte nem sul - em total liberdade ele dissolve o seu ser pelas quatro direções e submerge no insondável. Para ele não há leste ou oeste - ele começa na origem do sério e do solene e retorna a uma via que conduz a infinitas possibilidades.

Agora vens juntar-te e tentar captar pouco a pouco o seu pensamento munido da discriminação e do sofisma. Isso é como usar um cano para esquadrinhar o céu ou um fio de sovela para medir a profundidade da terra – não serão instrumentos demasiado pequenos para a tarefa? Será melhor que sigas o teu caminho! Ou talvez nunca tenhas ouvido falar do jovem de Shou-ling que foi aprender a caminhar como os de Han-Tan. Ele teve não só que dominar o seu caminhar como esquecer a sua própria maneira antiga de caminhar, de modo que precisou rastejar todo o caminho de volta para casa. Agora, se tu não te pões a caminho, é provável que esqueças o que aprendes e fiques sem a tua ciência!"

Kung Sun Lung ficou de boca aberta e não a conseguia fechar. A língua colou-se ao céu-da-boca, pelo que ele deitou a correr e fugiu.

É MELHOR UM PÁSSARO NA MÃO QUE DOIS A VOAR

Certa vez, quando Chuang Tzu estava a pescar no rio Pu, o rei de Chu enviou dois funcionários a anunciar-lhe: "Eu gostaria de o incomodar com a administração do meu reino."

Chuang Tzu manteve a cana de pesca na mão e, sem virar a cabeça,

disse: "Ouvi dizer que há uma tartaruga sagrada em Chu que está morta há três mil anos. O rei mantém-na envolta em pano numa caixa, e armazena-a no templo ancestral. Essa tartaruga preferirá estar morta e deixar os seus ossos para trás para serem venerados, ou preferiria estar viva e a arrastar a cauda na lama?"

"Preferiria estar viva e a arrastar a cauda na lama," disseram os dois funcionários.

Chuang Tzu respondeu: "Então vão-se embora! Também eu prefiro ficar a arrastar a minha cauda na lama!"

A CONSCIÊNCIA DO MEDO

Quando Hui Tzu se tornou primeiro ministro de Liang, Chuang Tzu partiu a visitá-lo. Alguém trouxe a Hui Tzu o boato de que queriam usurpar-lhe o posto: "Chuang Tzu está de chegada por querer substituí-lo como primeiro-ministro!" Com isso Hui Tzu foi tomado de alarme e mandou procurar Chuang Tzu por todo o estado por três dias e três noites a ver se o encontrava. Mas Chuang Tzu lá veio ao seu encontro e disse:

"No sul há um pássaro chamado Yuan-chu - eu me pergunto se já ouviu falar dele? Esse Yuan-chu sobe do Mar do Sul e voa para o Mar do Norte, e não repousa senão nas árvores de Wu-tung, não come nada além dos frutos do bambu, e bebe apenas das fontes de água doce. Acidentalmente uma coruja que tinha caçado um rato velho meio podre e, à medida que o Yuan-chu andava a esvoaçar por cima, ela levantou a cabeça, olhou para o Yuan-chu e disse: "Shoo!" Agora que com a posição que obteve no estado de Liang, está a tentar espantar-me?"

PRESUNÇÃO DE SABER E CONHECIMENTO PELA OBSERVAÇÃO

Chuang Tzu e Hui Tzu passeavam pela ponte do rio Hao quando Chuang Tzu disse: "Veja como o peixe miúdo sai e se dispersa por onde quer! É o que os peixes realmente gostam de fazer!"

Hui Tzu disse: "Não sendo você peixe nenhum - como sabe o que os peixes apreciam?"

Chuang Tzu disse: "Você não sou eu, então como sabe que eu não sei o que os peixes apreciam?"

Hui Tzu disse: "Eu não sou você, decerto que não sei se sabe disso ou não. Por outro lado, você certamente não é um peixe - de modo que isso ainda prova que você não sabe o que os peixes apreciam!"

Chuang Tzu disse: "Voltemos à sua pergunta original, por favor. Você perguntou-me como sei do que o peixe gosta, de modo que você já

sabia que eu sabia e mesmo assim perguntou-me. Eu sei disso por permanecer aqui ao lado do rio."

CAPÍTULO 18
A PERFEITA FELICIDADE

DA SABEDORIA DE UM VIVER SIMPLES

SERÁ POSSÍVEL ENCONTRAR POR TODO ESTE VASTO MUNDO uma felicidade verdadeira ou não? Haverá maneira de nos mantermos vivos ou não? Bom, que poderá ou não ser feito e em que se deverá confiar? Que deverá ser evitado e a que deveremos ater-nos? Que se deverá perseguir e que se deverá abandonar? Onde residirá a felicidade e onde residirá o mal?

Aquilo que todo mundo valoriza são as riquezas, a posição, a vida longa e a fama. O que garante a felicidade são a segurança pessoal, os bons apetites, vestes vistosas, as belas vistas e sons agradáveis. Aquilo que o mundo despreza é a pobreza, a baixeza moral, a morte prematura e a má reputação. O que considera desagradável é o estilo de vida que não acarreta repouso, a falta de pratos requintados, a falta de boas roupas, olhos que jamais pousam em vistas adoráveis ao olhar, e uma música agradável ao ouvido.

Quando não conseguem obter tais coisas tornam-se alvo da agitação e do temor. Mas essa é uma forma atoleimada de tratar o corpo! Os ricos afadigam-se e apressam-se a obter mais e mais riquezas, para além daquela que necessitam. Consequentemente, embora façam isso em prol do corpo, alienam-no.

Aqueles que detêm posições de poder passam dia e noite a traçar e a ponderar no que fazer para atingir os melhores fins. Mas, do ponto de vista do nosso corpo não será esse um tratamento muito descuidado? As pessoas vivem a vida constantemente cercadas pela ansiedade. E se viverem muito acabam na senilidade, desgastada pelas preocupações: que terrível destino!

O corpo é tratado de uma forma muito desagradável. Homens de coragem são vistos por todos os cantos sob o céu como dignos, mas isso é insuficiente para os manter vivos. Não estou certo de saber se essa sabedoria será ajuizada ou não. Se a considerarmos boa, não chega para a sua salvação. Se a considerarmos como não boa, é suficiente para a salvação dos outros. É dito que se um amigo não der ouvidos aos conselhos que lhe ofereceremos, devemos fazer uma vénia e retirar-nos sem discussão. Afinal, Tzu Hsu mostrou

resistência para com o seu soberano e acabou por perder a vida. Caso não tivesse discutido, não teria ficado famoso. Será possível que realmente contenha alguma grandeza efetiva, ou não?

Bom, quando as pessoas comuns tentam encontrar felicidade, não estou certo se a felicidade que encontram será realmente felicidade ou não. Observo o que as pessoas ordinárias fazem para conseguir felicidade, aquilo por que se debatem, e o quanto correm aparentemente incapazes de se deter. Dizem sentir-se felizes, mas eu não me sinto feliz nem infeliz tão pouco. Em última análise gozarão ou não de felicidade? Eu considero a ação sem agir (sem intenção) como mais digna de ser chamada felicidade, embora as gentes comuns a considerem como um grande fardo. Foi dito: "A perfeita felicidade é ausência de (consciência de) felicidade, a perfeita glória não ser objeto de glória."

O mundo todo é incapaz de julgar certo e errado. Mas é certo que a ação (inação da ausência de resistência interna) pode ajuizar tanto o certo quanto o errado, só que o mundo receia-a. A perfeita felicidade está na preservação da vida; somente a ação sem agir pode produzir tal efeito. É por isso que sou levado a dizer:

"O céu e a terra nada operam e no entanto nada fica por fazer."

Ambos combinam o agir sem ação e todas as formas de vida saem mudadas e desse modo voltam à vida! Maravilha das maravilhas, elas não vêm de parte alguma! Toda a vida é misteriosa e emerge da ação sem agir. Há o dito de que o céu e a terra adotam uma ação sem agir, mas nada fica por fazer. Por entre as pessoas, quem será capaz de seguir tal agir isento de ação?

A CONFORMAÇÃO PELO CONHECIMENTO

A mulher de Chuang Tzu morreu e Hui Tzu chegou a fim de o consolar, mas Chuang Tzu permaneceu sentado de pernas cruzadas, a bater numa bacia surrada e a cantar.
Hui Tzu disse: "Viveste com ela como homem e mulher, e ela criou-te os filhos. Na morte o que pelo menos devias fazer seria sentir vontade de prantear, em vez de estares para aí a fazer da bacia um tambor e a cantar: Isso não está certo."

Chuang Tzu respondeu: "Certamente que não. Quando ela morreu, decerto que fiz o luto tal como toda a gente! Contudo, recordei que ela já existia antes, num estado anterior ao do nascimento. Na verdade, não só antes que nascer, mas antes do seu corpo ser sequer criado. Não só sem forma como sem substância, mas antes mesmo do seu sopro vital ser adicionado ao seu corpo. E por meio do maravilhoso mistério da mudança foi-lhe atribuído o alento de vida.

Esse alento vital forjou uma transformação e ela passou a possuir um corpo. O seu corpo gerou outra transformação e ela morreu. Ela assemelha-se às quatro estações, na forma como a primavera, o verão, o Outono e o inverno se sucedem. Agora encontra-se em paz, a repousar no seu ataúde, mas se eu me entregar aos soluços e ao pranto decerto parecerá que eu não compreenda o destino. Foi por isso que me abstenho."

O REMÉDIO DO IRREMEDIÁVEL

O Corcunda e o Aleijado perambulavam pelas tumbas dos heróis falecidos nos montes de Kun Lun onde o Imperador Amarelo repousa (Símbolos ou locais de imortalidade). Sem aviso uma úlcera começou a brotar do ombro esquerdo de Aleijado. Ele certamente ficou surpreendido e um tanto baralhado.

"Sente-se ressentido por isso?" disse o Corcunda.

"Não, disse o Aleijado. Porque deveria sentir-me ressentido? A vida tem lugar na partilha e constitui um empréstimo. E com esse empréstimo, só acrescentamos mais sujeira e lixo à soma total da nossa existência. A morte e o nascimento assemelham-se à manhã e à noite. E enquanto vós e eu, observamos as evidências da mortalidade que nos rodeia, se a mesma mortalidade me acometer, porque haverei eu de me ressentir por isso?"

NÃO SERÁ A MORTE UM ALÍVIO?

Chuang Tzu foi a Chu para observar um crânio antigo que lé havia sido dissecado, que ele espicaçou com a sua chibata, dizendo: "Senhor, seguiu algum curso desafortunado que lhe tenha trazido desonra ao seu pai ou à sua mãe para terminar dessa forma? Terá, porventura, sido o frio e a fome que o terá reduzido à expressão de indigente? Talvez tenha sido a resoluta sucessão das primaveras e outonos (a idade) que o tenham conduzido a isso, não senhor?" Assim dizendo, puxou o crânio de encontro a si e deitou-se a dormir, utilizando o crânio como travesseiro. A meio da noite sonhou que o crânio lhe aparecia em sonho e disse: "Senhor, você grasna que nem um orador público (bem). Mas tudo quanto diz, senhor, é referente à vida dos mortais e aos problemas da mortalidade. Nós, mortos, nada temos que ver com isso. Gostaria que lhe falasse sobre a morte, senhor?"

"Certamente," disse Chuang Tzu.

E o crânio lá lhe disse: "Os mortos não conhecem soberania nem sujeição. As azáfamas das estações são-lhes desconhecidas, de modo que vivemos como se a nossa existência fosse restringida unicamente

pela eternidade e pelo infinito. Não se iluda, porque a felicidade de um rei entre os homens não se iguala àquela de que desfrutamos."

Chuang Tzu não pode acreditar e retorquiu: "Se eu pudesse gozar de arbítrio sobre o destino de modo a poder trazê-lo de novo à vida, senhor, e pudesse voltar a gozar de um corpo de carne e osso, e a voltar a ter companheiros, isso não lhe agradaria?"

O crânio fez uma careta com ar de chateado e respondeu: "Porque quereria eu afastar felicidade maior do que a dos reis entre os homens e tornar-me de novo um ser humano e assumir os trabalhos e as dificuldades dos mortais?"

NUTRIÇÃO ADEQUADA

Yen Yuan viajou para Este em direção ao Estado de Chi, e Confúcio ficou muito ansioso. Tzu Kung ergueu-se da sua esteira e perguntou-lhe: "Posso eu, enquanto humilde discípulo, Senhor, perguntar-lhe porque ficou tão ansioso, uma vez que Hui também partiu para o Este, rumo a Chi?"

Confúcio respondeu:

"Essa é uma boa pergunta! Kuan Tzu tinha um dito que eu acho ser de levar em conta. Dizia ele: "Um saco pequeno não pode conter nada grande e um balde de corda curta não pode chegar até ao fundo do poço." Do mesmo modo é igualmente verdade que o que é determinado pelo nosso destino possui a sua própria ordem particular tal como a sua forma as suas limitações.

A nenhuma delas podemos tirar ou acrescentar. Sinto-me preocupado por quando Hui chegar ele vá pôr-se a pregar ao Duque de Chi acerca de Tao de Yao, Shun e o Imperador Amarelo, e subsequentemente se debruce sobre as palavras de Sui Jen E Shen Nung. O Duque procurará ver se ele está à altura de tudo isso e apontar-lhe-á falhas, e ficará desapontado, e quando uma pessoa dessas cai na dúvida, incorre-se na morte!

"Além disso, já não terás ouvido esta história antes? Certa vez uma ave marinha pousou nos arredores da capital de Lu. O Príncipe de Lu foi acolhê-la e levou-a em procissão até ao santuário dos antigos, onde tocou o Chiu Shao (música composta pelo imperador Shun) para a animar e sacrificou um touro para a alimentar? Mas isso deixou a ave confusa, em razão do que deixou de comer e beber e no espaço de três dias morreu. Por esse não corresponder ao tratamento natural a dar a uma ave. Tivesse ele dado um tratamento adequado a uma ave, teria sido levá-la para o meio da floresta, e deixá-la livre para vaguear com o bando e para se banhar nas águas dos riachos

ou lagos, caçar peixes, e por lá ficar tranquila. Quando os pássaros se sentem aterrados com as vozes dos homens, de nada adianta poremse com cânticos! Se procurarem contentá-los com música, as aves deitarão a fugir para longe. Se os animais o ouvirem, também eles fugirão e correrão a esconder-se e se os peixes o escutarem correrão para as profundezas. Apenas as pessoas acorrerão a reunir-se para a escutar.

"Os peixes podem subsistir contentes nas águas, mas se os homens o tentarem, morrerão, por diferentes seres as necessidades dos diferentes contextos que lhes são apropriados. Sendo diferentes, também os seus gostos e aversões diferem. É por isso que os antigos sábios nunca favoreciam a uniformidade, a perícia nem a ocupação no trato das criaturas nem procuravam conformá-las. A reputação é proporcional à realidade, e os meios adaptavam-se aos fins, por isso ser sensato e atrair a fortuna. A isso se chamava o devido relacionamento com os demais junto ao benefício pessoal."

A RODA DA TRANSFORMAÇÃO

Lie Tzu ia de viagem quando parou à beira da estrada para comer quando avistou um velho crânio. Arrancando uma haste de relva, apontou para ele e disse: "Só tu e eu sabemos não existir vida nem morte; que nunca viveste e que nunca morreste. Estarás verdadeiramente em paz, ou estarei eu verdadeiramente feliz? Quem poderá dizer se a morte não será, afinal de contas, vida, e se a vida não será morte?"

Quando determinados germes caem na água transformam-se em lentilhas de água. Ao atingirem a costa tornam-se líquenes. Ao se espalharem pela margem transformam-se em Lírios Violeta. Ao atingirem o solo rico tornam-se numa planta cujas raízes se tornam larvas e as folhas tornam-se borboletas. As borboletas transformamse e tornam-se insetos que andam por baixo das lareiras, que se parecem com cobras.

Após um milhar de dias tornam-se aves de cuja saliva surge um tipo de mosca do vinho, moscas essas que se transformam em Vagalume, de que outros insetos se formam, que por sua vez se transformam em lavas, que se deita nos bambus que não germinam há muito tempo, de modo a se dar lugar às plantas dos Jardins. Esses, dão lugar a leopardos, os leopardos dão lugar aos homens, os cavalos dão lugar aos humanos, e eventualmente os humanos voltam ao Grande esquema das coisas. Toda a diversidade da vida surge do mistério dos começos e aí retorna.

CAPÍTULO 19
COMPREENSÃO DO PROPÓSITO DA VIDA

DA JUSTA RAZÃO DO CUIDADO

SE TIVERMOS COMPREENDIDO O PROPÓSITO DA VIDA, de nada valerá tentarmos tornar a vida algo que ela não pode ser. Se tivermos compreendido o propósito do destino, de nada valerá devotarmos qualquer atenção às coisas que o conhecimento não pode controlar. Se desejarmos preservar a vida, cuidemos das coisas materiais; contudo, quando as coisas materiais não são abandonadas, a vida nem sempre poderá prosseguir, e poderá sucumbir.

A vida vem a nós e não a podemos recusar. Quando ela se esvai, não a podemos deter. Contudo, que tristeza que as pessoas pensem que nutrir o corpo seja suficiente para preservar a vida! Porém, se os cuidados a ter com o corpo não são suficientes para sustentar a vida, que haverá que se possa fazer que seja suficiente? Embora fazer coisas seja inútil, seja como for, não podemos evitá-lo, ou negligenciá-la-emos.

Se alguém desejar evitar fazer alguma coisa pelo sustento do corpo, não há coisa melhor que abandonar este mundo, porque abandonando-o podermos ser livres de todas as obrigações, e, se formos livres de todas as obrigações, poderá reinar a equanimidade. E quando reina a equanimidade, voltamos a nascer à semelhança dos outros; uma vez renascidos, aproximar-nos-emos do Tao. Mas, porque será tão apelativa a ideia de abandonar as dificuldades inerentes à existência e de esquecer o propósito da vida?

É que se abandonarmos as dificuldades inerentes à existência, não exaurimos o corpo; se esquecermos a vida, a nossa essência não sairá prejudicada. Assim, com o corpo satisfeito e a energia restaurada, podemos tornar-nos Um com o Céu. O Céu e a Terra são pai e mãe de toda a vida e quando ambos são respeitados o corpo é satisfeito; quando se dispersam, criam um novo começo. Se corpo e energia não padecerem, isso será conhecido como faculdade de adaptação. Fortalecidos uma e outra vez, votamo-nos ao auxílio do Céu.

A RAIZ DA CONSCIÊNCIA DO MAL

O mestre Lieh-Tzu perguntou ao porteiro Yin: "Só o homem perfeito consegue andar debaixo de água sem se afogar, e caminhar sobre o fogo sem se queimar, e passar por uma quantidade de formas de vida sem receio. Posso perguntar-lhe como é que o homem perfeito consegue isso?"

O porteiro Yin respondeu: "Isso deve-se a que preserve a sua energia vital, e nada tem que ver com o conhecimento, nem com perícia, determinação nem atrevimento. Senta-te que eu te falarei acerca disso."

"Tudo possui uma face, forma, som e cor: mas isso não passa de aparência. Como será possível que as coisas se achem tão distanciadas entre si? Na realidade por que deverá qualquer delas ter precedência sobre todas as outras? Não passam de formas e de cores, nada mais. Contudo, as coisas brotam da ausência de forma e encontram o seu término no que é imutável.

"Se compreendermos e seguirmos isso, e o usarmos em pleno, nada se poderá intrometer no nosso caminho! Significa a capacidade de residir nos confins do que não possui limite, ocultar-se nas fronteiras que não têm começo, perambular por onde ambos - começo e fim de toda a vida - residem; unificar a nossa natureza essencial, nutrir o alento vital, harmonizar a virtude e, seguindo o nosso caminho, comungar com a origem de todas as coisas. Alguém assim preserva a integridade das suas qualidades celestes, e a sua espiritualidade não apresentará falha, pelo que, como poderão as coisas intrometer-se e afetá-lo?

"Se um homem ébrio cair da carruagem, mesmo que a carruagem vá acelerada, ele não morrerá. Os seus ossos e juntas são exatamente os mesmos que os dos outros, porém, não sai ferido, por se apresentar coesão de espírito. Como não percebe que está a viajar, não faz ideia de ter caído, de modo que nem vida nem morte, nem o alarme nem o temor poderão afetá-lo ou causar-lhe apreensão, e ele baterá nas coisas sem sentir ansiedade ou provocar ofensa corporal. E, se é possível manter-se coeso por meio da embriaguez, imagina só quanto mais íntegros podemos sentir-nos pela unidade com o Céu! O sábio resguarda-se na serenidade das suas qualidades espirituais, e em resultado nenhum dano o acomete.

“Mesmo alguém que seja impelido pela vingança não irá a ponto de se meter à feição da espada do oponente. Tão pouco o rancoroso se irritará com uma telha que aconteça cair-lhe sobre a cabeça. Em vez disso, reconhecer que tudo sob o Céu se acha em unidade, será a única maneira de eliminarmos o caos, a violência e a guerra, assim como os rigores do castigo, da punição e da execução.

"Não tentemos desenvolver o que é natural à humanidade, mas desenvolvamos o que é espiritual, porquanto desenvolver isso é benéfico à vida, ao passo que desenvolver o que é próprio da humanidade atenta contra a vida. Não ponhamos de parte o que é

espiritual, nem ignoremos o aspeto humano: então as pessoas aproximar-se-ão da realização da Verdade!"

VONTADE COESA E CONCENTRAÇÃO DE ESPÍRITO

Confúcio ia de viajem para Chu e atravessava o coração da floresta quando se deparou com um corcunda que apanhava cigarras usando uma vara pegajosa com tal habilidade que parecia que estava a utilizar as mãos. "Senhor, quanta perícia!" disse Confúcio. "Obteve alguma faculdade especial para esse fim?"

"De facto possuo uma faculdade," disse o corcunda. "Durante os primeiros cinco ou seis meses aprendi a equilibrar duas bolas um sobre a outra com uma vara, e quando deixaram de cair, soube que conseguia apanhar umas quantas cigarras. A seguir pratiquei com três bolas, e quando elas não caíram, soube que podia apanhar uma cigarra em cada dez. A seguir pratiquei com cinco bolas, e quando deixaram de cair, tive noção de que conseguiria apanhar cigarras com toda a facilidade.

"Fortaleço o meu corpo como se ele fosse um tronco reto de uma árvore e estendo os meus braços como uma vara. Não importa que Céu e Terra sejam vastos, nem que existam vastas multidões de seres vivos, eu concentro o conhecimento que possuo na captura de cigarras. Jamais me canso, jamais tomo consciência de qualquer outro ser vivo, exceto cigarras. Seguindo esse método, como poderia eu falhar?"

Confúcio voltou-se e disse aos seus seguidores: "Com a vontade coesa e concentração de espírito, isso servirá para descrever este cavalheiro, não?"

A DESTREZA BROTA DO MEIO TERMO

Yen Yuan fez um comentário sobre Confúcio dizendo: "Eu ia a cruzar o desfiladeiro de Chang Shan enquanto o barqueiro conduzia o barco com verdadeira perícia. "Poder-se-á aprender a arte da condução de um barco?" Ele respondeu:

"De facto, quem quer que saiba nadar bem não terá problema. Se alguém conseguir mergulhar debaixo de água, poderá não ter visto um barco antes, porém, saberá como conduzi-lo." Eu indaguei dele o que queria dizer com isso, mas ele não foi capaz de dizer, de modo que lhe pergunto a si: que significam as suas palavras?"

"Um bom nadador aprende-lhe rapidamente o jeito," disse Confúcio, "por saber como esquecer a água. Alguém que consiga nadar debaixo de água poderá realmente nunca ter visto um barco, mas encarará as

vastas águas como se fossem terra seca, e o virar de um barco como nada mais grave do que o virar de um vagão. Assim, também ele pode aprender-lhe o jeito rápido. Todas as formas de vida podem virar-se do avesso ou deslizar terra abaixo bem diante dele que ele não se sentirá afetado no seu íntimo, pelo que onde poderá ir que não se sinta à vontade?

"Numa competição de tiro com o arco, vós disparais com tanta perícia quanto possível, na esperança de vencerem. Se competirem para ganhar medalhas, preocupam-se com a pontaria. Se competirem a ouro, isso já os poderá deixar nervosos. A vossa perícia será a mesma em ambos os casos, mas por um deles ser mais significativo que o outro, isso deixa-os sob tensão. Mas prestar demasiada atenção a coisas externas torna-os desajeitados com respeito às coisas do íntimo (calma e serenidade)."

Tien Kai Chih foi ver o Duque Wei de Chou, e o Duque perguntou-lhe: "Ouvi dizer que Chu Hsien anda a estudar o viver. Enquanto companheiro de Chu Hsien, que terá ouvido acerca disso, senhor?"

Tien Kai Chih respondeu: "Eu só varro o pátio e guardo o portão, como poderia eu ter ouvido alguma coisa acerca disso?"

"Mestre Tien, não seja tão recatado," disse o Duque Wei. "Eu estou ansioso por ouvir mais."

"Bom," disse Kai Chi, "Eu ouvi o Mestre dizer que quem quer que sustente a vida é em definitivo como o pastor que vigia os retardatários e os põe na linha."

"Que quer dizer com isso?" retorquiu o Duque Wei.

"Em Lu, eles tinham Shan Po, que habitava nas cavernas, e que nada bebia excepto água, e que não rivalizava com os outros pelo proveito como o resto das pessoas," disse Tien Kai Chih, "e durante setenta anos ele viveu assim e manteve a compleição de uma criança. Então, desafortunadamente, ele deparou-se com um tigre feroz que o atacou e comeu.

Vocês têm Chang Yi, que nunca hesitava bater a todas as portas dos ricos e poderosos, e nunca perdeu uma oportunidade de fazer visitas. Prosseguiu assim durante quarenta anos, e contraiu uma febre, adoeceu e em breve morreu. Po cuidou do que era interno e o tigre devorou-lhe o externo, enquanto Yu cuidou da imagem externa e a doença destruiu-o a partir de dentro. Ambos esses mestres não conseguiram *manter o seu rebanho unido*."

Confúcio disse: "Não vos escondais no interior, nem se ostentem com o exterior como Yang, mas atenham-se firmemente ao meio termo. Sigam estas três regras e ficarão conhecidos como autênticos.

Quando as pessoas se preparam para partir numa viajem perigosa, se ouvirem contar que uma em cada dez pessoas tenha sido morta, então pais e filhos, irmãos velhos e novos todos prevenirão para que tenham cuidado, e não partirão até que tenham uma escolta armada. Isso é sensato, não? Porém, no que toca ao que devia apoquentar de verdade as pessoas - as ideias que surgem quando se encontram despertas na cama durante a noite ou enquanto estão a comer e a beber à mesa - mas elas não compreendem esses avisos – que erro!

VIVER E DEIXAR VIVER

O sacerdote dos antigos, nas suas vestes de corte quadrado, olhou para a pocilga e disse: "Que tem a morte de tão ruim? Eu vou-te engordar durante três meses, depois vou submeter-me a uma disciplina espiritual durante dez dias, jejuar durante três dias, mudar-te a cama, dividir-te os ombros e o traseiro e coloca-los no altar do sacrifício. Decerto que nada tens a dizer acerca disso, tens?"

Contudo, será verdade dizer que, da perspetiva do porco seria melhor comer aveia e farelo e permanecer na pocilga. Também é verdade que, encarando a questão da minha perspetiva, eu gostaria de ser honrado como um funcionário importante e, quando morrer, gostaria de ser enterrado num carro fúnebre, e repousar numa cama de penas. Eu conseguiria viver com isso! Do ponto de vista do porco, eu não daria nada por uma vida assim, mas do meu ponto de vista, eu ficaria muito satisfeito, apesar de me surpreender de perceber as coisas de modo diferente do porco.

O Duque Huan andava a caçar nos campos, acompanhado por Kuan Chung, condutor, quando viram um fantasma. O Duque agarrou a mão de Kuan Chung e disse: "Kuan Chung, que vês tu?" E ele replicou: "Eu não vejo nada."

O Duque regressou a casa, começou a delirar e adoeceu, e durante uma série de dias não se aventurou a sair. Um erudito de Chi chamado Huang Tzu kao Ao disse: "Senhor, o senhor está a causar isso a si próprio. Como poderia o fantasma ter poder de maldade para o afetar?! Quando o alento vital se dispersa e não se reúne, então dá lugar à fraqueza. Se se elevar e não voltar a descer, tornará um homem mal-humorado. Se descer e não voltar a elevar-se, deixará um homem cronicamente esquecido. Se não se elevar nem descer mas se centrar no corpo, na região do coração, então resultará na doença.

“Será certo que existam fantasmas?” perguntou o Duke Huan.
“Existem coisas dessas,” respondeu. “Nos poços existem os espíritos dos animais lá caídos, a lareira apresenta as salamandras. Na pilha de estrume que fica fora das portas existe outro. A nordeste tem dois; a noroeste tem outro. Há um nas águas, as ondinas; nas colinas há os duendes. Os montes têm os seus próprios, assim como os prados e os pântanos.”

“Poderia perguntar-te com que se parece o fantasma dos pântanos?” disse o Duque.
“O fantasma do pântano é tão gordo quanto o cubo de uma roda, e tão comprido quanto o eixo da carruagem, enverga uma veste púrpura, um chapéu avermelhado e tem um aspeto horrível, como tais coisas normalmente são. Ao ouvir o ruido do vagão ou do relâmpago, segura a cabeça nas mãos e levanta-se. A visão de uma criatura dessas significa que aquele que a vê se tornará num ditador.”

O Duque Huan ficou absolutamente encantado e rindo, e disse: “Então foi esse o homem que eu vi!” Depois, sentou-se, arrumou-se e antes mesmo que o dia terminasse, embora não o tenha percebido, melhorou.

APRIMORAMENTO DA TÉCNICA

Chi Hsing Tzu criava galos de combate para o Rei. Dez dias mais tarde ele perguntou: “Os galos estão prontos?”
“Ainda não,” respondeu Chi Hsing Tzu, “Ainda preciso aprimorar-lhes a arrogância e controlar-lhes o espírito.”
Dez dias mais tarde o Rei voltou a perguntar, e ele respondeu: “Ainda não, elas ainda se alarmam com facilidade.”
Dez dias depois, o Rei voltou a perguntar, e ele respondeu: “Ainda não. Eles ficam deslumbrados consigo próprios, e preciso controlar-lhes o espírito.”
Dez dias mais tarde, o Rei voltou de novo a perguntar e Chi Hsing Tzu respondeu-lhe: “Estão quase. Um galo das vizinhanças pode vangloriar-se que eles não se perturbam: se os visse de longe, diria que parecem galos de madeira. Harmonizaram a virtude, e outros galos não se atreverão a desafiá-las, mas fugirão.”

NÃO LUTAR CONTRA A CORRENTE

Confúcio andava a passear por Lu Liang, onde a queda de água atinge as trinta braças de altura e o rio corre ao longo de umas quarenta milhas, tão rápido que nenhum peixe nem qualquer criatura consegue nadar nas suas águas. De súbito viu alguém que mergulhou e presumiu que esse indivíduo procurasse a morte, motivado por alguma ansiedade, em resultado do que colocou os seus seguidores ao longo da margem e eles prepararam-se para o sacar das águas.

Confúcio procurou-o e disse: "Pensei que fosse um fantasma, mas agora vejo, senhor, que não. Quero perguntar-lhe se terá algum modo especial para nadar debaixo de água."

Ele respondeu: "Não, não tenho modo especial nenhum. Eu comecei com aquilo que me era natural, amadureci a minha natureza inata, e permiti que o destino fizesse o resto. Deixo-me levar pelas correntes e com a corrente saio, deixando-me levar pela água sem nunca me preocupar. É assim que sobrevivo."

Confúcio disse: "Que quis dizer quando disse que começou com aquilo que lh era natural, amadureceu a natureza inata e permitiu que o destino fizesse o resto?"

Ele respondeu: "Eu nasci em terra seca e sentia-me contente na terra onde conhecia aquilo que conhecia, ou natureza inata. Fui alimentado pelas águas e senti-me seguro nelas: isso reflete a minha natureza inata. Não estou certo da razão porque faço isto, mas estou certo de ser o destino."

DESTREZA DO QUE É SEM RIVAL

O Entalhador Ching entalhou uma peça de madeira para criar suporte a um sino, e aqueles que presenciaram isso ficaram admirados por parecer que tivesse sido feito por fantasmas ou espíritos. O Marquês de Lu viu-o e perguntou: "De onde lhe vem o engenho?"

"Eu sou só um entalhador," replicou Ching. "Como poderia ter engenho? Contudo, uma coisa é certa, quando esculpo um suporte de sino, não permito que me esgote o sopro vital, de modo que me preocupo por apaziguar o coração. Depois de ter jejuado durante três dias, não mais pensei no louvor nem no elogio, na recompensa, títulos ou renda. Depois de ter jejuado pro cinco dias, deixei de me preocupar com glória ou responsabilidade, destreza ou estupidez. Depois de ter jejuado por sete dias sinto-me tão calmo que esqueci se tenho quatro membros e um corpo.

Por essa altura o Duque e a sua corte terão deixado de existir no que me diz respeito. Toda a minha energia é concentrada e as preocupações externas desaparecem. Depois disso parto e penetro na floresta do monte, e exploro a natureza celeste inata das árvores; assim que dou com uma que apresente a forma perfeita, consigo vislumbrar a possibilidade de um suporte de sino e deito mão à obra; caso não consiga descortinar a possibilidade, deixo-a em paz. Assim procedendo, harmonizo o espiritual com o celeste, e talvez seja por isso que achem que os meus entalhes sejam feitos por espíritos."

O EXAGERO LEVA AO ESGOTAMENTO

Tung Yeh Chi estava a exibir a perícia que tinha na condução de cavalos ao Duque Chuang. Ele conduzia para cima e para baixo mantendo um alinhamento semelhante ao do fio-de-prumo, e voltava à esquerda e à direita com a graça e a precisão do compasso. O Duque Chuang ficou impressionado e achou que ninguém conseguiria melhor, pelo que lhe deu ordem para percorrer mais uns cem circuitos.

Yen Ho passou por ali e foi ver o Duque, dizendo: "Os cavalos de Chi estão quase esgotados." Mas o Duque nada disse. Pouco tempo depois, os cavalos ficaram esgotados e o Duque disse: "Senhor, como sabia que isto iria suceder?" Ho respondeu: "As energias dos cavalos estavam quase exauridas mas ele continuou a exigir mais deles. Foi por isso que disse que entrariam em colapso."

A PERFEIÇÃO PELA SUAVIDADE

O Trabalhador Chui conseguia desenhar tão direito quanto com um esquadro ou fazer curvas como com compasso, por os dedos conseguirem acompanhar as mudanças sem que o seu íntimo o obstruísse. Desse modo tinha a mente em harmonia e jamais bloqueada. Quando se caminho com um calçado confortável pode-se esquecer os pés. A cintura pode ser esquecida quando se aperta o cinto de modo a causar conforto. O conhecimento pode conduzir ao esquecimento do sim e do não, caso o coração siga contente. Nada muda dentro, nada procede do exterior, caso se reaja ao que acontece com contentamento. Começando pelo que traz contentamento, e sem se submeter àquilo que é perturbador, é possível chegar-se a conhecer a satisfação de esquecer em que consiste o contentamento.

CARACTERÍSTICAS DO HOMEM APTO

Havia um homem chamado Sun Hsiu que veio até aos portões do Mestre Pien Ching Tzu apelar-lhe, e disse: "Eu costumava viver no campo e ninguém que eu tenha encontrado alguma vez disse que eu não vivia adequadamente, nem tão pouco ninguém que tenha conhecido disse que, uma vez confrontado com problemas, eu não tenha demonstrado força de espírito. Contudo, quando trabalhava nos campos, as colheitas jamais saiam boas, e quando trabalhava para o governante, as coisas não andavam bem para avanços. Por isso fui expulso do campo e exilado da corte, contudo qual será a natureza da ofensa que tenha cometido contra os Céu? De que modo este infortúnio se tornou na minha sina?"

Ching Tzu respondeu: "Senhor, não ouviu falar do comportamento do homem perfeito? Ele esquece fígado e intestinos e despreza ouvidos e olhos. Sem objetivo definido ele serpenteia por entre os escombros. Aquilo em que é bom é em nada fazer. De facto a isso se chama existir mas não esperar qualquer recompensa, educar sem controlar.

Você exibe os seus conhecimentos a fim de impressionar os tolos; luta pela fama para acentuar o distanciamento que tem sobre os outros, procurando um polimento de modo a parecer tão brilhante quanto o sol ou a lua. Até agora criou harmonia com o corpo, ao dispor das nove aberturas do costume, e não foi atingido no decorrer da vida pela cegueira ou pela surdez, pela imperfeição nem pela deformação pelo que, em comparação com muitos, é afortunado. Assim, porque anda por aí a resmungar acerca do Céu? Desapareça, senhor!"

O Mestre Sun deixou-os. O Mestre Pien chegou, sentou-se e repousou, após o que voltou o rosto para o Céu e soltou um lamento. O seu discípulo disse: "Professor, porque está a lamentar-se?"

Mestre Pien disse: "Eu recebi uma visita de Hsiu e falai-lhe da Virtude do homem perfeito. Receio que tenha ficado perturbado e tenha acabado completamente confuso."

O seu discípulo disse: "Não necessariamente. Não foram as palavras do Mestre Sun corretas? As palavras do nosso Mestre foram erradas? Caso tenham sido, então nada as corrigirão. Mas, e caso as palavras do Mestre Sun tenham sido inadequadas, e as do nosso Professor adequadas? Isso quererá dizer que ele já se encontrava confuso, de modo que qual terá sido o dano?!"

O Mestre Pien disse: "Não entendes. Certa vez um pássaro pousou na periferia da cidade capital de Lu. O governante de Lu ficou tão contente que lhe preparou um sacrifício especial e mandou que tocassem a música Nine Shao para a entreter. O pássaro sentiu-se angustiado e aturdido e deixou de comer e de beber. A isso se chama procurar sustentar um pássaro com o nosso sustento.

Se quiserem alimentar um pássaro, então deixem que vá para o meio da floresta, ou que esvoace sobre as águas e cace cobras. É isso o que os pássaros querem. Agora, Hsiu é um tolo e ouviu falar muito pouco, pelo que quando procuro contar-lhe sobre a virtude do homem perfeito, é como se eu tentasse levar um rato a passear numa carruagem puxada por cavalos, ou tentasse deixar uma codorniz satisfeita entoando-lhe sons de campainhas e tambores. Não é de surpreender que ele ficasse atónito!"

CAPÍTULO 20
A ÁRVORE DA MONTANHA

RELATIVIZAÇÃO DE VALOR E INUTILIDADE E A INEVITÁVEL SUCESSÃO DOS CONTRÁRIOS

CHUANG TZU CAMINHAVA PELOS MONTES quando viu uma enorme árvore de ramos grossos e folhas exuberantes. Uns lenhadores pararam a seu lado, mas não deram qualquer sinal de que a iam cortar. Quando Chuang Tzu lhes perguntou do motivo, eles responderam: "Não há nada para que possa ser usada!" Chuang Tzu disse: "Por causa da sua inutilidade, esta árvore é capaz de viver os anos que o céu lhe concedeu."

Ao descer da montanha, o Mestre parou para pernoitar em casa de um velho amigo. O amigo, encantado, ordenou ao seu filho que matasse um ganso e o preparasse." Um dos gansos pode grasnar e o outro não," disse o filho. "Posso perguntar, qual deverei matar?"

"Mata o que não consegue grasnar," disse o anfitrião.

No dia seguinte, os discípulos de Chuang Tzu questionaram-no: "Ontem, foi a árvore no monte que consegue viver os anos que o céu lhe concedeu por causa da sua inutilidade. Hoje, o ganso do nosso anfitrião foi morto por causa de sua utilidade. Que posição você toma neste caso, mestre?"

Chuang Tzu riu e disse: "Provavelmente tomo a posição intermédia entre o valor e a inutilidade. Mas a posição intermédia entre o valor e a inutilidade, embora pareça ser uma posição confortável, na verdade não é, por nunca nos inevitavelmente apresentar problemas. Contudo, seria muito diferente, se pudéssemos viver segundo a Natureza pois assim não haveria elogio nem censura, e seríamos como um dragão nas alturas num momento, ou uma cobra a rastejar noutro momento.

Tudo mudaria com o tempo e o local, e não haveria regra fixa para coisa nenhuma, mas contentar-nos-íamos em avançar numa altura e em nos retirarmos noutra altura. Por regra preservem a harmonia com a natureza e deixem que as vossas ideias alcancem a origem das coisas. Tornai-vos mestres das coisas externas, mas não permitais que elas os dominem. Então, nada será enfadonho. Esta é a regra, o método de Shen Nung e do Imperador Amarelo.

Contudo, na prática não é esta a realidade que constatamos, nem é esta a doutrina que se ensina entre os homens, pelo que a situação muda de figura. Assim, o que se junta será disperso e o que estiver

completo ver-se-á desmantelado, e o que tiver sido ganho conhecerá a sua correspondente perda. Quem quer que tenha sido honrado ver-se-á rebaixado, e quem tiver obtido sucesso será alvo de censura, e quem tiver alcançado o mérito será desacreditado, e quem for inútil será insultado. Como conseguir estabilidade e paz? Lembrem-se, discípulos meus, de aceitarem o que vem naturalmente."

ESQUECE O INTERESE PRÓPRIO E CONHECERÁS A VERDADEIRA FELICIDADE

Shinan Yiliao do sul da capital foi visitar o marquês de Lu. O marquês apresentava um aspeto muito triste. "Por que esse olhar tão preocupado?" Perguntou o Mestre do sul do mercado.

O marquês de Lu disse: "Estudei a sabedoria dos antigos reis e imperadores, e exercitei-me nas práticas dos meus ancestrais, respeito os espíritos, honro os homens de mérito, tenho intimidade com eles, sigo os seus conselhos e nem por um instante deixo de os seguir. mas ainda assim parece que não consigo evitar os males. Por isso me sinto tão triste."

O Mestre do Sul da capital disse: "A técnica que vossa alteza usa para evitar os males é muito superficial. A raposa e o leopardo de manchas elegantes habitam na floresta da montanha e abrigam-se nas cavernas dos penhascos - em função do seu sossego. Eles saem para o exterior pela noite, mas ficam emboscadas na toca durante o dia - em função da precaução. Quando a fome, a sede os pressionem, eles percorrem um longo caminho para encontrar comida junto dos rios e lagos - em função da sua subsistência.

E, no entanto, parecem não conseguir escapar do infortúnio das redes e armadilhas. De quem será a culpa? O seu pelo é a causa da sua desgraça. Agora, não será este estado de Lu a sua pele? Eu desejaria que descartasse a consciência que tem de si, se livrasse dessa pele, purificasse o seu espírito, acabasse com o desejo e de seguida vagueasse pelos campos.

"Em Nan-Yueh há uma cidade cujo nome é A Terra da Virtude Estabelecida. A sua população é tola e ingênua, é pouco propensa a pensar em si próprio e possui escassos desejos. Eles sabem lavrar, mas não sabem armazenar; eles dão livremente, mas nada buscam em troca. Eles não sabem o que fazer com a justiça, nem sabem para que serve o ritual. Toscos, desinibidos, mexem-se de forma irrestrita - e assim seguem o caminho do Grande Tao. O nascimento para eles trás alegria, a morte, um bom funeral. Assim, eu desejaria que pusesse o seu estado para trás das costas, que rompesse com os bons costumes e que caminhe com o Tao."

O governante de Lu disse: "O caminho é longo e perigoso. Além disso, existem rios e montanhas pelo meio e eu não tenho barco nem carruagem. O que posso fazer?"

O Mestre do Sul da capital disse: "Rejeite os imperativos, e os convencionalismos e mantenha a abertura de espírito - faça disso a sua carruagem."

Mas o governante de Lu disse: "O caminho é solitário e longo e não encontro ninguém que me acompanhe. Quem terei por companheiro no caminho? Quando se me acabar a ração, nem terei nada que comer; como eu poderei chegar ao meu destino?"

O Mestre do Sul do Mercado disse: "Diminua os gastos e reduza as ambições, que assim, mesmo sem provisões, poderá encontrar o suficiente. E poderá andar pelos rios e cruzar o mar. Olhará ao redor mas não verá o seu término; quanto mais longe chegar melhor irá distinguindo o infinito. Aqueles que o tiverem acompanhado, irão todos voltar às suas casas; e vossa majestade terá chegado verdadeiramente longe.

"Aquele que for senhor dos homens conhecerá o infortúnio de se ver restringido por eles; o que se tornar subserviente conhecerá apuros. Assim, o rei Yao não tinha subservientes nem se permitia tornar subserviente. Por isso, eu quisera que se livrasse das dificuldades, rejeitasse os seus cuidados e vagasse sozinho com o Caminho pela Terra do Grande Silêncio.

"Se um homem amarrar dois barcos juntos, e estiver a atravessar um rio, e acontecer um barco vazio bater nele, por mais temperamental que o homem seja, ele não se irritará. Mas se o outro barco levar alguém, então ele gritará e dir-lhe-á para ver por onde anda. E se o primeiro grito não for ouvido, ele gritará de novo, e se não for ouvido uma vez mais, ele gritará uma terceira vez, e desta far-se-á acompanhar de uma torrente de imprecações. A razão para não mostrar raiva no primeiro caso e já mostrar no segundo deve-se a que anteriormente ele enfrentasse o vazio, e agora enfrente um ocupante. Se um homem conseguisse manter-se interiormente vazio e assim perambular pelo mundo, então quem o poderia prejudicar?"

A ARTE DA ACEITAÇÃO

Pei Kung She andava a angariar fundos para o Duke Ling de Wei, para mandar fazer um conjunto de sinos. Ele construiu uma plataforma fora dos portões da cidade e, no espaço de três meses, os sinos ficaram concluídos, tanto no nível superior como no inferior. O príncipe Ching-Chi, observando-o, perguntou: "Que arte é que domina?"

Pei Kung She respondeu: "Tudo foi feito naturalmente, sem promessa nem pressão. Ouvi dizer que, quando tivermos passado pela talha e pelo polimento, tudo volta à simplicidade. Embotado, não tenho entendimento, ando despreocupado, permaneço na ociosidade. Não encorajo a contribuição nem persuado os que não querem contribuir, despeço-me dos que passam ao largo, acolho os que vêm ao meu encontro, pois os que vêm não podem ser negados, e os que passam não pode ser retidos. Consinto os rudes e os fortes, sigo os mansos e os que se acomodam, e deixo que cada um atinja o seu próprio fim. Assim me ocupo de manhã até à noite sem enfrentar nenhum contratempo. Quanto mais não seria isso verdade, pois, no caso de um homem que tenha compreendido a Grande Via?"

SÊ DESPRETENCIOSO E CONHECERÁS A SIMPLICIDADE

Confucius foi assediado entre Chen e Tsai, e por sete dias ele não comeu nada que fosse cozinhado. Tai Kung Jen foi apresentar-lhe a sua simpatia.

"Parece que esteve perto da morte," disse ele.

"Certamente."

"Não abomina a ideia de morrer?"

"Certamente!"

Jen disse: "Então, deixe-me tentar revelar-lhe uma maneira de atingir a imortalidade. No mar do leste há um pássaro e seu nome é Indiferente. Ele move-se lentamente, como se não tivesse forças. Precisa ser ajudado a alçar voo, e precisa de ajuda para voltar ao ninho. Nunca se atreve a ser o primeiro a avançar, nunca se atreve a seguir em último. Ao comer, nunca se aventura a dar a primeira mordidela, mas escolhe apenas as sobras. Então, quando ele não será afastado pelos outros, nem prejudicado pelos homens. Dessa forma escapa ele ao desastre. A árvore de tronco direito será a primeira a ser derrubada, o poço de água doce é o primeiro a secar.

"Agora você exibe a sua sabedoria de modo a surpreender os ignorantes, aperfeiçoa a sua boa conduta de modo a poder apontar os defeitos dos outros, anda por aí a exibir-se e a resplandecer como se carregasse o sol e a lua na mão! É por isso que você não pode escapar ao perigo!

"Ouvi dizer que o Homem Realizado diz:" A jactância não é sinal de sucesso; aquele que alcançar o sucesso, perdê-lo-á; aquele que alcançar a fama perdê-la-á. Quem consegue restituir o sucesso e a

fama ao vulgo? O Caminho flui amplamente, mas ele não tem consciência de si; a Virtude move-se por toda a parte, mas ela não ostenta o seu nome.
Ser simples e comum parece juntar-se aos mentecaptos. Abandone a sua posição, livre-se da sua autoridade, não trabalhe em função do sucesso nem da fama. Assim, não tem motivo para culpar os outros, nem os outros para o culpar a si. O homem perfeito não procura a reputação. Por que, pois, você se deleita nisso também?"

"Excelente!" exclamou Confúcio. Assim, ele retirou-se dos seus amigos e associados, despediu os discípulos e afastou-se para o deserto, e passou a envergar peles e pano grosseiro e a viver de bolotas e castanhas. Ele pode andar entre os animais sem alarmar os rebanhos, caminhar entre os pássaros sem espantar os bandos. E, se nem mesmo os pássaros e os animais se ressentiam dele, quanto mais os homens!

APEGO SEM MOTIVO

Confúcio disse ao Mestre Sang Hu: "Duas vezes fui expulso de Lu. O povo abateu a minha árvore predileta em Sung, apagou os vestígios da minha presença em Wei, causou-me problemas em Shang e Chou e sitiou-me entre Chen e Tsai - e deparei-me com muitas calamidades. Os meus parentes e associados afastaram-se cada vez mais, os meus amigos e seguidores abandonaram-me um atrás do outro. A que se deverá isso?"

O Mestre Sang Hu disse: "Nunca ouviu falar sobre Lin Hui, o homem que fugiu de Chia? Ele jogou fora o disco de jade que tinha que valia mil medidas de ouro, amarrou o filho pequenino que tinha às costas e apressou-se a partir. Alguém lhe disse: "Você pensou em termos de valores? Decerto que uma criança pequena não vale tanto dinheiro! Ou pensou em termos de incómodo? Mas uma criança pequena constitui um grande incómodo! Por que jogar fora um disco de jade no valor de mil medidas de ouro e apressar-se a fugir com uma criança pequena às costas? Porquê?”

Lin Hui respondeu: "O que me unia ao disco de jade assentava no proveito, mas a ligação que tenho com o pequeno assenta no Céu. As coisas juntas em função do lucro, quando pressionadas pelo infortúnio e pelo perigo, separar-se-ão, mas as coisas reunidas pelo Céu, quando pressionadas pelo infortúnio e pelo perigo, apegar-se-ão umas às outras. Há uma verdadeira distinção entre a separação e a união.

"A amizade de um homem virtuoso, segundo dizem, é insípida como a água; a de um homem mesquinho e mau, é doce quanto o vinho doce. Mas a insipidez do homem de virtude leva ao afeto, enquanto a

doçura do homem insignificante conduz à repugnância. Aqueles cuja união não tiver tido bons motivos também não terão bons motivos para se afastar."

Confúcio disse: "Eu farei o meu melhor para honrar as suas instruções!" E assim, com passos sem pressa e de forma gratuita e fácil, ele regressou a casa. Abandonou os estudos, distribuiu os livros, e os discípulos deixaram de vir curvar-se diante dele, mas o carinho que tinham por ele era maior do que nunca.

Outro dia, o Mestre Sang Hu também disse: "Quando o rei Shun estava prestes a morrer, ele cuidadosamente" instruiu Yu com as seguintes palavras:
"Presta atenção ao que te digo! O formal é menos fiável do que o racional; o sentimental é menos fiável do que o que é fiel. O melhor é que tua conduta exterior se acomode e no teu sentimento interior sigas o natural; se fores acomodado não se separarão as pessoas de ti, e se fores natural evitarás a fadiga. E quando não há separação nem fadiga, então não precisamos buscar nenhum adorno exterior nem depender da vaidade. E quando não procuramos mais o adorno nem depende da vaidade, teremos de facto deixado de depender de tudo quanto é material."

POBREZA DE CIRCUNSTÂNCIA NÃO É POBREZA DE ESPÍRITO

Chuang Tzu envergava a sua túnica de pano grosseiro com remendos, atava os sapatos com cânhamo para evitar que eles saíssem dos pés e foi recorrer ao rei de Wei.
"Credo, senhor, você parece estar mesmo desesperado!" disse o rei de Wei.

Chuang Tzu disse: "Eu sou pobre, mas não me encontro angustiado! Quando um homem conhece o Caminho e a Virtude, mas não consegue pô-los em prática, aí sim, ele está angustiado. Quando as suas roupas se encontram em ruínas e os seus sapatos gastos, então ele é pobre, mas não está desesperado. Isso representa o que se diz não se deparar com tempos favoráveis. Sua Majestade nunca observou os macacos saltitões?

Se conseguirem alcançar os cedros altos, as Catalpas ou as Canforeiras, eles põem-se a baloiçar e a saltar com os seus membros, a divertir-se e a fazer travessuras no seu meio, e até mesmo os famosos arqueiros Yi ou Peng Meng não conseguem tê-los na mira por muito tempo. Mas quando se encontram entre os arbustos, as amoreiras pretas, os espinheiros espinhosos, eles precisam mexer-se com cautela, olhar para um lado e para o outro, com receio. Não é que tenham ficado com os ossos e tendões rígidos e tenham perdido a flexibilidade. É simplesmente por os macacos se

encontrarem numa posição difícil e desvantajosa onde não podem exercer a sua capacidade ao máximo. Agora, se eu precisar viver sob um governante ignorante e entre ministros traidores e ainda esperar escapar da angústia, que esperança terei de o conseguir? Foi por isso que Pi Kan teve o seu coração arrancado – isso ilustra bem o que quero dizer!"

(Pi Kan fora o tio de um governante cruel do Estado de Shang 1154-1123 que, irritado com a firme admoestação de seu tio, mandou tirar-lhe o coração e dissecá-lo para ver o aspeto de um homem amável)

ACEITAÇÃO E RESIGNAÇÃO

Confúcio teve problemas entre as povoações de Chen e Tsai, onde se viu sitiado, e durante sete dias não comeu comida preparada. Apoiou o braço esquerdo contra uma árvore murcha, com os dedos da mão direita a bater de forma ritmada num ramo murcho, enquanto entoava o canto do senhor de Ien, Cheng Nung. As batidas que fazia com os dedos no ramo forneciam-lhe um acompanhamento, mas não apresentavam ritmo; o canto apresentava melodia, mas nenhum acorde que se enquadrasse nas categorias tonais usuais de Kung ou Chueh. O tamborilar no ramo da árvore e a voz do cantor revelavam paixão por acalmarem o coração dos ouvintes.

Yen Hui, de pé com as mãos respeitosamente cruzadas no peito, olhava em volta a ver a impressão que o mestre produzia, e depois olhou inquisitivamente para Confúcio. Confúcio, com receio de que o respeito que Yen Hui tinha por si próprio o levasse ao exagero e ao orgulho, e que o afeto que tinha por ele o levasse a lamentar-se, disse-lhe:

"Hui! É fácil mostrar-se indiferente com o que a natureza nos tira, que nos pertença, mas é difícil ficar indiferente para com o que os homens nos lançam que não tenha que ver connosco. Não há começo que não tenha o seu fim. Homem e Céu são um. Quem é, pois, que entoa este canto agora senão a natureza?"

Hui disse: "Posso-me aventurar a perguntar o que quer dizer quando diz que é fácil permanecer indiferente para com o que a natureza nos tira?"

Confúcio disse: "A fome, a sede, o frio, o calor, adversidades e impedimentos - são coisa do Céu e da Terra, a mudança das coisas que se acham em constante movimento. Há que acompanhá-las. Aquele que é súbdito não se atreve a refutar as ordens do seu amo. E se essa é a regra de todo súbdito, quanto mais não será com aquele que depende da natureza!"

"E o que quer dizer quando diz que é difícil permanecer indiferente para com o que os homens nos lançam?"

Confúcio respondeu: "Um homem dedica-se a uma carreira, e se tiver uma oportunidade começará a ter êxito em todas os sentidos. Obtém títulos e estipêndios sem fim, mas não passam de meros vantagens e proveitos que nada têm que ver com a pessoa em si mesma. Quanto a mim, o meu destino está fora de mim. Um homem de virtude não cometerá furto nem um homem digno não se tornará usurpador. Porque tentaria eu tentar adquirir tais privilégios? Por isso se diz: Não há pássaro mais sábio do que a andorinha. Se não vir local que lhe convenha, passa adiante. Se acontecer de se soltar o alimento que leva no bico, ela deixa-o e segue o caminho. Desconfia dos homens, e contudo vive entre eles, e do mesmo modo que os homens, encontra morada e sustento nos altares da aldeia, no solo e no grão."

"E o que quer dizer, com isso de:" Não existir começo que não tenha o seu fim?"

Confúcio disse: "Há um ser que transforma as dez mil coisas, mas não sabemos como ele opera tais mudanças. Como saberemos o que seja um fim? Como saberemos o que seja um começo? A única que nos resta fazer é apenas contentar-nos em esperar!"

"E que quer dizer com isso de: "O homem e o céu são um só?"

Confúcio disse: "O homem existe por causa da natureza. As coisas naturais também existem por causa da natureza. Mas o homem não pode fazer o que não cabe na sua posse, o que se deve às limitações da sua natureza inata. Somente o sábio, calmo e tranquilo, pode completar a mudança em pleno acordo com a natureza."

QUANDO COM A CONSCIÊNCIA DE NÓS INCORREMOS NA PERDA

Chuang Tzu andava a passear pelo parque em Tiao Ling quando viu um peculiar tipo de pega que vinha a voar do sul. Tinha uma amplitude de asa de sete pés e os seus olhos tinham uma boa polegada de diâmetro. Ele roçou a testa de Chuang Tzu e depois foi-se instalar num bosque de castanheiros. "Que tipo de pássaro é este?" exclamou Chuang Tzu. "que tem umas asas enormes, mas que é incapaz de voar, tem uns olhos enormes, mas nem sequer pode ver por onde anda!" Então ele ergueu o manto, avançou, aprontou o arco e preparou-se para apontar a flecha. Ao fazê-lo, ele viu uma cigarra que tinha encontrado um lindo lugar à sombra e que esquecera todo perigo em que pudesse incorrer. Por trás dela, viu um louva-a-deus que, de garras estendidas, se preparava para agarrar a cigarra, que

também esquecera o perigo, de tão concentrada que esteva na sua presa. A pega peculiar estava mais para atrás, mas estava preparada para apanhar o louva-a-deus, esquecendo-se da própria segurança, ao fixar os seus olhos na perspetiva do que estava para conquistar. Chuang Tzu, estremecendo à visão daquilo, disse: "Ah! - os seres vivos só causam problemas uns aos outros - cada uma destas criaturas convida o próprio desastre!" Ele jogou o arco ao chão, virou-se e apressou-se a sair do parque, mas o guarda do parque, tomando-o por um caçador, correu atrás dele com brados e imprecações.

Chuang Tzu voltou para casa e por três meses aparentou um ar infeliz. "Lin Chu no decurso do trato das necessidades de seu mestre, questionou-o, dizendo:" Mestre, por que anda tão infeliz por estes dias?"

Chuang Tzu disse: "Ao me apegar à forma externa, esqueci-me de mim próprio. Ao observar as águas pantanosas, enganei-me e tomei-as por uma lagoa de água clara. Além disso, ouvi o meu Mestre dizer: "Quando andares entre o vulgo, segue as suas regras! Eu andei a vaguear por Tiao Ling e esqueci-me da minha própria vida. Uma pega peculiar embateu na minha testa e foi para o bosque dos castanheiros, e aí negligenciou a sua existência. E o guardião do bosque de castanheiros, para minha grande vergonha, tomou-me por um intruso e encheu-me de insultos! É por isso que me sinto infeliz."

Yang Tzu, a caminho de Sung, parou numa pousada para passar a noite. O estalajadeiro tinha duas concubinas, uma linda e outra feia. Mas a feia foi tratada como uma dama de posição, enquanto a bela era menosprezada e tratada como uma serviçal. Quando Yang Tzu perguntou o motivo daquilo, um jovem garoto da pousada respondeu: "O belo tem demasiada consciência da sua beleza, de modo que não pensamos nela como tão bonita. A feia está demasiado consciente da fealdade que a caracteriza, de modo que não nos leva a achá-la feia."

Yang Tzu disse: "Lembrem-se disto, meus alunos! Se vocês agirem com dignidade, mas se livrarem da consciência de estar a agir de forma digna, então, onde poderão vocês ir, que não sejam amados?"

CAPÍTULO 21
TIEN TZU-FANG

RECONHECIMENTO DA VIRTUDE

T'IEN TZU-FANG ESTAVA AO SERVIÇO DO MARQUÊS WEN DE WEI. Quando ele repetidamente elogiou um tal Chi Kung, o Marquês Wen perguntou: "É Chi Kung seu mestre?"

"Não," respondeu Tzu Fang. "Ele é do mesmo bairro que eu. Ao discutir o Caminho com ele, descobri que ele muitas vezes acerta - é por isso que o elogio."

"Então você não tem mestre?" Perguntou o Marquês Wen.

"Tenho," disse Tzu Fang.

"Quem é o seu mestre?"

"Mestre Shun da parte oriental," disse Tzu Fang.

"Então por que nunca o elogiou?" Perguntou o Marquês Wen.

Tzu Fang disse: "Ele é de facto um homem Verdadeiro - possui a aparência de homem, mas a amplidão do Céu. Ele segue o seu caminho e mantém-se firme no Verdadeiro; no estado puro do vazio, ele consegue abranger todas as coisas. Se os homens não têm o Caminho, ele só precisa adotar um aspeto grave e ficam logo iluminados; ele leva-as a diluir as ilusões que têm. Mas de que valerá louvar isso?!"

Tzu Fang retirou-se da sala e o Marquês Wen, estupefacto, sentou-se durante o resto do dia em silêncio. Então, ele chamou os ministros que tinha ao seu serviço e disse: "Quão longe nos encontramos - da Completa Virtude! Eu costumava pensar que as palavras da sabedoria dos sábios e os atos de benevolência e de justiça representavam o mais alto ideal. Mas agora que ouvi falar do mestre de Tzu Fang, o meu corpo ficou desarticulado e não sinto mais vontade de me mexer, tenho a boca presa e não sinto mais vontade de falar. Essas coisas que tenho vindo a estudar não passam de bonecas de barro - nada mais! Este Estado de Wei, na verdade, não passa de um mero fardo para mim!"

A SABEDORIA NÃO SE EXPRESSA POR PALAVRAS

Ao viajar para Chi, Wen Po Hsueh Tzu, parou no caminho no Estado de Lu. Um homem de Lu pediu para o entrevistar, mas Wen Po Hsueh Tzu disse: "Não me é possível! Ouvi dizer que os homens de virtude

desses Estados do Meio (China) - são esclarecidos nas questões dos princípios rituais, mas muito embotados na compreensão que tem da natureza do homem. Não tenho vontade de estar com eles."

Ele chegou ao seu destino em Chi, e a caminho de casa, parou de novo em Lu, quando o homem mais uma vez lhe rogou por uma entrevista. Wen Po Hsueh Tzu disse: "No passado eles tentaram ver-me, e agora estão de novo a tentar. Sem dúvida que devem ter algum meio pelo qual me esperem inspirar.

Ele saiu a acolher os visitantes e voltou para os seus próprios aposentos com um suspiro. No dia seguinte, ele recebeu outro visitante uma vez mais e mais uma vez regressou com um suspiro. O seu servo disse: "Toda vez que você recebe um visitante, você volta a suspirar. A que se deve isso?"

"Eu disse-te antes, não? Estes homens dos Estados do Meio acham-se esclarecidos quanto aos princípios rituais, mas são embotados quanto à compreensão da natureza do homem. Ontem, quando esse homem veio me ver, agiu em tão perfeito acordo com o protocolo tanto ao entrar como ao sair que parecia marcados por um compasso ou um esquadro. Adotou o semblante de um dragão e a atitude de um tigre. Ele protestou comigo como se fosse meu filho e ofereceu-me conselho como se fosse meu pai! Foi por isso que suspirei."

Confúcio também foi entrevistar Wen Po Hsueh Tzu, mas voltou sem ter dito palavra. Tzu Lu disse: "Você tem querido ver Yen Po Hsueh Tzu faz tempo. E agora que teve uma oportunidade de o visitar, por que você não disse nada?"

Confúcio respondeu-lhe: "Com esse tipo de homem, um olhar diz-nos que o Caminho está aí diante de nós. Que lugar isso nos deixará a qualquer possibilidade de falar?"

MEIOS PARA ALCANÇAR FINS

Yen Yuan disse a Confúcio: "Mestre, quando você caminha, eu caminho; quando você acelera, eu também acelero, quando você corre, eu também corro. Mas quando você alça voo e desaparece, tudo quanto posso fazer é observá-lo atónito!"

"Hui, do que é que está a falar?" perguntou o Mestre.

"Quando você anda, eu ando - ou seja, eu posso falar como você fala. Quando você acelera, eu também acelero - ou seja, eu consigo fazer discriminações como você. Quando você corre, eu também corro - isto é, consigo expor sobre o Caminho como você faz. Mas quando alça voo e levanta o pó atrás de si, tudo quanto posso fazer é olhar

para você com espanto - com isso quero dizer que você não precisa falar para ganhar a confiança dos outros, toda a gente respeita a universalidade e falta de preconceito que denota, "e, apesar de não possuir posição oficial, as pessoas ainda se reúnem ao seu redor, e com tudo isso, ainda não entendo como o consegue."

"Ah," disse Confúcio, "como isso é simples! Não há sofrimento maior do que a morte do espírito - comparado a isso, a morte do corpo é uma questão de menor monta. O sol nasce no leste, põe-se no cabo do oeste, e cada uma das dez mil coisas se move a par com ele. As criaturas dependem do sol para ser bem-sucedidas. O facto de surge pela manhã significa que elas trabalham; quando se põe elas repousam.

É assim com todas as dez mil coisas. Após um compasso de espera podem morrer, e após outro compasso de espera podem viver. Tendo recebido esta forma corporal fixa, mantemo-la imutável, e deixamos que chegue o fim. Entretanto, deixamo-nos mover pelas outras coisas, dia e noite sem interrupção, e não sabemos quando virá esse fim. Não sabendo o que o destino nos reserva, acompanhamos as mudanças diárias. É assim que procedo, dia após dia.

"Eu atravessei a vida de braço dado contigo, mas ainda não me compreendes - isso não será triste? Começas agora a viver o exemplo que dei - mas essa parte já terminou para mim. Que tu ainda a procures, pensando que ainda existe, é como procurar um cavalo depois que a cavalgada tenha terminado. Eu servir-te-ei melhor quando te tiver esquecido por completo, e tu também me servirás melhor quando me tiveres esquecido por completo. Mesmo assim, nada tens a recear? Mesmo que esqueças o meu velho eu, ainda possuo algo que não será esquecido!"

A REALIZAÇÃO NÃO DISTA DO NATURAL

Confúcio foi ligar apelar a Lao Tzu. Lao Tzu acabara de lavar os cabelos e estendia-os sobre os ombros a secar. Completamente imóvel, ele nem parecia ser humano. Confúcio, escondido da vista, ficou à espera e, depois de algum tempo, apresentou-se exclamando: "Estarão os meus olhos a pregar-me partidas, ou será o que vejo realmente verdade? Um momento atrás, Senhor, a sua forma e o seu corpo pareciam rígidos como uma velha árvore morta, como se tivesse esquecido as coisas, tivesse deixado os homens e estivesse postado na própria solidão!"

Lao Tzu disse: "Eu deixava a minha mente vagar pelo começo das coisas."

"O que significa isso?" Perguntou Confúcio.

"Quando ficamos com a mente barrada, não chegamos a compreender; ficamos de boca aberta, mas não conseguimos falar. No entanto, vou tentar explicá-lo em traços largos.

"Quando o Yin *(obscuridade, feminino)* se desenvolve ao extremo torna-se obscuro e frígido; quando o Yang *(luz, masculino)* se desenvolve ao extremo torna-se quente e cintilante. A obscuridade e a frigidez vêm do céu, o calor e a cintilação emergem da terra; os dois misturam-se, interpenetram-se, juntam-se, harmonizam-se e fazem brotar todas as coisas. Isso poderá mostrar a regularidade da natureza, mas ninguém jamais viu a forma como o faz.

Decadência, crescimento, plenitude, vazio, ora turvo, ora brilhante, o movimento do sol, a mudança da lua - dia após dia, essas coisas prosseguem, mas ninguém vê quem as produz. A vida tem o seu germinar, a morte é o seu destino, o fim e o início alternam-se um ao outro numa rodada ininterrupta, e ninguém alguma vez ouviu dizer que isso tenha um fim. Se não é como eu digo, então quem mais poderia ter originado tudo isso?"

Confúcio perguntou: "Posso perguntar em que condições se chega a vagar por essas bandas?"

Lao Tzu disse: "Quando alcançamos a beleza perfeita e a felicidade perfeita. Aquele que alcançou a beleza perfeita e vagueia pela felicidade perfeita pode ser chamado de homem realizado."

Confúcio disse: "Eu gostaria de saber como consegui-lo."

"As bestas que se alimentam da erva não se preocupam com uma mudança de pasto; as criaturas que vivem na água não se preocupam com uma mudança do riacho. Elas aceitam as mudanças periféricas conquanto as necessidades mais importante não sejam afetadas. Sê como elas, e alegria, raiva, tristeza e felicidade nunca poderão encontrar assento no teu coração. Neste mundo, todas as dez mil coisas têm um denominador comum, e se conseguires descobrir esse denominador comum e aplicá-lo a tudo por igual, então os teus braços e pernas e as tuas cem articulações irão tornar-se como a poeira e o lixo, a vida e a morte seguir-se-ão naturalmente, o começo e o fim serão como a dia e a noite, e nada poderá perturbar-te – quanto mais as contingências como ganho e perda, boa ou má fortuna!

"Um homem tem que sacudir a posição do mesmo modo que sacode o pó ou a lama, pois ele sabe que a sua própria pessoa é mais valiosa do que a posição social. O valor está dentro de si mesmo e nenhuma mudança externa o levará à perdição. E uma vez que as dez mil

transformações prosseguem sem começo nem fim, como elas poderiam ser suficientes para lhe trazer ansiedade à mente? Quem pratica o caminho entende tudo isso."

Confúcio disse: "A sua virtude, senhor, é a própria equivalência do céu e da terra, e se mesmo você precisa usar esses ensinamentos perfeitos para cultivar o espírito, quem, pois, entre os homens perfeitos do passado poderiam tê-lo superado?"

"Não é verdade!" Disse Lao Tzu. "A água brota espontaneamente, não é algo que faça deliberadamente nem com esforço. O Homem Perfeito posiciona-se na mesma ordem de relação à virtude. Sem a cultivar, ele possui-a a tal ponto que as coisas não podem se afastar dele. Tão natural quanto o céu alcançar as alturas, a terra alcançar a sua densidade, o sol e a lua alcançarem o seu brilho. O que haverá a ser cultivado?"

Quando Confúcio saiu da entrevista, ele relatou o que havia passado a Yen Hui, dizendo: "No que diz respeito ao Caminho, eu era um mero mosquito no frasco de vinagre, de tão ignorante! Se o Mestre não me tivesse instruído mim, eu nunca teria entendido a sublime integridade que envolve o céu e a terra!"

APARÊNCIA E REALIDADE

Chuang Tzu foi ver o Duque Ai, do Estado de Lu. O Duque Ai disse: "Temos muitos confucionistas aqui no Estado de Lu, mas parece haver muito poucos homens que sigam a sua orientação, senhor!"

"Há muito poucos eruditos confucionistas no estado de Lu!" disse Chuang Tzu.

"Mas como, se todo o estado de Lu enverga as vestes confucianas!" disse o Duke Ai. "Como poderá dizer que só haja uns quantos?"

"Eu ouvi dizer," disse Chuang Tzu, "que os confucionistas usam bonés nas cabeças para mostrar que eles compreendem os ciclos do céu *(astrologia)*; que andam em sapatos quadrados para mostrar que eles entendem da ciência da terra *(geografia),* e que atam ornamentos na forma de um disco de jade às faixas das vestes, a fim de mostrar que, quando preciso for são decisivos na resolução de problemas críticos.

Mas alguém realmente versado pode abraçar uma doutrina sem usar necessariamente a indumentária que o identifique com ela, assim como alguém poderá usar essa indumentária sem compreender necessariamente a doutrina. Se Sua Graça não acredita que seja assim, então por que não edita uma ordem que proclame: "Todos

aqueles que usam a indumentária e não praticarem a doutrina correspondente serão condenados à morte!"

De facto, o duque Ai, proclamou tal édito, e dentro de cinco dias não havia ninguém no estado de Lu, que ousasse usar as vestes confucianas. Apenas um homem velho surgiu em vestes confucianas e pôs-se em frente ao portão do duque. O duque convocou-o de imediato e questionou-o sobre assuntos de estado e, embora a discussão tenha tomado mil voltas e reviravoltas, o velho nunca ficou sem argumentação. Chuang Tzu disse: "Em todo o estado de Lu, pois, há apenas um homem que é um confuciano autêntico. Como você pode dizer que há uma grande quantidade deles?"

AFECTAÇÃO E CAPACITAÇÃO

Po Li Hsi não permitiu que o título de nobreza e o salário lhe afetassem a mente. Ele alimentou o gado e o gado engordou, e esse facto fez com que o duque Mu de Chin esquecesse as origens humildes de Po Li Hsi e o nomeasse para o governo. Shun, o homem do clã Yu, não deixou a vida e a morte lhe afetassem a mente. Assim, ele conseguiu influenciar os outros.

FORMALISMO E DILIGÊNCIA

O duque Yuan, do Estado de Sung, desejou mandar pintar um retrato. Uma multidão de funcionários da corte reuniu-se na sua presença, recebeu as pranchetas de desenho, e tomou o seu lugar na fila, a preparar os seus pincéis e a misturar as suas tintas, tantos que havia mais fora do quarto do que dentro. Houve um funcionário que chegou atrasado, e entrou sem a menor pressa. Quando recebeu a sua prancha de desenho, ele não procurou um lugar na fila, mas foi directo para casa. O governante enviou alguém para ver o que estava a fazer, e descobriu-se que retirou as vestes, cruzou as pernas e ali ficou sentado semi nu. "Excelente," disse o governante. "Esse é o verdadeiro artista!"

COMPETÊNCIA ADMINISTRATIVA

O rei Wen andava a ver as vistas em Tsang quando ele viu um velho a pescar. No entanto, não estava verdadeiramente a pescar, por não parecer que, de cana na mão, estivesse a pescar qualquer coisa, mas como se fosse a sua ocupação constante. O rei Wen quis nomeá-lo para o governo, mas temia que os altos funcionários e seus tios e irmãos viessem a mostrar-se desfavoráveis. Ele pensou que talvez fosse melhor esquecer o assunto e deixá-lo assentar, no entanto, não conseguia suportar privar os cem clãs de uma oportunidade enviada pelos Céus, se deixasse que ele se fosse. Na manhã do dia seguinte, ele transmitiu-o aos seus ministros, dizendo: "Na noite passada

sonhei com um bom homem, de tez escura e barbudo, montado em um cavalo sarapintado de cascos meio vermelhos. Ele ordenou-me, que entregasse o governo a um velho de Tsang – que talvez assim os males do povo pudessem ser remediados!"

Os ministros, aterrados, disseram: "Foi o falecido rei, seu pai, vossa majestade!"

"Então, talvez devêssemos consultar um oráculo para ver o que deverá ser feito," disse o rei Wen.

"É a ordem do seu falecido pai!" disseram os ministros. "Sua Majestade não deve ter qualquer dúvida. Qual a necessidade de consultar o oráculo?"

No final, pois, o rei mandou escoltar o ancião de Tsang até à capital e entregou-lhe o governo, mas este não alterou os precedentes e as leis comuns, nem emitiu qualquer outro decreto.

Ao fim de três anos, o rei Wen realizou uma visita de inspeção ao estado e descobriu que as autoridades locais haviam deitado abaixo as suas barracas e dissolvido os partidos por considerarem todas as tarefas como igualmente distintas; descobriu que os chefes das agências do governo não tinham obtido nenhuma distinção especial e que os contrabandistas que entravam pelas quatro fronteiras provenientes de outros estados já não se arriscavam a introduzir os seus produtos. Quando o contrabando não entrava no território, os vassalos não alimentavam ambição. Os magistrados, não trabalhando com o fito na fama, reinava a concórdia e todos trabalhavam pelo bem comum.

O rei Wen concluiu, pois, que ele havia descoberto um grande mestre e, virado para o norte em sinal de respeito, perguntou-lhe se poderia estender seus métodos de governo a todo Império. Mas o velho de Tsang ficou impávido e não respondeu; terminadas as suas tarefas, saiu nessa mesma noite e nunca mais se ouviu falar dele.

Yen Yuan questionou Confúcio sobre esta história, dizendo: "O rei Wen ainda não tinha conquistado a confiança do povo. Porque que é que ele teve que simular aquele sonho?"

"Cala-te! Não fales assim" disse Confúcio. "Wen era um rei consumado, a personificação da perfeição - como podes atrever-te a criticá-lo? O sonho - foi apenas uma maneira de se acomodar às necessidades do momento."

LIE TZU POSTO À PROVA

Lieh Yu Kou *(Lie Tzu)* estava a demonstrar a destreza de que gozava no tiro ao arco a Po Hun Wu Jen. Retesou o arco ao máximo, colocou uma xícara de água no seu cotovelo e largou a flecha. A primeira flecha ainda nem bem tinha deixado o anel do polegar quando uma segunda repousava já prontamente ao lado do braço protetor enquanto permanecia imóvel como uma estátua. Po Hun Wu Jen disse: "Esta é a proficiência de um arqueiro, não o tiro ao arco de um não-arqueiro! Comprová-lo-ei levanto-te a subir uma montanha alta comigo, escalar as rochas íngremes até o limite de um abismo de quase oitocentos pés, e então veremos que tipo de tiro você consegue praticar!"

Assim, eles começaram a subir a uma montanha alta, a escalar as rochas íngremes até a beira de um abismo de quase oitocentos pés. Po Hun Wu Jen, virando as costas para o abismo, caminhou para trás até ficar com os pés meio fora do limite do penhasco, inclinou-se para Lieh Yu Jou e convidou-o a aproximar-se dele. Mas Lieh Yu Kou encolheu-se no chão, a suar até os calcanhares. Po Hun Wu Jen disse: "O Homem Perfeito pode olhar para o céu azul acima, mergulhar nas Nascentes Amarelas abaixo, vaguear até o final das oito direções, sem que o seu espírito sofra qualquer perturbação. E aqui está você este estado de espírito encolhido e a estremecer - se você tentasse atirar agora, as hipóteses de acertar o alvo seriam mínimas!"

OS ALICERCES DA ABNEGAÇÃO ASSENTAM NA COMPREENSÃO INTERIOR

Chien Wu disse a Sun Shu Ao: "Três vezes você se tornou primeiro-ministro, mas você não pareceu sentir-se glorificado com isso. Três vezes você foi demitido do posto, mas nunca pareceu contrariado. No início eu duvidava que isso fosse realmente verdade, mas agora que me encontro diante da sua aparente impassibilidade vejo o quão sereno e despreocupado você está. Você tem alguma maneira especial de usar o seu espírito?"

Sun Shu Ao respondeu: "Como poderei eu ser melhor do que os outros? Eu considerei que o acolhimento de tal honra não poderia ser recusado, e que a sua perda não poderia ser evitada. No que me diz respeito, a questão do ganho e da perda nada tem que ver comigo e, por isso, não tive motivo para mostrar qualquer expressão de preocupação - é tudo. Como poderei eu ser superior aos outros? Além disso, não tenho certeza se a glória reside no cargo de primeiro-ministro ou em mim.

Se estiver na posição de primeiro-ministro, então isso não significa nada para mim. E se estiver em mim, então não significará nada para o cargo de primeiro-ministro. Agora estou prestes a dar um passeio

ocioso pelas quatro direções. Que prazer encontrarei em procurar saber quem ocupa uma posição eminente e quem ocupa uma posição humilde?"

Confúcio, ao tomar conhecimento do incidente, disse: "Ele era um verdadeiro homem de verdade como os de antigamente, o tipo com que os sábios não conseguem persuadir, as beldades não conseguem seduzir, nem os ladrões não conseguem roubar; até mesmo Fu Hsi ou o Imperador Amarelo não poderia ter travado amizade com ele.

"A vida e a morte envolvem profundas questões, e ainda assim para ele não representam mudanças - quanto mais não o são as coisas títulos e bolsas! Com um tal homem, o seu espírito pode elevar-se sobre o monte Tai sem encontrar obstáculos, mergulhar na mais profunda das nascentes sem se molhar, pode ocupar a condição mais humilde sem angústia. Ele pode preenche todo o céu e a terra, e quanto mais ele dá aos outros, mais ele tem para si mesmo."

RELATIVIZAÇÃO DE CONQUISTA E DE CAPITULAÇÃO

O Chefe de Estado de Chu estava sentado com o governante de Fan. Passado um tempo, um dos oficiais do rei de Chu veio relatar que o estado do Fan havia sido caído, e fê-lo três vezes. O governante do Fan disse: "A queda de Fan não é suficiente para me fazer perder o que tenho intenção de preservar. E se a destruição do Fan não é suficiente para me fazer perder a existência, então a preservação de Chu tão pouco é suficiente para estender a sua existência. Olhando assim, Fan, ainda não começou a ser destruída, e Chu ainda não começou a estender-se!"

CAPÍTULO 22
O CONHECIMENTO VIAJOU PARA NORTE

A HIERARQUIA DO DECLÍNIO

A INTELIGÊNCIA VIAJOU PARA NORTE, para a nascente do Rio Yuan, subiu o Ermo das Alturas Ocultas, e, por acaso, foi de encontro ao Nada-Fazer Naturalmente. A inteligência dizia ao Mistério: Gostaria de lhe perguntar que tipo de cogitação ou que tipo reflexão será necessária para chegarmos a conhecer o Tao? Que tipo de conduta ou que tipo de prática será precisa para encontrarmos repouso na paz do Tao? Que tipo de curso ou que tipo de procedimento me conduzirá ao Tao?" Três vezes a pergunta fez, mas o Nada-Fazer Naturalmente não respondeu. Não é que ele simplesmente não respondesse - não sabia como responder!

Ao não conseguir obter qualquer resposta, a inteligência voltou para sul do rio Po, subiu ao cume da vacilação, Hu Chueh, e ali avistou

Kuang Chu, o Selvagem-e-Imbecil, a quem dirigiu as mesmas perguntas. "Ah, eu sei a resposta," disse o Nada-Saber, "e vou-ta contar." Mas, assim que estava prestes a dizer alguma coisa, esqueceu o que ia a dizer.

Na falta de uma resposta, a inteligência retornou ao palácio imperial, onde foi recebido em público pelo Imperador Amarelo, e a quem colocou as mesmas perguntas. O Imperador Amarelo disse: "Somente quando não ponderares e nem refletires, chegarás a conhecer o Tao. Somente quando você usares de conduta alguma e não seguires prática nenhuma, encontrarás descanso na paz do Tao. Somente quando não seguires curso nenhum nem qualquer procedimento poderás atingir o Tao."

A inteligência disse ao Imperador Amarelo: "Você e eu cremos conhecer, mas os outros dois que eu interroguei não conhecem. Interrogo-me qual de nós estará certo."

O Imperador Amarelo disse: O Nada-Fazer Naturalmente - ele é o único que verdadeiramente tem razão. O Nada-Saber parece saber. Mas tu e eu, no final, não chegamos nem perto de o conhecermos. Aqueles que sabem não falam; aqueles que falam não sabem. Portanto, o sábio pratica a instrução sem fazer uso da palavra. O Caminho é inacessível; a sua virtude não pode ser trazida à existência.

Mas a benevolência - podemos colocá-la em prática, podemos falar sobre a equidade, e na sua falta podemo-nos enganar uns aos outros com a cortesia e os cumprimentos da praxe. Por isso é que se diz: quando se perde de vista o Caminho, surge a virtude; quando se perde a virtude, surge a benevolência; quando se perde a benevolência, aí surge a equidade; e quando por fim se perde a equidade, aí surgem os ritos. Os cumprimentos e a cortesia são os adornos do Caminho e os precursores da desordem.

Por isso se diz: Aquele que pratica o Caminho a cada dia faz menos e continua a fazer menos, até chegar a ponto de não fazer nada; não faz nada e ainda assim não há nada que não seja feito.'' Agora que nos tornamos "coisas," se quisermos voltar novamente para à Raiz, receio que enfrentemos dificuldade! Só o Grande Homem será o único que poderá achar isso fácil.

"O nascimento é o percursor da morte, a morte é o princípio da vida. Quem entende o seu funcionamento? A vida do homem é uma combinação de sopro vital que, se ele se congregar, resulta na vida, e se se dispersar, resulta na morte. E se a vida e a morte sucedem uma à outra, então, o que haverá que nos deva preocupar? As dez mil coisas são realmente uma só. Nós consideramos algumas das mais belas como sendo raras ou sobrenaturais; consideramos outras como

feias por serem abomináveis e carcomidas. Mas a fealdade e o abominável e a corrupção podem transformar-se em coisa rara e sobrenatural, e o raro e sobrenatural podem transformar-se em abominável e corrupto e. Por isso se diz: Só é preciso compreendermos que o mundo é uma mesma matéria que se difunde. O sábio nunca deixa de valorizar a unidade."

A inteligência disse ao Imperador Amarelo: "Interroguei o Silêncio e ele não me respondeu. Não é que ele simplesmente não me tenha querido responder - ele não sabia como me responder. Eu interroguei o Selvagem-e-Imbecil e ele esteve quase a explicar-mo, embora não me tenha explicado nada. Não é que ele não me tenha querido explicar - mas quando estava prestes a faze-lo, esqueceu do que se tratava. Agora eu perguntei-lhe a si e você conhece a resposta. Por que razão diz, pois, que nem perto está da verdade?"

O Imperador Amarelo disse: "O Nada-Fazer-Naturalmente é quem está verdadeiramente certo - por não saber. O Sabe-Nada parece estar perto - por o ter esquecido. Mas no final tu e eu não chegamos nem perto da verdade - por não o conhecermos."

O Nada-Saber ouviu falar do incidente e concluiu que o Imperador Amarelo sabia do que estava a falar.

A ORDEM DO TAO

O Céu e a Terra possuem grande beleza, mas não se vangloriam dela; as quatro estações têm a sua regularidade marcada, mas não a discutem; as dez mil coisas têm a sua razão de existir, mas não as expõem. O sábio busca a origem da beleza do Céu e da Terra e domina a razão de ser de todas as coisas. Assim é que o Homem Superior pratica a não-ação, o Grande Sábio não age como quer - por perceberem o Caminho do Céu e da Terra.

Combinando o impressionante poder do Céu e da Terra com as inúmeras mudanças em que todas as coisas têm estado vivas ou mortas, quadradas ou arredondadas, ninguém conseguirá apurar que origem terão mas aí estão as dez mil coisas em toda a sua pujança e azáfama, tal como estiveram desde a antiguidade. Imenso é o espaço com as suas Seis Dimensões contudo nunca ultrapassaram a fronteira do Caminho; coisas tão pequenas como uma pena de outono dependem dele para a sua formação. Não há nada no mundo que não atravesse vicissitudes do profundo e do superficial; nada permanece inalterável até ao fim dos seus dias. O yin (feminino) e o yang (masculino), e as quatro estações seguem-se sucessivamente, cada uma mantendo a sua devida ordem. Obscuro e invisível, o Tao parece não existir, contudo encontra-se aí, exuberante e sem limites, não

possui qualquer forma, mas somente espírito; as dez mil coisas são nutridas por ele, embora não o saibam - isso é o que é chamado a Raiz, o Fundamento. Isto é o que pode ser percebido no Céu.

A FUNÇÃO DO CONHECIMENTO

Nieh Chueh interrogou Pi-i sobre o Caminho. Pi-i disse: "Endireita o teu corpo, unifica a tua visão e a harmonia do céu virá até ti. Conserva a tua inteligência, unifica o seu porte e os espíritos estarão contigo. A virtude será a tua beleza, o Caminho será o seu lar e, inocente como um bezerro recém-nascido, não tentarás descobrir o motivo disso."

Antes de terminar de falar, no entanto, Nieh Chueh adormeceu profundamente. Pi-i, imensamente satisfeito, saiu e afastou-se, a cantarolar a seguinte canção:

Corpo como um cadáver murcho,
Mente como cinzas mortas,
Verdadeiro na realidade do conhecimento,
Não se obstina quanto às razões das coisas,
Com a mente livre de todo estratagema,
Sem vontade-própria, não consegue ordenar as ideias:
Que homem este!

A NOÇÃO DE POSSE

O rei Shun perguntou a Cheng: "É possível obter sentido de posse do Caminho?"

"Você nem posse detém sobre o seu próprio corpo - como poderás obter posse do Caminho?!"

"Se eu não tenho posse do teu próprio corpo, então, quem terá?" perguntou Shun.

"É uma forma que lhe foi emprestada pelo Céu e pela Terra. Não tem posse da vida - é a harmonia que o Céu e a Terra lhe legaram. Não tem posse nem da sua natureza inata nem do destino, que são contingências cedidas pelo Céu e pela Terra. Não tem nem posse dos seus filhos e netos - eles são-lhe cedidos pelo Céu e pela Terra. Por isso, melhor será andar sem saber para onde nos encaminhamos, ficar em casa sem sabermos o que estamos a guardar, comer sem saber o que estamos a provar. Tudo é o trabalho da poderosa energia de Céu e Terra. Como, seria, pois, possível possuir qualquer coisa?"

UMA DESCRIÇÃO APROXIMADA DO INSONDÁVEL

Confúcio interrogou a Lao Tzu: "Hoje você parece ter um momento de lazer - posso aventurar-me a interrogá-lo sobre o Caminho Perfeito?"

Lao Tzu disse: "Precisas jejuar e praticar abstinência, purificar a tua mente, lavar e purificar o teu espírito interior, destruir e eliminar o teu conhecimento. O Caminho é abstruso e difícil de descrever. Mas vou traçar-te um esboço grosseiro dele.

"O luminoso e resplandecente brota do mistério profundo; a ordem brota da falta de forma; o que é distinto na aparência brota da ausência de forma. O espírito brota originalmente da pureza do Tao, a forma provém do espírito, e as dez mil coisas concedem forma corporal umas às outras por meio do processo do nascimento. Portanto, os seres dotados de nove orifícios corporais brotam do útero, os seres dotados de oito aberturas brotam do ovo. Não deixam vestígios da sua chegada, nem têm limite na sua ida.

Não há passagens, nem lugares de espera, os caminhos amplos cruzam-se por toda a parte. Aquele que acompanha o Tao terá membros fortes, possuirá uma atenção viva e penetrante, terá um ouvido apurado, olhos brilhantes, adapta-se às coisas sem preconceito, não se exaurindo. O Céu não pode evitar ser elevado, a Terra não pode deixar de ser ampla, o sol e a lua não podem evitar mover-se, as dez mil coisas não podem deixar de florescer. Isso é o Tao.

"Aqueles que são instruídos não possuem necessariamente um verdadeiro conhecimento; a eloquência não significa necessariamente sabedoria - portanto, o sábio livra-se dessas coisas. O que pode ser incrementado sem mostrar qualquer sinal de incremento; o que pode ser reduzido sem que sofra qualquer diminuição - isso é aquilo a que o sábio se agarra firmemente. Profundo, insondável, o Tao é como o mar; sublime e escarpado como uma montanha. Dá origem às coisas sem cessar, e sem se exaurir. O "Caminho do Homem Superior" que pregas é mera superficialidade, não? Mas aquilo de que as dez mil coisas dependem para o seu sustento, que nunca lhes falta, não será isso o Caminho Real?

"Há um homem do Reino do Meio (China), que nem é yin nem yang, a viver entre o Céu e a Terra. Por um breve período apenas será ele um homem, porque logo regressará ao Ancestral. Olhe para ele do ponto de vista da Origem da vida ele não passará de uma mera condensação da energia do alento (vital). Quer ele morra jovem ou viva até atingir a velhice, esses dois destinos dificilmente se

diferenciarão - será questão de alguns momentos, poder-se-á dizer. Terá, pois, algum valor na distinção do bem e do mal entre o rei Yao e o rei Chieh?

"Os frutos das árvores e das videiras têm uma razão para existir. Embora as relações humanas sejam delicadas e complexas, ainda têm razões para viver juntos. O sábio, descobrindo-as, não se posiciona contra elas, mas acomoda-se a elas; associa-se aos demais e responde-lhes num espírito de harmonia - isso é a Virtude. Responder-lhes em espírito de comunhão - isso é o Caminho. Assim foi que os imperadores se elevaram e os reis ascenderam ao poder.

"A vida do homem entre o Céu e a Terra é como a passagem de uma sombra a passar por uma fenda no muro - um instante fugaz! Tudo cresce em profusão e progride. Tudo penetra no silêncio, e não há nada que não regresse à sua origem. Submetendo-se às transformações, as coisas alcançam a existência; submetendo-se a novas transformações elas alcançam a morte.

Os seres vivos sofrem com isso, a humanidade lamenta-o. É o desatar da envoltura do arco do Céu e o cair das suas amarras, uma mutação suave, e a alma e o espírito vão-se, o corpo segue-os por fim no Grande Retorno.

"A passagem do amorfo para o domínio da forma; a forma volta ao reino da ausência de forma. Isso todos os homens entendem. Mas não é algo a ser alcançado pela luta. O comum dos homens discute como atingir isso. Mas aqueles que o alcançaram não o debatem, e aqueles que debatem não o atingiram. O que é óbvio pode não ser o que é buscado. Aqueles que o perscrutam com brilho nos olhos nunca o verão; a alocução não é tão boa quanto o silêncio. O Caminho não pode ser escutado; escutá-lo não é tão bom quanto tapar os ouvidos. Essa é verdadeiramente a maneira de se apreender o Grande Tao."

O TAO É IMENSO, PORÉM, NÃO TEM CABIMENTO NOS LIMITES DA RAZÃO

O Mestre Tung Kuo perguntou a Chuang Tzu: "Essa coisa chamada Caminho - onde é que existe?"

Chuang Tzu disse: "Não há lugar onde não exista."

"Vá lá", disse o Mestre Tung Kuo, "você precisa ser mais específico!"
"Encontra-se nas formigas."
"Desce assim tão baixo?"
"Encontra-se na relva."
"Mas isso ainda é muito baixo!"
"Encontra-se nos azulejos e nos cacos."

"Como pode existir tão em baixo?"
"Encontra-se no estrume!"
O mestre Tung Kuo não respondeu.

Chuang Tzu disse: "Senhor, as suas perguntas simplesmente não chegam a tocar o fundo da questão. Quando o chefe Huo interrogou o açougueiro sobre como apurar a gordura de um porco perscrutando-lhe as partes baixas, este disse-lhe que quanto mais baixo pressionasse o porco, mais perto chegaria da verdade. Não é preciso precisá-lo mais e o Tao não se separa das coisas. Isso é verdadeiro em relação ao Caminho Perfeito, e também às palavras verdadeiramente grandes. "Total," "universal," "incluído em tudo" - esses são três termos distintos que possuem o mesmo significado. Todos apontam a realidade única.

"Suponha que viajamos juntos para o Reino do Sem-Nome - identidade e concórdia serão a base das nossas discussões mas elas jamais alcançarão qualquer conclusão, nem atingirão a exaustão. Supõe que nos juntamos na não-ação; não será uma quietude silenciosa, uma pureza silenciosa, uma harmonia e ócio? Mantenho o espírito aberto. Eu saio mas não vou a lugar nenhum; regresso mas não sei onde parar. Eu já fui lá e voltei mas não sei quando a jornada estará terminada. Deambulo hesitante por entre a vastidão não demarcada, mas até mesmo homens de grande conhecimento entram nela e não sabem onde acaba.

"O que controla as coisas não é limitado pelas coisas. As coisas têm os seus limites - os contornos que delimitam as coisas. Porém, os limites do ilimitado são o infinito implícito aos seus limites. Falamos sobre o preenchimento e o esvaziamento, o murchar e a decadência das coisas. O Caminho torna-os cheios e vazios sem que eles se encham ou esvaziem; torna-os murchos e decadentes sem eles mesmos murchem ou declinem. Estabelece o começo e o fim, mas não conhece começo nem fim; determina quando congregar ou dispersar, mas não conhece qualquer congregação nem dispersão."

A SUPERFICIALIDADE DO ENTENDIMENTO DO CAMINHO

Ah Ho Kan e Shen Nung estavam a estudar juntos sob a tutela do velho Lung Chi. Shen Nung sentou-se encostado ao seu apoio de braços à hora do almoço, de porta fechada, a fazer a sesta diária, quando Ah Ho Kan abriu a porta, entrou e anunciou: " O Velho Lung está morto!"

Shen Nung, ainda apoiado no encosto de braços, pegou no seu bastão e levantou-se. Então deixou cair o bastão com estrondo e começou a

rir, dizendo: "Meu mestre enviado pelo céu - ele sabia o quão simplório e malvado, quão insolente sou, e abandonou-me morrendo. Meu Mestre foi-se sem me ter deixado uma palavra que me abrisse o espírito!"

Yen Kang Tiao, ouvindo o incidente, disse: "Aquele que encarna o Caminho, tem a admiração de todos os homens de princípios do mundo. No que diz respeito ao Caminho, se o Velho Lung não conseguiu compreender nem um pedaço como a ponta de um pelo de outono, nem encontrou uma décima milionésima parte do Caminho, mas soube ser suficiente atinado para preservar as palavras mais arrojadas e morrer sem as pronunciar. Quanto mais não será, pois, no caso do homem que encarne o Caminho! Procurem-no, mas ele não tem forma, ouçam-no, mas ele não tem voz. Aqueles que discorrem sobre ele com os outros falam dele como obscuro e misterioso. O Caminho que é discutido não é o Caminho em absoluto!"

Mais tarde, a Grande Pureza (Tai Ching) perguntou ao Infinito (Wu Chiong), "Entendes o Caminho?"

"Não entendo," disse o Infinito.

Então ele perguntou à Não-Ação (Wu Wei), e este disse: "Eu entendo o Caminho."

"Você diz que você entende o Caminho - conhece-lhe algumas características?

"Conheço sim."

"Quais são as características?"

A Não-Ação disse: "Eu entendo que o Caminho pode exaltar as coisas e pode humilhá-las; que pode uni-las e fazer com que elas se dispersem." Essas são as características que eu aponto ao Caminho."

Tendo recebido essas respostas a Tai Ching foi e questionou o infinito, dizendo: "Se esse for o caso, então, entre a declaração do "não entendimento" do Infinito, e a declaração do entendimento da Não-Ação, qual estará certa e qual estará errada?"

O Infinito disse: "Não entender é profundo; entender é superficial. Não entender é estar por dentro; entender é perceber o externo."

Então, a Grande Pureza olhou para cima e suspirou, dizendo: "Acaso, ignorar não será conhecê-lo? E conhecê-lo não será ignorá-lo? Quem entenderá a compreensão da ignorância?"

O Infinito disse: "O Caminho não pode ser escutado; o que é escutado, não é o Caminho. O Caminho não pode ser visto; o que é visto, não é o Caminho. O Caminho não pode ser descrito; o que é descrito, não é o Caminho. Lembra-te que a origem das coisas em si mesma é destituída de forma - consegues entender isso? Não há nome algum que se ajuste ao Caminho."

O infinito prosseguiu: "Aquele que, quando interrogado sobre o Caminho, dá uma resposta, não entende o Caminho; e quem interrogar sobre o Caminho realmente não terá ouvido o Caminho. O Caminho não deve ser questionado, mas mesmo que seja questionado, não pode ter uma resposta. Questionar o que não pode ser questionado é questionar em vão. Responder ao que não tem resposta revela falta de substância. Se a falta de substância aguarda uma indagação vazia, então nenhum perceberá o tempo e o espaço que os cercam por fora, ou entenderá a Origem que se acha dentro. Esses homens nunca poderão atingir as alturas do Kun-lun, nunca poderão percorrer o Grande Vazio!"

SER E NÃO SER

A Luz Resplandecente (Wu, Nada, ou Sem-Nome) perguntou à Não-Existência (You, Todas as Coisas, ou Designação): "Vós existis ou não existis?" Incapaz de obter qualquer resposta, a Luz Resplandecente olhou atentamente para o rosto e a forma da coisa - mas tudo era profundidade e vazio. Ele fixou o olhar o dia todo nela, mas não conseguiu vê-la; quis ouvi-la mas não a ouviu, esticou a mão, mas não conseguiu tocar nada. "Perfeito!" Exclamou a Luz Resplandecente. "Este deve ser o estado mais elevado da perfeição! Eu posso conceber ideias de existência e de inexistência, mas não a ideia da existência não existente. No entanto, esta coisa alcançou o estágio da existência não existente. Como podei eu alguma vez alcançar tal perfeição?!"

O GOSTO É A BASE DA DESTREZA

O fabricante de fivelas do ministro da Guerra estava com oitenta anos de idade, mas não tinha perdido nada da sua velha destreza. O ministro disse: "Quanta habilidade! Isso terá algum jeito especial para ser feito?"

"Eu tenho um jeito. Desde o tempo que eu tinha vinte anos eu adorei forjar fivelas. Utilizo este não fazer uso das outras coisas, para

aumentar a minha utilidade ou eficácia, porquanto mais eficaz se tornará aquele para quem não haja coisa que não utilize."

Se ele deliberadamente fez uso de não usar outras coisas ao longo dos anos e conseguiu tirar algum uso disso, quanto mais não conseguirá aquele que, pelo mesmo método, chegar a ponto em que não haja nada que não utilize! Tudo dependerá dele.

IGNORÂNCIA E CONHECIMENTO

Jan Chiu perguntou a Confúcio: "Será possível sabermos algo sobre antes da existência do Céu e da Terra?"

Confúcio disse: "Pode-se - o passado foi como o presente."

Não tendo recebido a resposta que esperava, Jan Chiu retirou-se. No dia seguinte, voltou a visitar Confúcio e disse: "Ontem perguntei se seria possível conhecer alguma coisa anterior à existência do Céu e da Terra, e você, Mestre, disse que sim - e que o passado foi como o presente." Ontem, isso pareceu-me bastante claro, mas hoje parece-me demasiado obscuro. Posso-me perguntar o que quer dizer com isso?

Confúcio respondeu: "Ontem ficou claro por teres tido recetividade de espírito. Hoje, parece-te obscuro, por o teu espírito se ver impedido pelo formalismo e ansiar por uma clarificação. Não existe passado nem presente, começo nem fim. Ter filhos e netos antes mesmo que filhos e netos existam - poderemos esperar que isso seja possível?"

Jan Chiu não respondeu, mas Confúcio continuou: "Para! - Não precisas responder! Não uses a vida para dar origem à morte, nem a morte para dares origem à vida." Vida e morte não sendo contrários, não dependerão uma da outra? Ambas têm lugar na Unidade do Tao. O que tiver existido antes do Céu e da Terra terá sido uma coisa? As coisas que são produzidas não podem existir antes daquilo que as produz, por isso já existir. Do mesmo modo, foram produzidas por um coisa que existiam antes delas, e assim sucessivamente ao longo do tempo. O amor que o sábio tem pelos homens, que não tem fim, foi tirado desse princípio."

A MAGNANIMIDADE DA MUDANÇA

Yen Yuan disse a Confúcio: "Mestre, eu ouvi você dizer que não deveríamos recusar nada nem acolher coisa nenhuma. Posso atrever-me a perguntar como nos poderemos aventurar por esses domínios?"

Confúcio disse: "Os antigos mudavam a aparência, mas não o seu espírito. Os homens de hoje mudam o espírito, mas não na aparência. O que muda a aparência junto com as coisas é como aquele que não muda. Em que é que muda? Em que é que permanece imutável? Conforma-se ao inelutável, e nada mais. Mas permanecer em paz com ou sem mudança significa estar pronto a seguir as condições vigentes sem as aumentar.

O rei Hsi-wei teve o seu parque, o Imperador Amarelo o seu jardim, o rei Shun o seu palácio, Tang e Wu os seus salões. E, entre os homens de moral e princípios, havia aqueles como os Confucionistas e os Moistas que se tornaram "mestres." Em resultado, as pessoas começaram dar valor às coisas e a recorrer ao "certo" e "errado" para se forçarem uns aos outros. Mas quão piores não são os homens de hoje!

"O sábio vive com as coisas, mas não as prejudica, e aquele que não prejudica as coisas não pode ser prejudicado por elas. Somente aquele que não faz mal se acha qualificado para se juntar aos outros homens; "para recusar" ou "acolher."

"As montanhas e as florestas, as colinas e os campos nos enchem de deleite transbordante e deixam alegres. Ah, mas o nosso sofrimento tem início antes mesmo que a nossa alegria termine. Não temos como recusar o sofrimento e a alegria, nem modo algum de evitar que se esvaiam. Infelizmente, porém, os homens deste mundo não são mais do que uma pousada para as coisas.

Eles conhecem as coisas que encontram, mas não aquelas que nunca encontram. A ignorância e a incapacidade são coisas que não consegue evitar. Mas não será de lamentar que ansiemos por aquilo que não podemos evitar? Há quem se debata para escapar do inevitável - mas, poderemos evitar compadecer-nos? O discurso perfeito assenta no abandono de todo discurso; a ação perfeita está no abandono da ação. Limitar-se à compreensão apenas do que é compreendido - isso é de facto superficial!"

CAPÍTULO 23
KENG SANG CHU

O SABER PSICOLÓGICO - ORIGEM DA COBIÇA E COMEÇO DA DEGENERAÇÃO

ENTRE OS DISCÍPULOS DE LAO TZU havia um chamado Keng Sang Chu, que tinha dominado uma boa porção da doutrina de Lao Tzu, e com isso foi para norte para habitar entre as Montanhas de Weilei. Ele exonerou os serventes que exibiam esperteza e afastou-se das criadas que exibiam gentileza, com suas maneiras afetuosas e solícitas. Em vez disso, ele manteve ao seu serviço os simples e

diligentes. Ele habitava ali havia três anos quando Weilei começou a desfrutar de colheitas abundantes, e as pessoas de Weilei comentavam umas com as outras: "Quando Keng Sang inicialmente veio viver entre nós, nós desconfiávamos dele, por nos assombrar e parecer um estranho. Mas agora, analisando bem, num curto período de tempo, passamos da penúria diária à abundância anual! Poderá muito bem acontecer que ele seja um santo! Por que não fazemos dele nosso soberano e oramos por ele, e consagramos-lhe terra e arroz nos nossos altares?"

Quando o mestre Keng Sang ouviu isso, ele voltou-se para sul com um ar de preocupação. Os seus discípulos pensaram que isso era estranho, mas o Mestre Keng Sang disse: "Por que deverão os meus discípulos interrogar-se da razão do meu descontentamento? Quando surgiu o sopro da Primavera, as cem gramíneas começaram a crescer, e mais tarde, quando o Outono os visitou, os seus dez mil frutos já se encontravam crescidos e maduros. No entanto, como poderiam a Primavera e o Outono fazer outra para além do que fazem? –

O Caminho do Céu já os pôs em movimento. Ouvi dizer que o Homem Perfeito habita qual cadáver no seu pequeno aposento de quatro paredes, deixando ao vulgo entregue às suas grosseiras e despreocupadas maneiras, sem saber para onde se dirigem, para onde estão se encaminham. Mas agora as gentes de Weilei nas suas ocupações servis e impertinentes querem trazer os seus cavaletes e escudelas de sacrifício e fazer de mim um dos seus "dignitários!" Será que eu vou ser erigido como modelo para os homens? É por isso que, recordando as palavras de Lao Tzu, estou tão descontente!"

"Mas não há necessidade disso!" disseram os seus discípulos. "Uma pequena vala, o peixe grande nem sequer tem espaço para se voltar, mas as carpas e os peixes de água doce pensam que é amplo. Uma pequena toca não tem nem espaço suficiente para um animal grande se esconder, mas as raposas astutas pensam que é ideal. Além disso, honrar o dignos e atribuir cargo aos aptos, conceder-lhes precedência e outorgar-lhes privilégios - isso tem sido costume desde os tempos antigos dos sábios Yao e Shun. Quanto mais, pois, não deverá ser costume entre as pessoas comuns de Weilei. Peço-lhe que reconsidere, Mestre."

O mestre Keng Sang disse: "Ora, meu filho! Uma besta grande o suficiente para engolir uma carruagem, não se atreve a sair sozinha das montanhas, devido aos perigos das armadilhas; um peixe grande o suficiente para engolir um barco, não se atreve a nadar em águas rasas, com medo de encalhar, e de se tornar vítima das formigas e dos vermes. Por conseguinte, os pássaros e as bestas não se preocupam quão alto precisam subir para escapar ao perigo, e os peixes e as tartarugas não se importam com quão fundo precisam

mergulhar. Assim, o homem que quiser ocultar o corpo e a sua vida deve pensar apenas em como se esconder, não se importa o quão longe possa ir ou o quão recluso possa tornar-se.

"E quanto aos dois que você mencionaste - Yao e Shun - porque serão eles dignos de ser louvados? Com as suas boas distinções, foram eles quem introduziu as discriminações, os que intencionalmente fizeram buracos nas paredes e nos muros para plantar sarças e arbustos neles, os que começaram a separar os cabelos da cabeça a pentear e os que contaram os grãos do arroz que haviam de cozer. Essa agitação e impertinência de promover os dignos - isso é introduzir competição entre o povo. Como poderá isso ser de alguma utilidade na salvação desta geração?

Promovei homens de valor e as pessoas começarão a calcar umas às outras; empregai homens de conhecimento e as pessoas começarão a furtar umas às outras. Procedimentos desses nada farão para libertar as pessoas do seu conhecimento. Em vez disso, as pessoas só se tornarão mais diligentes na ganância, até que acabem a surgir filhos que matem os seus pais, ministros que liquidem os seus senhores, homens que roubem à plena luz do dia. Eu digo-te que a fonte de toda esta enorme confusão teve justamente origem exatamente em Yao e Shun! E mais de mil gerações depois, isso ainda estará connosco. E daqui a muitas gerações - anota o que te digo - haverão homens que se comerão uns aos outros!"

LIMITES DA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO

Nan Jung Chu endireitou-se no tapete com um olhar perplexo e disse: "Um homem como eu, que já se encontra numa idade avançada, que estudos deverá ele empreender para alcançar esse estado de qual fala?"

O mestre Keng Sang disse: "Preserve o corpo íntegro, abrace decididamente a vida! Não se deixes cair presa da agitação e do espalhafacto das ideias e intrigas. Se fizer isso durante três anos, então poderá alcançar o estado de que falei."

Nan Jung Chu disse: "Eu não vejo diferença alguma no formato externo dos olhos de uns e de outros, mas um cego não consegue ver. Também não vejo diferença nenhuma na aparência externa dos ouvidos de uns e de outros, mas um surdo não consegue ouvir. Não vejo diferença alguma na mente de uns e de outros mas o louco não é capaz de compreender. O aspeto de uns é semelhante ao dos outros, porém, talvez haja entre eles alguma coisa que os diferencie. Procuro essa coisa de que gostaríamos de ser mutuamente informados mas não a encontro. E agora dizem-me a mim, Chu, que preserve o meu corpo, que guarde a minha vida e que evite excessivas preocupações.

Por mais que me esforce por entender a explicação que faz do Caminho, receio que as suas palavras não me penetrem mais do que os ouvidos."

"Eu disse tudo o que podia dizer," exclamou o mestre Keng Sang. "O ditado diz que as vespas não se podem transformar em lagartas. As pequenas galinhas de Yueh não podem chocar ovos de ganso, embora as galinhas maiores de Lu possam fazê-lo suficientemente bem. Não é que esse tipo de galinha não seja simplesmente tão parecido com o outro. Uma consegue e a outra não, por os seus talentos simplesmente serem diferentes. Agora, receio bem que eu não possua talento suficiente para provocar qualquer transformação em si. Por que não vai até ao sul consultar Lao Tzu?"

Nan Jung Chu empacotou as provisões e viajou por sete dias e sete noites até chegar no lugarejo de Lao Tzu. Lao Tzu disse: "Você veio da parte de Keng Chan Chu?"

"Vim sim, senhor," disse Nan Jung Chu.

"Por que veio com toda essa multidão?" perguntou Lao Tzu.

Nan Jung Chu, atônito, virou-se para atrás.

"Você não sabe o que eu quero dizer?" Perguntou a Lao Tzu.

Nan Jung Chu inclinou a cabeça envergonhado e depois, olhando para cima com um suspiro, disse: "Neste momento esqueci até o que ia responder, pelo que naturalmente também esqueci o que vinha perguntar."

"O que quer dizer com isso?" Perguntou Lao Tzu.

"Se eu me mostrar ignorante, então as pessoas chamar-me-ão idiota," disse Nan Jung Chu. "Mas se eu me mostrar inteligente, então, pelo contrário, arranjarei preocupações. Se eu não for benevolente, prejudicarei os outros, mas se eu for benevolente, então, pelo contrário, eu ver-me-ei à mercê dos outros. Se não for justo, eu prejudicarei os outros, mas se eu for justo, então, pelo contrário, afligir-me-ei com o pesar. Como poderei escapar a estes inconvenientes? São esses os três dilemas que me assediam, e assim, por intermédio da apresentação de Keng Chan Chu, vim implorar um conselho."

Lao Tzu disse: "Há um instante atrás, quando eu olhei para o seu franzir de testa, eu poderia dizer que tipo de pessoa você é. E aquilo que disse agora mesmo confirmou isso. Você está confuso e abatido, como se tivesse perdido o seu pai e a sua mãe e partido com uma

cana para pescar no fundo do mar. Você é um homem perdido - hesitante e inseguro, e quer retornar à sua verdadeira forma e natureza inata, mas não descobre como fazê-lo - é uma visão verdadeiramente lamentável!"

Nan Jung Chu pediu autorização para permanecer na sua casa. Lá ele tentou cultivar as suas boas qualidades e livrar-se das más; mas passados dez dias a sentir-se infeliz, ele foi ver Lao Tzu novamente. Lao Tzu disse: "Tem sido muito diligente na lavagem e purificação das preferências e das aversões - como posso constatar pelo seu aspeto limpo e asseado que apresenta.

Mas ainda há algo a arder dentro de si - parece que ainda guarda algumas aversões. Se não se conseguir controlar prontamente os apegos e os impedimentos externos, eles cerrarão e sufocarão o espírito. Se, por outro lado, não se sujeitar e controlar as prisões internas, estas sujeitarão e obstruirão o exterior. E se estivermos presos e obstruídos por fora e por dentro, não poderemos manter o Caminho nem a Virtude, e mais nos afastaremos deles.

Nan Jung Chu disse: "Quando um aldeão adoece e os seus vizinhos lhe perguntam como se sente, se ele for capaz de descrever a sua doença, isso significa que ele ainda consegue reconhecer a sua doença como uma doença - pelo que deixa de se sentir doente. Mas eu, ao contrário, interrogo-o sobre o Grande Caminho, e é como tomar um remédio que me deixe mais doente do que antes. O que eu gostaria de saber é simplesmente a regra básica da preservação da vida - é tudo."

Lao Tzu disse: "Ah, a regra básica da preservação da vida. Consegue alcançar a união de corpo e espírito e evitar perdê-la? Poderá você, sem consultar as carapaças da tartaruga (oráculos) nem as varinhas de adivinhação, prever a fortuna e o infortúnio? Sabe quando parar, e sabe quando sair? Sabes como ignorar os outros e, em vez disso, procurar a si mesmo? Consegue desembaraçar-se e livrar-se de tudo? Consegue ser rude e infantil? Consegue ser como um bebé? O bebé chora o dia inteiro, mas nunca fica com a garganta rouca - o que representa o auge da harmonia!

O bebé consegue ficar o dia todo com as mãos fechadas, sem ficar com os dedos doridos - por participar da virtude do Caminho. O bebé olha fixamente o dia todo sem pestanejar - não se distrai nem se desvia das coisas, por não ter preferências no mundo das coisas externas. Move-se sem saber para onde está a ir, senta-se sem saber o que está a fazer, perambula e arrasta-se por entre as coisas, acompanha-as em harmonia com elas - esta é a regra básica da preservação da vida!"

Nan Jung Chu disse: "Então, isso será tudo quanto há a dizer quanto à virtude do Homem Perfeito?"

"Ah, não! Isso é apenas o que se chama a virtude do quebrar do gelo da mente obstruída. O Homem Perfeito não é como os outros na busca do sustento da Terra, e dos prazeres no Céu. Ele não se envolve com os demais em questões pessoais e de lucros e perdas. Ele não se junta a eles na busca da exclusividade nem para chamar a atenção; ele não se junta a eles para fazer planos; ele não se junta a eles nos seus negócios. Ativo e incansável, ele afasta-se disso; rude e inconsciente, ele persegue o seu caminho. É o que se chama regra básica da preservação da vida."

"Então, será esse o estágio mais elevado?" perguntou Nan Jung Chu.

"Ainda não! Apenas há um instante atrás eu perguntei-lhe se conseguia tornar-se como um bebé. O bebé age sem saber o que está a fazer, mexe-se sem saber para onde vai. O seu corpo é como o membro de uma árvore murcha, a sua mente assemelha-se a cinzas mortas. E como é assim, nenhum infortúnio nem boa sorte o atingirão. E se for livre da boa e da má sorte, então, de que sofrimento humano poderá padecer?"

HOMENS DE ÍNDOLE ESPIRITUAL - HOMENS VULGARES

Aquele cujo ser interno repousa na Grande Serenidade irradiará uma luz interior espiritual. Mas, embora ele emita uma luz espiritual, os homens vê-lo-ão como um homem. Quando um homem se tiver treinado na perfeição a esse ponto, então, pela primeira vez, ele alcançará a constância na virtude. E por possuir constância na virtude, os homens virão a alojar-se junto dele e o Céu será seu auxiliar. Aqueles junto de quem os homens vêm alojar-se poderão ser chamadas Homens do Céu; aqueles a quem o Céu ajuda podem ser chamados Filhos do Céu.

A ESSÊNCIA DA COMPREENSÃO

O estudante procura aprender o que não pode ser aprendido; o praticante procura praticar o que não pode ser praticado; o orador procura debater o que não pode ser debatido. A compreensão que assenta no travamento do que não pode ser entendido é a melhor. Se não tiver consciência disso, então verá o dom natural comprometido.

AS DIFICULDADES DE UMA PRÁTICA ESPIRITUAL SIMPLES

Utilizem as coisas e deixem que lhes nutram o corpo; afastem-se da irreflexão e dessa forma deixem que o espírito conquiste a sua

espontaneidade; usem da reverência com respeito à vida do espírito e estendam essa mesma reverência aos outros. Se fizerem essas coisas e ainda forem acometidos por incontáveis infortúnios, então eles serão todos enviados pelo Céu e não representarão os trabalhos do homem; não deverão ser suficientes para lhes minar a harmonia, nem devem ter permissão para lhes penetrar o espírito. O Espírito tem o seu controlo e domínio, mas a menos que ele entenda esse domínio, não será possível exercê-lo.

Se não perceberem a vossa verdadeira natureza e ainda assim tentarem ir junto dos outros, verão que os movimentos serão sempre mal orientados, serão incapazes de evitar as influências externas, e consequentemente perderão o vosso verdadeiro centro. Se cometerem atos ilícitos às claras serão castigados pelos homens. Se cometerem atos ilícitos de forma encoberta serão punidos pelo espírito. Somente aquele que se atreve a enfrentar os homens e os espíritos sem vergonha poderá caminhar em paz."

Aquele que se concentra no cultivo interno não alcança a fama. Aquele que se concentra nos negócios externos restringe a sua mente ao acúmulo de bens. Aquele que não vive em função da fama será para sempre possuidor da luz interna. Aquele que pensa no acúmulo de bens não passa de um comerciante satisfeito consigo próprio; aos olhos dos outros, ele parece andar em bicos de pés de tanto que se esforça, na ganância que o move. Ele, porém, acha que está acima dos outros.

Se um homem se entregar por completo às coisas, obterá a sua completa fidelidade, e se ele não for cauteloso e encontrar limites para as coisas, então poderá confrontar-se com o que não terá lugar para si próprio, quanto mais para os outros. Aquele que não pode encontrar espaço para os outros não tem sentimento pelos seus companheiros, e para aquele que não tem sentimentos amigáveis, todos os homens serão sempre estranhos.

Não há arma mais mortal do que a vontade - até mesmo Moya *(Antiga casta de espadas famosa)* lhe fica aquém. Não há inimigos maiores que os instigados pela separação do Yin e do Yang - porque nenhum lugar entre o céu e a terra lhes consegue escapar. Não é o Yin nem o Yang quem deliberadamente o instiga, mas a própria mente do homem que o leva a agir assim.

CONHECIMENTO ASSENTE NUMA DICOTOMIA - AQUELE QUE CONHECE E O OBJETO DO CONHECIMENTO

O Tao é omnipresente em todas as coisas; elas dividem, e aperfeiçoam. Elas aperfeiçoam, e desintegram. Aquilo de que os homens não gostam é da divisão aparente, pelo que buscam a

perfeição; e o que lhes desagrada nessa divisão é a ideia do esforço a que alude, para a deterem. Mas, após terem atingido a perfeição, saturam-se da realização. Não reabastecem a energia que gastam e eventualmente abeiram-se da morte. Se alguma coisa acharem ter ganho em troca, o provável é que seja a morte. Mas trocar o espírito pelo esqueleto é comércio de fantasma. Contudo, seria ótimo se as pessoas pudessem modelar o corpo visível pelo Tao invisível.

Ele não provém de fonte nenhuma, e não regressa por abertura nenhuma. Alcança a existência real mas não reside em parte alguma; tem continuidade mas nada tem que ver com começo nem fim. Ele possui vida, ele contém morte. Há um emergir que se traduz pelo nascimento, há um regresso que se traduz pela morte - contudo, no surgimento e no regresso a sua forma nunca é vista. Isso é chamado de Portal Celestial. O Portal Celestial é o não-ser. As dez mil coisas emergem do não-ser. O que existe não pode ter origem na existência, mas deve, inevitavelmente, surgir da não-existência. O não-ser é o absoluto, e é aí que o sábio se protege.

DIFERENTES FASES DO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

O conhecimento dos antigos tinha um limite. Porquê? Por alguns acreditarem que as coisas nunca existiram - até agora, até o término a que nada pode ser acrescentado. Outros acreditavam que as coisas existiam. Eles encaravam o nascimento como uma perda da sua condição primitiva, a morte como um retorno a ela - assim eles instauravam uma distinção entre vida e morte. Outros ainda afirmavam: "No início existia o não-ser.

Mais tarde, a vida passou a ter existência, e quando a vida teve existência de repente passou a existir a morte. Nós encaramos a não-existência como o princípio, a vida como o corpo, e a morte como o lombo. Quem sabe se a existência e a não-existência, a vida e a morte não são uma única coisa? Com um homem dotado de uma compreensão dessas poderei travar amizade!"

Embora essas três categorias sejam distintas, provêm da mesma fonte. São como os apelidos de família Chao e Ching, (títulos de linhagem) e Chi, (título do feudo) que não são apelidos idênticos, mas que pertencem à mesma família.

A vida resulta da coalescência da energia vital. Quando esta se dispersa, chama-se a isso “morte.” É óbvio que se poderá dizer que isso esteja certo ou errado. Tentar analisar isso e traduzir a análise por palavras, é coisa que não se pode fazer, por não poder ser colocado em palavras. No entanto, não conseguem entender. Numa oferenda sacrificial, as partes do animal podem ser separadas, porém, não podem ser consideradas como provenientes de diferentes vítimas.

No entanto, não podem ser consideradas separadas. Na avaliação de um templo precisa-se avaliar todas as dependências e dormitórios, assim como as retretes, e há que proceder à avaliação diferente das distintas partes. Isso é o que move as distinções como “certo” e “errado,” “bem” e “mal” ancestrais.

Deixem que tente descrever a análise que fazem. A vida é a vossa fundação e o conhecimento é o vosso guia, a partir do qual passam a definir o "certo" e o "errado." Assim, temos as palavras e as coisas por elas designadas no final, e em consequência, cada homem considera a própria pessoa como essencial. Nos seus esforços para fazer com que outros homens apreciem a devoção que tem pelo dever, por exemplo, ele chegará a aceitar a morte como recompensa por essa devoção.

Para um homem desses, aquele que for arrogante será considerado esperto, e aquele que for humilde será considerado tolo. Aquele que é opulento obtém fama; aquele que se depara com problemas ou é indigente é cumulado de vergonha. Analistas - isso é o que os homens de hoje são, na incerteza que têm quanto ao certo e ao errado! Eles têm a mesma visão que a cigarra e a rola, que concordam somente naquilo que têm de comum.

A VERDADEIRA CONFIANÇA EVITA PROMESSAS

Se pisarem o pé de um transeunte, pedem, com deferência, desculpas pelo descuido cometido. Se pisarem o pé do vosso irmão mais velho, dão-lhe uma palmadinha afetuosa, e pedem-lhe desculpa. Se pisarem o pé do vosso pai, sabem que já estão, por natureza, perdoados. Por isso se diz que a expressão mais nobre da cortesia repousa na ausência de distinção entre as pessoas, e que a expressão mais nobre da sabedoria está em não levar as coisas em conta, e que a mais nobre expressão da fé está na ausência de promessas dela.

A AÇÃO GENUÍNA E A ESSÊNCIA DO SER

Varram com os delírios da vontade, destruam as ciladas do coração; livrem-se dos enredos em favor da virtude; arrumem com os obstáculos do Caminho. Eminência e riqueza, reconhecimento e autoridade, fama e lucro - estes são os seis delírios da vontade. Aparências e procedimento, compleição e características, temperamento e atitude - estas são as seis ciladas do espírito. Repugnância e desejo, alegria e raiva, pesar e felicidade - estes são os seis enredos que embaraçam a virtude. Rejeição e aceitação, tirar e dar, conhecimento e capacidade - estes são os seis obstáculos do Caminho. Quando estas vinte e quatro classes de coisas já não lhes perturbarem o íntimo, alcançarão a retidão; sendo justos, vocês

permanecerão imóveis; imóveis, atingirão a iluminação; tendo atingido a iluminação, ficarão vazios; ficando vazio, vocês nada farão, e ainda assim não haverá nada que não seja feito.

O Tao é o objeto de reverência de todas as virtudes. A vida é o que permite a exibição do esplendor dessa virtude. A natureza inata é a essência da vida. À atuação da natureza inata se chamada ação. A ação que se torna artificial e hipócrita chama-se perda. O conhecimento alcança e estabelece o contato; a argúcia do pensar traça planos. Quando não se conhece é-se limitado pela visão parcial (perceção de um lado). A ação que é exercida por não nos podermos furtar a ela é chamada de virtude. A ação que não se coaduna com a nossa maneira de agir é chamada de princípio. Por definição, as duas parecem ser contrárias, mas na realidade, querem dizer o mesmo.

CRÓNICAS DA PAIXÃO E DA RENÚNCIA

O arqueiro Yi era habilidoso a atingir o alvo mais reduzido, mas desajeitado ao não impedir que as pessoas o elogiassem por isso. O sábio é hábil no conformar-se à natureza, mas é desajeitado no que diz respeito às maneiras do homem. Ser capaz de se conformar à natureza e beneficiar as pessoas é coisa que apenas o Homem Perfeito pode fazer. Apenas os pássaros e as bestas podem sentir conforto em ser pássaros e bestas; por se conformarem com a própria natureza. O Homem Perfeito aborrece a natureza, porém, a natureza que ele aborrece é a natureza humana. Quanto menos, pois, não deverá entender e distinguir o que não sabemos se é da natureza ou do homem.

Se um único pássaro se pusesse ao alcance do arqueiro Yi, cairia certamente nas suas mãos, tal é o seu poder. Mas se ele pudesse tornar o mundo numa gaiola, os pássaros não teriam para onde fugir. Foi assim que Tang enclausurou Yi Yin, ao servir-se da afeição que sentia pela cozinha, e faz com que ele se tornasse num cozinheiro; o Duque Mu enjaulou Po Li Hsi pelo preço de cinco peles de carneiro. Ninguém se deixa seduzir se não for em função de algo por que seja aficionado.

O homem a quem cortaram os pés por castigo dispensa o decoro e a elegância - por a maledicência e a crítica já não o afetarem. O escravo acorrentado não teme ser acometido pelas vertigens ao escalar o pico mais alto - por ter abandonado toda ideia de vida e morte. Esses dois tipos de homens são submissos e não têm vergonha por terem esquecido os outros, e ao esquecer os outros, eles se tornaram um com a Natureza. Por conseguinte, poderão tratar tais homens com respeito que eles não evidenciarão satisfação;

poderão tratá-los com insolência e não se enfurecerão em razão do ultraje. Apenas por se terem tornado um em harmonia com a Natureza conseguem eles ser assim.

Se aquele que explode de raiva não se sente verdadeiramente irado, então a sua raiva será uma explosão que brota sem raiva. A obra daquele que age sem agir é uma obra que brota do não agir. Aquele que desejar permanecer tranquilo precisa acalmar o espírito; aquele que desejar ser espiritual deve seguir o coração; aquele que com as suas ações desejar atingir o alvo deve deixar-se-levar como que pelo pesar. Esse deixar-se levar "como que pelo pesar" é a doutrina dos santos.

CAPÍTULO 24
HSU WU KUEI

O AUTOPREENCHIMENTO E A SATISFAÇÃO DO PURO E SIMPLES

POR INTERMÉDIO DE NU SHANG, o recluso Hsu Wu Kuei obteve uma audiência junto do Marquês Wu de Wei. O Marquês Wu confortou-o com palavras de consolo, dizendo: "Senhor, você não está bem. Suponho que as dificuldades da vida na floresta e nos montes se tenham tornado demasiado árduas para si, para se dispor a vir-me visitar."

"Sou eu quem o precisa confortar!" disse Hsu Wu-kuei. "Que razão tem para me confortar? Se Vossa Majestade tentar satisfazer as suas ambições e desejos e ceder às suas simpatias e antipatias, o que lhe trará uma aflição à sua verdadeira natureza e destino inatos. E se Vossa Majestade tentar negar os seus apetites e desejos e forçosamente sublimar os seus gostos e aversões, então irá privar-se do gozo dos seus ouvidos e dos seus olhos. É meu dever confortá-lo - mas Vossa Majestade não tem qualquer razão para me confortar!"

O Marquês Wu, parecendo confuso, não respondeu.

Depois de um bom bocado de tempo, Hsu Wu Kuei disse: "Vossa Alteza, permita que tente contar-lhe sobre o jeito como avalio os cães. Um cão de comum pensa apenas em satisfazer a fome e comer até se fartarem - isto é, tem mais a índole de um gato selvagem. Os de raça mediana são os que estão sempre de olhar fixo, como se estivessem a olhar para o sol. Mas os de pedigree agem como se tivessem esquecido de si próprios. Mas entendo ainda melhor a natureza dos cavalos do que a dos cães. Quando avalio um cavalo, se ele conseguir galopar tão direito como um fio-de-prumo, e conseguir arquear-se tão bem quanto uma curva, fazer ângulos tão bem quanto

um esquadro, e voltar-se tão bem quanto um compasso, então eu diria que é um cavalo de que o reino se poderá vangloriar. Mas não um cavalo de que todo o mundo se vanglorie. Um cavalo que todo o mundo ache que seja um campeão - já nascerá com qualidades perfeitas. Ele parecerá nervoso e inquieto, parecerá que tenha esquecido de si mesmo e dessa forma supera e deixa os outros!"

O marquês de Wu, muito satisfeito, ria de regozijo.

Quando Hsu Wu kuei abandonou a audiência, Nu Shang disse-lhe: "Senhor, como só o senhor conseguiu alegrar o nosso governante? Quando estou com ele, converso com ele sobre as Odes e os Crónicas, sobre os Tratados do Ritual e da Música, ou então abordo com ele as Tábuas Douradas e os Livros da Estratégia Militar. Eu fiz-lhe propostas que levaram a um excelente sucesso em mais casos do que poderão ser narrados e no entanto, ele nunca chegou a mostrar os dentes nem a esboçar um único sorriso. Que esteve você a dizer a Sua Senhoria para conseguir deixá-lo animado dessa forma?

Hsu Wu Kuei disse: "Eu estive apenas a falar-lhe dos conhecimentos que tenho de cães e de cavalos."

"Terá sido tudo?" disse Nu Shang.

"Você nunca ouviu falar sobre aqueles que são exilados para Yueh?" disse Hsu Wu Kuei. "Volvidos poucos dias de terem deixado as suas terras, eles ficam encantados se acaso se deparem com alguém conhecido. Volvidas mais umas semanas ou um mês, ficam encantados se encontrarem alguém que tenham conhecido quando se encontravam na sua terra. E após um ano, eles ficarão encantados caso se deparem com alguém que pareça possa ter sido um conterrâneo. Quanto mais tempo eles estiverem longe dos seus compatriotas, mais profundamente eles são assaltados pela nostalgia - não será?

Aquele que tenha optado por viver no vale, onde as trilhas das doninhas se encontram cheias de arbustos e lá tenha vivido no vazio e no isolamento por um período prolongado, ficará encantado se ouvir nem que seja o sussurro de passadas humanas. Quanto mais por ouvir os seus próprios irmãos e parentes a tagarelar e a rir a seu lado!

Faz muito tempo, creio eu, que alguém que fale como um homem simples e verdadeiro não se sentava a conversar e a rir ao lado do nosso regente.

OS CONSELHOS DE UM ESPÍRITO EXPERIENTE

Hsu Wu Kuei foi prestar uma visita ao marquês Wu. "Senhor," disse o marquês Wu, "viveu na sua floresta e nos montes por tanto tempo, a viver de bolotas e de castanhas, que me desprezou por completo. Agora, terá sido a velhice, ou porventura a saudade do sabor da carne e do vinho que o trouxe até aqui? Ou talvez você tenha vindo trazer bênçãos aos meus altares do solo e dos grãos. Não considerará também que possuo a fortuna do meu Estado?"

Hsu Wu Kuei disse: "Eu nasci na pobreza e na humildade e jamais me aventuraria a desfrutar de qualquer vinho ou carne, Vossa Majestade. Eu venho é confortá-lo."

"O que?" Disse o regente. "Por que deveria você confortar-me?"

"Eu quero trazer-lhe conforto ao corpo e espírito."

"O que você quer dizer com isso?" Perguntou o marquês Wu.

Hsu Wu Kuei disse: "O Céu e a Terra fornecem suprimento por igual a todas as coisas. Elevar-se a uma elevado posição não deve ser considerado uma vantagem; viver na humildade não deve ser considerado uma desvantagem. Agora Vossa Majestade, enquanto único governante desta terra de dez mil carruagens, pode tributar os recursos de toda a população do reino para satisfazer os apetites dos seus ouvidos e dos seus olhos, do seu nariz e da sua boca, o que invariavelmente lhe consumirá o espírito. O espírito tem predileção pela harmonia e é avesso à licenciosidade. A licenciosidade é uma espécie de mal, e é por isso que venho estender-lhe o meu conforto. Eu só gostava de saber, meu senhor, se você está consciente do próprio mal de que padece."

O marquês Wu disse: "De facto, há muito que acalentava a esperança de o ver, senhor, e de lhe dizer que, pela estima que tenho pelo meu povo, implementei a prática da justiça e renunciei à guerra - não acha isso excelente?"

"De anda vale, senhor!" disse que Hsu Wu Kuei "Estimar o povo é abrir caminho ao seu agravo! Praticar a equidade e o abandono das armas é lançar as sementes para uma maior corrida ao armamento! Se Vossa Senhoria começar por aí, eu receio que nunca venha a ter sucesso. Todas as tentativas de implementar o bem constituirão as armas do mal. Você pode pensar que esteja a praticar a benevolência e a equidade, mas na verdade estará a gerar hipocrisia. Onde se erigir um modelo, deverá proceder-se à imitação e à competitividade; onde grandes façanhas forem conseguidas, serão seguidas pelo

orgulho e pela emulação; todo tumulto interior produzirá hostilidade exterior.

"Por outro lado, de nada valerá, Senhor, suprimir as fileiras de soldados a marchar por toda a área da fortaleza, nem as fileiras da cavalaria expostas diante do Palácio. Não oculte ganhos obtidos por meios não éticos; não use da sagacidade para se aproveitar dos outros, exceder os outros pelo uso da habilidade, nem tente enganá-los com estratagemas, nem conquistá-los pela guerra.

Se eliminar o povo do governante oponente e anexar as suas terras e as usar para satisfazer os seus próprios desejos e o seu espírito, não poderei dizer quem a guerra trará algum mérito benefício; tão pouco saberei dizer se aquele que obtiver a vitória conseguirá qualquer sentido, ou a quem a vitória pertencerá verdadeiramente! Se, por um lado, de nada vale suprimir o armamento e a guerra, por outro deve cultivar a sinceridade do coração e usá-la para responder sem oposição ao mandato do Céu e da Terra. Então, as pessoas terão conquistado o seu indulto de morte, e não terá necessidade de recorrer a tais estratagemas.

CONHECIMENTO DECORRENTE DA EXPERIÊNCIA

O Imperador Amarelo partiu em visita a Ta Wei no monte Chil Tzu. Fang Ming era o condutor da sua carruagem, enquanto Chang Yu cavalgava ao seu lado direito; Chang Jo e Hsi Peng lideraram os cavalos e Kun Hun e Ku Chi seguiam atrás da carruagem. Quando chegaram às regiões selvagens de Xiang Cheng, todos os sete sábios esqueceram o caminho e não conseguiram encontrar ninguém a quem perguntar pela direcção. Passado um instante, eles cruzaram-se com um jovem que pastoreava cavalos e perguntaram-lhe se conhecia a direcção. "Conheces o caminho para o monte Chil Tzu?" perguntaram.

"Conheço."

"E sabes onde se encontra Tai Wei?"

"Sei."

"Que jovem surpreendente!" exclamou o Imperador Amarelo. "Não só conhece o caminho para o monte Chil Tzu, como também sabe onde encontrar Tai Wei! E do governo de um império, conheces alguma coisa?"

"Governar o império significa apenas fazer o que estou aqui a fazer, não será?" Disse o jovem. "Quando eu era pequeno, eu costumava perambular por toda a parte sozinho, mas com o tempo eu contraí um

problema de tonturas. Um velho de idade avançada aconselhou-me a montar na carruagem e a perambular pelo deserto de Xiang Cheng. Agora estou um pouco melhor do mal que me acometeu. Logo eu poderei perambular uma vez mais, desta vez além da área por onde andava. Governar o império significa apenas fazer o que estou a fazer - eu não vejo por que tenha que ser algo especial."

"É verdade que o governo do império não é algo que precise preocupar-te, rapaz," disse o Imperador Amarelo. "No entanto, gostaria de perguntar-te como deverá ser feito."

O jovem recorreu a desculpas, mas quando o Imperador Amarelo repetiu o pedido, o moço disse: "Governar o império, suponho eu, não é muito diferente de pastorear cavalos. Livre-se dos cavalos que forem inaptos para o rebanho - é tudo."

O Imperador Amarelo, dirigindo-se ao moço como "Tutor Celestial," fez-lhe uma vénia duas vezes em sinal de reverência e retirou-se.

O PESO DO CONDICIONALISMO

Os eruditos não se sentirão felizes se não derem voltas às ideias e ao pensamento. O retórico não é feliz sem o argumento e a refutação. Os inspetores não passarão sem as tarefas do interrogatório e da punição. Todos se encontram encurralados pelas ideias.

Os medíocres que atraem a atenção da sua geração obtêm glória na corte. Os homens que se mostram complacentes com as pessoas alcançam o prestígio nos cargos públicos. Os homens de força e energia orgulham-se das dificuldades. Os homens de bravura e ousadia são estimulados pelo perigo. Os combatentes deleitam-se com a guerra. Os homens do isolamento procuram a fama. Os homens das leis e dos regulamentos prosperam com a legislação que impõem.

Os homens das cerimónias e do conhecimento veneram o decoro e a aparência. Os homens de benevolência e justiça valorizam as relações sociais. Os fazendeiros não se satisfazem se não tiver o seu trabalho nos campos. Os comerciantes não se sentirão contente sem o seu mercado. As pessoas comuns gostam de se ocupar com algo do nascer do sol até ao anoitecer. Os artesãos sentem-se mais encorajados quando usam as suas ferramentas e utensílios. Se não acumularem bens e dinheiro, os avarentos ficam transtornados; se não virem o seu poder e autoridade superiores às dos demais, os ambiciosos afligem-se.

Servis para com os superiores e impiedosos para com os subalternos, eles põem as suas esperanças nas coisas e alegram-se com as suas mudanças. Quando se lhes apresenta uma oportunidade para agir, não conseguem resignar-se à não-ação. Dessa forma, todos são oportunistas e prisioneiros do seu próprio mundo. Em vão labutam com a mente e o corpo. Ocupam o pensamento apenas com coisas materiais, e jamais têm perceção das situações. São dignos de toda a compaixão!

DEFORMAÇÕES DO ESPÍRITO

Chuang Tzu disse: "Se um arqueiro se gabar de ser hábil por acertar num alvo ao acaso, então toda gente poderá ser um arqueiro como o excelente Yi - não será verdade?"

"É," disse Hui Tzu.

Chuang Tzu disse: "Se não houver convénio nenhum sobre o que seja correto, que seja aceite por todo mundo, e cada um defender o que achar correto e verdadeiro, então toda a gente no mundo poderá ser um rei Yao - não será verdade?"

"É", disse Hui Tzu.

Chuang Tzu disse: "Pois bem, então aqui temos as quatro escolas dos literatos Confucionistas, de Mo Tzu, de Yang Tzu e de Kung Sun Lung, mais a sua, o que perfaz cinco. Agora, qual delas será de facto verdadeira? Ou será como no caso de Lu Chu? O discípulo dele disse-lhe: "Mestre, sou senhor da ciência que domina. Já consigo aquecer o caldeirão no inverno e produzir gelo no verão."

"Mas isso é simplesmente usar o yang para atrair o yang, e o yin para atrair o yin," disse Lu Chu. "Isso não é o que eu chamo de Caminho! Eu vou-te mostrar a minha doutrina!"

Então, ele afinou dois alaúdes, pousou um pouco afastado do outro. Quando ele atingiu uma corda num alaúde, o outro alaúde começou a reverberar a mesma nota, e quando ele tangeu uma segunda corda, o outro também a reverberou - O timbre dos dois instrumentos encontrava-se em perfeita harmonia. Então ele desafinou uma corda para que não correspondesse a nenhuma das cinco notas, e quando ele tangeu essa corda, levou a que o outro instrumento provocasse um som dissonante. Não poderia dar um som diferente; aquela era a nota dominante. Não será assim?"

Hui Tzu disse: "Os seguidores de Confúcio, de Mo, de Yang e de Kung Sun Lung envolvem-se comigo muitas vezes em disputas, tentam atacar-me com frases e silenciar-me com os seus altos brados - mas

até agora nunca conseguiram provar que eu estivesse errado. Porquê?"

Chuang Tzu disse: "Um homem do Estado de Chi dispensou o seu próprio filho para o serviço em Sung, e como estava destinado a tornar-se Porteiro e gozasse de integridade física, mutilou-o. Outro trazia uma campainha cuidadosamente atada, para que não se quebrasse. Um outro ainda foi à procura de um filho perdido, mas sem se dispor a transpor os limites da sua região - tudo isto apresenta um traço similar de procedimento impróprio, não será? Um habitante de Chu que se tivesse mutilado para poder concorrer ao serviço da Guarda ao Portão, a meio da noite quando ninguém mais se encontrasse por perto, se metesse numa briga com o barqueiro, eu diria que antes mesmo que o barco deixasse a margem ele já se teria metido em considerável confusão."

A AGUDEZA DA FACULDADE NÃO É ESTRANHA AO USO

Chuang Tzu acompanhava certa vez um funeral quando passou pelo sepulcro de Hui Tzu. Voltando-se para os que iam com ele, disse: "Houve certa vez um estucador que, se ele tivesse uma pinta de gesso na ponta do nariz, não mais espessa do que a asa de uma mosca, procuraria que o seu amigo pedreiro Shih lha tirasse. O pedreiro Shih, fazendo girar o seu martelo e cinzel com um silvo semelhante ao do vento, aceitava a tarefa e passava a cortá-la, removendo cada pedaço de gesso sem lhe magoar nariz, enquanto o estucador ficava imóvel e completamente imperturbável.

O Senhor Yuan de Song, ouvindo falar de tal feito, convocou o pedreiro Shih e disse-lhe: "Você poderia mostrar-me isso?" Mas o pedreiro Shih respondeu: "É verdade que já fui capaz de o fazer assim - mas a quem o fazia morreu há faz tempo."

Desde que esse mestre morreu, deixei de ter em quem praticar. Não tenho com quem possa falar."

~ ~ ~

Quando Kuan Chung adoeceu, o Duque Huan foi visitá-lo e perguntou-lhe como passava. "Meu Pai Chung," disse ele, "você encontra-se muito doente. Como poderei evitar falar-lhe sobre o que lhe vou dizer? - Se a sua doença se agravar, a quem eu podei confiar os assuntos do meu Estado?"

Kuan Chung disse: "A quem pensa sua graça confiá-los?"

"A Pao Shu Ya," disse o duque.

"A ele não! Enquanto pessoa ele é um homem muito honrado e íntegro. Mas não quererá associar-se àqueles que não viverem de acordo com os seus padrões. E se ele tomar conhecimento dos defeitos de alguém, ele jamais o esquecerá. Se ele fosse encarregado do Estado, ele revelar-se-ia intransigente com o superior a ele e recalcitrante com os súbditos. Não tardaria muito até se sentisse ofendido por ele."

"Bem, então, quem estará qualificado?" perguntou o duque.

"Se mais ninguém lhe for indicado, então eu diria que Hsi Peng serviria. Enquanto pessoa ele não se deixa impressionar pela eminência e não discrimina os que estão abaixo dele. Envergonha-se de não ser como o Imperador Amarelo, e lastima aqueles que não chegam à sua posição.

Aquele que partilha da sua virtude com os outros é chamado de sábio, o que partilha dos seus talentos com os outros é chamado de homem digno. Aquele que, com o seu talento e sabedoria se impõe aos outros, nunca conquistará a sua confiança. Aquele que a usar para se humilhar em serviço pelos outros, esse nunca deixará de obter o seu apoio. No comando do Estado um homem desses não quererá inteirar-se demasiado das coisas que ouve dizer; e ao governo da sua família tudo deixará. Se mais ninguém lhe for indicado, eu diria que poderia ser Hsi Peng."

~ ~ ~

O rei de Wu, passeava de barco pelo Yangtze, mas resolveu ir até à margem e subiu ao monte conhecido por ter sido habitado por macacos. O grupo de macacos que o viu, correu a fugir apavorado e saiu a esconder-se atrás dos arbustos. Mas houve um macaco que com indiferença andava a saltar de um ramo para o outro, a coçar-se. O rei apontou-lhe o arco e atirou-lhe uma flecha veloz, que ele com grande agilidade agarrou antes que o atingisse.

Então, o rei ordenou que os seus assistentes se apressassem a juntar-se a ele no tiro, e o macaco logo foi capturado e morto. O rei dirigiu-se para o amigo Yen Pui e disse: "Este macaco, ao se pavonear da habilidade que tinha e confiar na sua destreza, demonstrou deliberadamente o desprezo que sentia por mim - pelo que se deparou com este fim. Previnam-se disso! Ah - nunca devem deixar que o vosso procedimento mostre arrogância para com os outros! "

Quando Yen Pui voltou, ele submeteu-se à instrução de Tung Wu, e

aprendeu a limpar a expressão de altivez do rosto, a controlar as simpatias e as afeições, e todo mundo no Estado o elogiou.

~ ~ ~

Tzu Chi de Nan Po encontrava-se recostado no sofá, a olhar para o céu e a suspirar. Yen Cheng Tzu entrou e fez o seguinte comentário: "Mestre, o senhor já superou todas as coisas. Consegue mesmo fazer com que o corpo pareça uma árvore ressequida e com que o espírito se assemelhe a cinzas mortas!"

Mas ele contestando-o, disse: "Certa vez vivi numa caverna nos montes. Toda vez que Tien Ho, o rei de Chi, vinha visitar-me as pessoas do Estado de Chi congratulavam-se três vezes junto dele. A minha reputação deve ter-me precedido para que ele descobrisse quem eu era; devo ter feito alarde da minha reputação para que ele ma viesse comprar como se fosse uma mercadoria. Se eu não tivesse feito alarde da minha fama, então como poderia ele chegar a conhecer-me? Ah, como eu lastimava aqueles que se deitavam a perder! Apiedava-me daqueles que lastimam os outros, e depois ainda lastimava aqueles que lamentam aqueles que lastimam os outros. Mas, por fim distanciei-me de tudo isso."

DAR E RECEBER

Quando Confúcio foi de visita a Chu, o rei deu um banquete em sua homenagem. Sun Shuao pegou numa taça de vinho e pôs-se de pé, enquanto Chinan Yliao, vizinho do sul da cidade, pegou no vinho e derramou-o num ato de libação, dizendo: "Os antigos costumavam fazer discursos em ocasiões destas, pelo que lhe peço que diga algumas palavras apropriadas à ocasião."

Confúcio disse: "Eu, Confúcio, aprendi a doutrina no silêncio, pelo que não costumo falar." Mas depois de um bocado, lá disse: "Yliao resolveu as desavenças de duas famílias com uns malabarismos com bolas (que por não terem encontrado resposta ao que pediam, tinham matado dois homens). Sun Shuao adormeceu profundamente, no ócio a que se entregou, com um leque de penas a abaná-lo, e os habitantes de Chu depuseram as armas. Eu, Confúcio, precisaria ter uma língua de três palmos!"

O discurso usado foi o discurso sem argumentos. O discurso de Confúcio é o chamado discurso do silêncio. Por isso, a Virtude resume o que o Tao unificou. Quando as palavras se estendem ao que o conhecimento não alcança, isso é uma limitação. O que a compreensão não abarca é algo que o debate nunca poderá colmatar.

Adjetivar à maneira dos Confucionistas e dos Moistas é convidar o erro.

O mar não anseia pelos rios que correm a afluir nele, oriundos do leste - nisso reside a perfeição da grandeza. O sábio abraça todo o Céu e Terra, e a sua generosidade estende-se ao mundo inteiro, mas ninguém o conhece pelo nome nem sabe de que família descende. Por essa razão, na vida ele não acumula bens, e depois de morrer não recebe títulos póstumos. Eles são chamados Grandes Homens.

Um cão não é considerado bom apenas por ladrar muito. Um homem não é considerado digno apenas por falar com eloquência, muito menos, pois, deverá ele ser considerado virtuoso. Nada possui uma medida de grandeza superior à do Céu e à da Terra, mas quando será que terão desejado tal grandeza? Aquele que entende o que significa possuir grandeza não a busca, nem a perde, nem a abandona, nem a rejeita nem muda em função das coisas. Volta-se para si mesmo e descobre o inesgotável; segue a consistência do Tao sem conjeturas nem polidez e descobre o imperecível - essa é a autenticidade do Grande Homem.

~ ~ ~

Tzu Chi teve oito filhos e, reunindo-os diante de si, convocou Chiu Fang Yin e disse: "Por favor, prognostique-me a sorte dos meus filhos e diga-me qual deles terá um destino auspicioso."

Chiu Fang Yin respondeu: "Aquele que se chama Kun - será ele que gozará de boa sorte."

Tzu Chi, num misto de atordoamento e de satisfação, disse: "Como assim?"

"Kun chegará a comer da mesma mesa de um Chefe de Estado, até ao fim dos seus dias."

Tzu Chi de súbito irrompeu em lágrimas, e com grande abatimento, disse: "Por que deverá o meu menino ser levado e tal extremo?"

"Supõe-se que do favor de comer da mesma mesa de um Chefe de Estado se estenda a três gerações da sua família, para não falar dos próprios pais," disse Chiu Fang Yin. "No entanto, agora, ao ouvir falar sobre nisto, o senhor caiu num pranto! O filho é suficientemente auspicioso, mas o pai é decididamente infeliz!"

Tzu-chi disse: "Yin, o que sabe você das implicações desses bons auspícios? Diz que Kun virá a ter sorte - mas fala unicamente de dispor da carne e do vinho. Mas quando ele dispuser disso numa base

de continuidade como poderá entender de onde virão essas coisas? Suponha que, eu nunca tenha sido pastor, mas que um bando de ovelhas aparecesse repentinamente na minha casa dos meus terrenos; ou que, nunca tendo tido gosto pela caça, uma codorniz ou um bando delas aparecesse de súbito na minha casa - se isso não fosse considerado peculiar, então o que seria?

"As andanças que quero para os meus filhos são em consonância de pelo Céu e Terra. Eles e eu encontrávamos o nosso deleite no Céu e o nosso alimento na Terra. Eu quisera para eles as alegrias do Céu e o sustento da Terra, e não que se ocupassem de assuntos. Não queria que andassem a discorrer nem que chamem a atenção com coisas extraordinárias.

Quisera que rementem à verdade de Céu e Terra, e que não tivessem que lutar com as coisas. Só queria que fossem levando a vida sem precisarem calcular as conveniências do obrar. Agora vem-me falar dessa vulgar e mundana "recompensa" que virá ao seu encontro. Por regra, onde houver alguma manifestação extraordinária, deve haver sempre algum feito extraordinário que a atraia. Mas certamente isso não pode ser culpa do meu filho nem minha - deve ser-lhe infligido pelo Céu. É por essa razão que eu choro!"

Pouco tempo depois, Tzu Chi enviou o seu filho Kun numa missão ao Estado do Yen, e ao longo do caminho ele foi capturado por bandidos. Considerando que ele seria mais difícil de vender do que no estado atual de integridade física em que se encontrava do que mutilado para que não pudesse fugir, eles cortaram-lhe os pés e venderam-no no Estado de Chi. Conforme veio a suceder, ele foi feito porteiro da corte no palácio do Duque de Kang, e assim veio a puder comer carne até o final dos seus dias.

~ ~ ~

Nieh Chueh encontrou-se com Hsi Yu, a quem perguntou: "Onde vai?"

"Vou a fugir do rei Yao."

"Por quê?"

"Por Yao promover tão fervorosa e diligentemente a benevolência! Receio que ele se venha a tornar objeto da chacota de todo mundo, e que em breve os homens venham a comer-se uns aos outros por causa dele!

"Atrair as pessoas é algo que não é difícil. Amem-nas e elas virão a vós. Beneficiem-nas e eles ficarão animadas. Louvem-nas e elas irão

sentir-se encorajadas. Façam algo de que elas não gostem e elas dispersar-se-ão.

"O amor e o benefício são produto da benevolência e da equidade. São poucos os homens que se sacrifiquem pela benevolência e pela equidade, mas muitos os que procuram tirar proveito delas. A prática da benevolência e da equidade dessa maneira é na melhor das hipóteses uma forma de hipocrisia, e na pior das hipóteses uma cedência deliberada de instrumentos da ambição e da brutalidade.

Além disso, esse é um regime fixado por um só homem, para tirar vantagem de todo mundo, o que se assemelha a querer ver todas as coisas com um só golpe de vista. O rei Yao entendia bem o quão os homens dignos poderiam beneficiar o mundo, mas não entendia como eles também lhe podiam trazer ruína. Apenas aqueles que apartem de si os "dignitários" poderão adverti-lo!"

~ ~ ~

Há os convencidos e satisfeitos, há os que se encontram precariamente empoleirados, e depois há os vergados pelos encargos. Os que eu chamo de convencidos e satisfeitos são aqueles que, depois de terem apreendido a doutrina de um mestre, se mostram presunçosos e satisfeitos consigo próprios, e que acham que o que conseguiram seja suficiente sem nem sequer perceberem que ainda nem começaram a perceber coisa nenhuma palpável. Esses são o que eu chamo de convencidos e satisfeitos.

Os que eu chamo de precariamente empoleirados são como os piolhos de um porco. Eles escolhem um lugar onde as cerdas sejam longas e esparsas e chamam-lhes a sua mansão espaçosa, o seu amplo parque; ou um lugar em algum canto dos pernis ou dos cascos, entre os mamilos, ou em torno das ancas, e chamam-lhes a sua casa de repouso, a sua fonte de vantagens. Eles não sabem que um belo dia, o talhante irá brandir o cutelo, espalhará a palha, acender o fogo e que eles virão a ser assados junto com o porco. O seu avanço no mundo está sujeito a tais contingências. São os que eu chamo de precariamente empoleirados.

O que eu chamo de vergados pelos encargos são aqueles como Shun. O carneiro não anseia pelas formigas; são as formigas que anseiam pelo carneiro. O carneiro tem um odor rançoso agradável, e Shun deve ter cometido feitos que terão exalado um bom aroma para que o povo se deleitasse tanto com ele. Por isso, três vezes teve que mudar a capital, mas onde parou, sempre se formou uma grande povoação, e quando chegou à região selvagem de Teng, seguiram-no cem mil famílias. Quando o rei Yao soube do mérito de

Shun promoveu-o e tirou-o das planícies áridas, na esperança de que a sua boa influência pudesse vir a trazer-lhe proveito. Quando Shun foi promovido das zonas áridas, ele já se encontrava bem adiantado na idade e a sua clarividência e inteligência começavam a falhar, e ainda assim ele não conseguiu voltar a usá-las nem a gozar de descanso. Isto é o que eu chamo de vergados pelos encargos.

Portanto, o Homem Santo detesta as multidões acorram a ele, por saber que das multidões nunca obterão harmonia; e sem harmonia não poderão alcançar sucesso. Assim, ele garante que não haja nada a que se sinta muito chegado, nem nada do que se distancie muito. Abraçando a virtude, e cultivando a harmonia, ele conforma-se ao mundo – esse é o que se eu chamo de Homem Verdadeiro. Ele deixa a sabedoria para as formigas, capta a alegria dos peixes, e deixa a obstinação da intenção de anelos para o carneiro.

Usai os olhos para observar o que os olhos conseguem ver, o ouvido para ouvir o que o ouvido consegue ouvir e o coração para sentir o que só o coração consegue sentir. Fazei isso e nivelareis e aplanareis tudo como se traçado à linha e passado a ferro, e ajustar-vos-eis a todas as vicissitudes.

~ ~ ~

Os verdadeiros homens da antiguidade tudo encaravam como arranjos do Céu e não procuravam tirar-lhe o lugar com a sua intromissão; os verdadeiros homens da antiguidade ora encaravam o êxito como vida, e o fracasso como morte; ora o êxito como morte e o fracasso como vida. As plantas medicinais servem de exemplo. O acónito, a violeta, os abrolhos e a salsaparrilha, tudo tem o seu momento apropriado e a condição apropriada para que se prestam. Como poderão as palavras expressar tudo isto?

~ ~ ~

Kou Chien, implantou um exército de três mil homens de armadura e escudo em punho, em Kuai Chi. Nessa época, só Wen Chung conseguia perceber como um estado que se encontrasse em perigo ainda pudesse ser salvo, mas só ele não entendeu como ele próprio incorreu num verdadeiro perigo. Por isso se diz: Os olhos da coruja têm a sua aptidão, e as pernas da cegonha têm as suas proporções adequadas; tentar tirar-lhes o que quer que fosse deixaria tristes essas indefesas.

(NT: Wen Chung foi um dos ministros do rei, que o levou à vitória no combate com o seu arqui inimigo Fuchai, durante o período dos Estados Bélicos, mas em tempo de paz, começou a perceber que a personalidade do rei era tal que, durante a guerra podia acompanhá-lo, mas não em

tempo de prosperidade. Após se escusar demasiado, e de ter merecido a suspeita do rei, foi condenado a cometer suicídio)

Diz-se que: Quando o vento sopra sobre as águas, o rio sempre perde alguma água; quando o sol bate sobre ele, ele sempre perde alguma água. Mas mesmo que o vento soprasse constantemente e o sol estivesse sempre a aquece-lo, o rio não perderia muita - por depender das nascentes que o alimentam. Assim, o rio tem o cuidado de guardar a terra, e a sombra não mais faz que guardar a forma, e as coisas ocupam-se de preservar as coisas.

Daí que: a visão aguda possa ser um perigo para os olhos; uma audição exacerbada pode ser um perigo para o ouvido; o hábito do pensar possa constituir um perigo para o espírito. Toda a sagacidade que se aloja no espírito torna-se numa potencial fonte de perigo, e se esse perigo se tornar real e não for evitado, os infortúnios acumular-se-ão em número crescente. Um retorno à condição original exige introspeção; a sua realização leva tempo. No entanto, os homens consideram essas faculdades como tesouros - não será isso triste? Por isso, temos essa destruição infindável dos Estados e o abate de pessoas - por ninguém saber o suficiente para lhes questionar as causas!

~ ~ ~

O que o homem percorre um só pé na terra é muito pouco, mas, indo onde nunca tenha ido antes, levá-lo-á longe. O conhecimento do homem é mínimo, mas, ainda assim, pode-se contar com ele para tornar tudo quando desconhece numa mais ampla compreensão da natureza.

Entender a Grande Unidade, entender o Grande Yin, entender o Grande Olho. Compreender a Grande Justiça, compreender o Grande Método, compreender a Grande Confiança, compreender a Grande Serenidade - isso é a perfeição. Com a Grande Unidade, poderão penetrá-la; com o Grande Yin, aliviá-la; com o Grande Olho, apreendê-la; com a grande justiça, segui-la; com o Grande Método, incorporá-la; com a Grande Confiança, alcançá-la; com a Grande Serenidade, retê-la.

Assim, o Céu repousa em tudo; do acordo disso resulta a iluminação. Da contemplação resulta a fundação; do próprio começo resulta o fim. Assim, a apreensão obtida sem esforço não parece apreensão nenhuma e conhecimento obtido sem esforço não parece conhecimento nenhum, por o não saber preceder o conhecimento. Nenhuma investigação pode ser restrita e ainda assim não se pode deixar de se impor um limite à investigação. Passado e presente, não o altera - nada pode causar-lhe prejuízo. Por que não indagar

sobre isso? Por que agir com base em tal dúvida? Procurar a dúvida com base no que não deixa margem a dúvidas e subsequentemente atingir a ausência de dúvida, essa será a condição que não deixa margem a dúvida alguma.

CAPÍTULO 25
FEH YANG
(VIAJANDO PARA CHU)

PERSUASÃO SUBTIL

TENDO CHE YANG VIAJADO PARA CHU, Yi Chieh falou nele ao rei, mas como o rei não lhe concedesse audiência, deixou-o e regressou a casa. Che Yang foi ver Wang Chuo, e disse-lhe:

"Mestre, por que razão não me menciona ao rei?"
Wang Chuo respondeu:
"Eu não sou tão bom nisso quanto Kung Yueh Hsiu."
"Que tipo de homem é ele?" perguntou o outro, e recebeu a seguinte resposta:

"No inverno ele anda a caçar tartarugas e no verão repousa nos locais sombrios nos montes. Quando os transeuntes o questionam do que anda por lá a fazer, ele responde que é o seu local de habitação. Se Yi Chie não foi capaz de induzir o rei a recebe-lo, quanto menos seria eu, que não me equiparo a ele!

Yi Chien possui um carácter assim: Não possui propriamente virtudes reais, mas usa da influência. Goza de excesso de confiança nele próprio e de articulação na relação com os demais. É aficionado pelo mundo da fama e da fortuna. Ele não é negligente com ele próprio, mas devota todas as suas energias a favorecer aqueles que o rodeiam. Se não se submeter de bom grado a ele, mas empregar o espírito de influência a seu favor, certo será que venha a ficar aborrecido, porque se ele o ajudar não será em função de nenhuma virtude e poder mesmo chegar a ser-lhe prejudicial.

"É vaidoso como uma pessoa trêmula de frio que enverga roupas finas a fingir que chegou a primavera ou como aquele que, no pico do calor do verão, espera que os ventos frios do inverno o venham refrescar, e não tiras as vestes. Além disso, o rei de Chu é autoritário e severo, e se alguém o ofender ele revelar-se-á tão implacável quanto um tigre. Unicamente um homem de subtil eloquência, ou alguém dotado de perfeita virtude poderia demovê-lo do seu objetivo.

"Por isso, quando é acometido pela pobreza, o homem sábio leva os membros da família a esquecer as agruras da vida, e na abundância e a influência que gozam, leva os duques e os reis a esquecer as suas posições e os estipêndios e a tornar-se humildes. Com as criaturas inferiores ele partilha os seus prazeres e tanto mais elas disfrutam deles. Em associação com os outros homens, ele alegra-se no Tao, e preserva-o em si mesmo.

Assim, embora possa não dizer palavra, ele transforma-os até que alcancem o sentimento de pais e filhos que se encontrem em bons termos de relação mútua. Tudo isso consegue sem qualquer evidência de esforço, por se ter apartado do instinto dos homens e repousar na paz de espírito, pelo que esse é o efeito que exerce ocasionalmente no intercâmbio que tem com eles. É assim a influência que exerce nos seus espíritos. Por isso lhe digo que aguarde por Kung Yueh Hiu.

CONHECIMENTO E O ATROPELO DO SABER

O sábio desata os problemas que tem com os demais, e vai além da confusão e da diversidade, e tudo torna num só corpo coerente. Muito embora certamente ele não saiba como, é fiel à sua natureza inata. Seja no que sabe ou no que não sabe, seja no que tenha ouvido ou no que não tenha ouvido, ele usa o Céu como seu guia. Em consequência disso os homens apelidam-no de sábio. Se ele se apoquentasse com a insuficiência do seu conhecimento, o que quer que fizesse sempre se provaria insuficiente, e como haveria de saber quando se deter?

Quando as pessoas nascem com um bom aspeto, vocês poderão estender-lhes um espelho, mas se não as advertirem disso, elas jamais saberão que têm melhor aspeto que as outras. Quer tenham ou não ideia disso, quer lhes digam isso ou não, o seu encantador bom aspeto permanece inalterado até ao fim, e os outros poderão continuar a admirá-los sem parar - é uma questão da sua natureza inata. O sábio ama ou outros, mas não o sabe, até que lho digam. Em conformidade com isso, os homens atribuem-lhe apelidos. Quer tenha ou não ideia disso, quer lho digam ou não, o seu amor permanece inalterado até ao fim, e os outros poderão encontrar contínua segurança nisso - é uma questão da sua natureza inata.

~ ~ ~

A nossa velha terra pátria, a velha cidade, só de a olharmos de longe leva-nos a sentir inundados por um sentimento transbordante de alegria. Mesmo quando as suas colinas e montes estão cobertas pelas ervas daninhas e pelas moitas, e a maior parte daqueles que tenhamos conhecido tenham ido para debaixo da terra, ainda nos

sentimos cheios de júbilo. Quanto mais não será, pois, quando encontramos aqueles que costumávamos ver, quando escutamos as vozes que costumávamos escutar - elas destacam-se como torres altíssimas por entre a multidão.

O senhor Shin Chiang captou o princípio nuclear ao redor do que tudo gira e seguiu-o até ao fim. Acompanhando todas as coisas, ele não conheceu fim, nem começo, nem ano nem estação. E por mudar com as coisas de dia para dia, ele era um com o homem que jamais sofre mudança - assim, por que razão haveria ele de deixar de fazer isso? Aquele que tenta fazer da natureza seu mestre, nunca chegará a deixar que a natureza o ensine, mas acabará por seguir às cegas e competir com as coisas, e aí, independentemente de como se der com as coisas, que poderá ele fazer? O sábio jamais chega a pensar no Céu, nem chega a pensar no homem; jamais chega a pensar num começo ou num fim, jamais chega a pensar nas coisas. Avança na companhia da sua geração, sem jamais se alterar; para onde quer que vá, encontra perfeição e ausência de impedimentos. Outros procuram manter-se a par da sua estatura espiritual, mas que poderão fazer?

~ ~ ~

O rei Tang conseguiu fazer do lacaio e soldado da guarda Deng Heng seu preceptor. Seguiu-o e tratou-o como seu mestre, sem lhe negar nada. Seguindo-o alcançou a perfeição. Fez com que o seu servidor arcasse com a glória e a fama, que transbordando resplandecia legitimamente sobre ambos. Também Confúcio se tornou mestre pelo suprimir todo discurso e reflexão. Já Yung Cheng havia dito: "Suprima-se o sol e não mais haverão anos; sem interior não pode haver exterior."

~ ~ ~

O rei Yiang de Wei estabeleceu um pato com o marquês Tian Mou de Chi, mas o marquês Tian de Chi violou-o. O rei Yiang, enfurecido, esteve para enviar um homem a assassiná-lo. Gongsun Yan, o ministro da guerra, ouviu isso e sentiu-se coberto de vergonha: "Vós sois o Regente de um Estado de dez mil carruagens," disse ele ao rei," e ainda assim procura vingar-se como um homem ordinário! Rogo-lhe que me conceda o comando de duzentos mil tropas blindadas de modo a eu poder atacá-lo por si, tornar a sua gente prisioneira, e arrecadar os seus cavalos e gado. Fá-lo-ei arder de raiva com tal crueldade que lhe quebre a espinha. De seguida irromperei pela sua capital de modo que, quando Tian de Chi procurar fugir, atingi-lo-ei de modo a quebrar-lhe a espinha!"

Ao ficar inteirado disso, Shin Chiang sentiu-se coberto de vergonha e disse: "Se nos determinarmos a construir um muro de 24 metros e quando estiver sete décimos erguido deliberadamente lhe abrirem um rombo, os trabalhadores escravos que o tiverem construído encararão isso como um enorme desperdício de energias. Agora, há sete anos que não precisamos recorrer à guerra, e esta paz tem representado as fundações da nossa soberania. Gonsun Yan é um arruaceiro - não lhe devem dar ouvidos!"

Quando ficou a par disso, Huazi encheu-se de vergonha e disse: "Aquele que se precipita a dizer que se deva atacar Chi é um arruaceiro, e aquele se apressa a dizer que não se deve atacar, um arruaceiro é! E aquele que defender que ambos os que estejam a favor ou contra o ataque são arruaceiros, um arruaceiro deverá do mesmo modo ser!"
"Nesse caso que deveria eu ter dito?" disse o governante.
"Procure simplesmente o Caminho, isso é tudo."

Ao escutar aquilo, Hui Tzu, foi apresentar Tai Chin Chen ao governante.
Tai Chin Chen perguntou-lhe: "Existe uma criatura chamada caracol -- estará Vossa Majestade inteirado disso?"
"Sim, estou."
"No topo do seu tentáculo (olho) esquerdo há um reino chamado Provocação, e sobre o topo do tentáculo direito um reino chamado Estupidez. Por vezes guerreiam-se entre si por causa de território e chegam à agressão semeando o campo de corpos às dezenas de milhar e os vencedores perseguem os vencidos por meio mês antes de regressarem a casa.
"Ora!" disse o governante. "Que conversa fiada é essa?"
"Mas Vossa Majestade porventura permitir-me-á que lhe mostre a verdade que isso encerra. Acredita que haja um limite nas quatro direções, em cima e em baixo?"
"Elas não têm limites," disse o governante.
"E quando em espírito Sua Majestade se põe a vaguear por essa infinitude e volta a pensar num estado real, isso não lhe parecerá insignificante que poderá não conseguir distinguir se realmente existirá tal estado ou não?
"Assim é," disse o governante.
"Pois por entre essas terras reais acha-se o Estado de Wei, e no Estado de Wei encontra-se a cidade de Liang, e na cidade de Liang se encontra Vossa Majestade. Existirá alguma diferença entre o rei e o tentáculo direito do caracol?"
"Nenhuma," disse o rei.

Depois do visitante ter saído, o rei sentou-se estupefacto, como que perdido para o mundo. Terminada a audiência, Hui Tzu compareceu diante dele. "Este nosso visitante é um grande homem," disse o rei.

“Mesmo um sábio não se compararia a ele!” Hui Tzu disse: “Toque uma flauta e obterá uma nota aguda agradável; porém, sopre pelo orifício do punho da sua espada, e tudo quanto obterá será um fraco chiado. As pessoas tendem a elogiar os reis sábios Yao e Shun, mas se começarem a expor sobre Yao e Shun na presença de Dai Tai Chin Chen, isso assemelhar-se-á a um fraco chiado!”

~ ~ ~

Quando Confúcio viajou para a capital de Chu, parou para passar a noite na taverna de YI Chiu. As mulheres e os homens, os servos e as servas da casa do lado subiram ao telhado para o ver (provavelmente espantados com este pseudo sábio, inconscientes de se encontrarem ao serviço de um verdadeiro sábio).

Tzu Lu disse: “Que gente toda é aquela que se aglomera ali?”

“São os servos de um santo,” disse Confúcio. “Ele esconde-se entre as pessoas, e vive ocultado nos campos. Não preza a reputação, porém, possui um ânimo imenso. Embora a sua boca fale, o seu espírito permanece sempre em silêncio. Talvez ele esteja em desacordo com a sua geração, porém, no seu íntimo, não se digna aceitá-la. É um daqueles que se afogou em meio à terra seca. Eu diria tratar-se de Yi Liao, do sul da cidade, não será?

“Poderei eu ir à porta do lado convidá-los?” perguntou Tzu Lu, mas Confúcio disse: “Deixa para lá!” Ele sabe que eu o conheço, assim como sabe que estou a caminho da capital de Chu. Presume que vou à corte do rei de Chu, e que por recomendação minha, o rei o promova, e tem-me na conta de um adulador. Um homem assim envergonha-se até mesmo de escutar as palavras de alguém assim que tenha uma língua volúvel, quanto mais apresentar-se em pessoa à sua frente! De qualquer modo, que será que te leva a supor que se encontre em casa?" Tzu Lu foi até à porta do lado dar uma espreitadela e encontrou a casa vazia.

PRIVANDO COM O VULGO, SEREIS COMO O VULGO

Um guarda de fronteira de Chang Wu disse a Tzu Lu: “Na sua administração não deve o regente ser rude; no governo do povo não deve ser impetuoso! No passado eu costumava plantar arroz. Arava a terra de uma maneira desleixada e em resultado obtinha colheitas impróprias. Limpava os campos de ervas daninhas à toa e obtinha uma colheita pobre. Subsequentemente alterei os métodos e arei mais fundo que antes e limpei com um maior cuidado, e o grão cresceu abundante e luxuriante, e tive o que comer durante todo o ano.”

Ao ouvir isso, Chuang Tzu disse: "O homem de hoje, no que toca ao governo do seu corpo e à regulação do seu espírito, frequentemente fá-lo de um modo semelhante ao que o guarda da fronteira descreveu. Voltam as costas ao espírito, desviam-se da sua natureza genuína, ignoram a sua verdade e traem os próprios sentimentos apenas para se conduzirem como o vulgo. Por isso, aquele que é desleixado em relação à sua natureza inata, descobrirá que os demónios do desejo e do ódio lhe afetam a natureza inata quais ervas daninhas e arbustos. Quando começam a despontar, parece que venham a tornar-se num conforto para o corpo, mas no devido tempo acabarão por sufocar a natureza inata. Ao lodo dos outros, começam a eclodir e a esvair-se, não apenas numa parte do corpo mas por todo o lado. Úlceras, furúnculos e febres internas e urina cheia de pus – esse será o resultado!"

MANTENDO O POVO NA ESTUPIDEZ SE INSTALA A HIPOCRISIA E A FARSA

Tendo estudado sob a tutela de Lao Tzu, Po Chu disse: "Gostaria de obter permissão para correr mundo."
"Deixa lá isso!" disse Lao Tzu. "O mundo é exactamente como aqui."
Quando Po Chu repetiu o pedido, Lao Tzu disse: "Por onde começarás?"
"Começarei por ir a Chi."
Quando ele chegou a Chi, deparou-se com o cadáver de um criminoso que tinha sido executado, e puxando-o e arrastando-o até o ter na posição adequada, despiu as vestes e cobriu-o com elas, fazendo um pranto voltado para o céu e exclamando: "Ai meu filho, que o mundo encontra-se numa terrível desgraça e tu descobriste-o primeiro que o resto de nós. Pregam por aí: "Não matarás; não roubarás, mas assim que glória e o opróbrio são estabelecidos, vemos as falhas a aparecer. Quando bens e fortuna são acumulados assistimos a disputas."
Define-se as causas do sofrimento do homem, acumula-se o que os leva à disputa, impõem-se-lhes sofrimento e exaustão sem nunca lhes concederem um período de repouso, e ainda assim espera-se que por obra do acaso não venham a acabar num atoleiro destes – como poderia tal coisa ser possível?

Os governantes de antigamente atribuíam todo o sucesso que tivessem às pessoas e todo o fracasso que tivessem a eles próprios. Atribuíam o que era justo aos outros e o que era distorcido a eles próprios. Por isso, se acontecesse apenas um faltasse no seu comportamento, eles resignariam ao cargo e assumiriam eles próprios a culpa. Mas hoje isso não é feito assim. Eles negam a verdade dos factos ao povo e não reconhecem as próprias faltas, e depois culpam as pessoas por serem ignorantes; Aumentam-lhe o grau das dificuldades e a seguir castigam o povo por não ser capaz de cumprir com o exigido; sobrecarregam-nas as pessoas de

responsabilidades e depois penalizam-nas por não serem capazes de as satisfazer; aumentam a jornada e a seguir castigam as pessoas por não irem até ao fim. Quando o conhecimento e as forças das pessoas são exauridas, começam a enganá-las com artifício e a fraude; e quando dia após dia o volume do artifício e das fraudes aumenta, como poderão os homens evitar recorrer à hipocrisia e não se sentir traídos? Quando as forças não bastam isso convida a desonestidade; a falta de conhecimento convida o engano, a falta de bens convida o roubo. Mas quem será verdadeiramente culpado desses furtos e roubos?

~ ~ ~

Chu Po Yu estava com sessenta anos e sessenta vezes tinha mudado na forma de pensar. Não havia um único caso em que aquilo a que tivesse chamado correto no início, o não viesse a chamar, no fim, mas viesse em vez disso a rejeitá-lo como um erro. Por isso agora não temos como dizer se aquilo a que chamava justo num momento não seria, de facto, aquilo a que teria chamado errado durante os cinquenta e nove anos anteriores.

Todas as coisas são produzidas ao nosso redor, contudo ninguém lhes aponta a raiz; têm o seu eclodir, porém, ninguém lhes vê por onde eclodem. Os homens prestam todos reverência àquilo que o entendimento entende, mas nenhum entende o suficiente para se apoiar no que o entendimento não entende para desse modo chegarem a conhecer mais. Poderemos chamar a isso outra coisa que não uma enorme perplexidade? Deixem para lá, deixem para lá. Não têm como escapar a isso. Acaso será verdadeiro aquilo a que se chama verdadeiro?"

~ ~ ~

Confúcio colocou aos grandes analistas Ta Tao, a Po Chang Chien e a Chi Wei a seguinte questão: "O Duque Ling de Wei era aficionado do vinho e rebolava no prazer e não prestava atenção ao governo do Estado; foi caçar e jogar com redes e arcos e flechas, ignorando as obrigações que tinha para com os outros senhores feudais. Como terá vindo, pois, a receber o título de Duque Ling?"

Ta Tao disse: "Por essas razões."

Mas Po Chang Chien disse: "O Duque Ling teve três mulheres que banhava na mesma bacia. Mas quando Shi Chiu foi convocado para a sua presença e penetrou na câmara interna do palácio para receber ordens, o duque acolheu-o em pessoa e respeitosamente pegou nos vestidos para ocultar a sua nudez. Ele era licencioso a ponto de se banhar com as três esposas e ainda assim tão correto

no comportamento que adoptava diante de um homem digno – foi por isso que foi apelidado Duque Ling."

Chi Wei disse: "Quando o Duque Ling morreu e se recorreu à adivinhação para ver se ele deveria ser sepultado na sepultura da família, mas o presságio mostrou-se desfavorável. Depois procurou-se um oráculo para ver se deveria ser sepultado na Colina Sand, e o prognóstico mostrou-se favorável. Ao cavarem várias braças descobriram um caixão de pedra, e quando o lavaram e examinaram, descobriram uma inscrição que dizia: *"Não podendo confiar nos seus descendentes - o Duque Ling tomará este local como sua própria morada."* Por isso, parecia que o Duque Ling já tinha sido intitulado havia muito, muito tempo. Como poderiam estes dois aqui saber o suficiente para compreender isto?!"

~ ~ ~

O Pequeno Conhecimento disse ao Grande Conciliador Equitativo: "Que se entende pelo termo "Opinião Popular?"

O Grande Conciliador Equitativo disse: "Opinião Popular" refere a combinação de inúmeras famílias das aldeias que se juntam e que definem um convênio ou costume. A unificação das diferenças dá lugar à igualdade, e na diversificação das igualdades têm lugar as diferenças. Agora, podemos apontar cada uma das cem partes do corpo do cavalo e nunca chegar a ver o cavalo no seu todo. Assim, pegamos na centena de partes dessas e definimo-las como um "cavalo." Assim é que montes e colinas se amontoam, uma pequena camada sobre a outra até se atingir a imponência. O rio Yangtze e o rio Amarelo combinam afluente atrás de afluente até alcançar magnitude.

O Grande Homem combina e reúne até alcançar a consideração geral. Assim, quando as ideias lhe penetram na mente a partir do exterior, ele é capaz de as acolher mas não se fixa em nenhuma. Do mesmo modo, quando suscita alguma ideia no seu espírito, ela é como um marco para os que o rodeiam, mas não deve constrangi-los.

As quatro estações diferem todas nas características, mas o Céu não mostra parcialidade entre elas, e assim o ano atinge a conclusão. Os diversos ministérios do governo diferem na função, porém, o governante não revela parcialidade entre eles, pelo que o Estado é governado.

Tanto em assuntos civis como militares, o Grande Homem não revela parcialidade, pelo que a sua virtude é perfeita.

As dez mil coisas diferem em princípio, porém, o Caminho não reserva qualquer parcialidade entre elas e por isso alcançam o anonimato; sendo anónimas, são destituídas de ação; não inferindo a ação, não há nada que não façam.

"As estações têm o seu começo e o seu fim; as eras têm as suas mudanças e transformações. A má sorte e a fortuna por vezes acometem-nos de forma inoportuna e outras vezes bem-vinda. Defini a vossa própria opinião, e orientação diferentes das dos outros, ora julgando as coisas como correctas ora como pervertidas. Se ao menos pudessem ser como o grande pantanal, que encontra acomodação nos cem diferentes tipos de árvores, ou pegar o exemplo da grande montanha, cujas árvores e penedos partilham dos mesmos alicerces comuns! É isso que se quer dizer com os Opinião Popular."

A Pequena Compreensão disse: "Bom, então se chamamos a esses conceitos gerais o Caminho, será isso suficiente?"
"Ah, não," disse o Grande Conciliador Equitativo. "Se calcularmos o número de seres que existem, a contagem decerto não parará nas dez mil. Contudo nós estabelecemos um limite e falamos das "dez mil coisas" por selecionarmos um número suficientemente vasto e concordamos em aplicá-lo a elas.

Da mesma forma, Céu e Terra são formas vastas, o yin e o yang são espíritos vastos, e o Caminho é o termo que os engloba a todos. Se do ponto de vista da vastidão concordarmos em aplicar o termo Caminho a elas, então não resultará qualquer objecção. Mas se, tendo estabelecido o seu termo, avançarmos para a comparação com um cão ou uma cavalo - a distância que as distinguirá será incomensuravelmente vasta."

~ ~ ~

A Pequena Compreensão disse: "De entre as quatro direções do espaço e dos seis pontos de inserção, de onde brotarão as dez mil coisas para chegarem a existir?"

O Grande Conciliador Equitativo disse: "O yin e o yang refletem-se um no outro, anulam-se um ao outro, complementam-se um ao outro; as quatro estações sucedem-se umas às outras, dão origem umas às outras, abatem-se para dar lugar às outras. Desejo e ódio, rejeição e aceitação passam a surgir em sucessão; a união das metades de macho e fêmea tornam-se ocorrência regular. Segurança e perigo trocam de lugar uma com a outra; A boa e a má sorte dão origem uma à outra e alternam-se; épocas de tensão e de descontração substituem-se umas às outras; reunião e dispersão chegam a ter êxito no fim.

Estes são os factos específicos que podem ser registados e os detalhes minuciosos que podem ser recordados. Tanto a regularidade da sequência como o improviso da mudança seguem a regra que dita que os extremos conduzem à reversão e um fim conduz a um princípio.

Mas aquilo que as palavras conseguem adequadamente descrever, aquilo que a compreensão consegue alcançar, estende-se unicamente ao nível das coisas, e não mais. O homem que busca o Caminho não o segue até ao fim, nem procura o seu começo. É aí que o debate esbarra com o limite."

A Pequena Compreensão disse: "Shi Cheng propôs a ausência de toda ação e o outro propôs a presença de alguns esforços. Da perspetiva de ambas essas escolas, qual descreverá corretamente a verdade da questão, e qual terá tomado fação na sua compreensão dos princípios?

O Grande Conciliador Equitativo disse: "Os galos cantam, os cães latem – isso é algo que todos os homens sabem. Mas não obstante o seu entendimento poder ser grande, não conseguem explicar por palavras como o galo e o cão chegaram a tornar-se naquilo que são, nem tão pouco conseguem imaginar no seu espírito o que virão a fazer a seguir. Podem separar e analisar até que a análise a que tiverem chegado se revele tão insignificante que careça de forma, e o que é tão vasto não possa ser abarcado.

Mas, quer afirmem a ausência de toda ação, que parece demasiado vaga e abstrata, ou afirmem a presença de algum esforço, que parece muito obstinada, ainda não terão escapado do domínio das coisas, e assim, no final caem no erro. Se algo o torna como é, então esse algo é real; caso nada responda por isso, então será irreal. Quando nomes e factos entram em jogo, vocês encontram-se na presença de coisas. Quando nomes e factos não entram em jogo, vocês existem na ausência das coisas. Podem falar disso e podem pensar nisso; porém, quanto mais falarem, mais se afastam da sua compreensão, por causa da ambiguidade das palavras.

"Antes de nascerem, as coisas não podem ser impedidas de nascer; quando já se encontram mortas, não podem ser impedidas de jazer mortas. A morte e a vida não se encontram tão distanciadas assim, embora o princípio que lhes está subjacente não possa ser visto. Que alguém tenha atuado pelo esforço ou não houvesse quem pudesse atuar não passa de especulação que brota da dúvida. Eu volto-me para as raízes do passado, porém elas estendem-se para trás sem fim. Procuro o seu fim e o seu futuro revela-se infinito. Expressar o sem fim, o que não tem paragem por palavras, é tão

improdutivo quanto explicar a lógica das coisas por meio do silêncio. Ambas essas proposições partilham do mesmo princípio de começo e fim das coisas. Mas nada responde por elas, nada as leva a ser o que são – isso é o começo das palavras, e elas têm início e fim juntamente com as coisas.

"Não se pode pensar que o Caminho exista, nem se pode pensar que não tenha existência. Ao lhe chamarmos Caminho, estamos unicamente a adotar um expediente temporário. *A ausência de ação*, ou *a presença de esforço*, isso apenas ocupa um canto do domínio das coisas. Que ligação poderiam ter com o Grande Método? Se falarem de maneira digna, poderão falar durante todo o dia, que tudo isso pertencerá ao Caminho. Porém, se falarem disso de uma forma indigna, poderão falar durante todo o dia, que tudo isso não deixará de dizer respeito às meras coisas. A perfeição do Caminho e das coisas – nem as palavras nem o silêncio são dignos de a expressar. Não falar, não ficar em silêncio – essa é a mais elevada forma de debate."

CAPÍTULO 26
AFECTAÇÃO DO EXTERIOR

CONHECIMENTO FUNDADO NA EXPERIÊNCIA E NÃO NO QUE SE OUVE DIZER

NÃO SE PODE CONTAR COM AS COISAS EXTERIORES, por poderem não acarretar as consequências esperadas. Por isso foi executado Long Feng, Pi Chang foi sentenciado à morte e o Príncipe Chi fingiu simulou loucura, E Lai foi assassinado e Chie e Chou foram destronados.

Não há governante que não queira que os seus ministros sejam leais. Mas os ministros leais nem sempre são de confiar, por a lealdade nem sempre obter a confiança em troca. Por isso, Wu Yun foi lançado ao rio Yangtze, e Chang Hong ficou sem vísceras em Sishuan, onde o povo preservou o seu sangue, que após três anos se transformou em jade verde.

Não há pais que não queiram que os seus filhos sejam cumpridores dos deveres filiais, porém, a piedade nem sempre significa amor. Por isso Hsiau Ji, o filho do rei Gao Zong afligiu-se por causa do tratamento que a mãe adotiva lhe dispensou; e Zeng Shen caiu na melancolia por se ter visto privado do afeto dos seus pais.

Quando a madeira roça na madeira, isso provoca fogo. Quando o metal se demora no fogo, derrete e derrama-se. Quando Yin e Yang se juntam, causam espanto na Terra e no Céu. Então ouve-se o

rebentar e o rolar dos trovões, e o fogo surge em meio à chuva e incendeia a grande árvore do pagode. Alguns preocupam-se em demasia e dão por si presos entre as perspetivas do ganho e da perda. Ficam apreensivos ante o fracasso, aflitos e deprimidos como se tivessem o espírito suspenso entre céu e terra.

Proveito e sucesso e fracasso deixam a mente num tormento, de tão assediada. Tais homens deixam que fogos incontáveis lhes consuma a harmonia interna. A calma noturna da lua não consegue apagar esse fogo de modo que, com o tempo, o espírito sofre um decréscimo e o raciocínio é mitigado.

DE PROMESSAS ESTÁ O MUNDO CHEIO

A família de Chuang Tzu era muito pobre, pelo que ele foi pedir algum grão emprestado ao marquês de Chien Ho. O marquês disse: "Mas é claro! Em breve vou receber o tributo do meu feudo, e quando o receber, com agrado lhe emprestarei trezentas peças de ouro. Está bem assim?"

Chuang Tzu ficou vermelho de raiva e disse: "Vinha eu ontem para aqui quando ouvi alguém que me chamava da estrada. Voltei-me e vi uma carpa no sulco deixado pela carruagem. Eu disse-lhe: "Vá lá, carpa, que fazes aí?" E ela respondeu: "Sou súbdito das águas do mar do leste. Não me poderia dar um balde de água para que me possa manter viva?" Eu disse-lhe: "Mas é claro! Estou a dirigir-me justamente para o sul em visita aos reis Wu e Yue. Vou mudar o curso do Rio do Oeste e enviá-lo na tua direção. Está bem assim?"

A carpa ficou vermelha de raiva e respondeu: "Perdi o meu elemento! Não tenho como viver! Se me pudesses dar um balde de água conseguiria manter-me viva. Porém, se me dás uma resposta dessas, então será melhor que em breve me procures na loja do peixe seco!"

TENTANDO FISGAR O GRANDE PEIXE

O Princípe Jen fez um enorme anzol com uma linha enorme, usou como isca cinquenta novilhos, acomodou-se no topo do Monte Kuai Chi, e lançou a vara no mar do leste. Manhã após manhã, ele lançava o anzol mas durante todo o ano não apanhou nada. Por fim um enorme peixe mordeu a isca e mergulhou fundo, arrastando o enorme anzol.

Submergiu até ao fundo numa carga feroz, emergiu e sacudiu as barbatanas dorsais até as ondas brancas parecerem montanhas e as águas do mar se agitarem e fazerem espuma. O ruído do mar era como o ruído dos deuses e dos demónios, e espalhou o terror por milhas. Quando o Príncipe Jen apanhou o peixe, cortou-o e secou-o

no fumeiro, e do leste de Chih Ho até norte de Chang-Wu, não houve quem não tenha ficado satisfeito. Desde então, os pobres de espírito das gerações subsequentes detentores de talentos fúteis e com tendência para a disseminação de boatos espantam-se uns aos outros repetindo esse conto.

Agora, se pegarem na vossa cana e linha de pesca e marcharem por valas e barrancos à procura de vairões e carpas, encontrarão dificuldade em conseguir apanhar um peixe grande. Se ostentarem as vossas pequenas narrativas e contos para fisgar altos postos e fama, distanciar-se-ão muito do Grande Êxito. Assim, se uma homem nunca tiver ouvido falar no estilo arrogante do Príncipe Jen, estará longe de ser capaz de se juntar aos homens que governam o mundo.

LADRÃO QUE ROUBA A LADRÃO

Dois letrados Confucianos assaltam sepulturas, de acordo com as Odes e o ritual.

O mestre mais velho anuncia ao seu subalterno:
"O céu de leste está a clarear! Como está isso a correr?"
O mais novo diz:

"Ainda não lhe despimos as vestes, mas tem uma pérola na boca!"
O mais velho diz:

"Assim como reza a Ode:

Verde, verde é o grão
Que cresce nas encostas da colina;
Se em vida não tiveres dado esmola,
Como poderás merecer na morte uma pérola?"

"Afasta-lhe os cachos do cabelo, pressiona-lhe a barba e a seguir um deles força-lhe o queixo com uma verruma de metal e com um martelo afasta-lhe os maxilares sem danificares a pérola que tem na boca."

FAZER FAVORES É EXPOR-SE À VERGONHA

Um discípulo de Lao Lai Tzu andava a reunir lenha quando casualmente se deparou com Confúcio. Regressou e contou ao mestre: "Está ali um homem com um corpo cumprido e pernas curtas, as costas meio arqueadas e as orelhas bem voltadas para trás que parece querer atender a todas as coisas que existem pelos quatro mares. Não sei quem possa ser."

Lao Lai Tzu disse: "É Kong Chui. Pede-lhe para vir aqui!"

Assim que Confúcio chegou, Lao Lai Tzu disse: "Chui, livra-te dessa atitude orgulhosa e desse ar de sabichão que adoptas, e poderás vir a tornar-te num homem de moral e princípios."

Confúcio fez uma vênia em reverência e afastou-se um pouco, com uma expressão de espanto e alterado, mas de súbito, alterando de atitude, perguntou:
"Crê que consiga fazer algum progresso na minha conduta?"

Lao Lai Tzu disse: "Quem, por não querer aguentar os males da sua geração deixar que sejam infligidos nas dez gerações posteriores, não será porventura por causa da intransigência ou de uma inteligência inferior? Fazer favores para agradar é expor-se à vergonha para toda a vida.

Essas são as ações, ou o "progresso" dos medíocres - daqueles que passam por cima uns dos outros por causa da fama, dos que se arrastam uns aos outros para tramas secretas, dos que se reúnem a elogiar Yao e a condenar Chie, quando o melhor seria que os esquecessem a ambos e detivessem os elogios! O que é contrário à natureza não pode deixar de ser alvo do prejuízo; não há ação que não traga o seu mal. O sábio hesita e sente relutância em iniciar uma tarefa, e assim sempre assegura o êxito. Porém, de que valerão essas tuas ações? Elas não acabam noutra coisa senão na gabarolice!"

AS DESVANTAGENS DO SABER

O Senhor Yuan de Song sonhou certa noite que vira um homem de ar desgrenhado a espreitar-lhe por um portão lateral, que lhe dissera:
"Eu venho das profundezas do rio Tsai-Lu. Seguia o meu caminho como enviado do exímio Yang Tzu para a corte do rei do Rio Amarelo quando um pescador chamado Yu Chu me apanhou!"
Assim que o Senhor Yuan acordou, ordenou aos seus homens que adivinhassem o significado do sonho, ao que eles responderam: "Isso é uma tartaruga sagrada."
"Haverá algum pescador chamado Yu Chu?" perguntou ele, ao que os assistentes responderam: "Existe, sim."
"Ordenem a Yu Chu que compareça na corte!" ordenou ele.
No dia seguinte Yu Chu compareceu na corte, e o governante disse:
"Que tipo de peixe terá recentemente apanhado?"
Yu Chu respondeu: "Apanhei uma tartaruga branca na minha rede. Tem metro e meio de diâmetro."
"Apresenta a tua tartaruga!" ordenou o governante. Assim que a tartaruga foi trazida, o governante não conseguiu decidir se devia sacrificá-la ou se devia deixá-la viver, e estando em dúvida, consultou os seus adivinhos, que apuraram:

"Mate a tartaruga e profetize com ela - isso trar-lhe-á boa sorte."
De acordo com isso a tartaruga foi dissecada, mas dos setenta e dois buracos que foram abertos nela para prognosticar, nenhum deixou de acertar na predissera.
Confúcio disse: "A tartaruga sagrada pode aparecer ao Senhor de Yuan num sonho, mas não conseguiu escapar à rede de Yu Chu. A sua ciência transcendente não falhou em nenhuma das respostas que deu às setenta e duas perguntas, mas não conseguiu escapar à desgraça de ser estripada. Daí se conclui que o conhecimento tem as suas desvantagens, e que o sagrado tem aquilo a respeito do que nada se pode fazer.

"Até mesmo a sabedoria mais perfeita pode ser superada pelos dez mil conspiradores. Os peixes não sabem o suficiente para temer as redes mas apenas para temer o pelicano. Descartem a mesquinhes que a grande sabedoria tornar-se-á clara e poderá florescer. Descartem a benevolência do autoelogio que a bondade sucederá por si própria. As criancinhas aprendem a falar, embora não tenham mestres eruditos - por conviverem com aqueles que conseguem falar."

A UTILIDADE DO INÚTIL

Hui Tzu disse a Chuang Tzu: "As tuas palavras são inúteis!"
Chuang Tzu respondeu: "Os homens têm que entender o inútil antes que possam falar sobre o útil. Decerto que a Terra é vasta e ampla, embora um homem não use mais dela do que a área em que coloca os pés. Contudo, se cavássemos toda a terra ao redor dos nossos pés até alcançarmos as Fontes Amarelas, então ela ser-lhe-ia ainda útil?"
"Não, seria inútil," disse Huizi.
"Nesse caso, assim se prova," concluiu Chuang Tzu, "a utilidade do inútil."

O HOMEM PERFEITO NÃO SE DEITA A PERDER

Chuang Tzu disse: "Se uma pessoa gozar da faculdade de deixar o espírito vaguear livremente, quem quererá evitar fazê-lo? Porém, se não tiver essa capacidade, quem o quererá fazer? Contudo, só uma alta sabedoria e uma virtude consolidada serão capazes de cumprir o propósito de deixar-se levar pela corrente e de se retrair de todo.

Aqueles que sempre se acham enredados nos afazeres mundanos ou que se precipitam para eles sem a devida consideração poderão deparar-se com a alternância da posição que assumem. Mas embora possam ser ora governante ora súbdito, isso é simples questão temporária. Tais distinções mudam com a idade e nem uma nem a outra se menospreza mais. Por isso digo que cumpre que o Homem

Perfeito jamais se detenha nessas coisas, para não se ver impedido pelas circunstâncias.

"Admirar a antiguidade e desprezar o presente - essa é a moda favorita dos académicos. Mas se observarmos a era atual segundo as ideias de Hsi Wei, quem poderá revelar-se isento de preconceito? Somente o Homem Perfeito pode vaguear pelo mundo sem tomar partido nem se perder a si mesmo. As suas doutrinas não são para se cultivar, e quem lhes compreender o sentido não terá necessidade delas.

O ENTENDIMENTO CONQUISTA-SE POR UMA POSTURA EQUIDISTANTE

Quem tem os olhos abertos vê com clareza; quem der atenção ouvirá com clareza; quem tiver um olfato sensível distinguirá os aromas; quem tiver um paladar intenso distinguirá os sabores; quem possuir um espírito penetrante possuirá compreensão; quem tiver uma inteligência aguçada possuirá virtude. Em todas as coisas o Caminho não quer encontrar obstrução, pois que se houver obstrução, haverá sufoco; e se o sufoco não cessar, haverá desordem; e a desordem conduz ao abuso e prejudica a vida de todas as criaturas.

"Todas as coisas que possuem consciência dependem do alento. Se não receberem o seu suprimento de alento, isso não será culpa do Céu. O Céu procura manter as passagens abertas e supre-as dia e noite sem parar. Porém, o homem, ao contrário, bloqueia os orifícios. A cavidade do corpo é um cofre de muitos andares; o espírito possui as suas peregrinações Celestes. Porém, se as câmaras não forem amplas e espaçosas, aí a esposa e a sogra cairão na discussão. Se o espírito não puder deixar-se levar livremente pela corrente, então as seis aberturas da sensação começarão a queixar-se das dificuldades. É por isso que as florestas e os montes deixam as pessoas à vontade e em paz."

A VIRTUDE, QUAL REBENTO, PRECISA SER PODADA

"No homem, a virtude é desperdiçada com a preocupação com a fama, e a preocupação com a fama é desperdiçada com o gosto pela exibição. A estratégia é elaborada em face da emergência dos momentos de crise; na competição a esperteza brota da contenção; a obstrução decorre da obsessão com uma posição; assuntos de governo são orquestrados com base na conveniência das multidões. Na Primavera, quando as chuvas sazonais e o sol chegam, a relva e as árvores despertam para a vida, e as foices e as enxadas são, uma vez mais, preparadas para uso. Por essa altura, mais de metade da relva e das árvores que tiverem sido podadas começam de novo a crescer, embora ninguém saiba porquê.

INDAGAR NA TRANQUILIDADE E NO SILÊNCIO

"Na tranquilidade e no silêncio pode a enfermidade restabelecer-se; as massagens podem trazer alívio aos idosos; a calma pode reprimir a precipitação. Mas isso são recursos a que o perturbado e o exausto recorrem. O homem que se entrega ao ócio não necessita disso nem se dá ao trabalho de indagar acerca disso. O que o Homem Santo faz para deixar o mundo perplexo é o que o homem espirituoso não se dá ao trabalho de indagar. O que o homem digno faz para deixar a nação perplexa é o que o homem santo não se dá ao trabalho de indagar. O que o homem mesquinho faz para se ajustar aos tempos, é o que o homem digno não se dá ao trabalho de indagar.

~ ~ ~

"Havia um homem nos portões de Yan que, à morte dos seus pais, foi alvo de elogios por os prantear e por se desfigurar com a agonia, e foi recompensado com um posto de Professor do Estado. Os aldeões da vila praticaram o mesma coisa e mais de metade deles morreu. Yao estendeu o Império a Hsu You, e Hsu You fugiu dele. O rei Tang ofereceu-o a Wu Kuang, e Wu Kuang protestou com ele. Quando Chi To ouviu isso, pegou nos seus discípulos e votou-se ao isolamento das margens do Rio Kuan, onde os senhores feudais o foram consolar. Três anos mais tarde, por idêntico motivo, lançou-se Shen Tu Ti ao rio Amarelo.

O VALOR DAS PALAVRAS

As armadilhas para peixes existem por causa dos peixes; quando os tiverem apanhado, permanecem esquecidas. A cilada para o coelho tem valor por causa do coelho; assim que se apanha o coelho pode-se esquecer a cilada. As palavras existem para transmitirem ideias; assim que se capta as ideias, pode-se esquecer as palavras. Onde poderei encontrar um homem que tenha esquecido as palavras para ter uma "conversa" com ele?"

CAPÍTULO 27
ALEGORIAS
(CONHECIMENTO TRANSMITIDO)

LINGUAGEM METAFÓRICA

NOVENTA POR CENTO DO NOSSO DISCURSO corrente é composto de um conhecimento que brota da suposição e do saber imputado a terceiros; setenta por cento do discurso é composto pela repetição de citações de terceiros, e palavras de circunstância são enunciadas a cada passo, em conformidade com o seu curso natural.

O saber decorrente da suposição que representa os noventa por cento é em grande parte emprestado de fontes externas. Por exemplo, nenhum pai quer ser casamenteiro de um filho, por o pai não poder ser tão objetivo no elogio que lhe faz quanto alguém que não seja da família.

Não é culpa minha que precise recorrer a tal linguagem, mas dos outros, que de outro modo não me entenderiam. Porque caso contrário, as pessoas só prestariam atenção ao que já conhecem e recusariam todo o resto. Daí que digam que, o que quer que esteja de acordo com elas esteja certo e aquilo de que não gostam esteja errado.

As citações que perfazem setenta por cento são empregues para pôr cobro às disputas, o que conseguem, por serem levadas em conta de serem as palavras dos antigos sábios. Contudo, aqueles que forem mais velhos mas não tiverem previdência, e não tiverem chegado a compreender a urdidura e a trama, o começo e o fim de uma questão, as raízes e as ramificações das coisas, não apresentarão um conhecimento proporcional, pelo que não poderão ser citados como sábios. Uma pessoa assim, que não tenha nada de superior, nem princípios na vida, não terá chegado a compreender o Tao do Céu nem o Tao da humanidade, nem estará apta a preceder os outros, mas fica para trás no tempo.

As palavras de circunstância são pronunciadas a cada passo, mas ao harmonizarmos todas as coisas por influência do céu deixámo-las entregues às suas intermináveis mudanças e desse modo tratamos de prolongar os nossos anos. Se não exprimirmos as opiniões que temos, os princípios que governam todas as coisas são iguais.

Quando impomos as nossas opiniões no que de outra forma serão princípios iguais, todas as coisas se tornam desiguais. Por isso, devemos evitar falar e emitir opiniões subjetivas. Quando falamos sem opiniões subjetivas é como se nunca tivéssemos falado, ainda que não tenhamos feito outra coisa. As palavras nada dizem, pelo

que podereis falar uma vida inteira sem dizer uma palavra. Em contraste, podeis viver toda a vossa vida sem pronunciar palavra, e ter exposto coisas de valor.

Diferentes pontos de vista tornam as coisas aceitáveis e inaceitáveis. A afirmação tem motivos e a negação motivos tem. Determinado ponto de vista torna as coisas certas e um ponto de vista diferente torna-as incertas. Como será isso assim? Por ter razões para o ser. Como é que isso não é ao contrário? Por ter razões para não ser ao contrário. Como é que isso chega a ter lugar? Como deixa de chegar a ter? Não ocorre, porque não ocorre.

Tudo é definido pela realidade que circunscreve, e pelo que é possível. Se não houver possibilidade, então não poderá ter existência. Se o que referimos de forma inadvertida não estiver em conformidade com o curso natural, como poderá ser sustentado por muito tempo? Se as palavras correntes sempre forem influenciadas pelo Céu, então como poderá tudo isso persistir?

Todas as formas de vida brotam da mesma base e na diversidade que as circunscreve elas sucedem-se umas às outras. Começam e terminam num círculo inquebrantável sem que ninguém consiga dizer porquê. Isso representa a influência do espiritual. Essa influência espiritual constitui a harmonia do Céu.

A CONSISTÊNCIA DO AJUSTAMENTO

Chuang Tzu perguntou a Hui Tzu: "Ao atingir a idade de sessenta anos Confúcio já tinha alterado os pontos de vista que defendia sessenta vezes, de modo que o que tinha previamente adotado por certo, agora aceitava como errado. Como haveremos de saber se aquilo a que certa vez ele chamou certo não terá chamado errado cinquenta e nove vezes?"

Hui Tzu disse-lhe: "Confúcio procura sinceramente compreender e procura agir de acordo com isso."

"Confúcio rejeitou a sua sabedoria," disse Chuang Tzu, "e diz muito pouco. Diz que todos recebemos as nossas capacidades da Grande Origem do nosso ser, e que nascemos com uma espiritualidade latente, pelo que devíamos procurar restaurar o numinoso nas nossas vidas. Diz que quando cantamos, o nosso canto devia afinar pelos acordes e quando nos pronunciamos o nosso discurso devia conformar-se às regras. Mas confrontados com o proveito e a equidade, as preferências e as aversões, a provação e a reprovação, isso só nos leva a uma concordância verbal destinada a conquistar a opinião pública. Para conquistarmos o coração das pessoas de modo

que não se atrevam a opor-se ao estabelecimento de uma paz duradoura, precisamos deixar tudo sob este céu estável.
O que diz serve, mas nem vontade tenho de chegar perto dele."

O CONTENTAMENTO DA DEVOÇÃO FILIAL E A CONFUSÃO DA MEDIDA

Tzen Tzu deteve por duas vezes o poder mas por duas vezes mudou de atitude, dizendo: "Quando inicialmente assumi o cargo, enquanto os meus pais estavam vivos, recebia um salário de três sacos de arroz e sentia-me regozijado. Porém, quando assumi o cargo pela segunda vez, o salário era de trinta sacos de arroz mas não o pude partilhar com os meus pais, por terem desaparecido, pelo que fiquei triste."

Zenf Shen, um discípulo de Confúcio disse: "Decerto que de Tzen Tzu não se poderá dizer que esteja livre da insensatez e do apego, pode?"

"Mas ele já se encontrava enredado com os honorários públicos," respondeu Confúcio. "Tivesse ele estado livre do apego, que razão teria para ficar tão triste? Ele teria encarado tanto os três como os trinta sacos como pardais e mosquitos a esvoaçar diante dele."

A PROGRESSÃO DO CAMINHO

Yun Cheng Tzu Yu disse a Dong Wuo Tzu Chi, da periferia do Oriente: "Desde que comecei a escutar as suas palavras, Mestre, ao fim do primeiro ano não passava de um saloio. Ao fim do segundo ano senti-me afortunado por conseguir acompanhá-lo sem ver qualquer contradição. Ao fim do terceiro ano consegui penetrar tudo sem encontrar resistência. Ao fim do quarto ano eu sentia-me identificado com as coisas. Ao fim do quinto ano as coisas acudiam a mim. Ao fim do sexto ano o espírito veio ao meu encontro. Ao fim do sétimo ano surgiu em mim a perfeição do Céu. Ao fim do oitavo ano atingi a liberdade de não conseguir distinguir a morte da vida. Ao fim do nono ano alcancei o mistério do Tao.

DO PRÉ-DETERMINISMO

Quando vivemos de modo impróprio na vida caminhamos para a morte, como se o carácter comum da vida e da morte fosse coisa prescrita. O *que é* sucede sucessivamente, mas aquilo que vive no Yang não tem razão de ser. Será isto realmente assim? Mas como haveremos de buscar e de descobrir porque está isto bem e aquilo mal? O Céu tem os seus ciclos e a terra os seus espaços que podem ser calculados e transformados em cidades e estados. No entanto, que mais haveremos de querer? Não fazemos ideia de *como* nem *quando* a vida terminará, mas, como poderemos concluir que não

sejam determinados a partir do exterior e perfaçam o destino? Mas, como não haverá um Espírito que o governe, e como poderemos concluir que não seja assim determinado? Se todas as coisas são suscetíveis às outras, como haveremos de concluir que sejam presididas por um Espírito?

ESSÊNCIA E SOMBRA

A penumbra perguntou à sombra: "Há uns minutos atrás estavas a olhar para baixo e a gora estás a olhar para cima. Há uns minutos atrás estavas empilhada, agora estás ao dependuro. Há uns minutos atrás estavas sentada e agora encontras-te de pé. Há uns minutos caminhavas e agora encontras-te imóvel. Porquê?"

A sombra disse: "Isso é trivial, porque me perguntas tu isso? É nem mais nem menos, só que não faço ideia da razão que me leva a fazer tudo isso. Sou como a casca da cigarra ou a pele da cobra - algo que parece a mesma coisa mas que não é. Surjo ao nascer do sol e na escuridão desvaneço-me; contudo, achas que dependo delas? Porque o nascer do sol e a escuridão dependem de outros fatores. Quando surgem, eu também surjo. Quando desaparecem, eu desapareço com elas. Se brotam do potente Yang, também eu. Contudo, de que valerá indagar do potente Yang?

ADVERTÊNCIAS OPORTUNAS

Yang Tzu viajou para Pei, Lao Tzu foi para Oeste na direção de Chin, mas Yang pediu-lhe para se encontrar com ele nas margens de Liang. Lao Tzu permaneceu no meio da rua, fixou o olhar no Céu, e num suspiro deixou escapar: "Inicialmente eu pensava que fosse passível de ser instruído, mas agora sei que isso não é."

Yang Tzu não disse nada. Mais tarde chegaram à estalagem e ele foi buscar água para lavar o mestre, uma toalha e um pente. Deixando os sapatos à porta, engatinhou ao longo do chão e disse: "Antes, Mestre, este seu discípulo queria interrogá-lo com respeito ao que disse, mas o Mestre estava ocupado e não se revelou oportuno. Agora a altura parecer ser apropriada, pelo que gostaria de o interrogar sobre o que será que eu tenha feito de errado."

Lao Tzu disse: Esse seu aspeto orgulhoso e essa arrogância! Quanta dignidade e certeza; quem suportaria estar a seu lado? O mais puro parecerá envergonhado, e o mais virtuoso e íntegro parecerá indigente."

Yang Tzu mudou abruptamente de semblante e disse: "Respeitosamente acato a sua advertência.

Quando Yang Tzu Chu veio pela primeira vez à estalagem, foi saudado pelo povo da localidade. O estalajadeiro trouxe-lhe uma esteira e a mulher dele trouxe-lhe toalhas e um pente. Os presentes na estalagem afastaram-se da sua esteira, em sinal de respeito. Contudo, quando foi embora, todos teriam competido por um lugar na esteira."

CAPÍTULO 28
CAPITULAÇÃO

A MAGNANIMIDADE DOS PRINCÍPIOS

YAO QUIS CEDER O IMPÉRIO A XU YOU, MAS XU YU RECUSOU-O. A seguir tentou cedê-lo a Zichou Zhifu, mas Zichou Zhifou disse:

"Tornar-me num Filho do Céu? Quanto a isso nada a obstar, suponho, mas acontece que padeço de um distúrbio de melancolia aborrecido que estou justamente a tentar colmatar, em razão do que não tenho tempo para governar o Império. O Império é coisa de suprema importância, porém, não se pode permitir que lhe prejudique a vida. Somente aquele que não governe o Império em proveito próprio estará apto a que lho confiem à sua guarda. Por isso, não tenho tempo para colocar o Império em ordem."

O Império constitui um grande barco, no entanto ele não trocaria a sua vida por ele. É nisso que o mestre do Caminho difere do homem vulgar. O rei Shun procurou ceder o Império a Shan Quan, mas Shan Quan disse:

"Permaneço no meio do espaço e do tempo. Nos dias de Inverno envergo túnicas e peles; nos dias de Verão, linho e cânhamo. Na Primavera, cavo e semeio - o que me dá ao corpo a ocupação e o exercício de que necessita; no Outono, colho e armazeno - isso traz-me o lazer e o sustento de que necessito. Quando o sol nasce, eu trabalho; quando o sol se põe, repouso. Vagueio livremente por entre céu e terra, e o meu espírito encontrou tudo quanto podia desejar. Que uso teria a dar ao Império? Que lástima que não me entenda!"

No fim, ele não aceitou mas afastou-se e ocultou-se nas profundezas dos montes, e ninguém alguma vez veio a saber para onde foi.

Shun quis ceder o Império ao seu amigo, o lavrador da Porta de Pedra. O lavrador disse-lhe:

"Quanto vigor e vitalidade possui, meu senhor! Sois um cavalheiro de perseverança e de resistência!"

Então, na verdade supunha que a virtude de Shun dificilmente fosse muita, pelo que carregou com a mulher às costas, levou o filho pela mão, e desapareceu por entre as ilhas do mar, e até ao final dos seus dias nunca mais regressou.

ABDICAÇÃO HONROSA

Quando o Grande Rei Danfu vivia em Bin, as tribos Di atacaram-lhe frequentemente o território. Ele ofereceu-lhes túnicas e peles em troca da paz, mas eles recusaram-nas; ele ofereceu-lhes cães e cavalos, mas eles recusaram-nos; ele ofereceu-lhes pérolas e jades, mas eles recusaram-nos. Aquilo em que os homens das tribos de Di tinham o olho era na sua terra. O Grande Rei Danfu disse:

"Não suporto a ideia de conceder um lugar para viver aos irmãos mais velhos e deixar que os mais novos sejam mortos, ou dar a um pai um lugar para viver e deixar que o filho seja morto! Meu povo, vocês esforçaram-se arduamente por viver, por isso sejam diligentes em permanecer onde estão. Que diferença fará que sejam meus súbditos ou dos homens de Di? Além do mais, ouvi dizer que não se deve permitir que a terra que nos sustenta prejudique aqueles que são sustentados pela terra."

Assim, usando o seu chicote de equitação como bastão, ele partiu mas o seu povo, liderando-se uns aos outros, seguiram-no e, no devido tempo, instalaram-se numa nova terra aos pés do Monte Qi, onde formaram um estado.

O Grande Rei Danfu pode ter fama de quem soube respeitar a vida. E aquele que sabe como respeitar a vida, embora possa ser rico e honrado, não permitirá que a indulgência lhe prejudique a existência. E embora possa ser pobre e humilde, não permitirá que interesses de proveito lhe sobrecarreguem o corpo. Os homens da geração atual, caso ocupem altos cargos e se vejam homenageados com títulos, todos pensam unicamente no quão grave seria perdê-los. Com os olhos fixos no proveito, eles põem seriamente em risco as suas vidas. Não será isso deveras surpreendente?

CONSIDERAÇÃO DOS MOTIVOS, CONSIDERAÇÃO SÁBIA

Os homens de Yue por três vezes sucessivas assassinaram o seu governante. O Príncipe Sou, temendo pela sua vida, fugiu para a Caverna de Cinnabar, e o Estado de Yue ficou sem um governante. Os homens de Yue, procurando o Príncipe Sou sem sucesso, conseguiram segui-lo até à Caverna de Cinnabar, mas ele recusou apresentar-se. Eles defumaram-lha a caverna com artemísia e colocaram-no na carruagem real. Quando o Príncipe Sou agarrou a

correia e puxou o corpo para dentro da carruagem, voltou o rosto para o céu e exclamou:

"Ó governante! Ó governante! Não poderia eu ter sido poupado a tal coisa?"

Não era que ele detestasse tornar-se governante deles; ele receava os perigos que acompanham a tarefa de governante. O Príncipe Sou, poder-se-á dizer, era do género que não permitia que o Estado lhe trouxesse prejuízo à vida. Na verdade, essa foi precisamente a razão por que as pessoas de Yue o quiseram para seu governante.

O QUE VALE MAIS?

Os estados de Han e Wei combatiam por causa de uma faixa de território. O Mestre Huazi foi a uma audiência junto do Marquês Zhaoxi, o governante de Han. O Marquês Zhaozi apresentava um grave aspeto estampado no rosto. O Mestre Huazi disse: "Supondo que estabelecessem um decreto escrito que dissesse: Se pegarem nisto com a vossa mão esquerda perderão a mão direita; se pegarem nisto com a vossa mão direita perderão a esquerda. Quem quer que o tivesse entendido obteria posse do Império. Estaria disposto a tirá-lo?"

"Não!" disse o Marquês Zhaoxi.

"Excelente!" exclamou o Mestre Huazi. "Justamente por isso posso constatar que as suas duas mãos têm mais importantes para si do que o Império. E é claro, o seu corpo no seu todo é muito mais importante do que as suas duas mãos, enquanto o Estado de Han é muitíssimo menos importante do que o Império no seu todo. Além disso, esta faixa de território porque estão a travar esta contenda é muito menos importante do que o Estado de Han no seu todo. E no entanto infernizam a sua vida e põem-na em perigo ao se preocuparem e atormentarem por não conseguirem apossar-se dela!"

"Excelente!" disse o Marquês Zhaoxi.
"Muitos foram os homens que me aconselharam, mas jamais tive o privilégio de escutar palavras como estas!"

O Mestre Huazi, podemos dizer, compreendeu a diferença existente entra as coisas importantes e as coisas destituídas de importância.

NÃO OLHAR A MEIOS PARA ATINGIR OS FINS DEMONSTRA FALTA DE SENTIDO DE VALOR

O governante de Lu, ao ouvir dizer que Yan He era um homem conhecedor do Tao, enviou um mensageiro com prendas para

estabelecer relações com ele. Yan He encontrava-se na sua humilde habitação situada num beco e usava um manto de linho puído e dava de comer a uma vaca, quando o mensageiro do governante de Lu chegou, e o qual acolheu à porta em pessoa.

"É esta a habitação de Yan He? perguntou o mensageiro.
"É, esta é a casa de He," disse Yan He.
O mensageiro passou a apresentar-lhe as oferendas, mas Yan He disse:
"Receio que tenha trocado as ordens que lhe deram. Decerto que será culpabilizado se as entregar à pessoa errada, por isso será melhor que as verifique uma vez mais."
O mensageiro regressou à origem, assegurou-se das ordens que lhe tinha dado o governante, e foi à procura de Yang He uma segunda vez, mas aí já não foi capaz de o encontrar. Homens como Yan He desprezam de verdade riqueza e honra.

Daí que se diga que a Verdade do Caminho esteja em nos procurarmos a nós próprios; as suas franjas e sobras estão no dirigir o Estado e as suas grandes famílias; as suas miudezas e o joio estão em governar o Império. A realização de imperadores e de reis são questões supérfluas no que diz respeito ao sábio, e não os meios pelos quais mantêm o corpo íntegro nem de olharem pela vida. Contudo, quantos homens de moral e de princípios do mundo da vulgaridade de hoje não se colocam em perigo e não desbaratam as suas vidas na perseguição de ganhos e fama! Como poderemos deixar de sentir pena deles?

Sempre que o sábio dá um passo, poderão estar certos de que ele terá considerado cuidadosamente o propósito e os meios de o fazer. Agora suponhamos que estivesse aqui um homem que pegasse na pérola preciosa do Marquês de Sui e a usasse como bala para disparar contra um pardal que esvoaçasse a um milhar de jardas no céu - certamente que o mundo riria dele. E porquê? Por aquilo que ele usasse ter muito valor, enquanto aquilo a que ele estaria a disparar ser insignificante. E a vida - seguramente que possui um valor maior do que a pérola do Marquês de Sui!

O FUNDAMENTO DA SENSATEZ

O Mestre Lie Tzu viva na pobreza e o seu rosto apresentava um aspeto de subnutrição. Um visitante mencionou isso a Ziyang, o primeiro ministro de Zheng, dizendo:

"Lie parece ser um cavalheiro que tenha alcançado o Caminho. Aí está ele a viver no Estado de Vossa Excelência, na completa pobreza! Quase parece que Vossa Excelência não sente agrado por tais cavalheiros, não parecerá?"

Ziyang imediatamente ordenou aos seus súbditos para lhe enviarem uma oferenda de arroz. O Mestre Lie Tzu acolheu o mensageiro, fez duas vénias, mas recusou a oferta. Assim que o mensageiro partiu e o Mestre Lie Tzu voltou para a sua casa, a sua mulher, ressentida e amargurada, bateu no peito e disse:

"Já ouvi dizer que as mulheres e filhos daqueles que possuem princípios vivem todos no conforto e na felicidade - mas cá nós passamos fome! Sua Excelência, enviou-te algo que comer, mas tu recusaste-te a aceitá-lo - suponho que isso seja aquilo a que chamam destino!"

O Mestre Lie Tzu riu e disse: "Sua Excelência não me conhece pessoalmente - ele enviou-me o arroz simplesmente por alguém lhe ter falado de mim. E um belo dia bem que poderia condenar-me ao suplício, uma vez mais simplesmente por alguém lhe ter falado de mim. Foi por isso que me recusei a aceitá-lo."

No fim, conforme o relato, deu-se uma rebelião entre a população de Zheng, e Ziyang foi assassinado.

O FUNDAMENTO DA HONESTIDADE

Quando o Rei Zhao de Chu foi exilado do seu Estado. O açougueiro Yue fechou o açougue ao mesmo tempo e acompanhou o Rei Zhao no exílio. Quando o Rei Zhao recuperou o domínio do Estado, decidiu recompensar os que o seguiram, porém, quando chegou a vez de se virar para o açougueiro Yue, este disse: "Sua Majestade perdeu o controlo do Estado, e eu perdi o meu açougue. Agora Sua Majestade recuperou o Estado, e eu recuperei o meu açougue. Assim, o título e o soldo que me caberiam foi-me restituído. Por que haverá de se falar numa recompensa?"

"Forcem-no a aceitá-lo!" ordenou o rei.

Porém o açougueiro Yue disse:

"O facto que Sua Majestade ter perdido o reino não foi culpa minha; por isso, não me aventuraria a aceitar qualquer punição por isso. E o facto de Sua majestade ter recuperado o seu reino não foi obra minha - pelo que não me aventuraria a aceitar qualquer recompensa por isso."

"Tragam-no à minha presença!" ordenou o rei.

Porém, o açougueiro Yue disse:

"De acordo com as leis do Estado de Chu, um homem precisa receber recompensas de peso e ter praticado grandes obras antes que lhe possa ser concedida uma audiência com o rei. Agora, eu não fui suficientemente sensato para salvar o Estado nem corajoso o suficiente para morrer em combate contra os invasores. Eu não acompanhei intencionalmente Sua Majestade. Agora Sua majestade deseja ignorar as leis e romper com os precedentes ao me conceder uma audiência. Mas, em vista dos factos, isso não me traria qualquer reputação aos olhos do mundo!"

O rei disse a Zigi, o seu ministro da guerra:

"O açougueiro Yue é um homem de posição insignificante e humilde; porém, as afirmações que profere sobre a justiça são verdadeiramente grandiosas! Quero promovê-lo a um dos cargos das três classes ministeriais."

Quando isso lhe foi contado, o açougueiro Yue disse:

"Estou plenamente inteirado de que um cargo num dos três ministérios constitui condição muito mais elevada do que a tenda de açougueiro, e que um soldo de dez mil *zhong* é uma fortuna muito maior do que alguma vez alcançarei matando carneiros. Mas como poderia eu, simplesmente motivado pela cobiça de título e de soldo, permitir que o meu governante angarie uma reputação de irresponsabilidade por conceder favores desses? Não me atrevo a aceitá-lo. Por favor, permita que regresse à minha tenda de açougueiro."
E lá acabou por recusar o cargo.

POBREZA NÃO É MOTIVO DE EMBARAÇO, JÁ FALTA DE PRINCÍPIOS PODE SER CAUSA DE AFLIÇÃO

Yuan Hsien viveu no Estado de Lu num casebre pequenino que dificilmente tinha mais que quatro paredes. Era coberta a colmo, tinha uma porta quebrada coberta por sarças e ramos de amoreira por umbrais como protecção contra o tempo; panelas de barro sem fundo, penduradas a fazer de janelas, pedaços de pano grosso a dividir os dois quartos. O telhado deixava entrar água, e o chão estava humedecido, mas Yuan Hsien sentava-se numa posição digna, a tocar harpa e a cantar.

Tzu Kung, envergando um manto interno de um azul real e outro externo branco, conduzindo uma alta carruagem cujo tejadilho era demasiado largo para passar no beco, chamou por Yuan Hsien. Yuan Hsien, usando um barrete desgastado e chinelos de palha, carregando um bastão de pau na mão foi até ao portão para o cumprimentar.

"Meu deus!" exclamou Tzu Kung. "Em que estado está, senhor!"
Yuan Hsien respondeu: "Eu ouvi dizer que se nos faltar riqueza, isso se chama pobreza; e que se estudarmos mas não conseguirmos pôr em prática o que tivermos aprendido, isso seja aflição. Eu sou pobre, mas não estou aflito!"

Tzu Kung recuou uns passos com um aspeto de embaraço. Yuan Xian riu e disse:

"Agir com base na ambição mundana; agrupar-se com outros em amizades facciosas; estudar para se ostentar diante dos demais; ensinar com o propósito de alcançar distinção; encobrir as más obras com a benevolência e equidade; embelezar-se com carros e cavalos - jamais suportaria fazer tais coisas!"

A INTEGRIDADE E OS ARDIS DA SAGACIDADE E DA APARÊNCIA

Zengzi viveu no Estado de Wei, envergando um manto acolchoado de linho esfarrapado, o rosto manchado e inchado, as mãos e pés carregados de calos. Era frequente passar três dias sem acender uma fogueira para cozinhar, dez anos sem arranjar uma veste nova. Se tentasse compor o chapéu, a alça quebraria; se estreitasse as mangas, os cotovelos apareceriam à vista; se calçasse os sapatos, os calcanhares ficariam de fora. Ainda assim, arrastando-se, ele lá ia entoando as Odes de sacrifício de Shang numa voz que enchiam Céu e Terra, como se fosse emitida por instrumentos musicais. Os regentes não o aceitariam por ministro; os senhores do feudo não o aceitariam por amigo.

Daí que aquele que satisfaça os seus ideais esqueça a aparência; aquele que cultiva a aparência esqueça os privilégios; e aquele que chegue junto do Caminho esquecerá a sagacidade.

O GANHO DE UM BOM EXEMPLO

Confúcio disse a Yan Hui:
"Hui, deixa que te diga. A tua família é pobre, a casa que habitas encontra-se gasta, e a posição que assumes é demasiado humilde. Porque não aceitas um cargo de funcionário público?"
Yan Hui respondeu:
"Não tenho qualquer desejo de me tornar funcionário público. Tenho uma medida de terra fora do muro externo, que chega para me fornecer o mingau e a aveia, e tenho dez medidas de terra dentro da muralha externa que me chega para colher seda e cânhamo para tecer. Tocar o meu alaúde dá-me muita satisfação; estudar o Caminho do Mestre traz-me felicidade suficiente. Não tenho o menor ensejo de me tornar funcionário."

A face de Confúcio adoptou uma expressão tímida, e ele disse:
"Excelente Hui - a determinação que revelas! Ouvi dizer que aquele que alcança o contentamento não quererá carregar o fardo do ganho; que aquele que realmente compreende como encontrar satisfação, não receará quaisquer formas de perda; e que aquele que pratica o cultivo interior não se envergonhará de não assumir posição proeminente. Há já muito que venho pregando estas ideias, mas agora por uma primeira vez vejo-as plasmadas na tua pessoa, Hui. Esse foi o meu ganho."

DUPLO PREJUÍZO

O Príncipe Mou de Wei, que vivia em Zhongshan, disse a Zhanzi:
"O meu corpo encontra-se aqui junto a estes rios e aos mares, mas a minha mente ainda se encontra lá junto às torres do palácio de Wei. Que deverei fazer com relação a esta situação?"
"Dê mais importância à vida!" disse Zhanzi. "Aquele que encara a vida como importante mostrará indiferença pelo ganho material."

"Eu sei que é o que deveria fazer," disse o Príncipe Mou, "porém, não consigo superar as tendências que me dominam."
"Se não consegue superar as tendências que o dominam, então siga-as!" disse Zhanzi.
"Mas não causará isso dano ao espírito?"
"Se não consegue superar as tendências que tem e ainda assim procura forçar-se pela coação a não as seguir, isso será cometer um duplo prejuízo a si próprio. Aqueles que cometem duplos danos a si próprios jamais veem a constar nas fileiras dos que viveram muito!"

Mou de Wei era príncipe de um estado de dez mil carruagens, pelo que se lhe tornava mais difícil retirar-se para habitar por entre os penedos e as cavernas do que a uma pessoa normal. Embora não tenha alcançado o Caminho, poderemos dizer que ele demonstrou vontade de o fazer.

REAL SENTIDO DE VALOR

Confúcio caiu num grande cerco entre Chen e Cai, e durante sete dias não comeu alimento devidamente preparado mas somente uma sopa de couves sem qualquer arroz. O seu rosto tornou-se deformado com a fadiga, porém, ele sentou-se no seu aposento a tocar alaúde e a cantar. Yan Hui encontrava-se fora, a apanhar couves, e Zilu e Zigong conversavam com ele:

"O nosso Mestre por duas vezes foi expulso do estado de Lu," disseram. "Apagaram todos os vestígios da sua presença em Wei, passou pelo incidente da árvore que abateram em Song, fizeram

alvoroço por sua causa nas cidades capitais de Shang e de Zhou, e agora assediam-no aqui entre os estados Chen e Cai. Qualquer um que o quiser assassinar será perdoado de toda culpa, e quem quer que queira abusar dele vê-se livre para o fazer. No entanto ele continua a tocar e a cantar, e a dedilhar o alaúde sem esmorecer. Poderá a imprudência ir assim tão longe?"

Sem saber o que responder, Yan Hui entrou e reportou o que tinha ouvido a Confúcio. Confúcio colocou de lado o seu alaúde, soltou um grande suspiro, e disse:

"Esses dois são ordinários! Chama-os aqui, que eu converso com eles."

Assim que Zilu e Zigong entraram no aposento, Zilu disse: "Penso que se possa dizer que todos nós nos encontramos numa situação de verdadeiramente angústia."

Confúcio disse: "Que conversa é essa? Quando um homem de moral segue os seus princípios, a isso se chama sucesso. Quando não consegue seguir os seus princípios, a isso se chama sair empobrecido. Agora, eu abraço o caminho da benevolência e da equidade e, com isso, defronto-me com os perigos e os infortúnios de uma geração em desordem. Que tem isso de *verdadeira angústia*?

Assim, examino o meu íntimo e não encontro problema em seguir os meus princípios. Enfrento as dificuldades com que me deparo e não lamento ter que sonegar a doutrina para não comprometer a minha virtude. Quando os dias do frio chegam e caem a neve e o gelo, aprendo a admirar o poder dos pinheiros e dos ciprestes. Possam estes perigos em que incorro aqui entre Chen e Cai constituir uma bênção para mim!"

Então, Confúcio voltou-se complacentemente para o seu alaúde e começou de novo a tocar e a cantar. Zilu excitadamente agarrou na lança e começou a dançar, enquanto Zigong dizia: "Não tinha percebido a altura do Céu, nem a profundidade da Terra!"

Os homens da antiguidade que alcançaram o Caminho apreciavam a vida em temos de dificuldades assim como em tempos de prosperidade, não porque tivessem apreço pela dureza e prosperidade mas por terem o Tao consigo. Conquanto tenham genuinamente apreendido o Caminho, ficar bloqueado ou gozar de prosperidade não mais são que a alternância ordenada do frio e do calor, do vento e da chuva. Por isso, Xu You desfrutou do tempo que passou nas margens ensolaradas do Rio Ying, e o Conde Gong Bo encontrou aquilo que queria no alto da colina de Qiushou.

O SUICÍDIO PREFERÍVEL À DESONRA

O rei Shun quis abdicar a favor de um amigo, um homem do norte chamado Wu Jie. Wu Jie disse: "Que homem estranho é este vosso governante! Primeiro viveu por entre os campos e as valas, para depois perambular pelos portões do rei Yao. Não satisfeito com isso, ele agora quer pegar nas ações vergonhosas que cometeu e despejá-las em cima de mim. Eu teria vergonha até mesmo de o ver!"
Em consequência disso ele foi-se deitar às águas profundas do Chingling.

~ ~ ~

Quando Tang estava a planear atacar o rei Jie, foi-se aconselhar junto de Pien Sui, que lhe disse:

"Não é coisa que me diga respeito."
Então, Tang disse:
"A quem deverei dirigir-me?"
O outro respondeu:
"Não sei."

Então, Tang foi-se aconselhar com Wu Guang, que deu a mesma resposta que Pien Sui; e quando perguntou a quem deveria recorrer, disse da mesma forma:

"Eu não sei."

Então, Tang disse:

"Suponha que recorro a Yi Yin; que me poderá dizer dele?"

Mas recebeu a seguinte resposta:

Ele possui um dom maravilhoso para praticar a infâmia, mas nada mais sei sobre ele!"

Na decorrência disso Tang foi pedir conselho a Yi Yin, atacou Jie e derrotou-o, a seguir ao que se propôs entregar o trono a Pien Sui, que o declinou dizendo:

"Quando Jie e me veio pedir conselho sobre a minha tomada do trono, deve ter suposto que eu fosse uma pessoa traiçoeira. Agora que conquistou Jie, e se propõe delegar-me o trono, deve considerar que eu seja ganancioso. Eu nasci numa era de desordem, e por duas vezes me vem um homem sem princípios aliciar com as suas vergonhosas fabricações! Não suporto ouvir repetir as suas propostas. Não posso tolerar ouvir mais falar disso."

Com isso ele lançou-se às águas do Kau e morreu.

Mas Tang ainda foi oferecer o trono a Wu Guang, dizendo:

"Os sábios armam os enredos; os homens de armas levam-no avante; agora homens de benevolência precisam encarregar-se dele: esse tem sido o método desde a antiguidade. Por que devereis vós, senhor, deixar de assumir a posição?"

Wu Guang recusou a oferta, dizendo:

"Depor um soberano é contrário ao direito; matar gente é contrário à benevolência. Deixar que outros arrisquem as suas vidas para que eu possa beneficiar dos benefícios seria violar a minha probidade. Ouvi dizer que não se deve aceitar recompensas de um injusto, e que na terra que tenha um governo sem princípios não se deve pôr o pé – quanto mais aceitar uma posição de honra! Eu não suporto mais isso."

Posto isso, atou uma pedra às costas e lançou-se às águas do rio Lu, onde se afogou.

GOVERNAR COM BASE NO EXPEDIENTE

Há muito tempo atrás, quando a dinastia Zhou chegou ao poder, havia dois eruditos que vivam em Guzhu chamados Bai Yi e Shu Qi, que disseram um ao outro:
"Ouvimos dizer que na região oeste há um homem que parece possuir o Caminho, por viver segundo princípios."
Assim que alcançaram o lado ensolarado do monte Chi, o Rei Wu, ao escutá-los, enviou o seu irmão mais novo Dan ao seu encontro. Ele propôs-se oferecer-lhes um emolumento de segunda ordem, dizendo:
"Ser-lhes-ão concedidos funcionários de primeira categoria numa aliança que deve ser celebrada com um sacrifício e um enterro conforme o protocolo."
Os dois homens entreolharam-se e riram dizendo:

"Ah, que coisa estranha! Decerto que não é a isto que chamamos Caminho! Na antiguidade, quando Shen Nong governou o Império, ele realizou os sacrifícios sazonais com a maior das reverências, mas ele não orava por bênçãos. Nos assuntos que tinha com os homens, mostrava-se leal e digno de confiança e observava a perfeita ordem, mas não buscava retribuição alguma. Administrava pelo amor de administrar; deleitava-se em impor ordem em função da própria ordem. Não pretendia triunfar às custas da ruina dos outros, nem explorava as oportunidades em benefício próprio. Apenas por acontecer ter um momento de sorte, não procurava transformá-lo em proveito próprio. Agora os Zhou, ao verem que Yin caíra na anarquia,

de súbito fazem alarde das regras, e honram aqueles que sabem armar complôs e concedem subornos, e apoiam-se nas armas para manter o poder, oferecem sacrifícios e estabelecem patos para impressionar os homens com a sua boa-fé, louvando as suas conquistas para aproveitar o ganho – o que é simplesmente afastar a desordem e substituí-la pela autoridade, ou substituir a anarquia pela tirania!

"Ouvimos dizer que os eruditos de antigamente, se acaso em tempos de paz gozassem de um bom governo, não recusavam os cargos públicos; mas se tivessem um governo tumultuoso, não procurariam manter os cargos de forma desonrosa. Agora o mundo encontra-se nas trevas, e a virtude dos Zhou em declínio. Em vez de nos juntarmos aos Zhou e manchar a nossa pessoa, melhor seria que fugíssemos protegendo desse modo a pureza da nossa conduta!"

Os dois cavalheiros dirigiram-se a norte e atingiram o sul do monte Shouyang, onde eventualmente morreram de fome. Homens como Bai Yi e Shu Qi nada têm que ver com a riqueza e a iminência caso consigam evitá-la. Ser grandioso em princípios e meticuloso na conduta, deleitar-se com o seu ideal sem se curvar para servir o mundo – tal era o ideal desses dois cavalheiros.

CAPÍTULO 29
O LADRÃO CHI

CONFÚCIO ERA AMIGO DE LIU HSIA, que tinha um irmão mais novo que era conhecido como Ladrão Chi. O Ladrão Chi, com um bando de nove mil seguidores começou a esbravejar por todo o Império, a assaltar e a aterrorizar os senhores feudais, a estroncar residências, a coscuvilhar por entre as portas abertas, a reunir os cavalos e o gado das pessoas, a apossar-se das suas mulheres e filhas.

Cobiçando o ganho, ele esqueceu os parentes, não se preocupou em pensar no pai e na mãe, no irmão mais velho ou mais novo, e não cumpriu os sacrifícios para com os antepassados. Sempre que se aproximava de uma cidade, caso se situasse num grande Estado, os habitantes guarneciam as paredes das suas habitações; se fosse caso de se tratar de um pequeno Estado, acorriam a refugiar-se nos seus redutos. Toda uma população de dez mil pessoas viva no terror que ele inspirava.

Confúcio disse a Liu Hsia:

"Um pai deve ser capaz de impor a lei ao filho, e um irmão mais velho tem o dever de instruir o irmão mais novo. Caso um pai não consiga impor a lei a um filho e o irmão mais velho não consiga

instruir o irmão mais novo, então a relação entre pai e filho e irmão mais velho e irmão mais novo perderá todo o valor. Agora aqui está o senhor, um dos indivíduos mais talentosos da sua geração, e o seu irmão mais novo é o Ladrão Chi, uma ameaça para o mundo, e o senhor parece incapaz de o instruir melhor!

"Caso me seja permitido dize-lo, envergonho-me de si, pelo que gostaria de poder continuar em seu nome a tentar persuadi-lo a mudar as coisas."

Liu Hsia disse:

"Observou que um pai deve ser capaz de admoestar a seu filho, e que o irmão mais velho deve ser capaz de aconselhar o mais novo. Mas caso o filho não dê ouvidos quando o pai lhe impõe a lei e o irmão mais novo se recusar a dar atenção às instruções do irmão mais velho, então que se poderá fazer até mesmo com uma eloquência como a sua? Para além disso, Chi é um homem de carácter impetuoso, de uma vontade como uma rajada de vento, sobra-lhe força para repelir qualquer ataque e de eloquência suficiente para superar qualquer aberração. Se concordar com a sua maneira de pensar, ele ficará encantado, mas se for contra, ele ficará furioso, e não se coíbe de amaldiçoar as pessoas na mais vil das linguagens!"

Porém, Confúcio não quis saber do aviso, e com Yan Hui como seu condutor, e Zigong à sua direita, partiu de visita ao Ladrão Chi. Este encontrava-se justamente a fazer uma excursão nessa altura, junto com o seu bando de seguidores, pelo lado ensolarado do Monte Tai, e desfrutava de um lanche de grelhado de fígado humano ao entardecer.

Confúcio desceu da sua carruagem e avançou até encontrar o funcionário encarregado da receção das visitas, e disse:

"Eu sou Confúcio, nativo do Estado de Lu, e ouvi dizer que o seu general é um homem de elevados princípios," disse ele, prostrando-se numa vénia por duas vezes diante do funcionário. O funcionário então entrou e transmitiu a mensagem. Assim que o Ladrão Chi ouviu o sucedido, irrompeu numa fúria descontrolada, e ficou com os olhos a brilhar como estrelas, e com os cabelos em pé e arrepiado por baixo do manto.

"Não deve ser outro senão o pretensioso e hipócrita do Confúcio natural do Estado de Lu! Pois bem, diz-lhe da minha parte, o seguinte:

"Tu brincas com histórias e palavras, falsificas o legado dos reis Wen e Wu. Coroado com um boné tão elegante quanto um ramo de

árvore, cingido por um cinto feito do couro de uma vitela morta, propões ideias triviais e frívolas, e teorias falaciosas. Comes sem nunca teres semeado, vestes-te sem precisares fiar nem tecer. Meneando os lábios e estalando a língua, inventas todo género de controvérsia entre "certo" e "errado" que te convém, e desencaminhas os líderes do mundo, e impedes que os académicos do mundo regressem ao estado, ao estabeleceres caprichosamente os ideais da "piedade filial" e da "subordinação fraterna," sempre na esperança de alcançares o favor dos senhores dos campos ou dos ricos e iminentes! Os crimes que cometes são imensos, e as ofensas, gravíssimas. Melhor seria que corresses para casa tão rápido quanto pudesses, porque se não o fizeres, tirar-te-ei o fígado e acrescentá-lo-ei à refeição da tarde!"

Confúcio insistiu em voltar a enviar uma palavra através do atendente, dizendo:

"Tive o privilégio de conhecer o seu irmão Liu Hsia, pelo que lhe rogo concessão para o contemplar à distância os seus pés por trás da cortina."

Quando funcionário entregou a mensagem, o Ladrão Chi disse:

"Deixa que venha à minha presença."

Confúcio apressou-se a adiantar-se, recusou o estrado que lhe foi estendido, recuou alguns passos e prostrou-se diante do Ladrão Chi. O Ladrão Chi ainda encolerizado, sentava-se com ambas as pernas estendidas, inclinado com a sua espada nas mãos, com os olhos ofuscantes. Com uma voz semelhante ao rugido de uma tigresa com crias, disse:

"Vem lá daí, ó Confúcio! Caso aquilo que me tiveres a dizer for do meu agrado, viverás. Se me criares embaraço, morrerás!"

Confúcio disse:

"Ouvi dizer que em todo o mundo existem três tipos de virtude. Crescermos até sermos grandes e nos tornarmos altos, sermos dotados de agradável comportamento, de modo que todos, novos ou velhos, iminente ou humildes, se deleitem connosco - esse é o tipo mais elevado de virtude. Ser senhor de uma sabedoria que alcance céu e terra, ser capaz de falar com eloquência sobre qualquer assunto - essa é uma virtude medíocre.

Sermos corajosos e ferozes, resolutos e determinados, juntar um bando de seguidores ao nosso redor - esse é o tipo mais baixo de virtude. Qualquer um que possua qualquer dessas virtudes é digno de contemplar o sul e de se chamar de Homem Só ou Governante. E

agora aqui está o senhor, general, dotado de todas elas! Tem uma estatura de dois metros de altura; uns olhos resplandecentes; lábios de um vermelho cinábrio; dentes que nem pérolas perfeitamente alinhadas; um timbre de voz como o rebombar de sinos - e ainda assim o único título que tem é o de Ladrão Chi. Caso me for permitido dizer, General, é uma desgraça, uma verdadeira lástima!

"Porém, se der ouvidos à proposta que tenho a fazer-lhe, então rogo-lhe que me conceda permissão para ir como seu enviado a sul até Wu e Yue, e a norte até Qi e a Lu, a este até Song e Wei, e a oeste até Jin e Chu, persuadi-los a criar um Estado murado de várias milhas de tamanho, a estabelecerem uma cidade de vários milhares de lares, e a honrá-lo como um dos senhores feudais.

Então poderá empreender um novo começo no mundo, a renunciar às suas armas e dispersar o seu séquito, reunir e a cuidar dos seus irmãos e parentes, e a juntar-se-lhes nos sacrifícios aos seus antepassados. Essa representaria a atuação de um sábio, de um cavalheiro de genuíno talento, e o desejo que o mundo mais acalenta."

O Ladrão Chi, furioso como sempre, disse:

"Confúcio, aproxima-te lá mais! Aqueles que são passíveis de ser demovidos em função de vantagens ou reformados pelo emprego de palavras não passam de meros idiotas, simplórios, o tipo mais reles de homem! O facto de eu ser grande e alto e de ter um aspeto apresentável que leve todos a sentir-se encantados comigo - isso é uma virtude herdada dos meus pais. Mesmo sem os teus elogios, crês que não teria consciência disso? Além disso, ouvi dizer que aqueles que são aficionados por quem elogiar os outros na frente, também têm predileção por falar mal deles pelas costas.

Agora vens-me falar nesse grande Estado murado com toda essa multidão de gente, e tentar seduzir-me com ofertas de ganho, e tentar enganar-me como a um idiota. Mas, por quanto tempo achas que poderia ser senhor disso? Não existe Estado mais vasto que o próprio Império, e ainda assim, embora Yao e Shun sejam senhores do Império, os seus herdeiros foram deixados sem ter onde ficar. Tang e Wu estabeleceram-se com Filhos do Céu (reis), no entanto as gerações seguintes e as suas dinastias pereceram. Não terá isso ficado a dever-se à ambição?

"Ademais, ouvi dizer que na antiguidade as bestas e as aves abundavam e as pessoas eram poucas. Daí que as pessoas viviam em árvores durante o dia para poderem escapar ao perigo, e reunissem bolotas e castanhas, e que depois do pôr-do-sol regressavam ao repouso nas árvores. Daí que ficassem conhecidos como o povo Criador de Ninhos. Na antiguidade as pessoas nada sabiam de

envergar roupas. Durante o Verão amontoavam enormes pilhas de lenha e no Inverno queimavam-na para se aquecerem. Consequentemente ficaram conhecidos com o povo que sabia como permanecer vivo. Na era de Shen Nong, (2737ac) as pessoas deitavam-se tranquilas, e acordavam satisfeitas. Conheciam as mães, porém, não os pais, convivam com o alce e o veado. Plantavam para subsistirem, teceram para cobrirem os corpos, mas não abrigavam no seu íntimo a menor intenção de prejudicar os outros. Era a Suprema Virtude no seu auge!"

"Mas o Imperador Amarelo não conseguiu alcançar tal virtude. Combateu Chi You no campo de Zhuolu até que o sangue jorrasse cem milhas. Os reis Yao e Shun sucederam-lhe no trono, e estabeleceram uma trupe de funcionários; mais tarde, o rei Tang baniu o soberano Jie; o Rei Wu assassinou o soberano Zhou; e a partir daí, o forte passou a oprimir o fraco, e os muitos passaram a abusar dos poucos. Desde os reis Tang e Wu até ao presente, todos têm sido nada mais do que uns perturbadores e uns malfeitores. E agora vens-me com o cultivo dos ensinamentos dos reis Wen e Wu e, recorrer a toda a eloquência do mundo para pregares essas coisas às gerações futuras!

"Nas tuas vestes folgadas e faixas soltas tu espalhas mentiras e hipocrisia, para confundires e desencaminhares os líderes do mundo, esperando com tal zelo deitar mão às suas riquezas e iminência. Não há ladrão pior que tu! Não sei porquê, já que o mundo me chama Ladrão Chi, não te chama a ti Ladrão Kung Fu Tzu!

"Usaste palavras com sabor a mel para persuadires Zilu a tornar-se teu seguidor, a despir a sua garbosa capa e a desabotoar o cinto da sua espada para receber instrução da sua parte, e para que todo o mundo diga que Confúcio sabe suprimir a violência e travar o mal. Mas no fim Zilu tentou assassinar o governante de Wei, mas o seu plano saiu gorado e eles mataram-no e recolheram o seu cadáver e penduraram-no no portão oeste de Wei.

Isso é prova do quão pouco efeito tiveram as tuas instruções nele! E chamas a ti próprio um homem superior de talento, um sábio? Por duas vezes te expulsaram de Lu e apagaram todos os vestígios que deixaras em Wei; fizeram alvoroço em Qi, e assediaram-te em Chen e Cai - em parte nenhuma te querem no Império! Deste instruções a Zilu, e total foi o desastre que lhe trouxeste. Não podes cuidar de olhar por ti nem pelos outros; como poderá esse teu Caminho valer de algo?

"Não há quem seja mais estimado pelo mundo do que o Imperador Amarelo, e no entanto nem mesmo ele conseguiu preservar a sua virtude intacta e combateu no campo de Zhuolu, até o sangue jorrar

por cem milhas. O rei Yao foi um pai implacável; O rei Shun foi um filho destituído de sentimento de devoção filial; O rei Yu ficou meio paralisado; O rei Tang baniu o seu governante Jie; o Rei Wu atacou o seu soberano Zhou, e o Rei Wen derrotou o rei Zhou.

"Todos esses seis homens são reverenciados pelo mundo com a mais elevada das estimas, no entanto se olharmos mais atentamente veremos que todos eles, por causa do ganho, trouxeram confusão à Verdade que carregam dentro deles, por violarem os seus temperamentos e se terem voltado contra a sua verdadeira natureza inata. E por terem feito isso apresentaram uma conduta vergonhosa!

"Shen Tzu Ti pronunciou-se em protesto e foi ignorado; pôs uma pedra às costas e lançou-se a um rio, onde os peixes e as tartarugas o comeram. Chieh Tzu Tui foi um adepto tão leal e prezara a fidelidade a tal ponto, que cortou um pedaço da própria perna para a dar a comer ao seu senhor, o Duque Wen. No entanto, posteriormente o Duque ignorou-o, e Chieh Tzu cheio de ira suicidou-se lançando-se ao fogo atado a uma árvore.

Wei Sheng marcou um encontro com uma mulher debaixo de uma ponte, porém, a mulher não apareceu. As águas começaram a subir, mas em vez de se afastar, agarrou-se a um pilar da ponte e morreu. Todos esses seis homens não foram diferentes de um cão esfolado, de um porco sacrificado às águas, de um pedinte com a cabaça das esmolas na mão. Todos foram aliciados por ideias de reputação e encararam a morte de forma irrefletida, não recordaram a Origem nem apreciaram os anos que o destino lhes trouxera.

"Quando o mundo fala dos varões virtuosos, ouvimos falar de Po Yi e de Shu Chi. No entanto Po Yi e Chu Chi renunciaram ao trono do Estado de Ku Chu e morreram de fome no Monte Chou Yang, e não tiveram quem lhes enterrasse os ossos nem a carne. Pao Chiao fez grande alarde da sua conduta e condenou o mundo; atou os braços a uma árvore e aí ficou até morrer.

Quando o mundo fala de ministros leais, é-nos dito que nenhum ultrapassou o Príncipe Pi Kan e Wu Tzu Hsu. No entanto, Wu Tzu Hsu afundou no rio e Pi Kan viu o seu coração arrancado. Ambos esses dois homens foram apelidados de ministros leais pelo mundo, contudo acabaram como motivo de chacota do Império. Olhando todos esses homens, desde o primeiro que mencionei até ao Wu Tzu Hsu e Pi Kan, é óbvio que nenhum é digno de respeito.

"Agora, com esse teu sermão, Confúcio, com que me vens falar de histórias da carochinha, então não tenho como saber se o que me dizes é certo ou errado. Mas se me vier falar das histórias dos homens - que não são mais do que isto que descrevi - então já ouvi tudo!

“Mas agora eu vou-te dizer uma coisa - sobre a verdadeira forma ou natureza inata do homem. Os seus olhos ansiam por ver as cores; os ouvidos por ouvir sons; a boca para provar sabores; a sua vontade e o seu espírito por alcançarem a realização. Um homem que atinja a maior longevidade viverá por cem anos; um que atinja uma longevidade média, por oitenta anos; e um que viva por sessenta anos atingirá uma menor longevidade.

Se lhe descontarmos o tempo perdido com as doenças, o sofrimento, a preocupação e a ansiedade, e nesta vida não terão mais de quatro ou cinco dias por mês, em que possam rir com vontade. O céu e a terra não têm fim, mas o homem tem um tempo para morrer. Pega nesse longo período possível de tempo, coloca-o a par do que não tem fim, e whoosh! - ele desaparece tão rápido quanto o vislumbre da passagem de um cavalo a galope por uma fenda na parede!

"Nenhum homem que seja incapaz de satisfazer os seus desejos ou de apreciar os anos que o destino lhe deu pode ser chamado de mestre do Caminho. O que me tens vindo a contar - eu rejeito tudo isso!

"Rápido, vá lá, põe-te a caminho. Não quero mais conversa dessa. Esse "Caminho" de que me falas é inábil e inadequado, uma coisa fraudulenta, astuta, vaga e hipócrita, e não o tipo de coisa que seja capaz de preservar a verdade no íntimo. Como poderia valer a pena discutir?!"

Confúcio curvou-se duas vezes e deitou a fugir. Do lado de fora do portão, ele entrou na sua carruagem e por três vezes fez uma tentativa para agarrar as rédeas, que deixava sucessivamente escapar, por estar com os olhos vazios e sem ver, o rosto branco como a cal. Apoiando-se na barra de madeira, com a cabeça inclinada, ele não conseguiu invocar nenhum espírito.

Regressando a Lu, ele mal chegou junto ao lado do portão leste da capital quando encontrou Liu Hsia. "Não tenho visto Vossa Mercê nos últimos dias", perguntou-lhe Liu Hsia," mas pela carruagem e pelos cavalos parece ter estado de viagem. Não acredito que tenha ido visitar o meu irmão Chi, foi?"

Confúcio olhou para o céu, suspirou e disse: "Fui, sim."

"E ele ficou furioso com os seus pontos de vista, tal como eu disse que ficaria?", perguntou Liu Hsia.

"Ficou," disse Confúcio. "Poder-se-á dizer que se submeteu, conforme o ditado, ao cautério da moxabustão sem nem sequer se encontrar doente. Fui ingenuamente passar a mão pela cabeça e pelos bigodes do tigre - e quase não consegui escapar das suas mandíbulas!"

CULTIVO DA ÉTICA, OU CULTIVO DO GANHO – CONSIDERE-SE O FUNDAMENTO

Tzu Chang disse a Man Kou Te (que viva e se divertia ás custas dos demais): "Por que não pensa mais no seu cultivo interno? Sem uma conduta distinta não será objeto de confiança; se não merecer confiança não conseguirá nenhuma posição oficial; se não conseguir nenhuma posição oficial não obterá qualquer ganho. Assim, se é a reputação que tem em vista ou é o ganho que está a planear, então a integridade é realmente chave nisso. Se abandonar as considerações de reputação e de ganho e retornar à verdadeira natureza do coração, também lhe direi que não deve deixar passar um único dia sem pensar no seu cultivo interno."

Man Kou Te disse: "Aqueles que são desavergonhados enriquecem; aqueles que se ostentam alcançam a fama. A reputação e o ganho verdadeiramente desmedidos parecem ir para os homens que são descarados e que se vangloriam. Assim, do ponto de vista da fama e do ganho, a ostentação é chave. Mas se pudermos abandonar as considerações de reputação e de ganho e retornarmos à introspeção, então até mesmo um erudito não deve passar um único dia sem abranger a sua natureza celeste."

Tzu Chang disse: "Nos tempos antigos, os tiranos Chie e Chou gozavam da honra de serem Filhos do Céu e possuíam toda a riqueza do império. No entanto, agora, se disser a um mero escravo ou lacaio: "A tua conduta é como a de um Chie ou um Chou," ele ficará envergonhado e, no seu íntimo, não sentirá acordo com tais acusações, pois mesmo um homem mesquinho despreza os nomes de Chie e Chou. Confúcio e Mo Ti, por outro lado, eram homens do povo, pobres. No entanto, agora, se disser ao mais alto ministro de Estado:

"A sua conduta é como a de Confúcio ou a de Mo Ti," ele irá e moderar a sua conduta e desculpar-se e dizer que não é digno de tais elogios, por eles terem sido verdadeiramente admirados e educados. Portanto, brandir o poder de um Filho do Céu não significa necessariamente que seja admirável, e ser pobre e plebeu não significa necessariamente ser desprezável. A diferença entre ser honrado e ser desprezado reside na virtude ou negligência da própria conduta."

Man Kou Te disse: "O pequeno ladrão é metido na cadeia, enquanto o grande ladrão torna-se um senhor feudal, mas todos sabemos que se pode encontrar cavalheiros dentro de portas dos senhores feudais. No passado, Hsiao Po, duque de Huan de Qi, assassinou o seu irmão mais velho e tomou a sua cunhada por esposa e, no entanto, Kuan Chung ainda se dispôs a tornar-se seu ministro. Chang Tien Cheng, assassinou o seu soberano e roubou-lhe o estado, no entanto Confúcio não recusou aceitar presentes dele. Nos debates, eles os

condenavam, mas na prática eles se curvavam diante deles. Pense no conflito moral decorrente da contradição patente entre os factos a palavra e a ação, que se lhes deve ter gerado no espírito! Poderiam ambos não gerar conflito, se estivessem em contradição? Por isso é que reza o preceito: Quem será mau? Quem será bom? O homem bem-sucedido é bom, o homem mal sucedido é mau."

"Mas," disse Tzu Chang, "se não prestar atenção ao cultivo, então deixará de haver qualquer vínculo ético e moral entre parentes próximos e distantes, deixarão de haver quaisquer distinções adequadas entre nobres e súbditos, deixará de haver qualquer ordem adequada entre as velhas e as jovens gerações. Como conseguiremos manter as distinções decretadas pelos cinco princípios morais e as seis posições sociais?"

Man Kou Te disse: "Yao matou o seu filho mais velho; Shun exilou o irmão mais novo da sua mãe – mostrará isso alguns laços éticos entre parentes próximos e distantes? Tang baniu o soberano Chie; o rei Wu matou o seu soberano Chou - isso indicará alguma distinção apropriada entre nobre e súbdito? O rei Chi recebeu a herança do pequeno estado que era devida ao irmão. O duque de Chou matou o seu irmão mais velho - isso indicará alguma ordem adequada entre as gerações mais velhas e as mais jovens?"

"Os Confucionistas com os seus discursos hipócritas, os Moistas com a sua conversa sobre o amor universal - indicarão eles alguma tentativa por manter as distinções decretadas pelos cinco princípios morais e pelas seis posições sociais? Agora, as suas ideias baseiam-se na reputação, as minhas no ganho, mas nem a reputação nem o ganho, de facto, se revelam consistentes com a razão ou refletem alguma compreensão genuína do Caminho. No outro dia, quando relatamos o assunto a Wu Yue para que arbitrasse, ele deu a seguinte resposta:

"Os homens medíocres seriam capazes de ir até à morte pelas riquezas; o homem de moral seria capaz de morrer pela reputação. É lógico que eles diferem na maneira como alteram a sua forma verdadeira e mudam sua natureza inata. Mas eles equiparam-se na medida em que jogam fora o que já possuem e se dispõem a sacrificar a vida por algo que não lhes pertence.

Por isso se diz: não sejam triviais e não persigam aquilo que os homens medíocres perseguem para recuperarem a vossa verdadeira natureza, nem persigam a ostentação da personalidade nem a lógica da natureza – mas deixem que o Céu determine o certo e o errado. Observem o que os rodeia e procedam a mudanças oportunas; quer seja certo ou errado, mantenham a flexibilidade da mudança. Na

solidão, conduzam a vossa vontade à conclusão; deambulem na companhia do Caminho. Não se esforcem por tornar a vossa conduta consistente; não tentem aperfeiçoar a vossa retidão, ou perderão o que já têm – a vossa verdadeira natureza. Não corram atrás das riquezas, nem arrisquem a vossa vida pelo sucesso, ou irão deixar escapar o céu dentro de vós.

"Pi Kan teve o coração foi arrancado; Tzu Hsu teve os olhos arrancados de suas órbitas – essas foram as calamidades resultantes da lealdade. A honestidade de Kung comprovou os enganos do pai; Wei Sheng morreu afogado – essas foram as tragédias resultantes da sinceridade. Pao Chiao ficou de pé até murchar; Shen Tzu não se defendeu – assas foram as vítimas da integridade. Confúcio não esteve presente à cabeceira da cama da mãe moribunda; Chuang Tzu foi crítico para com o pai e partiu e nunca mais o tornou a ver – esses foram os fracassos dos justos.

"Estes são os incidentes transmitidos de eras passadas, que serão discutidos pelas gerações futuras, com respeito a saber se o cavalheiro deve determinar-se a ser correto na palavra e consistente na conduta, ou se deverá curvar-se diante do desastre, e enfrentar a aflição."

UMA MEDITAÇÃO SOBRE A LÓGICA DO SER E DAS COISAS

Wu Zu (o insaciável) disse a Zhi He (o conciliador): "Afinal, não há quem não se esforce pela reputação e não procure o mérito. Se for rico, as pessoas acorrerão a si; e acorrendo a si, mostrarão humildade e respeito; e quando mostram humildade e respeito, isso mostra que o querem impressionar. Levar as pessoas a curvar-se e a abaixar-se, e a prestar honras - é a maneira de lhes garantir vida longa e conforto das necessidades do corpo, assim como paz de espírito.

Agora, você não se importa com essas coisas. Será por falta de compreensão? Ou será que lhe reconhece o valor, mas simplesmente não tem poder de determinação para se esforçar por isso? Não estará a esforçar-se deliberadamente por encontrar o Tao como desculpa para encobrir o que não consegue esquecer?"

Zhi He disse: "Você e os do seu tipo encaram aqueles que nasceram ao mesmo tempo e que vivem na mesma comunidade, e decidem que sejam homens de moral e princípios que se encontram muito acima das gentes comuns, e que sejam transcendentes. Mas de facto não têm um princípio orientador pelo qual avaliem o passado e o presente, nem distinguem entre o certo e o errado. Em vez disso, juntam-se ao vulgar e mudam ao sabor das mudanças do mundo, deixam de lado o que é mais valioso e descartam o que é mais digno

de honra, pensando que haja algo que tenha que ser feito, defendendo que essa seja a maneira de garantir vida longa, conforto, saúde e alegria - mas estão longe disso!

“A agitação do sofrimento e da tristeza, o consolo de contentamento e da alegria - isso não é coisa que salte à cara, mas jaz fundo no espírito. O medo alarmante e a paixão jubilosa - isso não é coisa que acometa o espírito, mas salta à cara. Sabe o que faz, mas não sabe porque o faz. Dessa forma, pode possuir toda a nobreza do Filho do Céu (Rei) e toda a riqueza do senhor do império e no entanto não conseguir escapar à calamidade."

"Mas," disse Wu Zu, "não há vantagem que as riquezas não possam trazer ao homem – ajuda-o a conquistar o bem e a influência que o Homem Perfeito jamais conseguiria alcançar, e o homem digno nunca poderia obter. Ao cultivar a coragem dos outros obtém autoridade; ao dominar os conselhos (conhecimentos e esquemas) dos outros torna-se sagaz e bem informado (Discriminação); ao depender da virtude de outros torna-se um homem digno de valor. Assume majestade como um rei, embora não governe coisa nenhuma.

Além disso uma pessoa goza dos belos sons e cores, ricos sabores, poder e autoridade - um homem não precisa instruir a mente antes de se deleitar com eles, não precisa treinar o seu corpo antes que encontre paz nisso. O que desejar, o que odiar, o que procurar e o que evitar – isso vem tudo com naturalidade e ninguém precisa de um mestre nesses assuntos; eles dizem respeito à natureza inata do homem. O mundo poderá criticar-me, mas quem poderá negar a natureza humana? Onde estará, em todo o mundo, quem esteja disposto a abrir mão disso?"

Zhi He disse: "Quando o sábio trata de fazer algo, ele sempre se move pelo bem das pessoas e não viola as regras. Assim, se tiver quanto baste, o povo não disputará por mais. Se não tiver motivo para agir com naturalidade, as pessoas não recorrerão à desculpa. Mas, se não houver o suficiente, elas buscarão, e revolverão as quatro direções, mas não se tornam gananciosas.

Se existir um excedente, elas recusar-se-ão a procurar mais e doá-lo-ão. Podendo deixar todo um mundo de riquezas para trás, não se têm na conta de modestas. A avidez ou a mentalidade elevada, na verdade, não podem ser determinados pelos padrões ou condições impostas pelo exterior – mas pelo seu carácter íntimo.

“Assim, um homem pode brandir todo o poder de um Filho do Céu e ainda assim não exibir a sua nobreza perante os outros; ele pode possuir todas as riquezas do império e, no entanto não se vangloriar das suas posses. Ele calcula a probabilidade de risco, pensa nas possibilidades que possam mostrar-se contrárias e prejudiciais. Por

conseguinte, caso se verifique danoso para a sua verdadeira natureza, recusará o que lhe for oferecido, e não se apoquentar com reputação e louvor. Yao e Shun governaram como imperadores e imperou a harmonia - não porque buscassem trazer benevolência ao mundo, mas por não quererem que a majestade lhes pusesse as vidas em risco. Shan Kuan e Shu You tiveram oportunidade de se tornarem imperadores e redondamente declinaram, mas não porque desejassem fazer um gesto vazio e insincero de recusa, mas por não permitirem que as questões oficiais os sobrecarregassem. Todos esses homens procuraram o que resultasse em sua vantagem e declinaram o que lhes pudesse ser prejudicial. O mundo os elogia como homens de virtude, mas eles não o fizeram por reputação nem louvor."

"Porém se, para manter uma reputação como a deles", disse Wu Zu, "for preciso afadigar o corpo e abrir mão de tudo quanto é doce e de todo conforto, levar uma vida frugal apenas para se manter vivo," então isso não será diferente de padecer de uma doença crónica, e não se permitir (curar nem) morrer!"

Zhi He disse: "Toda medida justa (equilíbrio, moderação) acarreta sucesso; todo excesso traz prejuízo - isso é válido em todas as coisas, mas muito mais no caso da riqueza. Os ouvidos do homem rico regalam-se com os sons de sinos e tambores, flauta e gaita-de-foles; a sua boca é tratada com o sabor de animais de gramado e do arroz, ricos vinhos, para que lhe desperte desejos e esqueça os seus deveres – o que sugere a perplexidade. Atolado e enfatuado na inflação do orgulho, ele é como um homem que carrega uma carga pesada pela encosta da colina acima - isso pode ser chamado de sofrimento.

A cobiça leva a incorrer na má vontade; a ganância do poder, conduz à exaustão; e no lazer leva a afundar na superficialidade da afeição; a boa saúde não leva à demonstração de uma conduta orgulhosa – isso é tudo quanto sugere um mal. No seu desejo por riqueza, na sua busca pelo ganho, ele não se satisfará até que chegue a transbordar, e não saberá como deter-se - isso sugere vergonha.

Acumula riqueza do que jamais poderia usar, mas ainda insiste em sobrecarregar a sua mente de preocupação e fadiga – o que sugere preocupação. Em casa, preocupa-se com os ladrões pelo que mantém portas e janelas fechadas; na rua, ele sente-se aterrorizado com a possibilidade de ser assaltado, de modo que não se atreve a andar sozinho - isso sugere medo. Essas seis coisas – a perplexidade, o sofrimento, a doença, a vergonha, a preocupação e o medo, são os maiores males do mundo.

“No entanto, as pessoas ignoram os avisos, até se depararem com o infortúnio. Quando o desastre as acomete, então, as pessoas esgotam a sua sagacidade e riqueza em busca da paz de espírito, mesmo que por um só dia, por um instante sem problemas, elas não o conseguem.

"Por conseguinte, do ponto de vista da fama, nada se terá evidenciado. Do ponto de vista do proveito, nada terá sido ganho. Exaurir o espírito e o corpo num atropelo por tais coisas - não será isso realmente uma ilusão?”

CAPÍTULO 30
PERSUASÃO PELO USO DA ESPADA

NA ANTIGUIDADE, O REI WEN DE CHAO foi um aficionado por espadas. Espadachins experientes acorriam para a sua corte, e mais de três mil deles foram suportados como convidados em sua casa, dia e noite, e envolviam-se em torneios na sua presença até que mortos e feridos atingissem mais de uma centena de homens por ano. No entanto, o deleite do rei nunca pareceu decrescer, e as coisas continuaram assim por três anos enquanto o Estado afundava no declínio e os outros senhores feudais conspiravam.

O príncipe herdeiro Kui, angustiado com a situação, convocou os seus partidários para junto dele e disse: "Vou conceder mil peças de ouro a quem conseguir chegar à argumentação com o rei e o persuadir a desistir dessas lutas de esgrima!"

"Chuang Tzu é quem se acha habilitado a consegui-lo," disseram os seus partidários.

O príncipe herdeiro enviou um emissário com mil peças de ouro para apresentar a Chuang Tzu, mas Chuang Tzu recusou-se a aceitar a oferta. Em vez disso, ele acompanhou o emissário no seu retorno e foi recorrer ao príncipe herdeiro.

"Que instruções tem para mim, para me apresentar mil peças de ouro?", perguntou ele.

"Eu ouvi dizer, senhor," disse o príncipe herdeiro, "que você é um sábio iluminado, e queria, com o devido respeito, oferecer estas mil peças de ouro como presente aos seus servidores. Mas se você se recusar a aceitá-las, então não ousarei dizer mais nada sobre o assunto."

Chuang Tzu disse: "Ouvi dizer que o príncipe da coroa me quer empregar na esperança de que eu possa livrar o rei da paixão de que padece. Bom, se, ao tentar persuadir Sua Majestade, eu viesse a despertar-lhe a raiva e a deixar de lhe satisfazer as esperanças que nutre, então eu seria condenado à execução. Nesse caso, que uso poderia eu fazer do ouro? E se eu conseguisse persuadir Sua Majestade e satisfazer as suas esperanças, então o que poderia eu pedir em todo o reino de Chao que não me fosse concedido?"

"O problema está em que," disse o príncipe herdeiro, "meu pai, o rei, se recusa a ver alguém que não um espadachim."

"Tudo bem," disse Chuang Tzu. "Eu sou capaz de lidar com uma espada."

"Mas os espadachins que o meu pai recebe", disse o príncipe herdeiro, "têm todos a cabelos desgrenhados e a barba eriçada, usam barretes desleixados amarrados com cordões grosseiros, e vestes cortadas por trás; possuem aspetos ferozes e são de pouca fala. Ele deleita-se com homens assim! Agora, senhor, se você insistir em visitá-lo com roupas de erudito, todo a questão irá começar desde logo do avesso."

"Então, permita-me que arranje um traje de um espadachim," disse Chuang Tzu. Volvidos três dias, ele conseguira a sua roupa de espadachim e prontamente e foi recorrer ao príncipe herdeiro. O príncipe herdeiro então foi junto com ele ver o rei. O rei, empunhando a espada desembainhada, esperou com a lâmina na mão, sem protecção. Chuang Tzu entrou da porta para o corredor num passo sem pressa, olhou para o rei, mas não fez qualquer vénia.

O rei disse: "Bom; já que você conseguiu que o príncipe herdeiro lhe preparasse o caminho, que tipo de instrução é que pretende dar-me?"

"Ouvi dizer que Vossa Majestade gosta de espadas, e por isso vim apresentar-me diante de si com uma espada."

"E que tipo de uso dá à sua espada em combate?", Perguntou o rei.

“A espada deste seu súbdito abate um homem em dez passos, e durante o espaço de mil *milhas* não para de golpear!”

O rei, muito satisfeito, exclamou: "Não deve ter nenhum rival por todo este mundo!" Chuang Tzu disse: "A supremacia do portador da espada exibe um ar de vazio em simulação, empata o oponente na esperança de obter vantagem levando-o assim a reagir, atrasa-se a

dar, é o primeiro a receber, e acaba com ele de forma inesperada. Permite-me que tente demonstrar-lhe o que posso fazer?"

O rei disse: "Agora pode ir-se, senhor, mas vá para os seus aposentos e aguardar as minhas ordens. Quando eu estiver pronto para enfrentar a luta, solicitarei de novo a sua presença."

O rei decretou uma competição de sete dias entre os seus espadachins. Mais de sessenta foram feridos ou morreram durante o processo, deixando cinco ou seis sobreviventes que receberam ordens para se apresentarem com as suas espadas no pátio do rei. Então o rei mandou chamar Chuang Tzu, dizendo: "Hoje, venha hoje competir com estes senhores."

Chuang Tzu disse: "É o que desejei durante muito tempo."

"Que arma usará você, senhor," perguntou o rei, "uma espada longa ou uma curta?"

"Estou preparado para usar qualquer tipo. Acontece que eu disponho de três espadas - Sua Majestade apenas precisa indicar qual deseja que eu use. Se puder, primeiro vou explicar-lhes, e de seguida pô-los à prova."

"Gostaria de saber mais acerca dessas suas três espadas," disse o rei.

"Há a espada do Filho do Céu, a espada do nobre príncipe e a espada do homem do povo."

"Qual é a espada do Filho do Céu?", perguntou o rei.

"A espada do Filho do Céu? É aquela que tem a cidade de Shi com o Ribeiro de Yan por ponta; tem Chi e Tai por lâmina; os montes Chin e Wey como as costas da lâmina; Chou e Sung como o seu cabo; e os estados de Han e de Wei por bainha. Acha-se rodeada em todas as quatro direções por tribos bárbaras; envolvida pelas quatro estações; cercada pelos mares de Po; e cintada pelas eternas montanhas de Chang. É governada pelos cinco elementos e ela desempenha o que a punição e o favor lhe exigirem.

Alterna com o yin e o yang, mantem-se alerta e pronta na primavera e no verão, e entra em ação no outono e no inverno. Uma vez empunhada em riste, não há nada que se coloque diante dela; elevada acima das cabeças, não há nada que se lhe coloque por cima; baixada, não terá nada por baixo; brandida à nossa volta, e nada encontrará em torno dela; erguida, ela corta as nuvens que flutuam; baixada, pode fender a terra. Quando esta espada é usada,

os senhores feudais retornam à sua antiga obediência, e todo o mundo se submete. Essa é a espada do Filho do Céu."

O rei Wen, atordoado, parecia ter esquecido tudo. Mas então ele perguntou:

"Como será a espada do príncipe?"

"A espada do nobre Príncipe? Tem por ponta homens de sabedoria e de valentia; tem por lâmina homens íntegros e incorruptos; tem por espalda homens de valor e bondade, por bainha possui homens de lealdade e sagacidade; e por punho tem feitos heroicos e prodígios. Quando essa espada é empunhada em riste, também não encontra oposição; erguida, não tem por cima; baixada, nada tem por baixo; brandida à nossa volta, não encontra nada em torno de nós tampouco. Encontra o seu modelo no firmamento, acima, e acompanha os três astros luminosos., Encontra o seu modelo na quadratura da terra, abaixo, e segue as quatro estações. Encontra a harmonia com as opiniões das pessoas, no meio, e equilíbrio nas quatro direções.

Essa espada, uma vez posta em uso, é como o estrondo do trovão: ninguém nos quatro cantos do estado deixará de se inclinar em submissão às ordens do príncipe; ninguém falará em prestar atenção e obedecer aos comandos da régua. Essa é a espada do nobre príncipe."

E, por fim, o rei perguntou: "Como é a espada do homem comum?"

"A espada do homem comum? Ela é usada por homens de cabelos desgrenhados e barbas eriçadas, de barretes desleixados amarrados com cordões grosseiros, e vestes cortadas por trás, que possuem aspetos ferozes e que só falam em tom de reprovação enquanto se digladiam diante do rei. Brandida na resolução dos problemas, ela decepa cabeças e pescoços acima e em baixo, separa fígados e pulmões.

Aqueles que utilizam essa espada dos plebeus não são diferentes dos galos de combate, que a qualquer momento podem ter a vida encurtada. Elas não são úteis na administração do Estado. Agora, Sua Majestade ocupa a posição de um Filho do Céu, mas ainda assim mostra-se indigno ao se associar com a espada do plebeu. Se posso ousar dizê-lo, acho que é bastante indigno de si!

O rei então conduziu Chuang Tzu ao seu estrado; o mordomo real trouxe-lhe bandejas de comida, enquanto o rei andou simplesmente ao redor do salão.

"Sua Majestade deve sentar-se à vontade e acalmar os seus espíritos", disse Chuang Tzu. "O que havia a dizer acerca das espadas foi dito!"

Depois disso, o rei Wen não emergiu do seu palácio durante três meses, e os seus espadachins de tão exasperados que ficaram suicidaram-se nos seus aposentos.

CAPÍTULO 31
O VELHO PESCADOR

CONFÚCIO, DEPOIS DE TER ANDADO A ERRAR PELA FLORESTA DA CORTINA NEGRA, sentou-se a descansar num ermo, junto ao rio, na Floresta Negra. Enquanto os seus discípulos se voltaram para os seus livros, ele pegou no seu alaúde e pôs-se a cantar. Ainda não tinha chegado a meio do canto quando surgiu um velho pescador, saiu do barco e se aproximou. A sua barba e sobrancelhas eram de um branco puro; o seu cabelo desgrenhado pendia sobre os ombros; as mangas pendiam a pender. Ele subiu o aterro, parou quando alcançou chão mais elevado, apoiou a mão esquerda sobre o joelho, apoiou o queixo na direita e escutou até que o canto terminasse. Então acenou para Tzu Kung e Tzu Lu, e ambos responderam ao seu apelo. O estranho apontou para Confúcio e disse: "Quem é ele?"

"É um homem de elevada moral e princípios, de Lu", respondeu Tzu Lu.

O estranho de seguida perguntou a qual família ele pertencia, e Tzu Lu respondeu: "À família Kung."

"Esse homem da família Kung," disse o estranho, "que ocupação tem ele?"

Tzu Lu ainda estava a tentar enquadrar a sua resposta quando Tzu Kung respondeu: "Este homem da família Kong na sua natureza inata observa a lealdade e a boa-fé, e na sua pessoa pratica a benevolência e equidade; ele confere uma bela ordem aos ritos e à música e escolhe o que é adequado às relações humanas. Ele presta lealdade ao soberano desta era acima; em baixo, e transforma as pessoas abaixo, por intermédio da educação e dessa forma traz proveito ao mundo. Tal é a ocupação deste homem da família Kung!"

"Ele governa algum território?", perguntou o estranho, prosseguindo com o inquérito.

"Não," disse Tzu Kung.

"Ele é conselheiro de algum rei ou príncipe?"

"Não," disse Tzu Kung.

O estranho então sorriu e voltou-se para sair, dizendo enquanto se afastava: "No que diz respeito à benevolência, ele é sem dúvida benevolente. Mas receio que não escape ileso mas venha a perder a vida.

Exaurindo o espírito e desgastando o corpo, pondo o seu verdadeiro ser assim em perigo - infelizmente, receio que ele esteja bastante distanciado do Caminho Supremo!"

Tzu Kung voltou e relatou o sucedido a Confúcio. Confúcio pôs o alaúde de lado, levantou-se e disse: "Provavelmente esse homem é um sábio!" Então ele pôs-se a descer o aterro no encalço do outro, atingindo a borda do lago, justo quando o pescador estava prestes a recolher o remo e a arrastar o barco para dentro da água. Olhando para trás e percebendo Confúcio, ele virou-se e pôs-se diante ele. Confúcio precipitou-se e deu uns passos atrás, prostrou-se duas vezes, e de seguida avançou.

"Que é que se passa?", perguntou o estranho.

"Há um instante atrás," disse Confúcio, "o senhor você fez umas observações enigmáticas e não as terminou. Indigno como sou, receio não entender o que elas signifiquem. Se me for permitido esperar, com a devida humildade, ser da sua parte favorecido com o tom das suas augustas palavras, a minha ignorância poderá ser remediada a tempo."

"Céus!", exclamou o estranho. "O amor que tem pela aprendizagem é realmente digno de nota!"

Confúcio prostrou-se duas vezes e de seguida, endireitando-se, disse: "Desde a infância eu venho a cultivar a aprendizagem, até que finalmente alcancei a idade de sessenta e nove. Mas eu jamais escutei a Perfeita Doutrina. Atrever-me-ei a fazer alguma coisa, pois, senão aguardar com abertura de espírito?"

"O semelhante busca o semelhante; cada nota reage às que lhe são afins," disse o estranho; "Esta tem sido a regra do Céu desde o início dos tempos. Com a sua permissão, pois, vou deixar de lado os meus próprios assuntos e tentar aplicar-me às coisas que lhe interessam. Aquilo com que se preocupa é com os assuntos dos homens. Há o Filho do Céu (rei), os príncipes, os altos ministros, o povo comum - quando todos eles desempenham devidamente os seus deveres, resulta a paz e um admirável estado de ordem. Mas se eles se

separam do seu posto, não poderá resultar desordem maior. Quando as autoridades atendem aos seus deveres e os homens se contentam, não se ultrapassa a marca.

"Quando os campos são abandonados, os aposentos destelhados, as roupas e os alimentos são insuficientes, os impostos e os serviços de mão-de-obra não conseguem ser satisfeitos, as esposas e as concubinas estão em constante zaragata, novos e velhos caem na desordem - isso é a preocupação do homem comum. Falta de competência para desempenhar o cargo, desconcerto na administração, falta de claridade e de transparência na conduta, descuido e desprezo pelos súbditos, falta de mérito e de reputação, insustentabilidade de estipêndios e títulos - essas são as preocupações de um alto ministro.

Falta de ministros leais na corte, um estado e suas grandes famílias revoltadas e em desordem, artífices e artesãos sem habilidade, tributos para a corte de baixa qualidade, classificações inferiores nas audiências da corte na primavera e no outono, fracasso na captação das boas graças do Filho do Céu - essas são as preocupações de um príncipe.

"Desequilíbrio entre yin e yang, frio e calor tão extremos que tragam prejuízo a todas as culturas, príncipes em guerra uns com os outros que atacam injustamente os territórios e destroem a gente comum; o uso incorreto de rituais e da execução de música; o erário público e recursos que se perdem para sempre, desconcerto nas instituições sociais e a anarquia nas aldeias - essas são as preocupações do Filho do Céu e dos seus chanceleres.

Agora, você não ocupa a posição de um governante, de um príncipe, nem de um ministro; e tão pouco foi designado para o cargo de alto ministro influente. Ainda assim, presume "trazer uma ordem perfeita a rituais e à música, e enfatizar as regras das relações humanas" e, assim, "reeducar a plebe." Isso não será um empreendimento demasiado ambicioso?

"Além disso, não deve ignorar que os homens se encontram sujeitos a oito fraquezas, e a quatro vícios que os atacam as questões do foro humano, que não devemos deixar de examinar cuidadosamente:

ARROGÂNCIA - Meter-se no que não lhes diz respeito.
ADULAÇÃO - Captar a atenção a si quando ninguém deseja a sua intervenção.

BAJULAÇÃO - Tentar convencer alguém com discursos com a intenção de agradar.
LISONJA - Não considerar o certo e o errado no que os outros dizem.
CALÚNIA, DIFAMAÇÃO - Deliciar-se em falar sobre as falhas e os fracassos dos outros.
MALEVOLÊNCIA - Romper amizades e deixar parentes em desacordo.
PERVERSÃO - Louvar a falsidade e a hipocrisia, de modo a causar lesões e o mal a outros.
TRAIÇÃO - Não pensar no que é certo ou errado, mas tentar usar de duas faces (ambiguidade) de modo a descobrir o que os outros sabem.

Estas oito fraquezas deixam os outros desorientados e provocam danos no seu autor. Um homem de princípios não favorecerá quem as possua; um governante esclarecido não o quererá para seu ministro.

"Quanto aos quatro males de que falei, são:

AVIDEZ - Empreender grandes causas, modificar-se e desviar-se dos velhos caminhos aceitos, esperando assim aumentar o seu mérito e fama.
INSOLÊNCIA - Monopolizar a sabedoria, querer que tudo seja feito ao seu jeito, arrebatando dos outros os louros e apropriando-se deles para uso próprio.
OBSTINAÇÃO (INTRANSIGÊNCIA) - Ver os defeitos, mas não os corrigir, receber censuras mas persistir em fazer as coisas do seu jeito.
INTOLERÂNCIA (ALTIVEZ) - Sorrir para aquele que concorda consigo, mas negá-lo e desprezá-lo quando não concorda.

Esses são os quatro males. Se você se livrar dessas oito falhas e evitar cometer os quatro males, então e somente então, você se tornará capaz de ser ensinado!"

~ ~ ~

Confúcio pareceu mortificado e soltou um suspiro. Então, curvou-se duas vezes, endireitou-se e disse: "Duas vezes fui exilado de Lu; vi apagados todos os vestígios da minha presença em Wei, fui citado por abater as árvores em Song e cercado entre Chen e Cai. Não tenho consciência de ter cometido qualquer desses erros, no entanto, por que fui vítima de tal menosprezo?"

Uma expressão de dor recaiu sobre o rosto do estranho e ele disse: "Quão difícil é fazer com que entenda! Certa vez existiu um homem que tinha medo da própria sombra e que detestava as próprias pegadas; então, ele tentou afastar-se delas deitando a correr. Mas quanto mais ele levantava os pés e os baixava de novo, mais pegadas deixava.

E não importava quão rápido ele corria, a sua sombra nunca o deixava, e assim, pensando que ainda estava a correr muito devagar, ele correu mais e mais rápido sem parar até que a sua forças o abandonaram e ele caiu morto. Ele não entendeu que, colocando-se à sombra, ele poderia ter-se livrado da sua sombra e que repousando na quietude, ele poderia ter acabado com as suas pegadas. Como poderá ele ter sido tão néscio?!"

"Agora, você anda a sondar o domínio comum da benevolência e da equidade, a examinar os limites da semelhança e da diferença, a inquirir acerca das mudanças entre quietude e movimento, a definir as normas da conveniência entre o dar e o receber, a regular as emoções do amor e do ódio, a moderar as paixões da alegria e da raiva - e assim é por pouco que consegue escapar ao dano.

Se você fosse diligente em se aperfeiçoar a si mesmo, teria o cuidado de preservar a sua autenticidade e de deixar os outros serem como são, e não os quereria aperfeiçoar. Mas agora, sem melhorar a si mesmo, você faz exigências aos outros – não será manifestamente ingénuo?"

Confúcio parecendo envergonhado disse: "Por favor, posso perguntar o que entende por "autenticidade?"

O estranho disse: "Por “autenticidade” refiro-me à pureza e à sinceridade máxima. Aquele que carece de pureza e de sinceridade não pode mover os outros. Portanto, aquele que lamenta de forma forçada, embora possa parecer triste, não despertará a menor comoção. Aquele cuja ira é simulada, embora possa parecer severo, não se impõe.

E aquele que simula o afeto e se mostra carinhoso de uma forma forçada, embora possa sorrir, não criará conciliação nem simpatia. A tristeza verdadeira não precisa de lamentações para causar impressão; a verdadeira raiva impõe-se antes de se desencadear; o verdadeiro carinho não precisa sorrir para criar simpatia. Quando um homem é genuíno no seu íntimo, pode mover o seu espírito por entre as coisas exteriores. É por isso que a verdade é tão apreciada!

"A forma como a aplicamos baseia-se na nossa razão. Pode ser aplicado às relações humanas das seguintes maneiras: ao serviço dos

pais, torna-se amor e piedade filial; ao serviço do governante, torna-se lealdade e integridade; nos banquetes festivos, torna-se alegria e regozijo; nos períodos de luto, torna-se tristeza e aflição. Na lealdade presta-se à angariação de fama; os banquetes festivos prestam-se à alegria; os períodos de luto prestam-se ao pesar; o serviço pelos pais presta-se ao seu conforto.

"O esplendor do serviço não está em fazer sempre a mesma coisa nem sempre procurar abordá-lo da mesma forma. No garantir o conforto ao serviço dos pais, não se questiona os meios a ser empregados, nem a razão. A procura da alegria nos banquetes festivos não requer preferência. A expressão do sofrimento apropriado aos períodos de luto não requer a obediência aos rituais exatos.

Os rituais são algo criado pelos homens que a gente vulgar do mundo observa; a autenticidade é aquilo que é recebido do céu. É espontânea e não mutável. Portanto, o sábio toma-a como modelo do céu, aprecia a autenticidade e não se deixa ficar atado aos modos vulgares. Os néscios, ao contrário, são incapazes de se modelar pela natureza e, em vez disso, são influenciados pelas preocupações humanas e buscam as mudanças da vulgaridade. Daí que não conheçam a satisfação nem valorizam o genuíno. É uma lástima que você tenha caído nessa hipocrisia humana numa idade tão precoce e que já venha atrasado para ouvir sobre o Grande Caminho!"

Confúcio mais uma vez curvou-se duas vezes, endireitou-se e disse:

"Agora que tive a sorte de o ter conhecido, parece que fui abençoado pelo céu. Se o mestre não considerar uma desgraça que alguém como eu entre para as fileiras daqueles que esperam aprender consigo, e ser ensinado por si em pessoa, então eu ousaria perguntar onde ficam os seus alojamentos? Gostaria de obter permissão para lá ir, receber instrução e, por fim, aprender sobre o Grande Caminho!"

O estranho respondeu: "Ouvi dizer que, se encontrar alguém com quem possa caminhar junto, então vá com ele até o fim do Caminho misterioso; mas se for alguém com quem você não possa seguir, alguém que não entenda o Caminho, então tome cuidado e não tenha nada que ver com ele - somente então você poderá evitar o perigo para si mesmo. Aplique-se, senhor! Agora vou deixá-lo." Assim dizendo, ele empurrou o seu barco e partiu por um caminho coberto de juncos.

Yen Yuan deu a volta à carruagem; Tzu Lu estendeu-lhe as rédeas, mas Confúcio não deu atenção, e esperou até que a ondulação das águas se acalmasse e até não mais conseguir ouvir o som dos remos, para se sentar.

Tzu Lu, seguindo ao lado da carruagem, disse: "Foi-me permitido servi-lo por muito tempo, Mestre, mas nunca vi você encontrar alguém que o deixasse tão cheio de admiração. Quando o rei e os chefes de estado o recebem, invariavelmente fazem-no ao mesmo nível e tratam-no com a etiqueta devida a um igual, e ainda assim o mestre mantém um ar rígido e arrogante. Agora, este velho pescador apresenta-se-lhe à frente com um remo na mão, e você dobra-se pela cintura, e curva-se em reverencia-o, e faz uma vênia toda a vez que responde às palavras dele - isso não será exceder-se? Os seus discípulos, estão todos a questionar esse seu comportamento. Por que um pescador deveria ter um tratamento desses?"

Confúcio inclinando-se para a frente sobre a barra do carro, suspirou e disse:

"Tzu, tu decerto tens dificuldade em mudar! Tens estado todo este tempo imerso no estudo dos princípios e dos rituais, e ainda não te livraste das tuas maneiras de pensar vulgares e servis. Chega-te mais perto que eu explico-te. Quando nos encontramos com um ancião, deixar de o tratar com respeito constitui um comprometimento dos rituais da cortesia. Se ele não fosse um homem superior ele não nos deixaria humildes defronte dele. Mas se, ao nos humilharmos diante dele, os homens carecerem de pureza de intenção, então nunca alcançaremos a verdade.

Em resultado, lamentavelmente continuaremos consecutivamente a causar prejuízo a cós próprios. Por isso, o sábio honra quem quer que demonstre estar na posse do Tao. Além disso, o Tao é a origem das dez mil coisas. Todas as coisas que o perdem, morrem; tudo quanto o obtém permanece vivo. Ir contra isso nos seus compromissos é convidar a ruína; cumprir com isso é obter sucesso. Por isso, onde quer que o caminho seja encontrado, o sábio irá homenageá-lo. No que diz respeito a este velho pescador certamente pode dizer-se que ele possui o Caminho. Como, pois, poderei eu ousar deixar de lhe mostrar respeito?!"

CAPÍTULO 32
LIE TZU

LIE TZU (LIE YOU KOW) IA PARA CHI, mas, a meio do caminho, ele deu meia volta e regressou a casa. Por mero acaso ele encontrou Po Hun Wu Jen.

"O que fez com que você mudasse de ideias e voltasse?", perguntou Po Hun Wu Jen.

"Eu fiquei assustado."

"Por que ficou com medo?"

"Eu parei para comer em dez tabernas de sopa ao longo do caminho, e em cinco delas serviram-me sopa antes de todo mundo!"

"O que tem isso de tão assustador?", perguntou Po Hun Wu Jen.

"Se não pudermos dissipar a sinceridade dentro de nós, ela exalará pelo corpo e formará um brilho que, uma vez fora, supera as mentes dos homens e os deixa descuidados na forma como me tratam à frente das pessoas idosas. E é desse tipo de prelúdio de desastre que vem o problema.

"Os vendedores de sopas de feijão não têm nada além dos seus caldos para vender e a sua margem de ganhos não pode ser muito grande, além de não gozarem de influência. Se pessoas com lucros tão escassos e tão pouco poder ainda me tratam com tal deferência, então, que haveria o governante de Chi, o senhor de um estado de dez mil carros, fazer-me? Eu preparei-me para servir a minha nação e para usar a minha sabedoria na administração dos negócios públicos. O rei está com o corpo e a sabedoria esgotados pelo peso da sua administração, e gostaria de transferir os seus assuntos e pode-me apontar para um cargo e recompensar-me de acordo com os meus méritos - foi isso que me deixou assustado!"

"A observação que fez foi excelente," disse Po Hun Wu Jen. "Mas tenha lá calma, que as pessoas irão reunir-se em torno de si."

Pouco tempo depois, Po Hun Wu Jen foi até casa de Lie Tzu e encontrou a frente do portão numa desordem com tantos sapatos. Ele ficou a olhar para o norte, com o bastão ereto, o queixo apoiado nele. Depois de ali ficar de pé algum tempo, afastou-se sem dizer palavra. Um servente encarregado de receber os convidados entrou e relatou o sucedido a Lie Tzu. Lie Tzu pegou nos sapatos e correu descalço atrás dele, apanhando-o no portão. "Agora que percorreu todo este caminho, você não tem nenhum "remédio" a dar-me?"

"De nada vale. Eu disse-lhe desde o início que as pessoas se iriam reunir ao seu redor a apoiá-lo, e aí estão elas ao seu redor. Não é que seja capaz de fazer com que o apoiem - é que você não consegue evitar que o façam. Mas de que lhe servirá isso a si? Se você mudar as pessoas e as deixar felizes, mostrando-lhes que é diferente de nós, você deverá ter algum sentimento no seu íntimo que lhe altere a natureza.

"Mas, se você mudar os outros, invariavelmente perturbará a sua própria natureza básica, caso em que nada mais haverá a ser dito. Esses com quem você anda por aí - nenhum deles lhe dará bons conselhos nem lhe dirá isto que eu lhe disse. Tudo o que eles dizem são palavras insignificantes, do tipo que envenena um homem. Não há compreensão disto nem afeto mútuo, por isso, quem lho poderá esclarecer a si? O homem inteligente desgasta-se, e o homem sábio preocupa-se. Contudo, o homem sem aptidão não tem nada que procurar, exceto comer pela medida grande e perambular de maneira ociosa, à deriva como um barco sem governo."

~ ~ ~

"Havia um homem de Cheng chamado Huan que, depois de três anos de recitar e memorizar textos em um lugar chamado Qiushi, finalmente se tornou num erudito confuciano. Tal como o Rio Amarelo se espalha por nove *milhas* ao longo das suas margens, também a afluência de Huan espalha as suas bênçãos sobre os seus três níveis dos seus parentes. Ele fez com que o seu irmão mais novo, Di, se tornasse um Moista, e o Confucionista e o Moista discutiram um com o outro, mas o seu pai sempre tomava o partido do irmão mais novo. Depois de dez anos nisso, Huan cometeu suicídio.

Aparecendo a seu pai num sonho uma bela noite, ele disse: "Fui *eu* quem tornou possível que o seu filho se tornasse um Moista. Por que não procura visitar a minha sepultura - e ver como os juníperos se transformaram fizeram crescer pinhas?" Quando a Criação recompensa um homem, ele não recompensa o que a pessoa tem de humano, mas com o que tem de espiritual. O que têm de espiritual leva-os a desenvolver-se nas suas respectivas vidas.

"Era o que o irmão mais novo tinha que o tornou um Moista. No entanto, existem alguns como Huan que pensam ser diferentes dos outros e que desprezam até mesmo os próprios pais. Ele pensou que fora ele quem levou o irmão a tornar-se num Moista e desprezou a própria família, à semelhança do povo de Chi, que impedem que as pessoas também bebam do poço, e que tentam se afastar-se umas das outras. Diz-se que no mundo de hoje, as pessoas são como Huan - todos pensam que somente eles estão certos. Mas os homens que verdadeiramente possuem virtude acham que isso seja insensatez,

quanto mais os homens que possuem o Caminho. Na antiguidade, dizia-se dos homens como Huan que haviam cometido o castigo de desobedecerem à natureza.

"O sábio repousa no que é natural e não tenta descansar no que é artificial. O vulgo procura o repouso do que é artificial descansar e não no que é natural."

Chuang Tzu disse: "Conhecer o caminho é fácil." Evitar falar sobre ele é o que está em conformidade com a natureza. Conhecer e falar - isso leva-nos ao celestial; conhecer e não falar, isso conduz-nos ao humano. Os homens da antiguidade conformavam-se com a natureza e não com a artificialidade."

~ ~ ~

Chu Ping Man estudou a arte de caçar dragões sob a tutela de Chih Li. Isso custou-lhe um milhar de peças de ouro da sua fortuna, mas após três anos ele chegou a dominar a arte, só que não encontrava oportunidade de fazer uso da sua perícia.

O sábio olha o que é certo como incerto - de modo que não faz face à discussão. O homem comum considera o que é incerto como uma certeza e decide que é necessário e inevitável - portanto, ele defronta-se comummente com a discussão. Aquele que se defronta com a discussão sempre procura algo. Mas quem se entrega à discussão acabará na desgraça.

A compreensão do homem medíocre nunca ultrapassa os intercâmbios sociais e efémeros, cartas e cartões telefônicos. Ele desgasta o espírito no superficial e no trivial e, no entanto, quer ser visto como o salvador do mundo e que digam que alcançou a unidade do Caminho. Um homem assim irá equivocar-se e sentir-se perdido com as complexidades do universo; com o corpo desgastado, ele nunca chegará a conhecer o Grande Começo.

Mas o Homem Perfeito, ao contrário, deixa o espírito retornar ao que existia antes do Início, e dorme um sono agradável naquilo que não possui nada; como a água, ele atravessa o sem-forma e derrama-se na Suprema Pureza. Quão lamentável, que o seu entendimento não seja maior que um cabelo, e que nada conheçam da suprema tranquilidade!

~ ~ ~

Um homem de Song, um tal de Cao Shang, foi enviado pelo rei de Song como emissário ao estado de Chin. Ao partir, ele não recebeu mais de quatro ou cinco carruagens, mas o rei de Chin, ficou tão

encantado com ele que lhe concedeu mais cem carros. Quando ele voltou a Song, foi ver Chuang Tzu e disse:

"Viver em favelas pobres e becos apertados, restringir-se, morrer de fome, tecer as próprias sandálias, de pescoço mirrado e rosto emaciado, nesse tipo de coisa eu não sou bom. Mas conquistar o reconhecimento instantâneo do governante de um estado de dez mil carros e retornar com uma centena deles como séquito - é nisso que eu me notabilizo!"

Chuang Tzu disse:

"Quando o rei de Chin fica doente, ele chama os médicos. O médico que lhe lanceta a úlcera ou lhe drena o abscesso facial e recebe uma carruagem como paga, mas àquele que lhe tratar das hemorroidas recebe cinco carruagens. Quanto mais baixa a área a ser tratada, maior o número de carros. Pelo enorme número de carruagens que você conseguiu, eu presumo que você lhe deva ter tratado das hemorroidas. Vá-se lá embora, senhor!"

~ ~ ~

O duque Ai de Lu disse a Yen Ho: "Se eu fizesse de Confúcio, o meu principal pilar, você acha que remediaria a falta de paz no meu estado?"

"Cuidado, apoiar-se em Confúcio é um perigo!" disse Yen Ho. "Confúcio é sobredotado nos adornos com plumas e no recurso à retórica e confunde questões periféricas com o cerne. Ele está disposto a distorcer a sua natureza inata para se tornar num modelo para as pessoas, sem que sequer percebam que está a agir intencionalmente. Ele tudo considera como proveniente do coração, tudo submete à sua intuição - como poderia um homem desses liderar as pessoas?

Ele gozará da sua aprovação? Confiar-lhe-ia você as coisas? Seria um erro, por ele vir a deixar de corresponder às expectativas que tem. No entanto, quem quer que induza as pessoas a voltar costas à realidade e a aprender com a hipocrisia dificilmente poderá ser tornado num modelo para as pessoas. Se quiser pensar no futuro, melhor será que deixe essa ideia. Governar em paz tornar-se-á coisa difícil."

~ ~ ~

"Dispensar favores aos homens sem nunca esquecer - isso não é uma dádiva natural. Nem mesmo os comerciantes e os vendedores

ambulantes se sentem merecedores em relação a isso, embora o possam mencionar vez por outra.

~ ~ ~

Os castigos externos são infligidos por implementos de metal e de madeira; os castigos internos são infligidos pela agitação e pelo arrependimento. O homem medíocre sofre os castigos externos, e é corrigido por meio dos implementos de metal e madeira; Quando ele incorre no castigo interno, são devorados pelo yin e pelo yang. Escapar à punição externa e interna - somente o Homem Verdadeiro é capaz disso."

~ ~ ~

Confúcio disse:

"O coração do homem é mais perigoso do que montanhas ou rios, mais difícil de entender do que a Natureza. A Natureza, pelo menos, tem as suas estações fixas da primavera e do outono, do inverno e do verão, um tempo para o amanhecer e para anoitecer. Mas o homem possui uma cobertura espeça e esconde a sua natureza verdadeira fundo. Assim é que, pode apresentar uma face séria e, no entanto não passar de uma pessoa mesquinha; pode parecer ter qualidades superiores e ainda não ter qualquer valor. Pode parecer um imbecil e no entanto, saber exatamente o que está a fazer. Pode parece ser firme, e na verdade ser dissoluto; Pode parecer ser lerdo, e de facto ser enérgico; pode parecer impetuoso e no entanto proceder com cautela. Portanto, aqueles que acorrem à moral e aos princípios quais homens sedentos à água, podem fugir deles como se do fogo fugissem.

"Por esse motivo, o homem de princípios manda aquele que para ele trabalha, e observa o grau de lealdade que tem; mantém-no perto de si e vê o grau de respeito que tem. Ele testa-lhe a competência ao confiar-lhe questões de dinheiro e observa o quão bem ele as administra; testa-lhe os conhecimentos interrogando-o de improvido. Exige-lhe uma promessa difícil e comprova a sua fidelidade; confia-lhe fundos e comprova a sua integridade; adverte-o de um perigo iminente e verifica o quão fiel ele é para com os seus deveres. Enche-o de vinho e observará o quão bem ele trata de si; junta-os com toda a sorte de mulheres e vê se é casto ou promíscuo. Aplicando esses nove testes, pode-se prontamente determinar quem é indigno."

Quando Cheng Kao Fu cumpriu o seu primeiro mandato no governo, passou a andar de cabeça baixa; quando cumpriu o seu segundo mandato, passou a andar de costas inclinadas; quando foi nomeado por uma terceira vez, ele caminhava agachado; andava junto às

paredes, deixando o centro aos demais. Quem ousaria reprovar-lhe o exemplo? Mas o homem comum - ao receber seu primeiro mandato, começa com ideias de grandeza; ao receber o segundo mandato, ele põe-se a dançar; ao receber uma terceira nomeação, ele começa a tratar os seus superiores pelos seus nomes. Quem conseguirá ser tão humilde quanto um Yao ou um Tang?!

Não há mal maior do que uma prática da virtude dotada de propósito, que torna a mente arrogante, o que leva a que só pense em si. Porque quando só pensa em si cai na ruína.

Esse mal tem cinco fontes potenciais de dano: visão, fala, olfacto, audição e vontade. E a central (a vontade) é a pior. O que quero dizer com dano central? Aquele que possui só aceita as suas próprias perspetivas e denigre as dos outros. São oito as dificuldades que o restringem. A versatilidade tem três condições que a protegem. O corpo tem seis receptáculos. A formosura, a barba, a estatura, a corpulência, a robustez, o estilo, a bravura e a determinação - essas são as oito qualidades por que a versatilidade é restringida. Se nelas superar os outros, nelas encontrará a perdição.

Seguir ou imitar os outros; submeter-se para ser promovido; a ambição de ser melhor que os outros - essas são as três coisas que garantem o avanço.

Sabedoria e conhecimento, e o reconhecimento externo que envolvem; bravura e determinação, e os numerosos ressentimentos que suscitam; benevolência e equidade, e todas as responsabilidades que envolvem - esses seis são o que acarretam a crítica. Aquele que domina a realidade da vida é liberal, tolerante e possui abertura de espírito; aquele que domina a sagacidade é medíocre; aquele que domina o Grande Destino segue a natureza; aquele que domina os pequenos destinos precisa aceitar o que acontece para chegar ao seu caminho.

~ ~ ~

Um certo homem que teve uma audiência com o rei de Song recebeu dele de presente dez carruagens. Com as suas dez carruagens, ele vangloriou-se e pavoneou-se junto de Chuang Tzu. Chuang Tzu disse:

"Há uma família pobre junto ao rio que ganha a vida a tecer artigos de vime. O filho mergulhava certa vez na parte mais profunda do rio quando encontrou uma pérola no valor de mil peças de ouro. O pai disse-lhe: "Traz-me uma pedra que eu faço-a em pedaços! Uma pérola de uma valia de mil peças em ouro só poderia ter vindo debaixo do queixo do Dragão Negro que vive no fundo da lagoa de

nove camadas de profundidade. Para poderes pegar a pérola, deves tê-lo feito quando ele estava a dormir. Se o Dragão Negro estivesse acordado, achas que teria sobrado algum pedaço de ti? Agora, o estado de Song é mais profundo que essas nove camadas de profundidade, e o rei de Song mais truculento e feroz do que o Dragão Negro. Para teres conseguido essas carruagens, deves ter-te aproveitado dele quando estivesse a "dormir." Se o rei de Song estivesse desperto, teria acabados em mil pedaços!"

~ ~ ~

Alguém enviou presentes a Chuang Tzu com um convite para o governo. Chuang Tzu respondeu ao mensageiro com as seguintes palavras:

"Já não terá presenciado um boi de sacrifício? Eles colocam-lhe bordados e enfeites, engordam-no com relva e feijão. Mas quando por fim o levam ao grande templo ancestral, aí, embora deseje poder torna-se num bezerro solitário uma vez mais, isso não lhe será possível."

~ ~ ~

Quando Chuang Tzu estava para morrer, os seus discípulos expressaram o desejo de lhe fazer um enterro sumptuoso. Porém, Chuang Tzu disse:

"Eu vou ter o céu e a terra por mortalha e caixão, o sol e a lua por par de discos de jade, as estrelas e constelações como minhas pérolas e contas, e as dez mil coisas como meus presentes de despedida. Os acessórios para o meu funeral já estão preparados - o que haverá mais a acrescentar?"

"Mas temos receio que os corvos e os papagaios o devorem, Mestre!", disseram os discípulos.

Chuang Tzu disse:

"Sobre o solo, eu arrisco-me a ser comido por corvos e papagaios; no subsolo, eu arrisco-me a ser devorado pelas toupeiras, pelos grilos e pelas formigas. Não seria bastante intolerante despojar um grupo para favorecer o outro?

"Se considerarmos o injusto como justo, isso levará a que aquilo que parecer justo seja realmente injusto. Se usarmos a falta de prova para estabelecer a comprovação, as nossas evidências serão pouco fiáveis. O homem sagaz não é mais que um servo dos outros, mas o homem espiritual sabe onde encontrar as provas cabais. O sagaz não

consegue ultrapassar o homem espiritual - há muito tempo que esse tem sido o caso. No entanto, o tolo confia no preconceito e obtém resultados tangíveis. Porém, todas as suas realizações são irrelevantes – o que é lamentável, não será?!"

CAPÍTULO 33
O MUNDO

MUITOS SÃO OS HOMENS DO MUNDO QUE SE ENTREGAM a doutrinas e a políticas, cada um acreditando possuir um sistema inultrapassável. Onde parará o que nos tempos antigos era chamado de "Arte do Caminho"? Eu afirmo que não há lugar onde não exista. Mas, perguntarão vocês, de onde descenderá a santidade, de onde nos virá a iluminação? O sábio trá-las à existência, o rei completa-as, mas elas têm a sua fonte no Um.

Aquele que não se afasta do Princípio é chamado de Homem Celestial;
Aquele que não se afasta do Puro é chamado de Homem Santo;
Aquele que não se afasta do Verdadeiro é chamado de Homem Espiritual.

Fazer do Céu a sua fonte, da Virtude sua raiz e do Caminho do seu portal, e encarar a mudança e a transformação como naturais - obtém presciência e é chamado de Sábio.

Aquele que torna a benevolência no seu padrão de bondade, a justiça no seu modelo de razão, o ritual no seu guia de conduta e a música na sua fonte de harmonia, a serenidade na misericórdia - aquele que faz isso é chamado de homem de moral e princípios.

Aquele que faz uso das leis para determinar obrigações, das designações para indicar classificação, das comparações para descobrir o desempenho real, das investigações dos diversos fatores para chegar a decisões - esse, verificá-las-á a todas, uma a uma sequencialmente, e dessa forma atribuirá aos cem funcionários os seus postos.

Os ministros mantêm o olho constantemente nos assuntos administrativos, pensam primeiro na alimentação e no vestir, têm em mente a necessidade de produzir e de desenvolver alimento, de pastorear e de armazenar, de providenciar para o velho e o fraco, o órfão e a viúva, para que todos sejam devidamente nutridos - esses são os princípios pelos quais as pessoas cuidam das pessoas.

Com efeito, eram os homens dos tempos antigos excediam-se em cuidados! Confrades na santidade e na iluminação, puros como o Céu e a Terra, zeladores das dez mil coisas, harmonizadores do mundo - a sua generosidade estendia-se a toda a gente. Eles sabiam que o Tao é a primeira e a última de todas as coisas; possuíam uma compreensão clara das políticas básicas e prestavam atenção até às mudanças mais insignificantes - a sua sabedoria estendia-se a toda a parte, ao que era grande e pequeno, ao grosseiro e ao requintado; não havia lugar onde não chegasse. Incorporavam essa sabedoria nas suas políticas e regulamentos e, em muitos casos, ainda refletiam as antigas leis e registos dos historiadores transmitidos ao longo dos tempos.

Quanto às intuições que tinham, são discerníveis nas leis e práticas que estabeleceram, foram passadas de geração em geração nos seus códigos e histórias. Em Tsou e Lu há académicos de classe que conseguem compreender o que se acha registado no *Livro da Poesia (Odes)* e no *Livro das Crónicas (História),* no livro dos *Rituais do Comportamento* e no da *Música;* no das *Mudanças do Yin e do Yang (Chung Chiu). Os Anais da Primavera e do Outono* encerram os títulos e as categorias.

O *Livro das Odes* descreve o Tao da vontade; o *Livro das Crónicas* descreve o Tao dos eventos; o *dos Rituais* fala do Tao da conduta; o da *música* fala do Tao da harmonia; o *Livro das Mutações* descreve o Tao do yin e yang; o dos Anais da *Primavera e Outono* descreve os títulos e as funções. Essas várias políticas acham-se dispersas por todo o mundo e são propostas no Reino do Meio (China). Os estudiosos das cem escolas, frequentemente elogiam-nos e tratam deles nas suas pregações.

Mas o mundo encontra-se numa grande desordem, as personalidades e os sagazes já não possuem clareza de visão, e o Caminho e a Virtude já não são entendidos de forma uniforme. Assim, são muitos os que no mundo muitas vezes captam um só aspeto, ao se aterem aos pontos de vista que defendem, e acham que conseguiram perceber o Todo. Podem ser comparados à orelha, ao olho, ao nariz e à boca: cada um tem a sua própria função, mas não conseguem permutá-las entre si.

Podem igualmente ser comparados aos artesãos, cada qual dono da sua especialidade, que são úteis somente em certas ocasiões. Porém, como não possuem um conhecimento amplo do campo, não passam de eruditos atacanhados. Da mesma forma, as diversas particularidades das cem escolas têm todas os seus pontos fortes, e cada uma tem o seu tempo. Mas nenhuma abrange a verdade total, posto que nenhuma é universal.

Distinguem a verdade e a beleza do Céu e da Terra, analisam as razões das dez mil coisas, examinam a perfeição dos antigos, mas raramente são capazes de abranger a verdadeira nobreza do Céu e da Terra, para chegarem a descrever a verdadeira face do espírito sagrado. Por isso, as doutrinas que inspiravam a santidade interior e um governo pacífico exterior, foram sido obscurecidas e sufocadas em meio à ambiguidade.

Os académicos do mundo, fazem o que querem na formulação dos seus ensinamentos. Quão triste! As múltiplas escolas seguem a sua marcha, e não voltam a reagrupar-se, e inevitavelmente nunca mais se voltam a unificar. Os estudiosos das gerações futuras, infelizmente nunca chegarão a perceber a pureza do Céu e da Terra, nem chegarão a perspetivar a grande unidade dos antigos. "A Arte do Caminho" com o tempo, foi-se dispersando e fragmentando pelo mundo fora.

~ ~ ~

Algumas das antigas doutrinas de filosofia tinham as seguintes características:

Não deixar nenhum exemplo de extravagância às gerações posteriores; não desperdiçar nada no uso das coisas; evitar qualquer ostentação das regras e ritos na própria conduta, recorrendo à regra estrita da disciplina, preparando-se desse modo para as emergências futuras. Na antiguidade havia quem acreditasse que isso fazia parte da "Arte do Caminho," e era apreciado por Mo Ti e o seu discípulo, Chin Ku Li. Quando eles ouviam esses pontos de vista ficavam encantados com eles, mas eles os conduziam ao extremo e aplicaram-nos com excesso de zelo.

Mozi redigiu um tratado intitulado "Contra a Música," e ordenou um outro intitulado "Moderação na Despesa," aos seus discípulos, declarando que na vida não deveria haver canto, nem luto na morte. Com o desejo de instaurar o Amor Universal e a vontade de garantir o bem comum, ele proscreveu a guerra, e não havia lugar nos seus ensinamentos para a ira. Uma vez mais, amou e estudou diligentemente e conseguiu um vasto conhecimento e esforçou-se por suprimir as distinções entre as pessoas.

As suas opiniões, no entanto, nem sempre estiveram de acordo com as dos antigos reis, pois denunciou e favoreceu a abolição dos ritos e da música na antiguidade. O Imperador Amarelo teve o seu hino Hsien Chi; Yao, teve o seu Ta Chang; Shun teve o seu Ta Shao; Yu, teve o seu Ta Hsia; Tang teve o seu Ta Huo, e o Rei Wen Wang a música do Pi Yung, enquanto o rei Wu Wang e o duque de Chou formaram a dança guerreira Wu.

Os ritos de luto da antiguidade prescreviam as cerimônias estritamente apropriadas para eminentes e humildes, diferentes regulamentações para superior e súbdito. O ataúde do Filho do Céu tinha sete camadas; os dos príncipes, cinco camadas; os dos ministros elevados, três camadas; os dos funcionários, duas camadas.

No entanto, somente Mozi declarava que não devia haver canto na sua vida, nem luto na sua morte. Por regra, ele adotava um ataúde de madeira dura (Paulownia) de três centímetros de espessura, sem cobertura exterior - esse era o governo, o ideal que a si mesmo impunha. Se ele ensinava os homens dessa maneira, então receio que ele não tivesse amor por eles; e se impunha tais práticas a ele próprio, então ele certamente não tinha amor por si mesmo! Isso não desacreditou inteiramente os seus ensinamentos, mas ainda assim os homens queriam cantar, e ele dizia:

"Não é lícito regozijar-se!" Tinham vontade de chorar, e ele condenava o pranto - alguém se interrogará se isso seria de facto humano ou estaria em conformidade com a realidade. Depois de uma vida diligente, e frívolo na morte – a sua prática é excessivamente severa. Deixava os homens ansiosos e deprimidos - tais práticas defendem algo difícil de realizar, e receio que não possam ser consideradas como o Caminho do Sábio. São contrárias ao espírito das pessoas, e o mundo não consegue suportá-las. Embora o próprio Mozi possa ter sido capaz de tal resistência, como poderá a aversão do resto do mundo ser superada? Sendo-lhe o mundo avesso, elas devem estar muito afastadas das do verdadeiro rei.

Mozi defendia os seus ensinamentos dizendo: "Nos tempos antigos, Yu deteve as águas da enxurrada e abriu os canais do rio Yangtze e do Rio Amarelo para que as águas atravessassem os quatro pontos cardeais e as nove províncias. Canalizou trezentos rios famosos, mais três mil afluentes e um número incalculável de pequenos riachos . Naquele tempo, Yu carregava ele próprio a cesta e usava as ferramentas, reunindo e misturando os rios do mundo até ficar com os músculos descarnados e sem pelo nas pernas, encharcado pelas chuvas, os ventos fortes alisavam-lhe os cabelos enquanto ele tratava de estabelecer os dez mil estados.

Yu era um grande sábio, no entanto, com o seu próprio corpo, carregou a carga do império! O exemplo disso está em que muitos dos Moistas das épocas atuais envergam peles e pano grosso, usam tamancos de madeira ou sandálias de cânhamo, não descansam dia e noite, e deixam-se conduzir para os esforços mais amargos. "Se não conseguirmos fazer o mesmo," dizem eles, "então não estaremos a seguir o caminho de Yu e seremos indignos de nos chamar Moistas!"

Os discípulos de Chiang Li Chin, os seguidores de Wu Hou e os Moistas do sul, como Ku Huo, I Chih, Deng Ling Tzu, todos eles recitam o cânone Moista, mas apesar de tudo diferenciam-se e discordam nas interpretações que fazem, e chamam uns aos outros "facciosos Moistas." Nas discussões que têm acerca do "duro" e do "branco," "diferença" e "semelhança," eles replicam para um e para o outro lado; nas investigações que empreendem sobre a incompatibilidade da "estranheza" e da "uniformidade," trocam torrentes de refutação. Eles consideram o Grande Mestre do seu movimento como o seu sábio, e cada seita tenta fazer do seu Grande Mestre o chefe reconhecido da escola na esperança de que a sua autoridade seja reconhecida pelas gerações posteriores, mas até o presente, a disputa ainda não foi resolvida.

Mo Ti e Chin Ku Li são de louvar, por terem estado certos nas ideias que tinham, mas erraram nas suas práticas, em resultado do que os Moistas de mais gerações posteriores se sentiram obrigados a submeter-se a dificuldades "até que não lhes restasse mais pelos nos músculos" - a sua ambição reside em se superarem uns ao outros. Tais esforços representam o nível da confusão, por serem bons em tempo de caos, e o ponto mais baixo da sua unidade, por serem maus em tempos de paz. No entanto, Mozi era alguém que tinha um verdadeiro amor pelo mundo. Apesar de não o conseguir salvar, ainda assim, gasto e exausto, ele nunca deixou de o tentar. Ele era realmente um espírito nobre e talentoso!

~ ~ ~

Alguns dos antigos ensinamentos de filosofia tinham as seguintes características:

Não se permitir cair presa das ciladas das convenções; não se preocupar com a vulgaridade e o decoro; não ser imprudente e irreflectido no trato dos demais; evitar opor-se à opinião pública; promover a paz e o equilíbrio do mundo pelo bem da vida das pessoas; prover para os outros assim como para si próprio. Contentar-se quando esses objetivos se cumprem, purificando assim o espírito.

Havia quem na antiguidade que acreditava que a "Arte do Caminho" estava nessas coisas. Sung Chien e Yin Wen ouviram falar destas ideias e ficaram encantados. Eles fizeram dos bonés na forma do Monte Hua a sua marca de distinção. Ao lidarem com as dez mil coisas, eles estabeleceram o princípio da indulgência para com o desigual; pregavam a cordialidade e à expansão da mente chamavam de "comportamento interior," na esperança de congregar os homens na alegria da harmonia, para garantir a concórdia pelos quatro cantos

do mundo. No entanto, a sua tarefa principal era o esforço com que se empenhavam no estabelecimento desses ideais.

Não consideravam vergonha nenhuma sofrer insultos, mas resolviam os conflitos que se geravam entre as pessoas; procuravam afastar as pessoas da guerra, prevenir a agressão, abolir o uso de armas e resgatar o mundo da guerra. Com tais objetivos, eles andaram por todo o mundo, a tentar persuadir os seus superiores e ensinar aqueles que se situavam abaixo na escala social (massas); e embora o mundo se recusasse a aceitar as suas doutrinas, eles não deixaram de clamar nem desistiram até que os homens dissessem: "Por toda a parte são detestados por superiores e súbditos, mas queiramos ou não, temos que os ver por toda a parte!"

No entanto, conquanto aos outros o seu zelo parecesse excessivo, a eles parecia muito pouco. Diziam: "Uma só refeição de arroz de cinco moedas é suficiente," porém a essa altura receio que esses mestres não tenham recebido o suficiente. Apesar de seus próprios discípulos terem fome, no entanto, eles nunca esqueceram o resto do mundo, mas continuaram dia e noite sem parar, a pregar: "Estamos determinados a garantir que todos os homens possam viver!" Quão elevados os objetivos desses salvadores do mundo! Mais uma vez, eles disseram:

"O homem de moral e princípios não julga os outros com um olhar áspero; ele não precisa de sobrecarregar os outros para se vestir." Se determinada linha de inquérito não trouxesse qualquer benefício ao mundo, eles achavam preferível abandoná-la a procurar a sua compreensão. Proibir a agressão e abolir o uso das armas - esses eram os objetivos externos que tinham. Diminuir os desejos e enfraquecer as emoções - esses eram os objetivos internos que tinham. Buscavam isso tanto a uma grande como a uma pequena escala - e quando aperfeiçoavam esses objetivos sentiam-se orgulhosos.

~ ~ ~

Alguns dos ensinamentos da filosofia do passado tinham as seguintes características:

Possuir um espírito justo e não partidário, de mentalidade neutra e não ser dado ao favoritismo, ser-se flexível e não alimentar o preconceito, não ter preferência na seleção das coisas, não planear nem ter segundas intenções mas tratar todas as coisas sem discriminação mas participar das suas mudanças; não alimentar preocupações nem cultivar a astúcia - havia quem na antiguidade acreditasse que a "Arte do Caminho" estava em tais coisas. Peng Meng, Tian Pien e Shen Tao ouviram os seus pontos de vista e

ficaram encantados. O Caminho, acreditavam eles, estava em tornar as dez mil coisas iguais. "O céu é capaz de abranger, mas não de suportar," diziam. "A Terra é capaz de suportar, mas não de as abranger. O Grande Caminho é capaz de abraçar todas as coisas, mas não é capaz de as discriminar." Desse modo, deduziram que cada uma das dez mil coisas possui aptidões e limitações por abrigar o que é aceitável e o que é inaceitável. Assim, eles diziam: "Escolher é abandonar a universalidade; comparar as coisas é deixar de atingir o objetivo. O Caminho não tem nada que seja deixado fora dele."

Por este motivo, Shen Tao prescindiu do saber, despojou-se de toda a preocupação com a sua pessoa, seguiu o impulso das coisas, aquiescente e desinteressado em relação a elas, e fez disso o seu princípio. "Saber é não saber," dizia ele, "procurar o conhecimento no que não é conhecido resultará no prejuízo da natureza salutar do buscador." E assim ele desprezou o conhecimento e labutou para o ridicularizar.

Rebelde, troçava da honra dos homens dignos do mundo, e despreocupado, seguia sem ambição, não aceitava responsabilidades, e ria daqueles que homenageavam esses homens honrados. Casual e desinibido, não nada fez para se distinguir, mas desprezou os grandes sábios do mundo. Burilando as esquinas agudas e ásperas, ele se deixava levar e mudava com as coisas. Abandonou a diferença entre o certo e o errado e de alguma forma conseguiu ver-se livre dos problemas.

Nada tendo a aprender com o conhecimento ou o planeamento, sem entender a diferença entre o antes e o depois, ele simplesmente repousava onde ele se encontrava, sem pensar. Impulsionado, ele finalmente dava um passo; arrastado, ele finalmente começaria a percorrer o caminho. Era como uma brisa, e girava que nem um redemoinho, revoluteava como uma pena, andava às voltas como a pedra de moagem, mantendo-se íntegro e livre da condenação. Isento de erro, seja em movimento ou em repouso, nunca foi culpabilizado por coisa nenhuma. Como foi isso possível? Porque uma criatura que não racionalize não cai na preocupação - dessa forma ela vive os seus anos sem procurar o louvor.

Assim, Shen Tao dizia:

"Deixa-me tornar-me como aquelas criaturas que não raciocinam, isso é suficiente. Tais criaturas não têm uso a dar às sumidades nem os iminentes. Quais torrões, eles nunca se desviam do Caminho."

Os grandes e eminentes haveriam de se juntar e rir dele, dizendo:

"Os ensinamentos de Shen Tao não são regras para os vivos, mas ideais para um homem morto. Não é de admirar que ele seja encarado como peculiar!"

Tien Pien era um caso assim. Ele estudou sob a tutela de Peng Meng e cultivou a transmissão do conhecimento sem palavras. O mestre de Peng Meng costumava dizer:

"Nos tempos antigos, os homens do Caminho chegavam ao ponto em que não consideravam nada certo e nada de errado - isso é tudo." Mas tais caminhos são mudos e abafados - como poderiam eles ser capturados em palavras? Peng Meng e Tien Pien sempre agiram ao contrário dos outros homens e raramente foram ouvidos. Não podiam evitar esquivar-se para os cantos. O que eles chamavam de Caminho não era o verdadeiro Caminho, e quando eles diziam que uma coisa estava certa, eles não poderiam evitar aumentar a possibilidade de isso estar errado. Peng Meng, Tien Pien e Shen Tao realmente não entendiam o Caminho, embora todos tivessem a certa altura ouvido dizer o que era.

~ ~ ~

Alguns dos ensinamentos da filosofia do passado tinham as seguintes características:

Considerar o fundamental como delicado e as coisas que dela emergem como grosseiras; considerar o acúmulo como insuficiência; optar por viver sozinho, em paz e na placidez, no esplendor espiritual - havia quem na antiguidade acreditasse que a "Arte do Caminho" estivesse nessas coisas.

O Kuan Yin e Lao Tzu ouviram falar dos seus pontos de vista e ficaram encantados. Eles expuseram sobre eles em termos da constância do ser e do existir e encabeçaram a sua doutrina no conceito da Grande Unidade. A suave fraqueza e o humilde apagamento da própria pessoa são marcas externas; o nada, o estado do vazio e a decisão de não prejudicar as dez mil coisas são a sua essência.

Kuan Yin dizia: "Quando um homem não habita em si (é isento de egoísmo), verá os outros como eles realmente são, e tudo quanto possui contornos externos se revelará. O seu movimento será como o da água, a sua quietude será como a de um espelho, a sua reação será como a do eco. Quando permanece vazio, ele parece estar perdido; quando permanece imóvel, apresenta a limpidez da água; quando se sente em paz, ele alcança a harmonia com todos; se ele saísse dela, ele iria perdê-la. A avareza conduz à perda; nunca toma a dianteira aos outros, mas segue sempre no seu rasto."

Lao Tzu dizia: "Conheçam o masculino (forte), mas apeguem-se ao feminino (fraco); tornar-se no ribeiro do mundo (para onde todas as águas fluem). Conheçam o esplendor, mas atenham-se ao obscuro; tornem-se num vale para todo mundo." Os outros vivam ansiosos por alcançar o primeiro lugar; só ele compreendia o que significa ficar para último. Ele dizia: "Aceitem para si as imundícies do mundo." Outros preferiam o cheio (a satisfação) mas só ele preferia o vazio. Ele nunca acumulou, por isso ele tinha mais do que suficiente; ele tinha tanto que lhe sobrava! No seu movimento, ele era de fácil trato e não perdia o sossego, pelo que não se desgastou.

Zombava da astúcia dos homens. Outros procuram as bênçãos e a boa-sorte; só ele se manteve livre para se dobrar e torcer. Aceitava as ofensas em troca da inocência e dizia que só procurava ser livre da censura. Tomava a profundidade por raiz e a frugalidade por orientação e dizia que aquilo que é forte quebrar-se-á, o que é afiado virá a embotar-se. Sempre estava de mãos abertas e se mostrava permissivo com as coisas e não causava dano aos outros - isso pode ser chamado perfeição. Kuan Yin e Lao Tzu - na sua amplitude e estatura, realmente foram os Verdadeiros Homens do passado!

~ ~ ~

Alguns dos ensinamentos da filosofia da antiguidade apresentavam as seguintes características:

Considera a vida como indistinta e sem forma; indistinta e em transformação, em mudança, nunca constante. Estar juntos no céu e na terra ou deixar-se ir com os espíritos na vida e na morte. Ficar confusos quanto a ir ou ficar. Conter todas as coisas, mas não saber onde parar - havia quem nos tempos antigos acreditasse que a "Arte do Caminho" estava nessas coisas. Chuang Tzu ouviu falar nos seus pontos de vista e ficou encantado.

Ele expôs sobre eles em termos estranhos e em dicções esquisitas, numa linguagem impetuosa e imprecisa, em frases não vinculadas e desordenadas, abandonando-se aos tempos sem partidarismo, sem olhar as coisas de uma só perspetiva. Ele acreditava que o mundo estava mergulhado no lodaçal e que era impossível abordá-lo por uma linguagem sóbria e séria. Assim, ele recorria a palavras de improviso para expressar as suas efusivas elaborações; recorria à citação para dar um ar de verdade à repetição e a metáfora para lhe conferir uma maior amplitude.

Ele veio e foi sozinho com o puro espírito do céu e da terra, mas sem ser arrogante com as dez mil coisas. Não insistiu no "certo" e no "errado" mas viveu em consonância com a sua geração e a sua vulgaridade. Embora os seus escritos pareçam uma coisa

extraordinária, eles são reticentes. Embora as suas palavras pareçam variar por entre voltas e revoltas, contêm mais do que se pode esperar, por estarem abarrotadas de verdades reais e eternas.

Acima, ele acompanha o Criador, abaixo ele fez amizade com aqueles que encaram a vida e a morte como coisa insignificante, que nada sabem do começo e do fim. Quanto ao Fundamento, a compreensão que tinha era ampla, expansiva e penetrante; profunda, liberal e sem obstáculos. Quanto à Origem, pode-se dizer que ele falava com acerto e justiça. Os seus raciocínios eram inesgotáveis e beiravam os píncaros. Sabia adaptar-se às mudanças e explicar a natureza das coisas. Contudo, ele nunca foi completamente compreendido e os seus ensinamentos nunca foram devidamente apreciados, por serem obscuros e subtis.

~ ~ ~

Hui Shi foi um homem muito dotado em termos das disciplinas de que tinha conhecimento, e os seus escritos poderiam encher cinco carruagens. Mas as suas doutrinas eram incoerentes, e os seus ditos revelavam uma certa pomposidade. A razão com que analisava as coisas pode ser visto nestes ditos:

A maior das coisas, que nada tem além de si, é chamada de Grande Unidade.
A coisa mais pequena que nada tem dentro de si; é chamado de um de Pequena Unidade.
O que não tem espessura não pode ser empilhado; mas possui uma dimensão de grandeza de mil milhas.
O céu é tão baixo quanto a terra; as montanhas e os pântanos encontram-se ao mesmo nível.
Assim que o sol tanto atinge o zénite também atinge o nadir.
Quando as coisas nascem, já estão a morrer.
À diferença entre a máxima semelhança e a menor semelhança, se chama menor similitude e diferença. Todas as coisas são diferentes e no entanto são similares; a isso se chama a máxima semelhança e diferença.
A região do sul não tem limite e ainda assim é limitada.
Partirei para Yue hoje e chegarei ontem.
Os anéis unidos podem ser separados.
Sei onde se encontra o centro do mundo: fica a norte de Yen (setentrional) e ao sul de Yue (meridional).
Deixem o amor abranger as dez mil coisas; O céu e a terra são um único corpo.

~ ~ ~

Com palavras destas, Hui Shi tentou apresentar uma visão mais magnânima do mundo e propôs-se esclarecer os retóricos. Os sofistas do mundo gostavam de tratar entre si destas coisas:

O ovo tem penas.
Um frango tem três pernas.
A cidade capital Ying contém o mundo inteiro.
Um cão pode ser considerado uma ovelha. Os cavalos colocam ovos.
Os sapos têm cauda.
O fogo não é quente.
As montanhas têm saídas.
As carruagens jamais tocam no chão.
Os olhos não veem as coisas.
Designando uma coisa nunca chegamos a alcançá-la; se chegássemos, não haveria separação.
A tartaruga é mais comprida do que a cobra.
Os esquadros não têm um ângulo reto; os compassos não podem fazer círculos.
O cinzel não envolve o cabo.
A sombra do pássaro voador nunca se move.
Não importa quão rápido seja a flecha, há alturas em que não está em movimento nem em repouso.
Um cachorrinho não é um cão.
Um cavalo baio e uma vaca negra perfazem três.
O cão branco é negro.
O potro órfão nunca teve mãe.
Pega num pau de uns 30 cm de comprimento, corta metade dele todos os dias, e no final de dez mil gerações, ainda não estará gasto.

Tais eram os ditos que os retóricos usavam em resposta a Hui Shi, caminhando sem parar até o final dos seus dias.

Huan Tuan e Kun Sun Long encontravam-se entre esses retóricos. Deixando o espírito dos homens deslumbrado, e os seus pontos de vista perturbados, podiam superar os outros no diálogo, mas podiam não conseguiam convencê-los - tais eram as limitações dos retóricos.

Hui Shi, dia após dia, usou de todo o conhecimento que tinha nos debates que tinha com os outros, e pensava deliberadamente em maneiras de surpreender os retóricos do mundo - os exemplos precedentes ilustram isso. No entanto, a eloquência de Hui Shi mostrava que ele se considerava o homem mais dotado vivo. "Céu e terra - talvez sejam os maiores!" declarava ele. Tudo quanto sabia era fazer de herói; ele não tinha uma arte real. Era ambicioso porém, nada sabia de filosofia.

No sul, havia um excêntrico chamado Huang Liao, que perguntava por que os céus e a terra não colapsavam e desmoronavam, ou o que provoca o vento e a chuva, o trovão e o relâmpago. Hui Shi, impávido, comprometeu-se em dar-lhe uma resposta; ele começou a responder, sem parar, tocando em cada uma das dez mil coisas no seu discurso, expondo e continuando sem parar por entre torrentes de palavras sem fim. Mas ainda não era suficiente, e então ele começou a acrescentar histórias fantásticas às assombrosas afirmações. O que quer que parecesse contradizer os pontos de vista de outros homens, ele declarava ser verdade, na esperança de ganhar uma reputação que ultrapassasse os outros. Foi por isso que ele nunca se deu bem com as pessoas comuns.

Fraco na virtude interior, forte na preocupação que tinha em relação às coisas externas, ele percorreu uma trajetória distorcida! Se examinarmos as realizações de Hui Shi do ponto de vista do Caminho do céu e da terra, eles parecem os esforços de um mosquito - de que valerão essas coisas? É verdade que ele ainda merece ser considerado o fundador de uma escola, embora eu diga que, se ele tivesse mostrado um maior respeito pelo Caminho, ele se teria aproximado da verdade.

Hui Shi, no entanto, não conseguiu encontrar qualquer tranquilidade para si mesmo com tal abordagem. Em vez disso, prosseguiu incansavelmente a distinguir e a analisar as dez mil coisas e no final, ficou conhecido apenas pela habilidade que tinha em expor. Que pena que Hui Shi tenha abusado e dissipado os seus talentos sem realmente ter conseguido nada! Perseguiu as dez mil coisas e nunca inverteu a tendência, como aquele que tentou abafar o eco gritando-lhe ou levar a forma a ultrapassar a sombra. Que lástima!

Autores de referência:

Herbert Giles
Arthur Waley
James Legge
Wu Chung
Victor Mair
Wang Rongpei
Burton Watson
Anónimo (Espanhol)
Martin Palmer